

ALEXANDRE CAROLI ROCHA

O CASO HUMBERTO DE CAMPOS:

AUTORIA LITERÁRIA E MEDIUNIDADE

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Teoria e História Literária. Área de concentração: Literatura e Outras Produções Culturais.

Orientador: Professor Dr. Haquira Osakabe

Co-orientadora: Professora Dra. Maria Betânia Amoroso

UNICAMP

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp

R582c Rocha, Alexandre Caroli.
 O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade /
 Alexandre Caroli Rocha. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.

 Orientador: Haquira Osakabe.

 Co-orientadora: Maria Betânia Amoroso.

 Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto
de Estudos da Linguagem.

 1. Campos, Humberto de, 1886-1934. 2. Xavier, Francisco
Cândido, 1910-2002. 3. Autoria. 4. Espiritismo. 5. Literatura brasileira
I. Osakabe, Haquira. II. Amoroso, Maria Betânia. III. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The case of Humberto de Campos: literary authorship and mediunity.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Campos, Humberto de, 1886-1934; Xavier, Francisco Cândido, 1910-2002; Authorship; Spiritism; Brazilian Literature.

Área de concentração: Literatura e Outras Produções Culturais.

Titulação: Doutor em Teoria e História Literária.

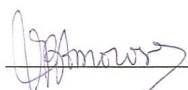
Banca examinadora: Prof. Dr. Haquira Osakabe (orientador), Profa. Dra. Maria Betânia Amoroso (co-orientadora), Profa. Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch, Prof. Dr. José Miguel Soares Wisnik, Prof. Dr. Alexander Moreira de Almeida, Profa. Dra. Sandra Jacqueline Stoll.

Data da defesa: 04/06/2008.

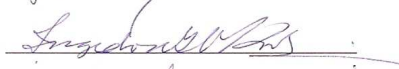
Programa de Pós-Graduação: Doutorado em Teoria e História Literária.

BANCA EXAMINADORA:

MARIA BETÂNIA AMOROSO



INGEDORE GRUNFELD VILLAÇA KOCH



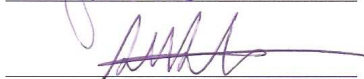
SANDRA JACQUELINE STOLL



JOSÉ MIGUEL SOARES WISNIK



ALEXANDER MOREIRA DE ALMEIDA



SILVIO SENO CHIBENI



LAYMERT GARCIA DOS SANTOS



MÁRCIO ORLANDO SELIGMANN-SILVA



IEL/UNICAMP

2008

A LUIZ DANTAS

E HAQUIRA OSAKABE

pelos memoráveis
legados que nos deixaram.

AGRADECIMENTOS

Ao Haqira Osakabe, pela tão cuidadosa orientação do trabalho e pela amizade.

À FAPESP, que financiou esta pesquisa, e ao parecerista que a acompanhou.

Aos professores Luiz Dantas, Maria Betânia Amoroso, Ingedore Koch, José Miguel Wisnik, Sandra J. Stoll e Alexander Moreira de Almeida, pelas argüições e ricas sugestões ao trabalho. Ao Sírio Possenti e à Márcia Abreu, pelas dicas de leitura.

Aos meus pais, Toninho e Lourdes, e aos meus irmãos, André, Júnior, Cristina e Marly, pelo apoio de sempre.

Àqueles que, durante a pesquisa, forneceram-me gentilmente importantes referências e elucidações: Elias Barbosa, Luciano dos Anjos, Suely Caldas Schubert e Ubiratan Machado. Ao Osmar Ramos Filho e à Virgínia, pela boa vontade e incentivo para a investigação dos textos mediúnicos.

Aos funcionários das bibliotecas e arquivos que freqüentei e aos da ABL, pela cooperação.

Aos amigos que, generosamente, tanto me ajudaram ao longo da pesquisa: Abdala Mohamed Saleh, Alessandro do Nascimento Vargas, Alexandre Fontes da Fonseca, Alexandre Lara de Moraes, Ana Maria Miranda, Ana Raquel Motta, Caio Gagliardi, Denise Paraná, Emerson Tin, Eric Sabinson, Fabiana Komesu, Giovani Klein, Gregório Dantas, Guilherme Nicésio, Haku de Medeiros, Jäder Sampaio, Luís Fernando Telles, Marco Catalão, Magali Fernandes, Marcelo Balaban, Marcelo Schincariol, Maria Rita Palmeira, Marina Wendel, Pedro Marques, Renata Melloni, Renato Marques de Oliveira, Robson Cesila, Rodrigo Cunha, Rodrigo Pereira, Silvio Seno Chibeni, Simone Nacaguma, entre outros.

E especialmente à Elen, pelo amor e constante cooperação.

RESUMO

Entre 1937 e 1969, publicaram-se 12 livros que o médium Francisco Cândido Xavier atribuiu ao escritor Humberto de Campos e a Irmão X. O objetivo desta tese é estudar o funcionamento autoral desses textos. Ela foi dividida em cinco capítulos: uma apresentação de Humberto de Campos; um breve histórico da mencionada atribuição de autoria; uma análise da construção de um autor espiritual; uma leitura de cinco textos do conjunto mediúnico; e uma interpretação das noções autorais despertadas por tais livros.

ABSTRACT

Between 1937 and 1969, the medium Francisco Xavier published 12 books that he attributed to Humberto de Campos and Brother X. The purpose of this doctoral thesis is to investigate the authorial functioning of this system. The present work is divided into five chapters: a presentation of Humberto de Campos; a short historical overview of the so-called authorship attribution; an analysis of the construction of a spiritual author; a critical reading of five texts taken from the mediunic set of writings; and an interpretation of the authorial notions suscitated by such books.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	7
Resumo.....	9
Introdução.....	15

I. UMA APRESENTAÇÃO DE HUMBERTO DE CAMPOS

1. De Miritiba à capital federal.....	21
2. Notoriedade e esquecimento.....	25
3. Imagens de si.....	47
3.1. Sobre sua literatura.....	48
3.2. Humberto de Campos, leitor.....	55
3.3. Faces de um autor.....	61
4. Livros de Humberto de Campos.....	70

II. HUMBERTO DE CAMPOS NAS PÁGINAS DE CHICO XAVIER

1. Primeiras anotações sobre a série mediúnica.....	75
2. Complicações de uma estranha autoria.....	81
3. O caso Humberto de Campos.....	94

4. Repercussões familiares.....	102
5. A série mediúnica em cartas de Chico Xavier.....	107
5.1. Mais um caso problemático de atribuição de autoria.....	116

III. A CONSTRUÇÃO DE UM AUTOR ESPIRITUAL

1. O mesmo? Um outro?.....	123
2. O médium no texto.....	131
3. Representações de uma experiência da morte.....	135
3.1. Irmão X e o processo de 1944.....	142
4. Efeito de sobrevivência.....	149
4.1. Citações.....	164

IV. LEITURAS

1. Cinco textos comentados.....	173
1.1. “Carta aos que ficaram”	174
1.2. “Carta a minha mãe”	185
1.3. “D. Pedro II”	195
1.4. “Quem avisa...”	206
1.5. “A palavra do morto”	216

V. LUGARES DA AUTORIA

1. Nomes e direitos.....	231
2. Uma configuração autoral.....	234
3. Deslocamentos autorais.....	239
4. Um espaço mediúnico de enunciação.....	244
Considerações finais.....	247
Referências bibliográficas.....	251
Anexo: Relação dos 100 primeiros livros de Chico Xavier.....	269

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, desenvolveu-se no Brasil uma literatura que funciona como mediúnica; ela é escrita por pessoas consideradas médiuns, que atribuem a autoria dos textos aos espíritos de escritores “mortos”; seus editores assumem a autenticidade da atribuição e, para complementar o ciclo, seus leitores lêem os livros presumindo que os autores são os espíritos. A matriz cultural que possibilitou a instauração, em nosso país, desse curioso campo literário foi o espiritismo, constituído na França durante a segunda metade do século XIX.

Na década de 1850, muitos parisienses se divertiam com um estranho fenômeno que, vindo dos Estados Unidos, causava *frisson* também em outras partes da Europa; foi denominado de “mesas girantes” ou “mesas dançantes”¹. Sem causas aparentes, os móveis se movimentavam, giravam, emitiam ruídos e davam pancadas no chão; além disso, interagiam com as pessoas que os cercavam. Com o estabelecimento de códigos alfabéticos, agentes invisíveis formavam frases para se comunicar com os presentes; identificaram-se como os espíritos de pessoas que viveram entre nós. Apesar da existência de outras hipóteses, a explicação espiritual conquistou mais adeptos. A novidade ganhou a atenção de intelectuais e artistas: exilado na Ilha de Jersey, Victor Hugo tomou conhecimento da moda espiritualista e logo se especializou, com o auxílio da família e de amigos, na obtenção de textos assinados por mortos. Essas experiências deixariam marcas em sua literatura (cf. Hugo, 1975).

Em Paris, um outro intelectual, Hippolyte-Léon Denizard Rivail, aprofundou-se na pesquisa dos fenômenos. As mesas foram substituídas por pequenas cestas às quais se amarrava um lápis; o movimento ocorria quando certas pessoas colocavam os dedos sobre a borda do aparelho, que escrevia em um papel. Em busca de maior agilidade, o passo

¹ Sobre as mesas girantes e o surgimento do espiritismo, ver, entre outros, Aubrée e Laplantine, 1990; Gutierrez e Maillard, 2005; Kardec, 1998; Wantuil, 1994.

seguinte deveu-se à percepção de que os objetos eram dispensáveis; eles funcionavam como apêndices da mão das pessoas que, denominadas “médiuns”, teriam a capacidade de ser intermediárias entre os espíritos e os homens. Em 1857, foi publicado *O livro dos espíritos*, em que Allan Kardec, pseudônimo de Rivail, apresentava uma nova filosofia espiritualista, com caráter científico e conseqüências religiosas, o espiritismo, por ele elaborado com base nas respostas que obtinha, através de médiuns, a questões que propunha aos espíritos. O livro teve grande repercussão na Europa; Paris tornou-se a capital internacional do espiritismo (Aubrée e Laplantine, 1990, p. 32-35).

Naquela época, a literatura expressava a voga dos espíritos, a exemplo de George Sand, em *Histoire de ma vie* (1854); Alexandre Dumas, em *Mémoires d'un médecin* (1849-1860); Michelet, em *L'Amour* (1859); Théophile Gautier, em *Spirite* (1865); Gustave Flaubert, em *Bouvard et Pécuchet* (1881); Guy de Maupassant, em *La Horla* (1887) etc. (cf. Aubrée e Laplantine, 1990, p. 92-94). Na *Revue Spirite*, iniciada em 1858, Allan Kardec divulgava e comentava textos mediúnicos, atribuídos a mortos anônimos ou renomados; entre estes, muitos literatos e filósofos cujas palavras colaboravam para a composição do corpo doutrinal espírita². Os contrastes entre este e a obra oficial dos autores resultavam, por vezes, em uma literatura de erratas, na qual o “autor espiritual”³ desdizia idéias, crenças ou princípios defendidos “em vida”.

Na Europa, esse entusiasmo com o espiritismo se limitou até o início do século XX⁴. Mas décadas antes, os livros de Allan Kardec e outras publicações do novo espiritualismo já circulavam em mais continentes. A cultura em meio à qual o espiritismo obteve seu maior desenvolvimento, após sua decadência na Europa, foi a brasileira⁵. Nos últimos tempos do Império e no período da *belle époque*, os segmentos letrados brasileiros,

² As teorias formuladas por Allan Kardec que propõem uma explicação para a psicografia foram expostas em *O livro dos médiuns* (Kardec, 1995).

³ Entenda-se, doravante, “autor espiritual” como aquele a quem se atribui a autoria de um texto mediúnico.

⁴ A respeito das razões do declínio do espiritismo na Europa, ver a interpretação de Aubrée e Laplantine (1990, p. 94-99).

⁵ Sobre o início do espiritismo no Brasil, ver, entre outros, Aubrée e Laplantine, 1990; Damazio, 1994; Giumbelli, 1997; Stoll, 2003.

tão atraídos pela cultura européia, em especial a francesa, participavam da onda espírita; nossos principais escritores, simpatizantes ou adversários do espiritismo, propagavam o tema em crônicas e na ficção⁶. Além desse espaço entre os letrados, as práticas mediúnicas espíritas, com destaque aos médiuns de cura, encontraram em solo brasileiro um ambiente bastante favorável, apesar da resistência católica e das perseguições da Primeira República⁷. Aos poucos, em meio ao positivismo republicano, ao catolicismo dominante, a outras manifestações religiosas mediúnicas, o espiritismo ia se amoldando à cultura brasileira⁸.

Uma de suas marcas no Brasil do século XX foi a popularização da escrita psicográfica, entendida enquanto tal por seu público leitor. O médium Chico Xavier (1910-2002) foi um dos principais responsáveis pela construção desse novo espaço de enunciação. Sua extensa obra – cerca de 400 livros – é atribuída a muitas centenas de autores, alguns dos quais conhecidos literatos brasileiros e portugueses. Em pesquisa anterior (Rocha, 2001), estudei seu primeiro livro, *Parnaso de além-túmulo* (1932), uma antologia de poemas psicografados. Uma questão desafiadora levantada pelos escritos do médium se refere a um importante ponto dos estudos literários: as noções de autoria.

No presente trabalho de doutorado, estudo o funcionamento autoral de uma série⁹ mediúnica de Chico Xavier, formada por livros que ele atribuiu a Humberto de Campos (1886-1934) e a Irmão X, que designa o mesmo autor espiritual. A opção por esse recorte teve duas razões principais: primeiro, a existência de dois amplos conjuntos de livros – os de Humberto de Campos e os da mencionada série de Chico Xavier –, o que permite observar, textualmente, como o autor espiritual foi representado; segundo, a existência de

⁶ Ver o livro *Os intelectuais e o espiritismo: de Castro Alves a Machado de Assis* (Machado, 1996).

⁷ Sobre o histórico da Federação Espírita Brasileira no processo de legitimação do espiritismo no Brasil, ver as análises de Giumbelli, 1997.

⁸ Na avaliação de um dos primeiros cientistas sociais que estudaram esse tema, “A ênfase no aspecto religioso da obra de Kardec, que se define igualmente como ‘ciência’ e ‘filosofia’, constitui [...] o traço distintivo do Espiritismo brasileiro e, talvez, a causa do seu sucesso entre nós.” (Camargo, 1961, p. 4)

⁹ O conjunto dos livros de Chico Xavier atribuídos a Humberto de Campos e a Irmão X não tem, oficialmente, a denominação de “série”. Utilizo, porém, esse termo para facilitar as referências ao conjunto.

um processo judicial, iniciado e concluído em 1944, conhecido como “caso Humberto de Campos”. Após a publicação do quinto livro da série, os herdeiros do escritor, por meio de uma ação declaratória, pediram à Justiça que decidisse se Humberto de Campos, enquanto espírito, era ou não o verdadeiro autor dos cinco livros psicografados. Os desdobramentos da ação geraram um rico material de pesquisa para as questões autorais. E tiveram uma importante função na obra posterior de Chico Xavier.

A tese foi estruturada em cinco capítulos, a começar por uma apresentação de Humberto de Campos. A opção por uma síntese biográfica, no início, decorreu de uma particularidade da obra do escritor, marcada por um forte aproveitamento de componentes autobiográficos, cuja representação dependia das circunstâncias e dos gêneros textuais utilizados. Em seguida, apresento um conjunto de avaliações que sua obra recebeu. A terceira parte da apresentação é uma leitura que busca apreender o discurso do autor a respeito de si e de seus textos. Por fim, em ordem cronológica de publicação, menciono os livros de Humberto de Campos.

O capítulo seguinte é uma síntese do histórico de atribuição de autoria a Humberto de Campos e a Irmão X. No início, faço uma breve apresentação de Chico Xavier e trato de circunstâncias, datas e publicações relacionadas com a série. Depois, analiso uma parte significativa da primeira recepção de textos atribuídos a Humberto de Campos. Exponho, em seguida, o processo de 1944 e as repercussões dos textos mediúnicos entre familiares do escritor maranhense. Na última parte do capítulo, comento algumas cartas de Chico Xavier, dirigidas ao seu amigo e editor Antônio Wantuil de Freitas, que tratam da série em questão e, também, de uma outra atribuição de autoria – ao livro *Voltei* (1949) –, marcada pela precaução contra um novo problema judicial.

Examino, no terceiro capítulo, as estratégias utilizadas, na série, para a construção do autor espiritual. Apresento as linhas gerais dos livros atribuídos ao escritor maranhense e a Irmão X e mostro como Chico Xavier foi representado em alguns desses textos. Estudo, também, como o autor apresenta sua experiência da morte. Em seguida, comento as alusões aos temas debatidos no processo de 1944 em *Lázaro redivivo*, primeiro livro atribuído a

Irmão X. Por fim, explico os procedimentos textuais que visaram a produzir a sensação de que quem fala é o escritor “morto”.

O quarto capítulo, com base nos resultados do capítulo anterior, é dedicado à leitura de cinco textos mediúnicos. O objetivo é entender quais foram os mecanismos textuais utilizados para engendrar uma verossimilhança autoral. Os textos selecionados exemplificam como foram empregados, na série, elementos da obra de Humberto de Campos e de seu repertório de leitor, principalmente por meio da intertextualidade implícita.

No último capítulo, interpreto as noções autorais despertadas pela série e a função que tiveram na assimilação dos textos mediúnicos. Após mencionar as relações que se estabeleceram, na modernidade, entre autor e texto escrito, apresento alguns traços peculiares da configuração autoral da série estudada. Depois, analiso de que forma a atribuição de autoria a escritores renomados, nos anos 30 e 40, contribuiu para a construção da credibilidade de Chico Xavier como psicógrafo. A parte final do capítulo identifica a existência, no Brasil, de um espaço mediúnico de enunciação, dentro do qual acordos de leitura assumem como verdadeira a autoria espiritual.

Para obter artigos de jornais, revistas, livros e outras referências a respeito de Humberto de Campos, estive na Biblioteca Nacional, Academia Brasileira de Letras e Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro; na Biblioteca Pública Benedito Leite e no Arquivo Público, em São Luís; no CEDAE, no AEL e na biblioteca do IEL, na UNICAMP, em Campinas.

Quanto ao material relacionado a textos de Chico Xavier atribuídos a Humberto de Campos e temas correlatos, fiz pesquisa na Federação Espírita Brasileira, em Brasília; na biblioteca da PUC-SP e no arquivo pessoal de Eduardo Carvalho Monteiro, em São Paulo. Em Valença (RJ), entrevistei Osmar Ramos Filho, autor de uma das raras pesquisas de fôlego a respeito de um livro mediúnico. Por e-mail, entrevistei Elias Barbosa, que publicou em 2005 um livro sobre Chico Xavier e Humberto de Campos.

Cabe registrar que, na área de Letras, em Teoria Literária e em Lingüística, praticamente não existe bibliografia a respeito da escrita psicográfica e da atribuição de textos a autores “mortos”¹⁰. Arrisquei-me, por isso, pelas veredas que me pareceram as mais instigantes e promissoras.

¹⁰ Há, pelo menos, três exceções: Chinellato, 1993, que investiga alguns romances que a médium russa Wera Krijanowsky atribuiu ao escritor inglês John Wilmot Rochester; Lignani, 2000, que estuda o romance *Há dois mil anos...*, que Chico Xavier atribuiu a Emmanuel; e Rocha, 2001, acima mencionado.

I. UMA APRESENTAÇÃO DE HUMBERTO DE CAMPOS

1. DE MIRITIBA À CAPITAL FEDERAL¹¹

Humberto de Campos Veras nasceu na pequena cidade maranhense de Miritiba¹², em 25 de outubro de 1886. Lá viveu até os seis anos, idade em que ficou órfão de pai. Rumou então à capital São Luís e pouco depois a Parnaíba, no Piauí, onde permaneceu com sua mãe, suas duas irmãs (a mais velha, por parte de pai) e outros familiares. Frequentou pequenas escolas, onde se alfabetizou. E por conta dos escassos recursos da família, ingressou no mundo do trabalho como aprendiz de alfaiate e, depois, assumiu a função de balconista na loja de seu tio Emídio. Não por muito tempo, pois perdeu esse emprego e teve de auxiliar sua mãe na confecção de meias em sua casa.

Ainda em Parnaíba, foi aprendiz de tipógrafo, mas, por falta de perspectivas profissionais na cidade, aceitou o convite de seu tio Franklin, que o levou para São Luís. Com 13 anos, Humberto de Campos perambulou pela capital maranhense em busca de serviço; foi aceito numa tipografia. Nesse período, continuou a oscilar de emprego; voltou ao comércio, retornou à tipografia e, logo, ao comércio novamente. Solitário fora do expediente, começou a frequentar a biblioteca pública e a se interessar pela leitura de ficção; Júlio Verne era seu autor favorito. Não cogitava, porém, um futuro como literato; sonhava com uma ascensão social pelo comércio.

Em 1901, balconista em São Luís, Humberto de Campos recebeu a visita de seu tio Antoninho, que se propôs a ajudá-lo a encontrar uma ocupação mais promissora no Pará. Humberto se entusiasmou com a idéia; abandonou o emprego e voltou a Parnaíba, onde

¹¹ As principais fontes que utilizei para escrever essa parte do capítulo, além dos livros de Humberto de Campos, foram: Bezerra, 1979; Lebert, 1956; Oliveira, 1990; Reis, 1986.

¹² Oito dias após a morte do escritor, sua cidade natal passou a chamar-se Humberto de Campos (Espindola, 2005, p. 63-64).

ficou na expectativa de uma oportunidade mais concreta para a nova mudança. Antoninho tardou o cumprimento da promessa ao sobrinho, que se arrependeu de ter voltado à casa materna e ficou sem emprego por dois meses. Depois disso, voltou a trabalhar na loja de seu tio Emídio. Foi nessa época que Humberto de Campos identificou o surgimento de sua paixão literária. Começou a conhecer alguns escritores contemporâneos, lendo jornais e almanaques literários, como o *Almanaque de Lembranças* e o *Almanaque de Pernambuco*. Tomou gosto por poetas locais e arriscou-se a escrever seus primeiros poemas. A prosa de Coelho Neto o encantou, mas também o marcaram as leituras dos positivistas, evolucionistas e materialistas, tão em voga naquele início de século, tais como Comte, Spencer, Haeckel e Büchner. Essas leituras lhe provocaram uma sensação de rompimento com sua educação católica.

Em 1903, após novo incentivo de seu tio Antoninho, embarcou para Belém. Lá, no início de sua estada, viveu situação crítica, pois não encontrou o emprego prometido e, em penúria, sofria de neurastenia. Conseguiu o encargo de revisor num jornal em decadência, até que lhe surgiu a proposta de ser administrador de seringais em Mapuá, nas fronteiras do Pará com o Amazonas. Trabalhou nessa região durante um ano e meio, e porque contraiu febre palustre teve de voltar a Belém, onde foi contratado como redator do jornal *Folha do Norte*. Foi o início de sua carreira jornalística. Em tom de denúncia, escrevia especialmente sobre a deplorável situação a que eram submetidos os seringueiros.

Seus artigos ganharam repercussão e, em 1907, foi contratado como redator-chefe do jornal *Província do Pará*. Antônio Lemos, proprietário do periódico, era o prefeito da capital, e também contratou o jovem cronista como secretário da prefeitura. Humberto de Campos exerceu essas duas funções até 1912, quando houve em Belém um levante armado cujo desfecho foi a destituição do prefeito e o empastelamento de seu jornal. Ameaçado, Humberto precisou fugir da cidade. Embarcou para o Rio de Janeiro, a então capital federal. Em 1910, publicara seu primeiro livro, *Poeira...*, de poesia, editado em Portugal. Catharina Vergolino, noiva do escritor, permaneceu em Belém. Foi morar no Rio de Janeiro em 1913, após seu casamento por procuração. Tiveram três filhos: Maria de Lourdes, Henrique e Humberto.

Recém-chegado ao Rio de Janeiro, Humberto de Campos visitou o também maranhense Coelho Neto, com quem, dali em diante, manteve permanente amizade. Trabalhou para a *Gazeta de Notícias* e, posteriormente, para *O Imparcial*, jornal onde atuavam vários conhecidos escritores da época, tais como Goulart de Andrade, Rui Barbosa, Olavo Bilac, Paulo Barreto, Emílio de Menezes e João Ribeiro. Humberto escrevia uma seção política, chamada “Ecos”, e começou também a produzir contos humorísticos – estes sob o pseudônimo de Conselheiro XX –, que deram ao escritor uma enorme popularidade, só superada pelas crônicas dos primeiros anos da década de 30 assinadas com seu verdadeiro nome, nas quais Humberto, gravemente enfermo, torna-se o principal personagem de si mesmo.

Em 1918, publicou seu primeiro livro de crônicas, *Da seara de Booz*, e no mesmo ano, seu primeiro da série Conselheiro XX, *Vale de Josaphat*. Dos seus livros, que totalizaram cerca de 45 títulos, a maioria foi formada com textos selecionados entre os publicados na imprensa pelo escritor. Foi por meio desta que Humberto de Campos ganhou prestígio e grande público. Aos 33 anos, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), e em 1920 passou a ocupar a vaga que fora de Emílio de Menezes.

Com a fama, mas obrigado a trabalhar ininterruptamente como escritor para sustentar a família, Humberto escrevia para diversos jornais do país. Em 1927 foi eleito deputado federal pelo Maranhão; três anos depois foi reeleito, mas no mesmo ano perdeu o mandato por causa da Revolução de 1930, que encerrou o período da Primeira República. Embora adversários políticos, o escritor foi nomeado em 1931 por Getúlio Vargas para ser Inspetor Federal de Ensino; nesta função, viajou ao Uruguai e à Argentina.

Em 1933 publicou *Memórias*, seu livro de maior repercussão. No final do mesmo ano o escritor foi nomeado diretor da Casa de Rui Barbosa, função que exerceu por poucos meses. Em 5 de dezembro de 1934, durante uma cirurgia, morreu na Casa de Saúde Dr. Eiras, no Rio de Janeiro. Estava no auge de sua notoriedade; era um dos autores mais lidos do Brasil.

Como a maioria dos escritores mais comentados de seu tempo, já faz algumas décadas que Humberto de Campos caiu em esquecimento. Ele conhecia as contingências da história literária e sabia que, pouco depois de sua morte, sua obra não mais despertaria interesse no público e na crítica.

2. NOTORIEDADE E ESQUECIMENTO

Apresento a seguir uma amostra, que julgo significativa, do que se escreveu a respeito da obra de Humberto de Campos, em artigos de imprensa e em livros. Com esse material, pretendo fornecer uma idéia de como o autor foi recebido pela crítica. Privilegiei, quando possível, a apresentação de pareceres divergentes sobre o escritor, a fim de não estreitar as referências de leitura que sua obra suscitou.

A poesia de Humberto de Campos costuma ser associada ao parnasianismo ou ao neoparnasianismo. Ela é assim definida, por exemplo, pela ABL, para a qual *Poeira...* “é um dos últimos livros da escola parnasiana no Brasil” (www.academia.org.br).

Em artigo publicado em 24 de setembro de 1917, no jornal *O Imparcial*, sobre a segunda série de *Poeira*, o crítico João Ribeiro defendia uma opinião diferente: “Estou bem certo de que desde muito Humberto de Campos deixou de ser um parnasiano. Agora a sua estética inspira-se na simplicidade dos temas e, como sempre, nos motivos nacionais. Acho em seus versos um tom que lhe empresta a intimidade das terras por onde andou e que lhe não podia ser suscitado pelo artifício de nenhuma estética.” (Ribeiro, 1957, p. 88)

Agrippino Grieco, outro contemporâneo do autor, no livro *Gente nova do Brasil*, destaca a presença da poesia de Humberto também em sua prosa: “Um francês de nervos exacerbados queixava-se de que a vida fosse muito quotidiana. Pois desse quotidianismo, para tantos prosaico e monótono, é que Humberto extratava a sua suprema poesia. Só se fazia homem de prosa quando metrificava e rimava. Prosador, era um dos nossos maiores poetas, recompondo em vinheta, em cromo, tantas lindas cenas do passado, dando a tudo um tom azul, uma espécie de doçura lunar que raramente aparecem em artistas nossos.” (Grieco, 1948, p. 119)

Na contracorrente da tendência à exaltação do escritor, o combativo Eloy Pontes, que era colunista literário do jornal *O Globo*, atacava:

O Sr. Humberto de Campos escreve ainda sob os métodos ingênuos das fábulas. Os sonetos desta coletânea [*Poesias completas*] confirmam a observação. As quadras dos mesmos expõem os assuntos e nos tercetos o poeta nos oferece a moralidade. Com a insistência o processo enfada. Além disto os temas, as alegorias, os termos de comparação e os motivos emocionais do Sr. Humberto de Campos são sempre livrescos. Ele não tira coisa alguma de si. Não é o que se denomina, geralmente, um inspirado. É um paciente. Os velhos assuntos bíblicos, os antigos elementos das lendas orientais, os pretextos cedidos de símbolos, que o tempo impôs, formam a arquitetura do volume. O Sr. Humberto de Campos pertence ao número dos que escrevem porque leram. Não descobrimos, ao longo destas páginas, nenhum sinal de emoção própria. As emoções aqui são de reminiscências. (Pontes, s/d, p. 79-80)

A poesia – gênero literário mais valorizado na época – permitiu a Humberto de Campos ser eleito para a ABL. O início de sua popularidade, porém, deveu-se muito mais à sua produção cronística e, em especial, aos pequenos contos do controverso Conselheiro XX. Ainda que a produção de páginas humorísticas entre os escritores da *belle époque* brasileira fosse bastante comum (cf. Saliba, 2002, p. 70), nos primeiros decênios do século passado, os textos de Conselheiro XX – que poderíamos hoje classificar como anedóticos – causavam escândalo em alguns segmentos letrados. Pode-se dizer, nesse sentido, que o poeta e cronista Humberto de Campos ingressou na ABL *apesar* do que escreveu sob o pseudônimo de Conselheiro XX. Este, arrastava a pecha de imoral, fescenino, pornográfico. Além da coluna de Conselheiro XX em *O Imparcial*, Humberto de Campos explorou a mesma forma literária na revista ilustrada *A maçã*, criada em 1922 e escrita principalmente por ele e outros acadêmicos (cf. Haluch, 2005). E, em 1925, escreveu com Oscar Lopes a peça *Fora do sério*, encenada no Rio de Janeiro por Jardel Jércolis.

Para se defender das acusações contra as páginas do Conselheiro XX, Humberto ora dizia que era obrigado a escrevê-las, pois constituíam o seu ganha-pão, ora alegava que elas

não eram imorais, visto que muitos autores europeus de prestígio também escreviam literatura galante e não eram tachados de pornográficos. Aliás, sabe-se que grande parte dos contos do Conselheiro XX não era inédita. Ainda que, às vezes, omitisse indicações, ele publicava traduções ou adaptações de literatura galante, principalmente de edições francesas. De acordo com Elias Thomé Saliba, em seu livro *Raízes do riso*, as anedotas do Conselheiro XX “consistiam, na maioria das vezes, em traduções ou compilações de outros humoristas. Mas esta produção cômica era considerada menor no conjunto da sua obra” (Saliba, 2002, p. 147).

Quanto ao lado comercial de sua literatura, um bom exemplo de Humberto de Campos enquanto negociante de suas páginas é o seguinte trecho de uma carta – datada de 31 de maio de 1919 – que o escritor enviou ao editor Monteiro Lobato:

[...] não quereria você editar, em edição barata e vendável, uma seleção das crônicas miúdas, do ano passado, do Conselheiro XX? Eu pretendia dá-las aqui ao nosso Leite Ribeiro, que adquiriu a *Poeira...* e editou a *Seara*; mas – como você deve ter observado, – o Leite está se aguando muito, em edições que lhe saem caras, e já não me está agradando muito a companhia bibliográfica que ele me prepara. Eu tenho a vaidade de supor que o Conselheiro possui aqui algumas centenas de leitores ricos, – e é para isso mesmo, para falar à vaidade deles, que ele povoa as suas crônicas de nomes próprios... O Corrêa Dias, o Raul, ou o J. Carlos, faria uma capa inteligente desse *Vale de Josafá* (onde comparecem os vivos e os mortos), e você publicaria a edição com os compromissos que quisesse, ou, mesmo, sem compromisso nenhum antes do resultado. (Campos, 1919, Acervo CEDAE-Unicamp)

O suplemento literário do jornal carioca *A Manhã* dedicou a Humberto de Campos a edição de 7 de dezembro de 1941. Nele, o artigo de Herman Lima, intitulado “Humberto de Campos e o homem dos miolos de ouro”, defendia a idéia de que a literatura do Conselheiro XX prejudicava a prosa do escritor: “[...] apareceu um dia o Conselheiro XX,

diabólico e imprevisto, e por muitos anos a malícia e o cinismo das fábulas licenciosas da *Serpente de bronze*, dos *Gansos do Capitólio*, da *Funda de David*, e de toda a célebre enfiada desses livros brejeiros afogaram o prosador já notável de tantas páginas de arte.” (Lima, 1941, p. 354)

Incômodo semelhante com a produção do Conselheiro XX aparece no seguinte comentário de Macário de Lemos Picanço, em seu livro *Humberto de Campos*, publicado no final da década de 30. Ao referir-se ao fim da carreira do narrador galante, declara Picanço:

Hoje, já se pode dizer, o Conselheiro X.X. não passa de uma reminiscência, de uma lembrança. Ele é, atualmente, a folha lida e virada de um livro, é o caminho percorrido, é o areal batido pelas caravanas que passam em busca do horizonte. Ele não mais empolga, não mais atrai, não mais interessa mesmo. E por que não interessa? Porque, sobre a fama do Conselheiro X.X., obscurecendo-a, nasceu um outro Humberto. O que hoje se admira e ama é o Humberto que descreveu a própria vida, é o Humberto que aconselha [...] (Picanço, s/d, p. 242).

Essa diferença entre os escritos do Conselheiro XX e os de Humberto de Campos também é exposta no estudo feito por João Clímaco Bezerra, inserido na antologia por ele organizada: *Humberto de Campos: textos escolhidos*: “Embora o *Conselheiro XX* gozasse de popularidade incondicional na imprensa brasileira, Humberto de Campos continuava a escrever crônicas firmadas com o seu próprio nome e que sacudiam a alma de toda a gente. Havia nas suas páginas um clamor de criaturas judiadas pela sorte, gritos angustiantes de tristes e desprezados.” (Bezerra, 1979, p. 10)

O já mencionado Eloy Pontes procura traçar o caminho contrário: identifica em leitores do livro de maior sucesso de Humberto de Campos o desejo de encontrar pegadas do Conselheiro XX:

Já aqui tivemos ensejo de aludir aos estigmas que tornam a literatura do Sr. Humberto de Campos uma espécie de mercadoria, que os livreiros de poucos escrúpulos anunciam como específico [medicamento] contra a decrepitude e para estímulo dos vícios que atacam, em regra, os colegiais... Fiados nessa pimenta para uso externo, os leitores de gosto suspeito devoraram as *Memórias* do Sr. Humberto de Campos. Asseguram os seus colegas de Imortalidade que a parte mais vermelha foi, porém, trancada ali a sete chaves, na esperança de que o futuro compreenda melhor os efeitos da literatura fescenina. (Pontes, s/d, p. 84)

Por vezes, as reações aos contos do Conselheiro XX assumiam contornos mais graves. Vejamos o que registra João Clímaco Bezerra:

Durante o longo período de sua aclimação nos meios literários da então Capital da República, Humberto de Campos fez da crônica galante, fescenina afinal, a sua carta de apresentação...

Agasalhado no pseudônimo de *Conselheiro XX*, fez dessa figura de ficção uma das presenças mais reais e discutidas da sua época.

Mas a verdade é que os pequenos contos, as anedotas estampadas em revistas “proibidas para menores”, das quais a *Maçã* foi o exemplo maior, granjearam para Humberto de Campos uma popularidade jamais igualada por qualquer escritor do seu tempo. Combatiam-no os moralistas, como ocorreu com Carlos de Laet, que, depois de louvar calorosamente o poeta de *Poeira*, moveu-lhe acirrada campanha contra as histórias fesceninas. (Bezerra, 1979, p. 9-10)

Não só Carlos de Laet combateu publicamente o Conselheiro XX. Conta Brito Broca – no artigo “Duelo frustrado”, publicado no *Correio da Manhã* de 7 de fevereiro de 1961 – que, em 1922, após ler o *Manual de psiquiatria* do médico brasileiro Henrique Roxo, que recomendava uma terapêutica sexual no tratamento de psicopatas, o escritor

Jackson de Figueiredo escreveu para *O Jornal* um longo e violento artigo intitulado “Je vous remets à la grande chronique pantagruélique”. Nele, Jackson de Figueiredo dizia ser inaceitável que um professor de medicina receitasse o meretrício como método eficaz para a cura dos alienados. No mesmo artigo, o escritor achou oportuno atacar Humberto de Campos:

O senhor Henrique Roxo já terá mesmo o seu biógrafo natural entre os historiadores da nossa sociedade nesta hora crepuscular. Não duvido de que o senhor Humberto de Campos, com a máscara do *Conselheiro XX*, lhe dedique, durante muito tempo, aquela sua já célebre coluna de *O Imparcial*. Devem entender-se muito bem, historiador e herói pedagogo. [...] Avalio com que graça, com que requinte de patifaria, o ilustre acadêmico e distinto chefe de família, que é o senhor Humberto de Campos, contará as peripécias do tratamento de qualquer menina demente entregue aos cuidados do professor Roxo! Digo isto porque suponho que o método da prática sexual abrange os dois sexos e o senhor Humberto de Campos se dedica principalmente a desmoralizar meninas ledoras e, por conseguinte, candidatas à clínica psiquiátrica. (*Apud Broca, 1991a, p. 359-360*)

Brito Broca, estudioso da vida literária brasileira, diz então que no mesmo dia em que o artigo de Jackson de Figueiredo foi publicado correu a notícia de que Humberto de Campos desafiara o adversário a um duelo. E complementa:

Duelos de escritores não eram uma novidade no Brasil. No século passado [XIX] Bilac batera-se com Raul Pompéia, Pardal Mallet com Paula Ney. E ainda neste século, sem falar nos duelos caricatos de José do Patrocínio Filho, havia o caso recente de Antônio Torres e Paulo Hasslocher terçando florete num desafio de que resultou o ferimento do primeiro.

Compreende-se a curiosidade despertada pela notícia e os comentários que logo se perderam pelas mesas dos cafés. Mas ter-se-ia realizado o duelo? Acreditamos que não,

embora somente no *Rio-Jornal* encontrássemos uma nota vaga sobre o caso, sem dizer as condições em que ele foi solucionado. Humberto de Campos continuou a escrever as suas historietas maliciosas em *O Imparcial* e o público a se divertir com elas. (Broca, 1991a, p. 360)

O tipo de texto mais praticado por Humberto de Campos, sem o artifício de pseudônimo, foi a crônica. Com relação a ela, Brito Broca ressalta o êxito que obteve o escritor em sua época: “Na crônica, um dos gêneros mais ingratos em nosso país, conseguiu ele uma popularidade espantosa. Conseguiu fazer-se lido por muita gente que nunca havia passado os olhos por tal espécie de Literatura. Machado de Assis, Olavo Bilac e o próprio João do Rio – mestres da crônica – não lograram impô-la senão a um círculo relativamente restrito de leitores. Humberto de Campos, embora com certas concessões, mas se colocando sempre num nível puramente literário, fê-la chegar ao grande público.” (Broca, 1991b, p. 176)

Essa contribuição de Humberto de Campos à crônica no Brasil é realçada por João Clímaco Bezerra: “A crônica seria a mais alta expressão da sua atividade literária. Pode-se afirmar hoje, sem exageros indefensáveis, que ele deu nova dimensão ao gênero, eliminando as últimas reservas dos que negam a essa forma de expressão foros de literatura e de arte.” (Bezerra, 1979, p. 9)

Em 1986, a imprensa publicou alguns artigos sobre Humberto de Campos, por ocasião dos 100 anos de seu nascimento. No jornal *O Estado de São Paulo* de 25 de outubro de 1986, no texto “O carisma perdido e a solidão da história”, Hildon Rocha igualmente destaca qualidades do escritor como cronista:

Obrigado a escrever diariamente para atender aos compromissos com o estômago, com os jornais e os editores que reclamavam ansiosos – sem falar nos milhares de leitores que em vários pontos do País aguardavam todas as manhãs os jornais em que [suas crônicas] eram estampadas –, teve altos e baixos, pois às vezes escrevia recostado em bolsas

de borracha com água quente, para aliviar as dores que o dilaceravam. Dezenas delas eram e ainda representam verdadeiras obras-primas no gênero, irretocáveis e, talvez, insuperáveis até hoje, tão sugestivos se tornavam os flagrantos humanos que ele capturava e sintetizava nessas páginas, de prosa não envelhecida. Na passagem do seu centenário, é hora de fazermos justiça a esse cronista que sobreviverá no prosador, que teve a intuição da modernidade. (Rocha, 1986, p. 9)

Também em homenagem à mesma data, a editora da Universidade Federal Fluminense (EDUFF) e o Instituto Nacional do Livro (INL) publicaram a obra *O miolo e o pão*: estudo crítico e antologia de Humberto de Campos. Este livro, idealizado pelo crítico Fábio Lucas, foi produzido por docentes da UFF. Lúcia Helena Carvalho, uma das responsáveis pelo trabalho, assim apresenta a estrutura das crônicas do autor maranhense:

Em relação à composição formal, a crônica de Humberto de Campos mantém-se a maior parte das vezes fiel a uma estrutura ternária, assim desenvolvida: 1) a exposição do fato acontecido; 2) o paralelismo ou analogia a um “caso” lendário, histórico ou literário; 3) a conclusão, freqüentemente de tom moralizante. Esta ordem, quando muito, apresenta uma variante que alterna os itens 1 e 2. De um lado erudição, helenismo, gosto pelo oriental, culto da elegância, a tal “sedução do brilho” de que fala Lúcia Miguel-Pereira. De outro lado, a espontaneidade, o interesse pelo popular, o sentimento nacional (mal resolvido no texto), a graça, o humor, a malícia refinada, traços que se acentuariam com a geração modernista, da qual Humberto de Campos se esquivou, mesmo que não a ignorasse e, às vezes, até a defendesse. (Carvalho, 1986, p. 32)

Se comparada com a crônica, e excetuadas as anedotas do Conselheiro XX, foi exígua a produção de contos do escritor. A estes, Hermes Vieira, autor do livro *Humberto de Campos e sua expressão literária* – escrito na segunda metade dos anos 30 ou na primeira dos anos 40 –, tece entusiasmados elogios: “Como contista, Humberto de Campos

não foi menos cintilante. A segurança descritiva, a perícia na movimentação dos seus personagens e a pureza da sua linguagem, que por mais que se louve nunca se louvará suficientemente, dão-lhe todos os predicados necessários para a sua colocação entre os maiores escritores brasileiros de todos os tempos, e, quiçá, o mais completo, o mais perfeito de sua época.” (Vieira, s/d, p. 107)

Poucas décadas depois, o já citado Fábio Lucas, no artigo “A glória efêmera de Humberto de Campos”, publicado em 1987 no jornal *D.O. Leitura*, apresenta uma leitura bastante diferente: “Quanto aos contos, são concebidos na faixa do sensacionalismo da imprensa: muito sangue, muita lágrima, em entrechos rocambolescos ou melodramáticos, quando não a exploração do exotismo das cenas orientais, num arabesco de condimentos fantasiosos.” (Lucas, 1987, p. 12)

Humberto de Campos também escreveu artigos de crítica para a imprensa, os quais foram posteriormente reunidos em livros. Sua função era avaliar obras recentes, publicadas entre 1928 e 1930. Essa produção foi comentada nos seguintes termos por Brito Broca:

Mantendo um rodapé de crítica literária no *Correio da Manhã*, de 1928 a 1930, Humberto de Campos mostrou-se infenso ao Modernismo, cabendo-lhe, no entanto, a prioridade de ter descoberto no maranhense Joaquim de Sousa Andrade (Sousândrade), autor de *A Guesa Errante*, um legítimo precursor da poesia modernista. Grande leitor, lendo, pode-se dizer, quase tudo que lhe caía nas mãos, conseguiu acumular uma boa cultura, maior em extensão do que em profundidade. A formação essencialmente francesa do seu espírito, limitando-lhe a área geográfica dos conhecimentos literários, favoreceu-lhe, no entanto, o trato dos clássicos gregos e latinos nas edições Garnier e Hachette. Daí a sua crítica guiar-se geralmente pelos modelos franceses, servindo-se das citações clássicas para um gênero de paralelo que já se tornara um dos recursos preferidos do cronista. Cronista, Humberto de Campos habituara-se a evocar uma passagem de Heródoto, Aulo Gélcio ou qualquer outro escritor da Antiguidade, para com ela ilustrar um comentário. Na crítica recorre também, por vezes, a esse processo tão típico da sua maneira de pensar e expor um assunto. Não pretendendo outra coisa senão tornar-se um elemento de comunicação entre o

autor e o leitor, esclarecer e orientar esse último com uma experiência literária que ninguém poderia negar-lhe, fez o *reviewer* em dimensões bem mais amplas do que aquelas em que costumava ser exercido na época. Seus rodapés distinguem-se das notações ligeiras e apressadas em que incidia por vezes um João Ribeiro.

Humberto de Campos desempenhava a tarefa com seriedade; lia o livro, mostrava-lhe os aspectos principais, discutia-os. Se não chegava a ser profundo, não seria também leviano. E tratando de obra um tanto árida, sabia trazer para o comentário um pouco de pitoresco, graças a uma memória sempre fértil em exemplos curiosos e comparações oportunas. Fez Impressionismo na melhor acepção do termo, e os quatro volumes de *Crítica* que nos legou constituem um bom instrumento de trabalho para os que pretenderem historiar a década de 20. (Broca, 1981, p. 278-279)

Hildon Rocha, em seu já citado artigo, quando comenta essa produção crítica, destaca algumas das avaliações feitas por Humberto de Campos:

Na fase do mandato parlamentar pôde desenvolver a crítica, em longos rodapés, no *Correio da Manhã*, em que tornou patente uma vasta, embora não atualizada (na época), erudição literária e histórica. Reunidos em quatro volumes, os seus estudos críticos nos convenceriam hoje menos, mas entre eles podem ser encontrados alguns perfis intelectuais de excelente avaliação e interpretação sobre Joaquim Nabuco, Coelho Neto, Paulo Prado, Graça Aranha, Rui Barbosa, Manuel Bonfim, Teodoro Sampaio, Capistrano de Abreu, Oliveira Vianna e outros escritores, merecendo destaque o que escreveu sobre Rui Barbosa, a mais equilibrada apreciação que conhecemos sobre aquela figura tão polêmica, exagerada por uns e idolatrada por outros. Humberto intermediou as radicalizações com esse estudo – quase estudo definitivo se ele o tivesse alongado – em que situou devidamente a personalidade do orador-escritor, ou do orador-prosador. (Rocha, 1986, p. 8)

Foi, porém, na memorialística que Humberto de Campos obteve seu maior êxito literário. Por *Memórias*, recebeu muitos elogios de seus contemporâneos. Em artigo no *Jornal do Brasil* de 26 de julho de 1933, João Ribeiro detecta o seguinte fenômeno de leitura: a boa recepção de *Memórias* iluminava as outras obras do autor:

Depois que Humberto de Campos logrou a culminância genial do seu espírito nas *Memórias*, todas as suas obras adquiriram enorme valorização. Porventura não tinham elas esse alto apreço? Pelo contrário, sempre o tiveram, só lhes faltando a notoriedade, que a fama confere aos seus eleitos.

Humberto de Campos demonstrou que tudo podia fazer e sempre com a superioridade que ninguém discute e todos aclamam: a crônica, a fantasia, o conto, a história, enfim, todos os gêneros da prosa, em que é ele o mestre mais lido e mais apreciado. E o que sobreleva a tudo isso é a ausência de pedantismo e de artifício, é a facilidade de ser compreendido de todos. (Ribeiro, 1959, p. 158-9)

Gilberto Amado também expressou a sensação de que *Memórias* modificava seu olhar para a leitura dos outros livros de Humberto de Campos:

Um dia, porém, Humberto de Campos escreveu as *Memórias*. Então começou a subir. Subitamente iluminou-se toda a obra do escritor. Tudo se transformou aos meus olhos. O que se me afigurava banal ou insignificante tomou um sentido. Tudo ficou diferente. O homem – expondo-se aos olhos de todos – fez esquecer o cronista perecível, o narrador fácil, o moralista ameno, o ironista leve. Havia em Humberto de Campos uma realidade superior, uma substância, uma força íntima que nos escapara e mal se nos pudera revelar nos mil pedaços quotidianos em que se esmigalhava a sua produção. (*Apud* Vieira, s/d, p. 111)

No artigo “À margem do centenário de Humberto de Campos”, em *O Estado de São Paulo* de 25 de outubro de 1986, Ernani Silva Bruno igualmente realça a memorialística do autor, levando em conta dois outros livros:

Parece óbvio [...] que o ponto alto – e sem dúvida imperecível – da atividade literária de Humberto de Campos foi a memorialística, expressa nos livros *Memórias*, *Memórias inacabadas* e *Diário secreto*, este último editado 20 anos após sua morte.

Memórias e *Memórias inacabadas* constituem ao mesmo tempo corajosos e líricos depoimentos sobre sua vida de menino adolescente pobre – reflexos da dura situação de primitivismo e carência em que se desdobrava a existência de uma grande porção da população do Norte e do Meio-Norte do País – como ainda hoje – das últimas décadas do século passado às primeiras do atual [século XX], surpreendida em episódios descritos com simplicidade e vigor admiráveis, ao longo de uma narrativa povoada de cenas ou anotações inesquecíveis. (Bruno, 1986, p. 9)

No artigo “O guri Humberto de Campos”, de *A Manhã* do dia 7 de dezembro de 1941, Antonio de Alcântara Machado, escritor afinado com os modernistas, faz uma leitura mais seletiva de *Memórias*:

Bastava [...] o grande interesse dessa meninice para assegurar o sucesso do livro. E é quando Humberto de Campos se limita a narrar com o talento que tem, a narrar simplesmente, sem enfeitar os capítulos com imagens bíblicas, paralelos mitológicos, sentenças e o resto do estilo, que as *Memórias* me agradam mais. Porque há capítulos tratados como sonetos: depois da descrição de um fato qualquer, a comparação “Assim também...”, etc. O que não quer dizer que o valor literário do livro desapareça diante do documental, que é grande. Não. O livro é bom, e às vezes excepcionalmente bom, enriquece a literatura da terra. (Machado, 1941, p. 353)

A parte final desse artigo, poderíamos dizer, sugere uma divisão ternária do autor: ele é o Conselheiro XX, o acadêmico e o memorialista. Antonio de Alcântara Machado, em suas preferências de leitor, diverge da maioria dos outros comentadores:

Humberto de Campos depositou no cofre da Academia Brasileira de Letras vários capítulos “para Freud”, a serem acrescentados em edição póstuma. O mundo é feito de tal modo que tolera confissão de roubos, mas não de caráter sexual. De forma que o escrúpulo do autor está certo. Mas é divertido pensar que quem escreveu volumes e volumes de literatura frascária tenha o cuidado de evitar em vida a divulgação de sua experiência pessoal no assunto.

Oferecendo os capítulos em questão a Freud, sabe, aliás, o autor perfeitamente que assegura para edição póstuma das *Memórias* um público leitor numerosíssimo.

É mais uma arte do Conselheiro X.X., a qual eu prefiro mil vezes à do acadêmico Humberto de Campos. (Machado, 1941, p. 353)

Na mesma edição de *A Manhã*, Júlio Dantas procura explicar por que a leitura de *Memórias* tanto lhe agradara:

A sinceridade das emoções, a sinceridade das narrativas, a sinceridade do estilo constituem o segredo da originalidade inquietante das *Memórias* de Humberto de Campos. Não encontro neste livro nada de artificial, nada de preparado, nada de composto: a verdade domina os processos do escritor; em todas as páginas da obra é a verdade que palpita, viva, descarnada, humana, às vezes cruel. Quando a literatura mais nos empolga e nos comove, é quando nos dá a impressão de que não é literatura, mas vida; de que não é invenção, mas realidade. (Dantas, 1941, p. 353)

Ainda na mencionada edição de *A Manhã*, no artigo “Uma vida heróica”, Jayme de Barros reafirma essa impressão de sinceridade suscitada por *Memórias*:

Não há, na literatura brasileira, livro autobiográfico tão sincero, profundo e corajoso, como estas *Memórias*, cuja primeira edição, de alguns milheiros, um público faminto devorou vorazmente em poucos dias, determinando já o lançamento de uma segunda tiragem. [...] Nas *Memórias*, tão ricas de episódios admiráveis, narrados com aquela simplicidade poderosa dos escritores de raça, e que é por vezes maior em Humberto de Campos do que em Machado de Assis, vemo-nos diante de um romance. (Barros, 1941, p. 352)

De fato, era enorme o entusiasmo que muitos comentadores expressavam por *Memórias*. Herman Lima, em seu já citado artigo em *A Manhã*, faz parte desse coro: “Têm sido citadas a propósito dessa obra todas as “memórias” mais ou menos célebres, desde as de Santo Agostinho às de Rousseau, do Petit Pierre, de Anatole à *Minha formação*, de Nabuco. Não adianta. O que é certo é possuir, hoje, a literatura brasileira um dos seus maiores livros de todos os tempos, obra notável, que há de perdurar forçosamente através das épocas.” (Lima, 1941, p. 354)

O esquecimento do livro, poucas décadas após sua publicação, sugere que esses juízos de valor estavam superestimados – e que os padrões literários brasileiros se modificaram substancialmente.

Bem diferente de *Memórias*, que recria a infância de Humberto de Campos, é o seu *Diário secreto*, publicado em 1954 e composto de anotações que não se limitam a registrar o cotidiano do escritor. Os dois volumes do *Diário secreto* formam um extenso e indiscreto painel dos bastidores da vida literária brasileira, da qual Humberto de Campos participou intensamente. Não era secreta, porém, a existência desse diário em constante composição; sua última anotação data de 27 de novembro de 1934, oito dias antes de sua morte. O próprio Humberto de Campos o citava de vez em quando, como o fez em um artigo sobre Rui Barbosa, em que mencionou uma opinião de João Ribeiro colhida de uma conversa particular que teve certa vez com o amigo. Em “A vida literária”, artigo de João Ribeiro

publicado em *O Estado de São Paulo* de 18 de setembro de 1928, o crítico manifesta um certo potencial de intimidação que o *Diário secreto* exercia entre os escritores:

O que pretendo assinalar é o medo que deve causar hoje à literatura militante aquele *Diário*, com que Humberto nos ameaça. O *Diário* deve ser terrível, e poderá causar perturbações graves na melindrosa turba dos literatos.

E essa ameaça do livro inédito e apocalíptico, apenas anunciado por um leve sinal sísmico, deve aconselhar-nos precauções meditadas para o momento do terremoto.

– Que dirá ele de mim no seu *Diário*? Que conversas imprudentes entretive com esse incauto e indiscreto homem de letras? [...]

O *Diário* sem dúvida há de valorizar muitas das trivialidades da vida cotidiana. E é possível que qualquer de nós passe à posteridade, por um dito que não disse ou por uma frase que ficou no tinteiro.

A literatura possui uma expressão consuetudinária, não escrita, que pode ganhar muito na boca de um turgimão como Humberto de Campos. (Ribeiro, 1959, p. 157-158)

Em seu *Diário da tarde*, Josué Montello – escritor conterrâneo de Humberto de Campos – registra o seguinte comentário, em 12 de junho de 1966, a respeito do *Diário secreto*:

Comovo-me ao reler salteadamente o *Diário secreto* de Humberto de Campos. Poderia ter sido o seu grande livro. Ficou apenas como a obra má em que se escondem as suas melhores páginas. Faltou tempo ao escritor para escoimá-la das vinganças ocasionais que nada mais significam na ordem das indignações humanas. Será reeditada? Ou morrerá com o papel de jornal em que foram impressos os seus dois volumes? Para muitos, uma lição. Nada de poluir nossas obras com as iras excessivas. Paul Valéry aconselhava, para esses momentos, não a represália, mas o silêncio. (Montello, 1987, p. 646)

Uma pequena seleção, com vários trechos reescritos, do *Diário secreto* foi publicada postumamente, em 1939, sob o título de *Fragments de um diário*. Como é de praxe nas edições dos livros de Humberto de Campos, com poucas exceções, quase nada se explica a respeito da formação de cada volume. No caso de *Fragments de um diário*, ficamos sem saber se foi o próprio autor quem selecionou as anotações e mesmo se foi ele quem as reescreveu¹³. Sobre esse livro, o crítico Eduardo Frieiro preparou um artigo – ao qual pertence a passagem abaixo – que foi publicado em *Páginas de crítica e outros escritos*.

Nestes fragmentos de seu Diário, o escritor é o mesmo de sempre, aquilo que principalmente havia nele: um homem de espírito, um jornalista cintilante, dotado de extraordinária facilidade de assimilação, apanhando as idéias ao vôo, mas condenado pela própria facilidade a ser superficial e um tanto frívolo. Mas isto não quer dizer que não tenha deixado obra destinada a perdurar. Humberto de Campos foi, antes de nada, um delicioso contador de anedotas. Sua verdadeira personalidade era a do Conselheiro XX, mesmo nas ocasiões em que, deixando de lado a sobrecasaca e as barbas de velho salaz, envergava roupas de *gentleman*, para fazer pilhérias literárias e contar histórias que as senhoras podiam ouvir sem corar. (Frieiro, 1955, p. 277-278)

Os cinco últimos anos de Humberto de Campos marcaram o auge de sua popularidade. No início de 1928, ficou ciente de que padecia de hipertrofia da hipófise. Na mesma época, deixou de atuar como Conselheiro XX. Além disso, por causa da Revolução de 1930, perdeu seu mandato de deputado e voltou a ter dificuldades financeiras. Sob essas novas condições, iniciou uma outra fase em sua literatura. Considerando essas mudanças, o escritor Tristão de Athaíde escreveu que a obra de Humberto de Campos “segue uma parábola que poderíamos chamar do sensualismo ao espiritualismo.” E continua, dizendo

¹³ Sobre os problemas das edições, ver o item III – “A obra de Humberto de Campos e a Crítica Textual: tudo por fazer” – da “Introdução” de *O miolo e o pão* (Reis, 1986), escrita por Roberto Acízelo de Souza.

que, após 1930, “sua literatura mudou de estilo, o que se nota nitidamente, inclusive pelo título dos seus livros, embora sempre no mesmo gênero”. (Athaíde, 1992, p. 708)

Também nesse período, muitas vezes Humberto de Campos expôs em suas crônicas as agruras pelas quais estava passando¹⁴. Focou-se de tal modo que o discurso sobre si o transformou no personagem principal de seus escritos, traço que ganhou maior densidade com suas páginas memorialísticas. Essa literatura relacionada com o padecimento pessoal do escritor tinha grande apelo popular. Seus comentadores avaliavam de forma bem diversa essa produção. Em artigo já mencionado, Herman Lima admira o resultado literário dessa nova fase do escritor: “Humberto de Campos enche os seus escritos de um tão alto espírito de humanidade, que atinge, às vezes, a pureza das grandes vozes cristãs. Quanto mais sofre, mais a sua palavra se depura. E mais resplandece.” (Lima, 1941, p. 354)

Eloy Pontes tinha opinião diferente. Para ele, Humberto de Campos tirava proveito de seus padecimentos: “O Sr. Humberto de Campos, para atrair os transeuntes menos curiosos, deu aos jornais alguns tópicos do ‘Diário dum enterrado vivo’¹⁵, onde se encontram as fases dos seus tormentos, que comovem, sem dúvida alguma. Este escritor tem explorado, porém, demais, sem recato, com impertinência quase, a literatura da sua moléstia. Vai vencendo a indiferença do público pela piedade. Parece-nos que ele refoge aos deveres da capacidade meramente artística, desse modo.” (Pontes, s/d, p. 81). Consideração semelhante fez Eduardo Frieiro, para quem o escritor abusava de seu sofrimento para atrair um público ainda maior:

Por *coquetterie* de artista que vive para o seu público, Humberto almeja tirar alguma compensação da sua terrível enfermidade. Quer posar diante dos seus admiradores e para a posteridade, como o mais desventurado dos escritores do Brasil. Mesmo doente e às

¹⁴ A esse conjunto de crônicas, esta pode servir de exemplo: “Aos meus amigos da Bahia”, publicada no livro *Sombras que sofrem*.

¹⁵ Trata-se de um título que foi cogitado por Humberto de Campos, conforme a anotação de 17 de agosto de 1931 do *Diário secreto*: “A idéia da cegueira sugere-me a modificação do título do meu livro de “Memórias”, ou deste “Diário”. “Diário de um enterrado vivo”, – eis o nome que, talvez, venha a caber a este livro...” (Campos, 1954b, p. 166).

portas da morte não renuncia a parecer interessante. Sabe-se como exibiu as suas chagas ao sol, provocando a compaixão dos leitores sentimentais.

Desventurado? Sem dúvida. Mas a existência temporal de Humberto, como a de Camilo [Castelo Branco], foi na realidade pouco interessante, e tanto a desgraça de um como a do outro nada tiveram de excepcional. O sofrimento, a desventura, a doença e a morte são o quinhão comum dos homens.

Literato até o sabugo das unhas, Humberto estilizava tudo, até as próprias impressões da doença. (Frieiro, 1955, p. 283-284)

É outra, porém, a avaliação de João Clímaco Bezerra. Ele trata sem ressalvas esse mesmo período de Humberto de Campos:

A doença impiedosa prostra-o inexoravelmente. Desfigura-o, atormenta-o de dores cruciais. À sua casa, chegam cartas do Brasil inteiro. Mensagens de solidariedade, pedidos angustiantes de socorro e de conselhos. Humberto de Campos, abatido pela desdita, encontra, dentro da alma amargurada, as palavras de consolo e de esperança. É sentimental, tocado daquele lirismo que constitui o traço de nitidez maior da psicologia da nossa gente, mas não é piegas. Faz do seu sofrimento o sofrimento de quantos são atingidos pela desventura e pelo infortúnio. Seu estilo se cristaliza no suplício. (Bezerra, 1979, p. 12-13)

Quanto ao legado de Humberto de Campos, vejamos quatro avaliações. Em seu livro *O Pré-modernismo*, o crítico Alfredo Bosi acomodou sob a classificação de “jornalistas-escritores” dos primeiros decênios do século XX autores como Carlos de Laet, Medeiros e Albuquerque, João do Rio, Antônio Tôrres e Humberto de Campos. Sobre este último, escreveu:

Tendo atravessado incólume o Modernismo, conservou-se fiel às próprias raízes neoparnasianas de modo que a leitura de suas crônicas e memórias serve para evocar com perfeição aquela atmosfera de *belle époque* agonizante. Mas Humberto de Campos era também um leitor curioso e atento; algumas de suas páginas críticas, quando superam o anedótico e o acadêmico que em geral as viciam, não merecem o esquecimento onde jazem: leiam-se, por exemplo, os juízos sobre *Canaã* de Graça Aranha ou sobre o realismo político de Oliveira Viana [...] (Bosi, 1967, p. 145)

No artigo “Humberto de Campos e o modernismo”, publicado em *O Estado de São Paulo* de 25 de outubro de 1986, Nereu Corrêa apresenta o seguinte juízo de leitura: “Ocorrendo este ano o centenário de nascimento de Humberto de Campos, andei lendo alguns de seus livros e relendo outros, e, quanto mais o leio, mais se fortalece no meu espírito a convicção de que ele foi o maior prosador moderno da língua portuguesa da sua época.” (Corrêa, 1986, p. 7)

Na opinião de Massaud Moisés, no quarto volume de sua *História da literatura brasileira*, no capítulo “Belle Époque (1902-1922)”, a literatura de Humberto de Campos foi deixada de lado porque se revelou datada demais:

Substancialmente cronista, ou, se se quiser, jornalista, seus escassos contos ostentam a mesma fluência e simplicidade de estilo dos artigos na imprensa, que lhe granjearam vasto prestígio em vida, mas não convencem: inclinados ao alegórico, ao lendário, ou abusando do exotismo oriental, deixam transparecer um fundo livresco (talvez natural no autodidata que sempre foi), tanto mais óbvio quanto mais as crônicas brotam da experiência cotidiana, viva, pessoal, não raro dolorosa, do escritor. Entretanto, nem elas, antes pelo contrário, conseguiram impedir que a estrela do prosador maranhense tombasse no ostracismo logo após sua morte: demasiado datadas para dizer alguma coisa aos leitores de hoje; não obstante a mão de mestre que, com leveza, as burilou, pertencem,

decididamente, a um tempo para sempre sepulto nas cinzas da guerra de 1914. (Moisés, 1997, p. 237)

Em seu artigo acima mencionado, Fábio Lucas defende o seguinte parecer sobre o legado da obra de Humberto de Campos:

De sua vasta obra, temos de aproveitar, de um lado, o fator documental da época, transcrito em muitas ocasiões com verve e vivacidade, e, de outro lado, seu estilo insinuante de relatar o cotidiano nas crônicas e nas memórias. A parte propriamente “literária” de sua obra, construída para obter efeito estético, está perempta.

Fica, pois, para a consideração dos tempos modernos, o seu lado memorialístico e confessional. Como disse o memorável boêmio Paula Nei, por ele tantas vezes exaltado, “o intelectual deve cair como o sol, quando tramonta: ainda iluminando”. É dessas luzes restantes que devemos tirar a possível modernidade da vasta obra de Humberto de Campos. (Lucas, 1987, p. 12)

Para ilustrar o ocaso do escritor maranhense, cito uma passagem da entrevista que, em 1980, o poeta Carlos Drummond de Andrade concedeu à revista *Veja*:

VEJA: A posteridade o preocupa?

DRUMMOND: De maneira nenhuma, pelo contrário, não dou a mínima. Quando vejo os poetas que dominavam o Rio quando vim para cá e que hoje não têm quem reedite suas obras... Havia um escritor chamado Humberto de Campos que era o máximo – até que morreu. O Brasil inteiro acompanhou sua doença, foi uma comoção nacional. Todo mundo lia seus livros. Hoje, não há um editor que se lembre de publicar Humberto de Campos. (Drummond, 1980)

Os livros integralmente a respeito de Humberto de Campos a que tive acesso possuem algo em comum: o discurso encomiástico, de quase irrestrito elogio ao autor. Tais livros ecoam o discurso de Humberto de Campos sobre si proveniente, em especial, de *Memórias*, *Memórias inacabadas* e de algumas crônicas de sua última fase. São eles os seguintes:

Humberto de Campos e sua expressão literária (data provável: segunda metade dos anos 30 ou primeira dos anos 40), de Hermes Vieira, é um estudo da obra e da vida do escritor, as quais, aliás, tornaram-se indissociáveis, pela marcada presença desta naquela. As páginas de Hermes Vieira são repletas de adjetivos enaltecendo. Destaco, deste livro, um curioso achado: as crônicas “Hindemburgo em Tannenberg” e “Camões”, ambos do livro *Destinos...*, são poemas compostos por Humberto de Campos, que ocultou sua estrutura ao dispô-los em prosa; o primeiro deve ser lido em decassílabos e o segundo, em redondilhas maiores.

Humberto de Campos (sem data; prefácio de 1937), de Macário de Lemos Picanço, apresenta um estudo cujo modelo é similar ao do livro anterior.

Humberto de Campos (1956), de Maria de Lourdes Lebert, centra-se no percurso biográfico do autor, numa construção narrativa algo romanceada.

Humberto de Campos: um exemplo de vida (1990), de Almir de Oliveira, como indica o título, destaca a biografia do autor. Em seu estudo, Oliveira corrige dados bibliográficos relacionados ao escritor e apresenta novos documentos, em especial a respeito de sua atuação parlamentar. Além disso, noticia a produção psicográfica de Chico Xavier atribuída ao autor de *Memórias* e reproduz duas crônicas de Humberto de Campos sobre a primeira publicação do médium mineiro, as quais não constam de seus livros.

Irmão X, meu pai (1997) é o livro em que Humberto de Campos Filho focaliza a biografia de seu pai e a estende para além de 1934, ano de sua morte. Nesta segunda etapa do livro, Campos Filho historia o surgimento do nome de Humberto de Campos como autor

de livros psicografados por Chico Xavier e os desdobramentos públicos e familiares advindos dessa produção.

3. IMAGENS DE SI

Uma maneira de apresentar o escritor, com base em seus livros, é acompanhar o discurso a respeito de si e de seus textos. Como disse acima, uma boa parte do que se escreveu sobre ele foi praticamente a reprodução de um Humberto de Campos – na verdade, mais de um, visto que difundiu imagens multifacetadas de si – que ele mesmo construiu em suas páginas. Os exemplos que selecionei desse recorte dizem respeito a sua literatura e a si como leitor e como escritor.

3.1. SOBRE SUA LITERATURA

Humberto de Campos fez parte de uma geração de escritores brasileiros que, nas primeiras décadas do século passado, empregaram-se em jornais de grande circulação e desenvolveram sua literatura sob as injunções da imprensa¹⁶. Obrigado a muito escrever para cumprir suas obrigações de literato assalariado, seus textos diários eram suas mercadorias. Ele lamentava não ter podido produzir uma obra literária mais elaborada e de maior alcance artístico, a qual não estivesse fadada ao esquecimento. A respeito dessa literatura para a subsistência, eis um trecho da crônica “Uma voz na sombra”: “Como poderei escrever um romance forte, um trabalho de meditação ou de observação, se tenho de vender, a retalho, as idéias miúdas que me vêm, e se não há compradores na praça para as outras de maior porte? Que aspiração pode alimentar, ainda, um escritor, cujas ilusões caíram todas, e morreram, como pássaros, na gaiola da realidade, e que tem de ralar diariamente com o cérebro por ordem imperiosa do estômago?” (Campos, 1960d, p. 24-25)

Para dimensionar sua produção, Humberto de Campos registra, em anotação de 19 de março de 1928 do *Diário secreto*, que, num período de dez anos, escrevera mais do que o prolífico Guy de Maupassant. E comenta: “É verdade que o produto de um cérebro quase genial é diferente da obra de um escritor como eu. Mas o trabalho cerebral é o mesmo. Tanto cansa o tear que tece o fio de seda como o que trabalha com o fio de algodão.” (Campos, 1954a, p. 159)

Apesar de seus laços com a imprensa, preferia se apresentar mais como literato do que como jornalista. Na crônica “A defesa de Noé”, após mencionar algumas críticas que um grupo de escritores da nova geração lhe dirigia, segundo as quais sua literatura caíra no misticismo religioso e era contra-revolucionária, o escritor se justifica:

¹⁶ Segundo Sergio Miceli, no Brasil da Primeira República, “toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais. Os escritores profissionais viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros havia pouco importados da imprensa francesa: a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em especial, a crônica.” (Miceli, 2001, p. 17)

[...] acusar-me de misticismo religioso é dar testemunho de que nada sabe nem da minha literatura nem da minha vida. Se há um espírito livre de superstições na atualidade literária do Brasil, esse é o meu. Apenas, por educação e por princípio, não tiro Deus ao coração de ninguém. Porque tenho o meu vazio, não me considero modelo de prudência e sabedoria. Sem um templo em que me prosterne, não me sinto no direito de incendiar os altares dos que têm fé. E se não sou filósofo, aprendi, pelo menos, com os que têm esse nome, a arte de suportar a vida e as dores que ela me trouxe, e de me não supor, entre os homens ignorantes, o portador do facho de Minerva.

Não sou, evidentemente, um espírito moderno, destinado a presidir à renovação do mundo. Sou antigo e contra-revolucionário, porque não me ocupo senão da alma humana, cujas aspirações instintivas não variaram através dos séculos. (Campos, 1960k, p. 104-105)

Em anotação de 30 de julho de 1928, no *Diário secreto*, Humberto fala do plano de obra que pretendia ter realizado, que visava à poesia e à crítica, e das razões práticas que o levaram a explorar outras formas de texto:

O meu grande sonho era realizar uma obra poética uniforme e vasta, de que eram base, já, os dois volumes da “Poeira...” Ao lado dessa obra poética, viria uma obra crítica, uma série de ensaios, como os de Sainte-Beuve, Brunetière e Doumic. As obrigações de família, agravadas pelo espólio humano do meu sogro – três senhoras idosas que vieram para a minha casa desde que me casei, – fizeram-me dedicar inteiramente à imprensa, onde instituí as crônicas miúdas e humorísticas, os contos ligeiros e cotidianos, que deram popularidade ao meu nome [...] Esses livros [de contos humorísticos e os dois primeiros de crônicas] deram-me dinheiro e nomeada. Essa nomeada fez-me deputado. Tivesse eu ficado a rimar os meus versos e a escrever os meus ensaios, como era do meu programa inicial, e teria chegado onde hoje me encontro?

Deus sabe, pois, mais do que nós, o que faz a nosso respeito. E eu só tenho, por mim, que abençoar o dia em que ele, tomando-me pela orelha, e utilizando as três sogras que me deu, me fez humoristicamente mudar de caminho... (Campos, 1954a, p. 254-255)

Convém notar que o *Diário secreto* é o espaço no qual o escritor se permite destoar, muitas vezes, de seu próprio discurso em outros livros, numa atitude que realça as limitações do meio jornalístico e literário em que se encontrava. O escritor imprimiu uma tendência mais “oficial” nas crônicas e nas memórias, ao passo que, no *Diário secreto*, ele procura livrar-se de amarras relacionadas às conveniências de seu meio. No entanto, isso não impede que, também nesta obra, o autor alimente determinadas imagens de si, com vistas a oferecer, ele mesmo, suas possíveis representações para a posteridade.

Em algumas crônicas posteriores a 1928, Humberto de Campos procura difundir certo distanciamento em relação aos escritos do Conselheiro XX: “No tempo em que eu escrevia páginas mais ou menos alegres, isto é, quando a vida ainda não havia posto a sua dose de centáurea menor no meu copo [...]” (Campos, 1960j, p. 183). Outras vezes, embora com desconforto, tenta qualificar essa literatura, não como licenciosa, mas como galante:

Os dez volumes alegres que escrevi, e que formam um acervo de 1.120 pequenos contos originais ou traduzidos, não são, sem dúvida, dos mais edificantes e modelares, sob o ponto de vista moral ou, antes, da moralidade. [...] Eu tenho uma bibliografia galante, confesso; mas não tenho uma obra propositalmente imoral. Os meus miúdos contos maliciosos foram escritos para fazer sorrir a uma sociedade que conhece o pecado; mas não ensinam, eles mesmos, o pecado [...] Nas 3.690 páginas que formam esses dez volumes erradamente classificados de fesceninos, não se encontra, em suma, um só termo brutal ou vocábulo que não possa ser proferido em voz alta. O que poderia haver de inconveniente e censurável está em subentendidos, no duplo sentido das expressões, no equívoco das situações cômicas, nos atributos literários, enfim, que caracterizam a literatura galante e a distinguem da literatura licenciosa. (Campos, 1960v, p. 309-310)

Encontram-se no *Diário secreto* informações a respeito da história dos livros de Humberto de Campos – como surgiram, a recepção que obtiveram etc. – e de seu trabalho em jornais. Quanto ao próprio *Diário secreto*, o autor historia sua composição, no registro de 1º de janeiro de 1928:

É a terceira vez que inicio um diário íntimo, o registro fiel e cotidiano da minha vida e, em parte, da vida alheia. A primeira tentativa nesse sentido foi em janeiro de 1915. A segunda, em 1917. Ao encontrar, hoje, os restos de um e de outro, destroços das anotações que então fazia, lamento não os ter continuado. A culpa não foi, entretanto, minha. Tive, de então para cá, de lutar penosamente pela subsistência, mantendo-me, e a uma família numerosa, exclusivamente com o trabalho da minha pena. Os meus dias, as minhas horas, os meus minutos, passaram a ser convertidos em pão. Quem tem fome não planta árvores de luxo, que só produzem ao fim de cinco anos; planta leguminosas comuns, que frutificam em cinco semanas. Foi o que eu fiz. (Campos, 1954a, p. 84)

A origem de seu livro de contos orientais é mencionada em anotação de 28 de junho de 1934. Humberto fala da amizade que tinha com Malba Tahan – pseudônimo de Júlio César de Melo e Sousa –, conhecido autor de narrativas com temáticas orientais. E conta que, a pedido de Assis Chateaubriand, começou, ele também, a escrever contos orientais, que apareceram na imprensa. Depois, José Olympio quis editar um livro com esses contos, e foi então que surgiu *À sombra das tamareiras*. Com a publicação do livro, Malba Tahan teria rompido a amizade com Humberto, que comenta: “Por que não me preveniu ele de que havia tirado patente como produtor de contos orientais?” (Campos, 1954b, p. 453)

Em 1º de janeiro de 1933, anotou: “Publiquei um livro, *O monstro e outros contos*, que a imprensa e os críticos, em julgamento constante, consideraram a melhor das minhas obras até agora publicadas [...]” (Campos, 1954b, p. 320). Porém, entre os seus livros, o mais referido no *Diário secreto* é provavelmente *Memórias*, sobre o qual o autor reproduz

muitas das opiniões elogiosas que circularam nos meses seguintes ao lançamento do volume (1933).

Os livros *Notas de um diarista*, que têm duas séries, remetem à coluna homônima à qual Humberto de Campos se refere em anotação de 19 de outubro de 1930:

Início, sob o título geral “Notas de um diarista”, a minha colaboração diária em “O Jornal”, de Assis Chateaubriand. Trato da Revolução, confessando que a combati, e que serei contra todo movimento armado que se apresente para solução de problemas políticos.

Telefonemas, parabéns de amigos, que me saúdam pelo desassombro com que confesso a minha solidariedade com os vencidos diante dos revolucionários vitoriosos. (Campos, 1954b, p. 108)

Por causa das críticas ao novo governo, expressas nas “Notas de um diarista”, houve uma ordem de prisão contra o escritor, que não foi executada, conforme consta da anotação de 19 de março de 1931. Após essa ameaça, Assis Chateaubriand teria pedido para Humberto de Campos não mais tratar de política em suas crônicas. De fato, a oposição do escritor a Getúlio Vargas não teve maiores consequências: o político gaúcho admirava a literatura de Humberto, conhecia sua popularidade e fora informado de que ele, enfermo, estava em dificuldades financeiras. No mesmo ano, o governo o nomeou inspetor federal de ensino¹⁷; e, no final de 1933, o escritor foi nomeado diretor da Casa de Rui Barbosa. Quando o livro *Memórias* foi lançado, Humberto enviou um exemplar ao presidente com a seguinte dedicatória:

Ao eminente sr. dr. Getúlio Vargas, esta homenagem de profunda e comovida gratidão, pela generosidade carinhosa com que acompanhou, na adversidade e na doença,

¹⁷ Entre as anotações de 17 de agosto de 1931, no *Diário secreto*, encontra-se esta: “Às duas horas da tarde, uma surpresa comovedora. Entra-me em casa Gregório da Fonseca, trazendo-me o decreto que o Presidente Getúlio Vargas acaba de assinar, nomeando-me inspetor do ensino no Distrito Federal.” (Campos, 1954b, p. 166)

um pobre escritor que foi seu adversário político, e que, ao oferecer-lhe esta humilde lembrança das suas letras, pode repetir, consolado, os dois famosos versos de Luis de Góngora:

“Por tu espada y por tu trato

Me has cautivado dos veces”. (*Apud* Leão, 1941, p. 350)

Nem tudo o que escrevia era assinado. No *Diário*, porém, o escritor assume a autoria de alguns textos anônimos. Em nota de 14 de maio de 1931, revela: “Com o título *A Mentira Comunista*, foi distribuído hoje, gratuitamente, um folheto de 40 páginas, anônimo, que escrevi a pedido de Assis Chateaubriand.” (Campos, 1954b, p. 150)

Às vezes, um tema era registrado no *Diário* e tratado também em colunas jornalísticas. O primeiro estava destinado a ser publicado vinte anos após a morte do escritor; o segundo, no dia ou na semana seguinte. Em 19 de abril de 1929, Humberto de Campos anota em seu diário:

Recebo um novo livro de Coelho Neto: *Bazar*. É um punhado de crônicas de jornal, em que se seguem os lugares-comuns, se sucedem as expressões banais, os termos da gíria, as frases feitas, compondo página sem relevo, sem interesse, sem beleza. Ao ler as primeiras, apossou-se de mim uma grande tristeza, uma grande piedade, um grande dó. Lembrei-me de uma frase do Abade Brémond, e exclamei, comigo mesmo:

– Meu pobre e grande Coelho Neto! A ti, que dessedendaste de beleza tantas gerações, como custa, hoje, espremer o resto do último limão para preparar uma limonada!... (Campos, 1954a, p. 330)

Sobre esse mesmo livro de Coelho Neto, há um artigo de Humberto de Campos publicado no primeiro volume de sua *Crítica*, intitulado “O sr. Coelho Neto e o seu

estilo”¹⁸. Com digressões, situa o lugar de destaque que seu conterrâneo ocupava na literatura brasileira. No final dos anos 20, era um dos escritores mais combatidos pelos modernistas. “Sou o último heleno”, gritou Coelho Neto aos adversários. Em seu estudo, no qual subjaz a idéia de que um livro menor não comprometeria a obra de seu amigo, Humberto de Campos é muito mais delicado para aludir objeções a *Bazar*:

O novo livro do príncipe dos nossos prosadores, sem ser, assim, um documento reafirmador do seu estilo suntuoso ou, como querem outros, suntuário, difere dos demais pela vivacidade das idéias, e pela coragem com que desce a discutir assuntos vulgares e transitórios. *Bazar* é, mesmo, um livro quase político. Tem mais valor pela substância, pelas opiniões que enuncia, pelas idéias pessoais que difunde, do que pela vestimenta que lhe dá. É um retrato do sr. Coelho Neto, mas apanhando apenas meio corpo. O estilista uniforme, esse está na sua obra de ficção – nos seus romances, nos seus contos, nas suas fantasias fortes, nos cenários e acontecimentos, em suma, que se desenrolam fora da vida comum. (Campos, 1960u, p. 298-299)

¹⁸ Esse artigo de Humberto de Campos foi escrito posteriormente à mencionada anotação no *Diário secreto*. Foi publicado na página 2 do *Correio da Manhã* de 8 de maio de 1929.

3.2. HUMBERTO DE CAMPOS, LEITOR

A respeito do leitor Humberto de Campos, é ostensiva a presença das letras alheias em seus próprios textos. Algumas vezes, o escritor citava as fontes utilizadas, como em *O Brasil anedótico*, outras vezes, não as mencionava. Hermes Vieira identificou alguns textos que serviram como ponto de partida para o ficcionista: “O seu conto ‘A Noiva’, por exemplo, é filiado a um outro conto existente nas letras francesas, derivando-se, ambos, da mesma lenda oriental. Coisa semelhante acontece em relação ao seu ‘O Seringueiro’, embora o de Humberto seja muito menos fantasioso e muito mais verdadeiro que o de Lucio de Mendonça, que é, por alto, uma variante desta narrativa.” (Vieira, s/d, p. 108)

Em anotação de 28 de outubro de 1931, de *Fragmentos de um diário*, Humberto de Campos, como fizera com Maupassant, em citação acima, compara-se com os autores que estava lendo: “O navio reduz a marcha para chegar pela madrugada a Montevidéu. Dores de cabeça e perturbação visual. Mas continuo a ler, dia e noite, assim que a vista me permite. Leio Mamine Sibiriak, Andreiev, Gorki, Garchine, Tolstoi. E meu espírito se encolhe como uma formiga à passagem desses elefantes siberianos. Que músculos têm, na alma, estes gigantes!” (Campos, 1960s, p. 218-219)

O tema da leitura é bastante freqüente em seus escritos. Em 6 de março de 1928, ele escreve no *Diário secreto*: “Eu leio, é verdade; leio o mais que posso; mas, que mérito haverá nisso, se eu leio porque isso constitui a minha volúpia, o meu esporte, o único prêmio, em suma, que eu peço à vida? ‘Demandez à un prunier comment il fait des prunes!’, dizia o velho Dumas. E eu leio, e escrevo, com a naturalidade com que a ameixeira dá ameixas...” (Campos, 1954a, p. 149)

Na anotação de 30 de agosto de 1930, Humberto de Campos – como era seu costume – contabiliza suas leituras:

Pelas minhas leituras de janeiro até agora, vejo que, no ano corrente, só conseguirei ler, e anotar, cem ou, no máximo, cento e vinte volumes. Dez anos para mil ou mil e duzentas obras... E eu que tenho, só em casa, para ler ou reler, mais de dois mil volumes, isto é, leitura para vinte anos, se me não entrasse na biblioteca mais um só livro!...

Dá-me, para que eu os encha, os teus anos vazios, avô Matusalém! (Campos, 1954b, p. 56)

No livro *A vida literária no Brasil – 1900*, tratando dos novos espaços que a literatura assumia na imprensa nacional, diz Brito Broca que, no início do século XX, “a vida dos autores se tornava mais interessante do que as obras” (Broca, 1953, p. 209). Essa importância que se dava à vida dos escritores, incentivada pelo biografismo de Sainte-Beuve, aparece em textos de Humberto de Campos. No *Diário secreto*, ele explorava as relações entre supostos dados biográficos de escritores e suas obras literárias. Em 13 de março de 1928, com base em dois indícios, registra a desconfiança de que o acadêmico M. de A. [sic] fosse, na verdade, filho de Machado de Assis, e não de J. de A. [sic]. Diante dessa possibilidade, Humberto elaborou as seguintes considerações:

Mergulhei no oceano desse mistério, tateantes, as mãos do meu pensamento. *D. Casmurro* não será uma história verdadeira? Aquele amigo que trai o amigo, aquele filho que fica de uns amores clandestinos, não seriam páginas de uma autobiografia?

Guardei comigo, sempre, as indagações da minha curiosidade e as respostas do meu raciocínio. M., dotado de nervos sensibílicos, não teria sido vítima, também, do espetáculo, que tantas vezes assistiu, das crises do seu mestre?

A pesquisa, hoje, seria mais frutuosa, porém, mais irreverente. Encarreguem-se, dela, o tempo, e os sábios de amanhã. Eu, por mim, me contentarei com a convicção de que a Natureza é tão perversa como os homens, e de que se compraz, como Iago, em deixar pelo chão o lenço de Desdêmona para que Otelo desconfie da sua virtude... (Campos, 1954a, p. 154)

Ao referir-se à narrativa de *Dom Casmurro*, Humberto apresenta a leitura tradicional do romance: Bentinho, o personagem-narrador, certamente fora traído. No plano da realidade, porém, lança uma dúvida sobre a “Natureza”, humanizada e perversa, capaz de incriminar inocentes. O escritor não podia imaginar que, mais de 30 anos após esta anotação, uma nova e influente leitura de *Dom Casmurro*¹⁹ colocaria sob suspeita, não a relação entre vida e obra de Machado de Assis, mas sim o narrador de *Dom Casmurro*, lido como uma versão brasileira do *Otelo* de Shakespeare, o mesmo *Otelo* de que Humberto de Campos se servira para ilustrar os ardis que a natureza seria capaz de nos pregar.

Outro exemplo desse tipo de especulação dos bastidores literários se encontra no registro de 8 de abril de 1930, a respeito do romance *A viagem maravilhosa*, de Graça Aranha. Humberto de Campos reproduz uma conversa que teve com Paulo Bittencourt, que lhe apontou as pessoas nas quais foram baseados os personagens de um triângulo amoroso do romance.

Um tema que, relacionado à literatura, aparece em vários apontamentos do escritor é a contingência. O tempo e a experiência vão modificando seu olhar e seus gostos. No *Diário secreto*, em 17 de julho de 1928, referindo-se à *Antologia da Academia Brasileira de Letras* – livro que organizara –, ele nota:

Ao reler as primeiras páginas, em que figuram dez ou doze escritores, assinalo a modificação que se vai operando no meu paladar literário. Até há pouco tempo, agradavam-me ainda o tom eloqüente do discurso, o período farfalhante, o vocabulário sonoro e opulento. Hoje, prefiro o estilo sóbrio, claro, preciso, em que a idéia, a mais sutil, apareça logo à primeira vista como, no fundo de um riacho, um alfinete através da água transparente.

Daí o desagrado com que iniciei a revisão, e ter lido com encanto, até agora, apenas Machado de Assis e Nabuco. (Campos, 1954a, p. 226)

¹⁹ Refiro-me ao livro, publicado em 1960, *The Brazilian Othello of Machado de Assis. A Study of “Dom Casmurro”*, da norte-americana Ellen Caldwell.

À mudança de seu “paladar literário”, segue a reflexão sobre seu próprio estilo como escritor. No registro de 3 de fevereiro de 1929, do mesmo livro, ele nos oferece a descrição de sua genealogia estilística:

Eu precisava apurar, como outros apuraram a sua genealogia, as origens do meu estilo. Houve um período, aos vinte e poucos anos, em que eu me deixei arrastar pelo preciosismo bizarro de Fialho de Almeida, com intercalações de Camilo. Mais tarde, eu despi a minha prosa dos enfeites portugueses, e ornei-a com os ouropéis de Chateaubriand, cuja suntuosidade verbal me encantava como ao Rei Clóvis a ornamentação católica da igreja de Reims, no tempo de São Denis.

Pouco a pouco, porém, com a leitura de Anatole France, eu me fui despojando dos excessos de imagens e redundâncias, até adquirir o meu estilo a forma atual, em que os vocábulos sonoros não espantam nem as hipérboles atordoam o leitor.

A minha aspiração consiste, hoje, não no brilho, mas, e unicamente, na simplicidade e na elegância. (Campos, 1954a, p. 319-320)

No artigo “Poesia nacionalista”, Humberto de Campos diz concordar com a proposta do crítico Ferdinand Brunetière, que defendia a sistematização literária pelo recorte das idéias, dos livros, e não dos autores, conforme preferia Sainte-Beuve. A objeção a este último residia na contingência do autor:

Efetivamente, é mais razoável uma dinastia de obras, do que uma de autores. Um autor é, muitas vezes, multiforme, o que não sucede com o tomo que ele produz, isoladamente. Daí a maior facilidade na catalogação das idéias. Ademais, o autor é como um rio que pode, de repente, mudar a cor das águas ou a direção do curso, ou multiplicar-se na foz, esgalhando-se em delta. O livro, não. Uma vez escrito, constitui, já, uma entidade definitiva que não admite mais variações.” (Campos, 1960u, p. 192)

A substituição de uma geração literária por outra não ocorre de forma pacífica; a conquista desse espaço implica confrontos. É o que assinala Humberto de Campos em sua anotação de 9 de fevereiro de 1930: “Cada geração literária tem um ideal sacrílego. O da de Flaubert e dos Goncourt era destruir Voltaire. O da atual, aniquilar Anatole France. É a eterna guerra contra os deuses.” (Campos, 1954a, p. 13). O escritor sentia a iminente perda do espaço literário de sua geração, atacada pelos modernistas. Em seu artigo “A poesia nova”²⁰, em que analisa os livros *Circo*, de Álvaro Moreira, e *Novos poemas*, de Jorge de Lima, ele arrisca algumas previsões sobre a poesia sob os modernistas:

Do esforço dos espíritos revolucionários resultará, sem dúvida, alguma cousa. Eu acredito, por exemplo, que o soneto, – que não é, aliás, de origem clássica, mas fruto de outra revolução, – cairá em desuso; acredito que as peças poéticas em metro uniforme serão proscritas, pelo menos durante alguns decênios; acredito que a poesia objetiva, material, concreta, dos parnasianos, passe a constituir uma das províncias da prosa, e que a nova poesia seja fluida, leve, harmoniosa, recorrendo, não à descrição, mas à sugestão. Acredito, ainda, que sejam adotados ritmos novos. Não acredito, porém, que a rima seja abandonada, pois que ela é um dos atributos da harmonia. Eu acredito, em suma, que, aproveitando a lição, a poesia tradicional sofrerá modificações superficiais, continuando, todavia, o seu caminho. O que se supunha uma revolução limitar-se-á, enfim, como efeito, a uma evolução. O rio do pensamento poético terá pulado uma pedra sem, no entanto, abandonar o seu curso. (Campos, 1960v, p. 352)

Nesse artigo, Humberto de Campos trata da transição entre os padrões estéticos de sua geração e os padrões novos que os modernistas haveriam de trazer. Mas não tão novos assim, a ponto de prescindir de precursores. A nova poesia tinha seus precursores

²⁰ Publicado primeiramente, em duas partes, em sua coluna “Vida literária”, no *Correio da Manhã* de 21/8/1929 e 28/8/1929.

brasileiros, alguns dos quais eram identificados por Humberto: Juvenal Galeno e outros poetas nordestinos, cujo pendor popular era retomado por Jorge de Lima; Sousândrade, chamado pelo escritor de João Batista da poesia modernista²¹; os poetas da *belle époque* que praticavam o humorismo, tendência abraçada pelos modernistas²².

²¹ Esta referência se encontra na terceira série de *Crítica*, no artigo “Menotti Del Píccia”. Eis um trecho sobre Sousândrade: “Eu conheci, pessoalmente, esse João Batista da poesia moderna, ou melhor, modernista. Foi isso em 1901, no Maranhão, onde reinava a mais acentuada divergência em torno do homem e dos seus versos. Uns consideravam-no um gênio, e viam nas suas rimas os frutos de uma árvore nova e de aspecto desconhecido; outros, menos reverentes e contentáveis, tomavam-no por um louco, descobrindo na sua obra literária os documentos de um franco desequilíbrio”. (Campos, 1960w, p. 18-19)

²² Na avaliação de Isabel Lustosa, em seu livro *Brasil pelo método confuso*, a diferença entre o humorismo na *belle époque* e em sua versão modernista é a seguinte: a geração boêmia “era irreverente, moleque e amante da anedota. Foi ela quem fez da anedota o grande valor do Rio de Janeiro Belle Époque e quem elegeu Emílio de Meneses o seu líder. Mas a anedota, se lhe dava prestígio, não era reconhecida como um valor literário legítimo. [...] Os modernistas, ao contrário de seus precursores, tomaram a irreverência, bem como a linguagem do cotidiano, como marcas nacionais, fazendo delas elementos estéticos legitimados.” (Lustosa, 1993, p. 69)

3.3. FACES DE UM AUTOR

Em textos de Humberto de Campos posteriores a 1927, surge o tema de sua grave enfermidade. Na crônica “Aos meus amigos da Bahia”, ele noticia seus problemas de saúde e suas reações diante dessas adversidades.

Sou um homem doente, mas não estou leproso. Sou um homem pobre, mas não me encontro na miséria. Assediado por um conjunto de males que me bloquearam dentro da vida, imito a planta, que transforma em fruto o estrume que lhe põem aos pés. Vivi as horas mais terríveis que pode viver um homem, quando, em janeiro de 1928, recebi a sentença condenatória da ciência, com o diagnóstico da hipertrofia da hipófise, que se caracterizava de modo alarmante. Em meado de 1930 os efeitos dessa enfermidade se alastravam. O olho esquerdo ficou perdido, sem nenhuma lesão aparente. (Campos, 1960f, p. 270-271)

Humberto de Campos procurava demonstrar-se estóico; doente, dizia que sua disposição de espírito era a resignação. Em “A defesa de Noé”, ele escreve: “Sofro, e não me revolto. Sofro, e aceito os meus padecimentos não a título de moeda para a conquista do Paraíso, mas porque a revolta, o protesto, a indignação, de modo nenhum resolverão o problema da minha cura.” (Campos, 1960k, p. 105-106)

Seus médicos lhe recomendavam descanso ou, no mínimo, moderação no trabalho. O escritor, no entanto, dizia ser impossível deixar de trabalhar, ou mesmo diminuir sua larga atuação na imprensa. Na mencionada crônica “Aos meus amigos da Bahia”, ele escreve: “Trabalhava, e dormia, cercado de sacos de água quente, que me aliviavam os tormentos.” (Campos, 1960f, p. 271)

Seu público leitor era grande. No *Diário secreto*, em nota de 24 de fevereiro de 1933, fala de um encontro com um jornalista de São Paulo, que lhe trazia uma proposta de

José Olympio para a reedição de *Memórias*. Diz Humberto que, segundo o colega, “em um ligeiro inquérito” feito em São Paulo, “verificou-se que os escritores nacionais mais lidos ali, no jornal e no livro, são os seguintes: em 1º lugar, Humberto de Campos; em 2º lugar, Medeiros e Albuquerque; em 3º, Paulo Setúbal.” (Campos, 1954b, p. 341). Atento, o jovem editor paulista José Olympio, que viria a ser o principal editor literário do Brasil, começou a editar e reeditar, a partir de 1933, livros de Humberto de Campos. Durante cerca de dez anos, o escritor maranhense foi o *best-seller* que alavancou a iniciante Livraria José Olympio Editora²³.

Por conta de sua enorme popularidade, e porque alimentava de si uma imagem muitas vezes ambígua, Humberto era solicitado por católicos, que o incentivavam a se converter; por espíritas, que recomendavam auxílio mediúnico à sua saúde; por comunistas, que buscavam sua adesão; e por outros interessados no peso de um nome famoso para fortalecer determinada causa.

Em conversa com Edmundo Bittencourt, registrada em 31 de outubro de 1933, reproduz a fala do amigo, que se refere à influência dos seus escritos nas camadas populares: “Você tem penetrado fundo na alma e no coração do povo, que tem você como um chefe intelectual da revolução social com que ele sonha. A sua responsabilidade é cada vez maior.” (Campos, 1954b, p. 395)

A ambigüidade de seus posicionamentos, evidente ao leitor atento, é referida pelo escritor em nota de 19 de abril de 1917, no *Diário secreto*:

Eu consegui, com a minha formação literária na imprensa, uma individualidade literária que os meus amigos me vêm mostrando agora. Há, em mim, a volúpia da perfídia. Não é, propriamente, volúpia, pois que isso às vezes me desagrade a mim mesmo. A perfídia tornou-se em mim uma função, ou antes, um produto mecânico. Eu louvo, ou ataco, de tal forma, que o indivíduo alvejado não sabe se me há de mandar um agradecimento ou

²³ Ver “José Olympio” (Hallewell, 1985, p. 333-398).

um tiro. O que eu escrevo tem matéria para todas as interpretações. Ainda agora, a propósito de um artigo sobre Olegário Mariano, este se manifesta lisonjeado, ao mesmo tempo em que seus amigos se manifestam indignados comigo. É característico o que me sucedeu hoje com uma crônica sobre a guerra européia: recebi parabéns de aliadófilos e de germanófilos: cada grupo descobriu nela uma evidente manifestação a seu favor! (Campos, 1954a, p. 41-42)

Sobre seu excesso de trabalho – Humberto de Campos fazia questão de expor uma obstinação pelo trabalho –, escreveu diversos apontamentos. No mesmo livro, em anotação de 4 de janeiro de 1928, ele diz: “Trabalho com ardor como outros bebem, dançam ou fumam: porque encontro nisso o maior dos prazeres. Se tudo que se conquista com o trabalho me faltasse ao fim da vida, eu me consideraria, ainda assim, convenientemente pago com a alegria silenciosa que o trabalho me deu.” (Campos, 1954a, p. 90). Ainda no *Diário secreto*, no registro de 21 de julho de 1931, Humberto relata que passara o dia anterior escrevendo “pequenas coisas anônimas e sem encanto”, para pagar o aluguel da casa onde morava. Recebera depois, por causa de seus problemas de saúde, ordem médica para não trabalhar muito. Ele representa essa situação com a seguinte metáfora:

Sorriso. Eu sou, positivamente, um homem que vai nadando no mar alto para se salvar, e a quem gritam, de súbito:

– Não nades, desgraçado, que tu sofres do coração!

Se eu nadar, morro de uma síncope; se não nadar, morro afogado.

Continuo a nadar. (Campos, 1954a, p. 163)

No mesmo livro, quando trata de seu apego ao trabalho de escritor, em anotação de 20 de agosto de 1928, sugere contentar-se com o produto de seu ofício:

Eu me afeiçoei de tal maneira à vida de trabalho entre as quatro paredes deste gabinete, que me não posso conformar com o afastamento durante meses, semanas, ou, mesmo, alguns dias. [...]

O meu ideal seria ficar nesta colméia de manhã à noite, fabricando a cera e o mel de novos livros, e bebendo a sabedoria no caule dos livros alheios. Tudo que não seja trabalho produtivo parece-me, a mim, um roubo feito ao meu próprio tesouro, que é o tempo.

Sei eu, lá, quantas moedas de ouro, que são os anos, ou de prata, que são os meses, ou de cobre, que são os dias, restarão, ainda, no cofre da minha vida? (Campos, 1954a, p. 266)

Retrata-se, na anotação de 8 de setembro de 1928, no *Diário secreto*, como um escritor provido de uma intensa fonte de criação, referida como que dissociável de seu corpo doente:

Tenho lido e escrito muito. As idéias multiplicam-se no meu espírito, como as formigas à boca de um formigueiro alvoroçado. Tenho planos de romances, de contos, de ensaios literários, de obras de pesquisa e comentário. Trabalho dez, doze horas por dia, aos domingos e feriados, e, nos dias úteis, durante todo o tempo que os deveres políticos me dispensam. Às vezes, sinto-me fatigado, sucumbido, com vertigens e atordoamento. Mas o cérebro continua a trabalhar, ágil, fértil, disposto, como se não estivesse em contato com o resto do corpo.

É que a máquina que dá o impulso não está de acordo com o resto do aparelho, que obedece. O motor é forte mas o carro já está ficando velho... (Campos, 1954a, p. 276)

No segundo volume do mesmo diário, por sua observação de 13 de julho de 1930, em que enumera seus compromissos profissionais de escritor e de político, podemos ter uma idéia mais justa do referido excesso de trabalho do escritor.

Desde 15 de junho estou com os meus afazeres literários agravados. Tendo Medeiros e Albuquerque seguido para a Europa, “A Gazeta”, de São Paulo, pediu-me para escrever, durante a ausência daquele seu colaborador, um artigo por dia, que deve ser enviado todas as tardes. Desse artigo, devo eu tirar uma cópia para “A Tarde”, da Bahia, a qual segue por avião em duas remessas semanais. Tenho ainda, semanalmente, o meu rodapé de quase meia página no “Correio da Manhã” (crítica literária), uma crônica para O CRUZEIRO, um artiguete para o “Diário de Notícias”, de Porto Alegre, e, uma vez por outra, um conto oriental, assinado Ali Hadjala, para “O Jornal”.

E tudo isso tem sido pontualmente executado, esteja eu com saúde, ou sem ela. E, ainda por cima, as incumbências políticas, os pedidos, os telegramas, os Ministérios... (Campos, 1954b, p. 34-35)

Em seu apontamento de 2 de setembro de 1928, ele interpreta sua exaltação ao trabalho como uma forma de egoísmo. Escritor, sonhava com o reconhecimento, pensado como um meio para prolongar sua vida de autor:

A minha paixão pelo trabalho mental, a minha fome de escrever, de produzir, tem, talvez, as suas raízes mais profundas no meu egoísmo. Que pretendo eu, em verdade, ao idear uma obra vasta, uma bibliografia numerosa? Pretendo, apenas, que meu nome me sobreviva, que se fale de mim quando eu já repousar no seio da terra.

Eu me mato, pois, para dilatar a vida. Quero enganar a Morte, deixando no mundo o meu rastro, para que os estudiosos de amanhã me procurem, depois que ela me tenha levado.

Quem sabe, no entanto, se eu me não estou enganando a mim mesmo? (Campos, 1954a, p. 273)

O desejo de reconhecimento, de glória póstuma, é recorrente em suas anotações. A de 9 de novembro de 1933 registra o seguinte prognóstico: “tenho certeza absoluta de que, ao fim de cinquenta anos, não se imprimirá mais um só livro, no qual se encontre, mesmo

vagamente, citado o meu nome...” (Campos, 1954b, p. 396). A frustração por acreditar que será logo esquecido se justifica por também estar convencido de que seria capaz de escrever uma obra literária de maior magnitude, se os seus problemas de saúde não o tivessem tolhido. É o que expressa, em *Fragmentos de um diário*, na anotação de 26 de julho de 1931:

Ameaçado de cegueira, já com uma das vistas perdida e, assim, de tombar inútil precisamente quando sentia o espírito melhor provido para a realização de uma obra literária que me sobrevivesse, eu sou como um operário que passou anos inteiros a carregar o material para construção de um abrigo para os seus dias de velhice, e a quem cortam os braços no momento em que vai lançar o primeiro tijolo.

A fatalidade tapa-me os olhos no instante, precisamente, em que ia beber com eles, comovidamente, o vinho de ouro do sol... (Campos, 1960s, p. 257)

Ainda em *Fragmentos de um diário*, no registro de 21 de janeiro de 1932, volta a insistir no desejo de reconhecimento como literato e na insatisfação com o que escrevia:

Na tarde chuvosa e quieta, com as montanhas vestidas de névoa tênue, reflito sobre a inutilidade da minha vida, conseqüência da precariedade do meu esforço. Nada escrevo mais que traga o selo da durabilidade. Nem um artigo, sequer, que não esteja destinado a apodrecer no dia seguinte. Nem uma frase, ou uma imagem, que tenha recebido injeção de formol!

E eu, sem ilusões de glória, e com a angustiosa, a terrificante certeza de que não deixarei uma obra e, talvez, nem, ao menos, lembrança do meu nome, – pois que o nome é a sombra sobre a terra, de uma obra ou de um feito, e não pode deixar sombra, conseqüentemente, no solo, a árvore que não nasceu... (Campos, 1960s, p. 263-264)

No mesmo livro, em nota de 24 de janeiro de 1932, comparando-se com Camilo Castelo Branco, o escritor reluta: se seu nome não for lembrado por causa da obra que deixou, que pelo menos o seja por um outro motivo:

Relendo, hoje, as “Pasquinadas”, de Fialho de Almeida, encontro esta frase sobre Camilo, que, cego, velho e abandonado, passava alguns dias em Lisboa: “Esse rebelde, sendo o maior escritor português do nosso século, ainda achou meio de ser, também, entre os homens de gênio, o maior desgraçado!”

Eu não sou homem de gênio nem o maior escritor do Brasil. Quem sabe, porém, se me não caberá a glória, pelo menos, de ser o mais desventurado? (Campos, 1960s, p. 264)

Uma outra tentativa para promover o seu legado foi a seguinte consideração, que se encontra no prefácio de *Memórias*: “Não cheguei muito alto, de modo a ombrear com os escritores notáveis do meu país, porque vim de muito baixo. Mas percorri maior distância do que eles, porque vim de mais longe.”²⁴ (Campos, 1960q, p. 10)

Um procedimento utilizado por Humberto de Campos para alimentar determinadas avaliações de sua obra foi a reprodução, em especial no *Diário secreto*, de várias citações enaltecedoras a seu respeito. Um exemplo é sua anotação de 20 de julho de 1932, na qual expõe algumas opiniões de seus contemporâneos a respeito de sua literatura:

Dois jornais matutinos se referem, hoje, à minha pessoa: o “Diário Carioca”, em um longo artigo de Benjamim Lima, e o “Correio da Manhã”, onde Antônio Leão Veloso, tratando de autodidatas, me considera um dos documentos mais expressivos da cultura livre.

²⁴ A propósito, a seguinte observação de Sergio Miceli vai ao encontro do comentário do escritor maranhense: “os ganhos materiais e simbólicos serão distintos para um escritor que começou sua carreira como pequeno funcionário ou como vendedor (respectivamente, Hermes Fontes e Humberto de Campos), comparados aos de um escritor cuja carreira se inicia como alto funcionário ou com um mandato parlamentar (casos de José Maria Bello e Gilberto Amado).” (Miceli, 2001, p. 54)

No seu artigo de mais de meia página, Benjamim Lima, tomado de comovido entusiasmo, tem esta passagem: “De Humberto de Campos não hesito em avançar que é um dos primeiros escritores do mundo contemporâneo”. Antônio Leão Veloso considera-me “um dos maiores valores do Brasil atual”. E é de ontem, ou de anteontem, um artigo de João Ribeiro, no “Jornal do Brasil”, em que o velho mestre me considera “um dos escritores mais perfeitos que possuímos”. Tenho notícia, também, de um longo estudo encomiástico de Félix Pacheco, no “Jornal do Comércio”, na semana passada. Não o li, porém, ainda. Encerrado em casa, de onde saio apenas para ir ao médico, ignoro inteiramente o que de mim se diz e escreve. As poucas informações que me chegam são, entretanto, como se vê, confortadoras e generosas. Não posso queixar-me dos homens do meu tempo, os quais me têm dado, em verdade, nos seus julgamentos, tudo que se pode conceder, em palavras amigas, a um pobre e desventurado homem de letras. (Campos, 1954b, p. 291-292)

Outras vezes, reproduz representações de si elaboradas por outrem. É o caso de uma de suas notas de 16 de abril de 1917, em que registra um encontro que teve, na redação de *O Imparcial*, com Afrânio Peixoto, que lhe diz: “– Olhe, eu tenho vindo aqui para conhecê-lo em pessoa. O senhor é um homem a quem eu admiro e a quem eu temo. Antes: o senhor é dois homens: um, o destruidor implacável, o jornalista que mata, aniquila, destrói o adversário; outro, o poeta, o escritor, o homem de erudição. Eu quero ser amigo de ambos.” (Campos, 1954a, p. 38)

Referi-me acima a uma tendência mais “oficial” que o escritor empregou em alguns de seus textos, para se representar aos seus contemporâneos. Os dois resultados mais eficientes, nesse sentido, foram os livros *Memórias* e *Memórias inacabadas*. Este segundo é uma continuação do primeiro; neles, o escritor narra sua infância e o início de sua adolescência, destacando que suas condições de vida e os pontos de partida de sua formação eram bastante desfavoráveis para que tivesse um bom futuro. O destino – que foi, aliás, um dos temas preferidos de Humberto de Campos – preenche lacunas explicativas que surgem em sua narrativa autobiográfica, ainda que ele atribua ao seu próprio esforço uma boa dose de sua ascensão social. No prefácio de *Memórias*, o escritor expõe sua

trajetória como exemplar; fala de sua história de vida como “uma lição de coragem aos tímidos, de audácia aos pobres, de esperança aos desenganados, e, dessa maneira, um roteiro útil à mocidade que a manuseie.” (Campos, 1960q, p. 8).

O seguinte trecho, de *Memórias*, é um bom exemplo dessa faceta modelar construída pelo autor: “Senhoras de Parnaíba, então jovens, hoje matronas, tiveram, há trinta e três anos, a perna moça, e morena, comprimida por meias de dois fios, ou de um só, fabricadas por esta mão que devia, mais tarde, escrever livros alegres ou tristes, legislar para o seu país, e segurar, enluvada, por benignidade do Destino, o punho de ouro de um espadim acadêmico!” (Campos, 1960q, p. 372)

Entretanto, muitas anotações do *Diário secreto* – que, numa linguagem em geral mais direta e despojada, difunde outras faces de si – subvertem esse tom elevado e honroso às instituições políticas e literárias daquela época. Esse contraste evidencia o caráter circunstancial e conveniente dos escritos sobre si de Humberto de Campos. No *Diário secreto*, a ABL e os acadêmicos, por exemplo, são tratados diversas vezes de forma jocosa e caricata. Embora prevaleça o discurso sobre si nos livros *Memórias* e *Diário secreto*, Humberto de Campos os concebeu com vistas a diferentes demandas. O primeiro, que enfoca sua infância, oferece a seus contemporâneos uma imagem daquele que, contrariando as tendências de sua condição social, tornou-se um influente intelectual brasileiro. O segundo, menos romanceado e elaborado para divulgação póstuma, apresenta, além de anotações a respeito de sua vida privada, um ponto de vista sobre a vida literária e política dos anos 20 e 30.

4. LIVROS DE HUMBERTO DE CAMPOS

Títulos, editoras e datas das primeiras edições²⁵:

Poesia:

Poeira... (1ª série). Porto: Magalhães e Moniz, 1910.

Poeira... (2ª série). Porto: Litter e Typographica, 1917.

Poesias completas. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

Crônica:

Da seara de Booz. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro e Maurillo, 1918.

Mealheiro de Agripa. [S.I.: s.n.], 1921.

Os párias. São Paulo: José Olympio, 1933.

Lagartas e libélulas. Rio de Janeiro: Marisa, 1933.

Sombras que sofrem. São Paulo: José Olympio, 1934.

Destinos... Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

Sepultando os meus mortos. [S.I.: s.n.], 1935.

²⁵ As informações referentes às editoras das primeiras edições provêm, principalmente, da biblioteca digital NUPILL (UFSC): <http://www.nupill.org/> (autor: Humberto de Campos). As referentes às datas das primeiras edições têm como fontes, além do NUPILL, Reis, 1986, e Oliveira, 1990. A abreviação, entre colchetes, [S.I.: s.n.] refere-se à ausência de informações sobre o local e a editora que publicou a primeira edição do livro.

Notas de um diarista (1ª série). Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

Reminiscências... Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

Um sonho de pobre. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

Notas de um diarista (2ª série). Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

Contrastes. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

Perfis (1ª série). Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

Perfis (2ª série). Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

Últimas crônicas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

Fatos e feitos. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1949.

Contos da série Conselheiro XX:

Vale de Josaphat. [S.I.: s.n.], 1918.

Tonel de Diógenes. [S.I.: s.n.], 1920.

A serpente de bronze. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1921.

Gansos do capitólio. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.

A bacia de Pilatos. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923.

A funda de Davi. [S.I.: s.n.], 1924.

Grãos de mostarda. [S.I.: s.n.], 1925.

Pombos de Maomé. [S.I.: s.n.], 1925.

Antologia dos humoristas galantes. [S.I.: s.n.], 1926.

O arco de Esopo. [S.I.: s.n.], 1926.

Alcova e salão. [S.I.: s.n.], 1927.

Crítica literária:

Carvalhos e roseiras. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1923.

Crítica (1ª série). Rio de Janeiro: Marisa, 1933.

Crítica (2ª série). Rio de Janeiro: Marisa, 1933.

Crítica (3ª série). Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

Crítica (4ª série). Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

Antologias históricas e literárias organizadas pelo autor:

O Brasil anedótico. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1927.

Antologia da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1928.

O conceito e a imagem na poesia brasileira. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1929.

Contos:

O monstro e outros contos. Rio de Janeiro: Marisa: 1932.

À sombra das tamareiras. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

Literatura infantil:

Histórias maravilhosas. Rio de Janeiro: Biblioteca Infantil d'O Tico-tico, 1933.

Memorialística:

Memórias. Rio de Janeiro: Marisa, 1933.

Memórias inacabadas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

Fragmentos de um diário. [S.I.: s.n.], 1939.

Diário secreto (dois volumes). Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1954.

II. HUMBERTO DE CAMPOS NAS PÁGINAS DE CHICO XAVIER

1. PRIMEIRAS ANOTAÇÕES SOBRE A SÉRIE MEDIÚNICA

Sobre Francisco Cândido Xavier (1910-2002), mais conhecido como Chico Xavier, existem atualmente centenas de livros²⁶, revistas, DVDs que registram traços de sua história. Nos últimos anos, embora em pequena escala, ele vem sendo estudado em algumas pesquisas acadêmicas²⁷. Sua singular atuação como médium espírita, ao longo de 70 anos, transformou-o numa das personalidades mais populares do Brasil do século XX. Principal expoente do espiritismo brasileiro, publicou cerca de 400 livros, que foram atribuídos a centenas de autores “mortos”. Em 1981, concorreu ao Prêmio Nobel da Paz.

Nasceu em 2 de abril de 1910, em Pedro Leopoldo, pequena cidade de Minas Gerais próxima de Belo Horizonte. Seus pais – João Cândido, vendedor de bilhetes de loteria, e Maria João de Deus, dona-de-casa e lavadeira – tiveram nove filhos. A mãe de Chico Xavier morreu quando ele tinha cinco anos. A perda provocou a distribuição dos filhos a parentes e a amigos, porque, sem a esposa, João Cândido não tinha condições de criá-los. O menino, então, passou dois anos sob os cuidados de sua madrinha, período durante o qual, ele conta, começou a ver o espírito de sua mãe, com quem conversava. “No quintal da casa em que eu morava, via freqüentemente minha mãe desencarnada em 1915 e outros Espíritos, mas as pessoas que me cercavam então não conseguiam compreender minhas visões e notícias e acreditavam francamente que eu estivesse mentindo ou que estivesse sob perturbação mental.”²⁸ (*Apud* Barbosa, 1997, p. 26-27)

²⁶ Ver, entre outros, Barbosa, 1997; Souto Maior, 2003; Machado, 2006.

²⁷ Ver Aubrée e Laplantine, 1990; Lewgoy, 2000, 2004; Lignani, 2000; Fernandes, 2001; Rocha, 2001; Stoll, 2003.

²⁸ Passagem de entrevista concedida em 1967.

João Cândido casou-se novamente, em 1917; sua esposa exigiu que os filhos dele voltassem para a casa, que mais tarde receberia seis novas crianças do casal. Com nove anos, Chico Xavier ingressou na escola primária, onde também relatava manter contato com pessoas vistas somente por ele; por isso, era chacoteado pelos colegas. “Desde muito cedo, na atual reencarnação, achei-me diante dos amigos desencarnados. Muitas vezes em aula, quando criança, ouvia vozes dos espíritos ou sentia mãos sobre as minhas, mãos que eu sentia vivas, guiando meus movimentos de escrita, sem que os outros as vissem. Isso me criava muitos constrangimentos.”²⁹ (*Apud* Barbosa, 1997, p. 14-15).

Em casa, seu alegado convívio com os mortos não era bem recebido: sua família era católica; contrariado com as afirmações do filho, João Cândido cogitava interná-lo num sanatório. Porém, o padre Sebastião Scarzelli, com quem Chico Xavier se confessava, interveio; além das penitências que prescrevia ao garoto, explicou a sua família que Chico Xavier fantasiava e que duas medidas deveriam ser tomadas: deixá-lo longe de livros, jornais e revistas³⁰, provável fonte de suas criações mentais, e ocupar-lhe o tempo livre com um emprego. A recomendação foi cumprida: o pai armou uma fogueira onde queimou as folhas impressas, e, aos dez anos, o garoto conseguiu um emprego na fábrica de tecidos da cidade. De manhã, freqüentava a escola; das 15h à uma da manhã, era servente de fição, num ambiente de trabalho insalubre que lhe provocou problemas pulmonares.

Concluiu o curso primário em 1923, encerrando sua experiência escolar. Pouco depois, mudou de emprego: assumiu a função de servente de cozinha no “Bar do Dove”, onde trabalhava das 7h às 20h. Aos 15 anos, trocou novamente de serviço: tornou-se balconista de um pequeno armazém, onde cumpria um expediente similar ao de sua ocupação anterior. No armazém, trabalhou por cerca de dez anos. Em 1933, começou a

²⁹ Trecho de entrevista concedida em 1967.

³⁰ Apesar de seu restrito acesso à cultura letrada na juventude, Chico Xavier demonstrava grande interesse pela leitura e pela literatura (cf. Barbosa, 1997; Fernandes, 2001). Quanto a seus eventuais conhecimentos dos escritos de Humberto de Campos, perguntei a Elias Barbosa, que foi amigo do médium mineiro, em entrevista por *e-mail* em abril de 2006: “Chico Xavier era leitor de Humberto de Campos?” Ele respondeu: “Não. [...] Em 1935, o próprio repórter Clementino de Alencar, que o jornal *O Globo* mandou para seguir os passos de Chico Xavier em Pedro Leopoldo, verificou que não existia nenhum livro de Humberto de Campos, ou mesmo uma enciclopédia sequer, na casa do médium.”

trabalhar como auxiliar de serviço na Fazenda Modelo, pertencente ao Ministério da Agricultura³¹, do qual foi funcionário até 1961, quando se aposentou como escriturário.

O motivo que levou Chico Xavier a se afastar do catolicismo decorreu da doença que acometeu uma de suas irmãs, em 1927; ela tinha sintomas de perturbação mental e os médicos não conseguiram curá-la. A família, então, pediu ajuda a um casal de espíritas, que a socorreu. O sucesso da intervenção despertou o interesse de Chico Xavier e de alguns familiares pelo espiritismo. No mesmo ano, fundaram o centro espírita Luiz Gonzaga, o primeiro da cidade. O rapaz gostou da mudança, pois, naquele novo espaço, suas relações com o invisível passaram a ser aceitas e, com base na teoria de Allan Kardec, foram compreendidas como mediunidade. Aos 17 anos, começou a praticar a psicografia. “Quando escrevo psicograficamente, vejo, ouço e sinto o Espírito desencarnado que está trabalhando, por meu braço, e, muitas vezes, registro a presença do comunicante sem tomar qualquer conhecimento da matéria sobre a qual está ele escrevendo.”³² (*Apud* Barbosa, 1997, p. 121)

Em 1931, segundo seus relatos, houve um importante encontro: surgiu-lhe um espírito, chamado Emmanuel, que se propôs a orientar seus trabalhos mediúnicos, caso ele consentisse e se compromettesse a ser extremamente disciplinado. O acordo foi feito. No ano seguinte, já com dezenas de poemas atribuídos a célebres poetas de língua portuguesa, Chico Xavier apresentou o trabalho à Federação Espírita Brasileira (FEB), que publicou seu primeiro livro: *Parnaso de além-túmulo*.

Humberto de Campos tomou conhecimento de Chico Xavier em 1932, ano em que escreveu duas crônicas a respeito de *Parnaso de além-túmulo*. Foram publicadas na primeira página do *Diário Carioca*: “Poetas do outro mundo”³³, no dia 10 de julho, e, dois

³¹ Entre 1933 e 1935, embora seu principal emprego fosse na Fazenda Modelo, ele ainda prestava serviços no armazém (Barbosa, 1997).

³² Resposta de Chico Xavier à seguinte pergunta: “Conscientemente, como registra o fenômeno da psicografia?”, em entrevista concedida em 1967.

³³ Eis uma passagem dessa crônica: “O primeiro pensamento que assalta o leitor, antes de examinar o merecimento literário da obra, é a idéia de que, nem no outro mundo, estará livre dos poetas. A

dias depois, “Como cantam os mortos”³⁴. Nelas, ressaltava que traços característicos dos poetas apareciam nos versos mediúnicos e, com uma ironia que lhe era típica, lamentava a idéia de que, *post-mortem*, continuassem a poetar, e de um modo muito semelhante a como escreviam em vida, o que não seria uma grata revelação³⁵. O cronista morreu em dezembro de 1934.

Em fevereiro de 1935³⁶, Chico Xavier sonhou com Humberto de Campos. Relatou seu sonho em carta de 30 de março de 1935, dirigida a Manuel Quintão – um dos principais responsáveis pela primeira aceitação dos escritos do médium mineiro pela FEB.

Não sei se o amigo recebeu a minha última carta, mas, mesmo sem saber se o estou aborrecendo, envio-lhe outra, acompanhada de duas produções mediúnicas recebidas por mim nesta semana. Peço-lhe a sua opinião muito franca sobre elas, desejando que me escreva em breves dias. Há mais de um mês tive um sonho engraçado. Sonhei que uma pessoa me apresentou Humberto de Campos, num lugar de céu muito azul e brilhante e no chão havia uma espécie de vegetação que não me deixava ver a terra. Não vi casa alguma. O que me impressionou mais é que as pessoas que eu via estavam sob uma árvore muito grande e tão branca que, quando o sol batia nas suas frondes de folhas muito delgadas, parecia uma grande árvore de cristal. Ele veio então ao meu lado e me estendeu a mão com bondade, dizendo: “Você é o menino do Parnaso?” Disse-me mais coisas das quais não me posso recordar.

poesia é uma predestinação de tal modo fatal, irremediável, que a vítima não se livra dessa maldição nem, mesmo, depois da morte.” (Campos, 1932a)

³⁴ Dessa outra, eis o último parágrafo: “O *Parnaso de Além-Túmulo* merece, como se vê, a atenção dos estudiosos, que poderão dizer o que há, nele, de sobrenatural ou de mistificação. No primeiro caso, o outro mundo deve ser insuportável, com os poetas que lá se acham. E pior será, ainda, se houver, também, por lá, declamadoras...” (Campos, 1932b)

³⁵ As objeções de Humberto de Campos ao livro de poemas psicografados foram rebatidas no texto mediúnico “Aos críticos do ‘Parnaso de além-túmulo’”, escrito por Chico Xavier e atribuído a Eça de Queirós (cf. Xavier, 1933).

³⁶ Também em 1935, foi publicado o segundo livro de Chico Xavier, *Cartas de uma morta*, atribuído a Maria João de Deus, sua mãe.

Que diz o amigo de tudo isto? Seria a minha imaginação? Não sei. Em todo o caso, mando estas páginas para o senhor ler. Estão certas as citações? (*Apud* Barbosa, 1997, p. 39)

Essas duas produções enviadas a Quintão eram, provavelmente, os primeiros textos de Chico Xavier atribuídos a Humberto de Campos, visto que “A palavra dos ‘mortos’”³⁷ e “De um casarão de outro mundo” são datados de 27 de março de 1935, e “Carta aos que ficaram”, de 28 de março de 1935. Portanto, o intervalo entre a morte do escritor e o início dos textos mediúnicos a ele atribuídos foi de quase quatro meses.

De Pedro Leopoldo, Chico Xavier enviava seus textos ao Rio de Janeiro. Grande parte da série Humberto de Campos foi publicada primeiramente no *Reformador*³⁸ – revista da FEB, fundada em 1883 – e, depois, em livros: *Crônicas de além-túmulo*, em 1937; *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, em 1938; *Novas mensagens*, em 1940; *Boa nova*, em 1941; *Reportagens de além-túmulo*, o último atribuído a Humberto de Campos, em 1943; *Lázaro redivivo*, o primeiro assinado por Irmão X³⁹, em 1945; *Luz acima*, em 1948; *Pontos e contos*, em 1951; *Contos e apólogos*, em 1958; *Contos desta e doutra vida*, em 1964; *Cartas e crônicas*, em 1966; e *Estante da vida*, em 1969.

Os livros de Chico Xavier têm grande circulação no Brasil desde os anos 30, quando começaram a ser publicados. É o que registra, por exemplo, o escritor R. Magalhães Júnior, no seguinte trecho de seu artigo publicado no jornal *A Noite* de 24 de maio de 1944:

[...] a verdade é que esses livros têm público numeroso. E deles se tiram edições sucessivas, que talvez não cheguem a alcançar alguns dos editados por José Olímpio,

³⁷ A data atribuída ao prefácio do livro *Palavras do infinito* gera dúvida, uma vez que apenas uma pequena parte do livro é anterior a 27 de março de 1935, e o prefácio se refere, supostamente, a um material que já estaria pronto.

³⁸ Sobre o surgimento da revista *Reformador* e o contexto em que ocorreu, ver Giumbelli, 1997.

³⁹ Como veremos adiante, por causa de um problema judicial, em 1944, o nome Humberto de Campos foi substituído pelo nome Irmão X, no prosseguimento da série mediúnica.

embora este livreiro seja um dos campeões dos *best sellers* nacionais. Não os lêem os literatos, nem os eruditos, mas o povo os devora. Mesmo pessoas que se dizem católicas – e quantas conheço nesse rol! – consomem essa literatura espírita. Os livros atribuídos a Humberto de Campos têm sido um verdadeiro sucesso de livraria, vendendo-se hoje por todo o Brasil. Os poemas assinados por poetas do Além e ditados ao médium Chico Xavier encontram público tão grande quanto as *Espumas Flutuantes*, de Castro Alves, ou os *Cantos do Exílio*, de Gonçalves Dias. Ou maior, talvez. [...] (*Apud* Timponi, 1978, p. 84)

Inexistem pesquisas sobre o perfil dos leitores de livros mediúnicos, que poderiam ser confrontadas com as conjecturas de Magalhães Júnior. Atualmente (2008), centenas de títulos de Chico Xavier continuam sendo reeditados e tendo alta circulação. Sua obra de maior sucesso de livraria, *Nosso lar*, atribuída a André Luiz, já superou a tiragem de 1,5 milhão de exemplares. Quanto à série Humberto de Campos/Irmão X, os três volumes mais vendidos são: *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* (294 mil exemplares); *Boa nova* (251 mil exemplares); *Crônicas de além-túmulo* (100 mil exemplares). A soma das tiragens de todos os livros da série ultrapassa 1,3 milhão de exemplares, cifra que, provavelmente, supera o número de exemplares vendidos dos livros de Humberto de Campos.

2. COMPLICAÇÕES DE UMA ESTRANHA AUTORIA

No livro *O miolo e o pão*, o crítico Roberto Acízelo de Souza observa que o estabelecimento dos textos de Humberto de Campos, com algum rigor, exigiria dos críticos textuais um longo trabalho, visto que as muitas edições de seus livros são verdadeiramente deficientes nesse aspecto. Após explicar três problemas das edições, expõe um último item, que diz respeito aos livros de Chico Xavier a que vimos nos referindo:

[...] a obra do escritor maranhense, já por si tão extensa, por artes mediúnicas teria o seu *corpus* acrescido de mais algumas dezenas de livros⁴⁰, psicografados pelo famoso Chico Xavier! Os organizadores deste volume não chegaram a estudar esse aspecto por assim dizer desencarnado do espólio literário de Humberto de Campos. (In: Reis, 1986, p. 19)

Sobressai-se, neste trecho de um texto acadêmico, o componente inusitado da idéia de uma autoria mediúnica, e isso permite a mudança do tom do estudo, antes formal, agora menos, ao aludir a uma ampliação, por meio de Chico Xavier, da já extensa obra de Humberto de Campos. A estranheza suscitada pela autoria desses textos psicografados produziu diversas e contrastantes leituras. Apresento a seguir uma amostra dessas opiniões.

O já referido colunista literário Eloy Pontes, em “Crônicas de além-túmulo”, publicado em *O Globo* de 12 de abril de 1935, comenta o primeiro texto mediúnico atribuído a Humberto de Campos, que fora divulgado onze dias antes pelo *Reformador*. Esse artigo exemplifica a leitura que entende os escritos psicografados como pastiches, imitações de estilo.

⁴⁰ Houve aí um exagero numérico, uma vez que essa produção não chega a duas dezenas de livros.

Há tempos teve enorme voga na França a literatura de “pastiche”. A série de volumes *À la manière de...*, em que se macaqueavam estilos de prosadores e poetas, revelou formas de inteligência muito curiosas. Os mais notáveis escritores eram imitados com perfeição desconcertante. Todos os estilos têm estigmas e tiques, que caracterizam os autores. Os pastiches, por isso mesmo, exigem longos estudos. Entre nós o gênero passou a ser explorado pelo espiritismo com extraordinária segurança e sucesso muito justo. Foi o médium português Fernando de Lacerda⁴¹ quem propagou o gênero aqui. Hoje em dia outros médiuns seguem os seus passos, alguns com talento digno de nota. Há tempos foi publicado um volume curiosíssimo de Guerra Junqueiro, colhido pelas antenas mediúnicas duma mulher do Pará⁴², que o prefácio afirma ser analfabeta. Os poemas do volume, pastichados da *Velhice do Padre Eterno*, eram Guerra Junqueiro puro. Depois tivemos versos de Hermes Fontes, mas já sem o mesmo talento. Mas não faz meses ainda, apareceu Victor Hugo, psicografado pela Sra. Zilda Gama⁴³, escritora de talento, com perfeição... Os técnicos do *À la manière de...* se vão aperfeiçoando de modo curiosíssimo. Ainda agora aqui temos uma crônica de Humberto de Campos⁴⁴, mandada do além-túmulo, por intermédio de um “caixeiro de venda”, psicógrafo hábil, que a recolheu em transe. O pastiche é perfeito. Todas as niquices, todos os clichês, todos os estigmas, todas as características do estilo daquele escritor se encontram aqui. Narra ele coisas pitorescas de além-túmulo, com aquela ironia procurada de sempre, não se esquecendo nem mesmo de nos dar conta dum encontro com Emílio de Menezes, que conserva o ventre, os hábitos e o sarcasmo. O gênero literário poderá ser explorado com proveito. Veja-se este lance: “Não trago do mundo, Senhor, nenhuma oferenda para a tua grandeza! Não possuo senão o coração, exausto de sentir e bater, como um vaso de iniquidades. Mas, no dia em que te lembrares do mísero pecador, que te contempla no teu doce mistério, como lâmpada de luz eterna, em torno da qual bailam os sóis como pirilampos acesos dentro da noite, fecha os

⁴¹ As obras mediúnicas *Do país da luz* (4 volumes) e *Eça de Queirós, póstumo*, de Fernando de Lacerda e Chico Xavier, continuam sendo publicadas pela FEB.

⁴² Refere-se ao livro *Os funerais da Santa Sé*, escrito pela médium América Delgado, ainda publicado pela FEB.

⁴³ A FEB ainda publica cinco romances de Zilda Gama atribuídos a Victor Hugo.

⁴⁴ Refere-se à crônica “De um casarão do outro mundo”, que faz parte do livro *Crônicas de além-túmulo* (por sinal, título idêntico ao do artigo de Eloy Pontes, anterior ao livro).

teus olhos misericordiosos para as minhas fraquezas e deixa cair nesse vaso imundo uma raiz de açucenas. Então, Senhor, como já puseste lume nos meus olhos, que ainda choram, plantarás o lírio da paz no meu coração, que ainda sofre e ainda ama.” O livre Sr. José Olympio, que é assim uma espécie de proprietário feroz das glórias póstumas de Humberto de Campos, poderia bem explorar o “caixeiro de venda”, que tão enfronhado se mostra no gênero de imitar estilos mortos... (*Apud Reformador*, 1º de maio de 1935, p. 213)

Eloy Pontes é peremptório: a literatura mediúnica resulta da prática do pastiche, com a diferença de que, nessa nova modalidade espírita de imitação, o narrador se encontra no além-túmulo. Desse modo, as informações a respeito dos médiuns, fornecidas pelas editoras e referidas pelo colunista, seriam ou irônicas ou falsas. Note-se, portanto, que Pontes avalia aspectos intrínsecos da crônica atribuída a Humberto de Campos (os conteúdos, a construção textual, as semelhanças literárias) e infere procedimentos a ela extrínsecos⁴⁵, relacionados à gênese da criação literária (o modo como Chico Xavier e outros médiuns compuseram os textos: por pastiche).

Essa distinção, de caráter didático, é importante para percebermos dois níveis de contato do leitor com o texto, que, embora não sejam estanques, pois se inter-relacionam, muitas vezes passam despercebidos. O primeiro nível se limita à leitura e interpretação do texto, incluindo a relação deste com outros textos; o segundo nível envolve uma inferência baseada na concepção de realidade do leitor, quando este se propõe a responder à seguinte questão: *quem* concebeu o texto? *Grosso modo*, essa leitura em dois níveis funciona da seguinte forma: suponhamos que alguns leitores julguem que determinado texto, apresentado como mediúnico e atribuído a um literato conhecido, satisfaz a uma expectativa de autoria (**nível 1**). Um outro passo, quando os leitores supostos se propõem a discutir a gênese desse texto, diz respeito à leitura de mundo por ele suscitada (**nível 2**). Para o leitor que não admite a possibilidade de uma mente, após a morte do corpo que a encapsulava, voltar a escrever, mediunicamente, será forçoso, se quiser entrar no mérito

⁴⁵ Esta distinção entre aspectos literários extrínsecos e intrínsecos é uma aplicação que faço com base em Wellek e Warren (1966).

desse segundo nível, sustentar uma leitura semelhante à de Eloy Pontes, se supuser que o texto foi conscientemente elaborado por Chico Xavier. Por sua vez, o leitor que não descarta outras possibilidades explicativas preencherá o segundo nível de sua leitura também conforme sua concepção de realidade: a autoria, neste caso, poderá ser atribuída ao espírito do escritor morto; ao inconsciente do médium; a um milagre; ao diabo etc. Os próximos exemplos deixam clara essa distinção.

No artigo “XXXI” (sobre *Fragmentos de um diário*), do escritor Eduardo Frieiro, existe um pequeno comentário a respeito da produção de Chico Xavier atribuída a Humberto de Campos. É o último parágrafo do texto: “Nestes *Fragmentos de um Diário* encontra-se o mesmo acabado artista da prosa, tão invejado por muitos, até o dia em que o moço roceiro Chico Xavier, humilde cultor da literatura de além-túmulo, mostrou que não era difícil pastichá-lo.” (Frieiro, 1955, p. 285)

A idéia do pastiche (nível 2), aqui, tem um desdobramento que modifica o olhar de Frieiro para a própria obra de Humberto de Campos (nível 1), a qual, ao contrário do que muitos pensavam, seria bem facilmente apreensível e imitável, uma vez que não só reaparecia na “literatura de além-túmulo”, mas pelas mãos do “roceiro” Chico Xavier. Em vez de dar crédito ao talento do “caipira”, como o fez Eloy Pontes, Frieiro preferiu desqualificar o de Humberto. A obra deste tem seu valor diminuído em decorrência de uma convicção do comentador – a de que Chico Xavier é um pastichador e só é capaz de imitar obras pouco sofisticadas⁴⁶. Este é um bom exemplo para percebermos como a mundividência de um leitor (nível 2) pode definir o seu juízo sobre uma obra (nível 1).

O escritor R. Magalhães Júnior também comentou a produção mediúnica de Chico Xavier, em artigo publicado no jornal *A Noite* de 14 de agosto de 1944. A propósito, diversas matérias sobre este tema foram veiculadas pela grande imprensa em 1944, ano em que Chico Xavier foi processado pela família de Humberto de Campos. Consideremos o seguinte trecho do texto de Magalhães Júnior:

⁴⁶ Como a noção de autor está diretamente ligada à noção de obra (o autor existe em função de sua obra), é fácil perceber o conflito que geravam as supostas extensões mediúnicas da obra de Humberto de Campos, considerada devidamente concluída por causa da morte do autor.

Quem leia durante sessenta dias, noite e dia, dia e noite, apenas Euclides da Cunha, escreverá no estilo de Euclides sem notável esforço, sem fazer uma ginástica mental muito dura. A mesma coisa acontece com quem leia Machado de Assis, com quem leia Castro Alves. Quanto mais pessoal for o escritor, tanto mais facilmente ele poderá ser imitado. Mas a imitação exige, sem dúvida, qualidades de inteligência, um bom fundo de cultura, lógica na escolha dos assuntos e na exposição das idéias, em suma, uma certa consciência dos valores literários – e digo isto falando apenas na imitação intencional, que se argüi contra o Sr. Francisco Cândido Xavier, aliás Chico Xavier. E por essas mesmas razões declaro que, se Chico Xavier é um embusteiro, é um embusteiro de talento. Para um homem que fez apenas o curso primário, sua riqueza vocabular é surpreendente. Sua facilidade de imitar seria um dom excepcionalíssimo, porque ele não imita apenas Humberto de Campos, mas Antero de Quental, Alphonsus de Guimarães, Artur Azevedo, Antonio Nobre, etc. [...]

Quem negar Chico Xavier como médium estará fazendo o seu elogio como pastichador. (*Apud* Timponi, 1978, p. 340-341)

Até a data deste artigo, Chico Xavier publicara 20 livros. Destes, Magalhães Júnior levava em conta a série Humberto de Campos e o *Parnaso de além-túmulo*, cujos textos são atribuídos a escritores conhecidos da literatura de língua portuguesa. Na passagem acima, o crítico explica como a imitação literária intencional costuma ser feita, para depois expor seu estranhamento com relação aos escritos de Chico Xavier, os quais não obedeceriam aos padrões do pastiche comum. Note-se que Magalhães Júnior, ao ratificar a peculiaridade daquela literatura, evita uma conclusão definitiva sobre a gênese dos textos (nível 2): Chico Xavier poderá ser entendido ou como médium ou como pastichador; neste último caso, seria um embusteiro (enganador) de talento. Embusteiro se, na verdade, fosse um imitador de estilos, visto que ele sustentava que era médium, e não pastichador⁴⁷.

⁴⁷ As alternativas que viam Chico Xavier ou como médium ou como pastichador eram recorrentes. O escritor Monteiro Lobato, por exemplo, disse em entrevista: “Se o homem [Chico Xavier] realmente produziu por conta própria tudo o que vem no ‘Parnaso’, então ele pode estar em qualquer Academia, ocupando quantas cadeiras quiser...” (Lobato, 1964, p. 200).

As convicções pessoais ocupam um eixo central nas polêmicas sobre *quem* concebia os textos escritos por Chico Xavier. O crítico Osório Borba, por exemplo, insurgia-se contra essas produções. Em 22 de junho de 1944, ele publicou no jornal *Tribuna* o artigo “Os defuntos escrevem mal”⁴⁸, no qual expunha lapsos em poemas mediúnicos de Chico Xavier. Certo dia, foi a uma sessão espírita pública, em Pedro Leopoldo, para observar como o médium escrevia. Após a reunião, conheceram-se pessoalmente. Em entrevista, Chico Xavier lembrou este encontro nos seguintes termos:

[Osório Borba] Falou-me com bondade que continuava não acreditando que os Espíritos escrevessem por mim e que toda a produção que eu alegava receber do Mundo Espiritual era coisa minha mesmo. Mas me disse que acreditava em minha sinceridade e que eu não enganava os outros porque desejasse, mas sim porque eu era vítima de fenômenos ainda pouco estudados. Não concordei com ele, mas fiquei alegre pelo fato dele reconhecer a minha fé sincera e viva nos mensageiros do Mundo Espiritual. [...] Emmanuel, há muito tempo, já me ensinou que cada um de nós tem o direito de crer ou de não crer nisso ou naquilo. O Sr. Osório Borba tinha o direito de não acreditar em mim, como eu também, segundo creio, tenho o direito de acreditar nos espíritos que se comunicam por meu intermédio. (Barbosa, 1997, p. 40-41)

Na suposição de Osório Borba, de acordo com as considerações acima, Chico Xavier era vítima de “fenômenos ainda pouco estudados”, mas sem relação com espíritos. Vimos que esse tipo de discussão (de nível 2) envolve as diferentes concepções de realidade abraçadas pelos leitores. E os comentários de Chico Xavier colocam à tona um dos problemas instalados por seus textos: ao contrário do senso comum, os verbos *crer* e *acreditar* eram válidos não apenas a uma noção de realidade segundo a qual a comunicação entre vivos e mortos era ostensiva, mas também à noção de que tal intercâmbio era inexistente.

⁴⁸ Este artigo de Osório Borba foi comentado por Carlos Imbassahy no *Reformador* de novembro de 1944.

O professor de psiquiatria J. Melo Teixeira, que acompanhara o *modus operandi* do médium, interessava-se pelo fenômeno. Suas opiniões sobre os escritos de Chico Xavier atribuídos a escritores famosos foram publicadas no *Diário da Tarde* (Belo Horizonte) de 28 de julho de 1944.

Fazer “pastiche”, imitar o estilo de prosadores e poetas – “à la manière de” – depende de pendor e jeito especiais, exige prévia e diuturna leitura dos autores a imitar; paciente esforço de elaboração, de retoques, de policiamento da produção conseguida e isto em tentativas que demandam tempo.

Fazê-lo, como Chico Xavier o costuma, de improviso, numa elaboração e redação instantâneas, sem segundos sequer de meditação para coordenar idéias, passando em sucessão ininterrupta da prosa ao verso, da página de ficção para a de filosofia, ou moral; trasladando a composição para o papel em escrita manual vertiginosa que qualquer não consegue em trabalho de cópia ou quando reproduz um assunto que tenha de cor – é alguma coisa de inexplicável, que não está ao alcance de qualquer imitador de estilos ou amadores de contrafação literária.

Mas, vá que tal maravilha seja admissível: imita-se o estilo; a técnica do verso; o rimário preferido; o meneio da frase; a escolha do vocabulário; a feição e natureza das imagens. Mas, e as manifestações de cultura, de erudição, nos mais diversos assuntos, que o contexto revela? Também isso se pode imitar, improvisar?

Como explicar, dentro da imitação do estilo, as citações certas e adequadas de datas e fatos históricos; de acontecimentos e personalidades; os apropósitos elucidativos do tema; as referências, comparações e conceitos científicos, críticos, filosóficos, literários, que somente um lastro de conhecimentos variados, sedimentados e sistematizados no tempo permitem e só dominados por leituras e estudos pregressos, devidamente meditados? Tudo isso é passível de imitação, de improvisação?

Improvisar cultura, erudição, conhecimento, é crer em “ciência infusa”; é admitir sabedoria de “geração espontânea”; é conceber erudição congênita ou hereditária. Não. O subconsciente recebe, registra, acumula e reproduz, fiel ou deformado, mas somente o que passou pela porta crítica da consciência. Não cria do nada. Conhecimento não se improvisa; adquire-se.

É precisamente o aspecto da erudição, a evidenciação de conhecimentos, o que mais ressalta, muito acima do estilo, e nos moldes culturais do autor, na obra póstuma do glorioso escritor maranhense [Humberto de Campos], como em outras páginas de prosa e particularmente nas poesias de Junqueiro, de Antero de Quental, de Hermes Fontes e mesmo de Augusto dos Anjos e vários outros. (*Apud* Timponi, 1978, p. 314-316)

Perceba-se que, nas observações de Melo Teixeira, existem alusões à sua leitura dos textos psicografados (nível 1), mas predomina a discussão sobre a gênese da criação literária de Chico Xavier (nível 2). Ainda que não defenda uma explicação para o caso, o psiquiatra descarta a alternativa do pastiche. A reprodução do estilo, por ele entendido como o conjunto das preferências literárias – mais superficiais e apreensíveis – de um escritor, é colocada em segundo plano. O que mais lhe chamava a atenção, nos textos de Chico Xavier, eram as faces de erudição, irredutíveis à imitação.

O desembargador Mário Matos expunha uma outra apreciação. Foi publicada em 2 de agosto de 1944, no mesmo *Diário da Tarde* – que na época fazia enquetes com intelectuais, a respeito das páginas de Chico Xavier.

Não há dúvida para mim de que o estilo das *Crônicas de Além-Túmulo* é semelhante ao que o autor revelava em vida. Estilo linear, com todas as regras de sintaxe, cheio das mil e uma maneiras técnicas de Humberto de Campos. Estilo que segue todas as normas do bem escrever, segundo o critério ginasial de Albalat. E a semelhança se acusa tanto nas partes externas como nas intrínsecas. Sob este último critério, é admirável o comportamento jovial do prosador, através da escrita, traço característico da mentalidade do morto, quando era vivo. Aparece o gosto, que ele tinha, tanto da imagem como da comparação. Há a mesma natureza de cultura e a mesma similaridade de erudição. Citações bíblicas, citações históricas, aplicação de casos e episódios ao assunto de que discorre. Sucodem-se igualmente as frases substantivas. Não sei se foi porque li as *Crônicas* astrais em hora propícia, mas verdade que achei o estilo do morto muito mais vivo.

Entretanto, similaridade de estilo, de cultura e de erudição não é prova “específica” de identidade, de autenticidade. Mas impressiona, de fato. [...]

O professor Melo Teixeira declarou que assistiu a Francisco Xavier psicografar Humberto e que ele o fez a tratar de coisas diferentes. Isto me parece inexplicável. A atenção não se biparte quando concentrada em qualquer assunto. Quem escreve ou fala não pode pensar em coisa diferente da sobre que escreve ou está falando. Se Xavier psicografa assim, certamente que não é ele quem está atuando mentalmente. É outro. Principalmente, como diz Melo Teixeira, se o faz com vertiginosidade.

Aqui há um fenômeno, estranho. Mas eu resolvo a complicação cá ao meu modo. Os espíritos o solucionam pelo deles. Para eles, é o Humberto quem está ditando as idéias. Para mim, é o Diabo. Sempre o Diabo as arma. Sua finalidade diabólica é a de confundir e apoquentar os homens. Para ele se disfarçar em Humberto, em Victor Hugo ou em Antero de Quental, é coisa fácilima. E como nunca realiza obra perfeita, a maior parte das imitações é inferior às obras dos autores imitados, já conhecidas por nós. É por isso que faz Junqueiro escrever versos de pés quebrados e estropia de vez em quando sonetos do Quental. Este é o sinal de suas obras. É decalquista de sua própria natureza. (*Apud* Timponi, 1978, p. 332-333)

As considerações de Mário Matos são um claro exemplo dos dois níveis de leitura a que venho me referindo. O primeiro parágrafo citado acima examina os textos de *Crônicas de além-túmulo*, relacionando-os com a obra de Humberto de Campos (nível 1). Os outros parágrafos discutem a gênese das páginas de Chico Xavier (nível 2). Com base em sua leitura e nas informações de Melo Teixeira, o desembargador apresenta seu parecer sobre *quem* concebera os textos. Para Mário Matos, o verdadeiro autor dos escritos de Chico Xavier era o diabo⁴⁹, capaz de decalcar os escritores, mas deixando um rastro de imperfeição, a denunciar a sua natureza. Como se vê, as psicografias acionavam um variado repertório de convicções. E quando estas escapavam de territórios mais palpáveis –

⁴⁹ Sobre a idéia demonista em relação à psicografia de Chico Xavier, a partir de opiniões do escritor católico Tristão de Athaíde, ver Bertolli Filho, 1997.

como os do pastiche, que prescindem de consciências extracorpóreas –, as representações do além vinham à tona.

Na revista espírita *Reformador* de agosto de 1944, Marcílio Gonzaga publicou o artigo “Palavras de Humberto de Campos”. Ele retoma a crônica “Poetas do outro mundo” – sobre o *Parnaso de além-túmulo* –, na qual o escritor maranhense protesta contra a concorrência dos autores espirituais. E comenta:

Por aquele tempo, Humberto de Campos ainda não percebia que o seu talento representava missão sagrada e não simples recurso de ganhar o pão de cada dia para si e sua família; que era um sacerdócio para o serviço de Deus, como todos os talentos geniais. Três meses apenas depois de transpor o limiar da outra vida, compreendeu tudo e voltou, não mais se importando de fazer concorrência aos outros literatos e até a si mesmo, segundo se deve depreender da ação que anda em juízo, movida pelos seus herdeiros. É que já progrediu mais e agora percebe sua missão divina de ajudar os homens a elevar-se para Deus. Foi muito feliz! (Gonzaga, 1944)

Além de uma noção particular de literatura, entendida como sagrada missão, destaca-se nesse parágrafo a assimilação, que vai ao encontro da teoria kardecista, de que o autor da série é o espírito de Humberto de Campos (nível 2). Em 12 de agosto de 1944, *O Estado de S. Paulo* publicou o artigo “Chico Xavier”, do romancista Mário Donato. Seguem os dois últimos parágrafos do texto:

Dei-me ao trabalho de examinar grande número de “mensagens psicografadas” por Chico Xavier e vários outros médiuns; e, francamente, como não posso admitir que um homem, por mais ilustrado que seja, consiga “pastichar” tão magnificamente autores como Humberto de Campos, Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueiro e, se não

me engano, Victor Hugo e Napoleão Bonaparte⁵⁰, opto pela explicação do sobrenatural, que não satisfaz à minha consciência, é verdade, mas apazigua a minha humaníssima vaidade de literato. Pode lá um homem avultar tantos palmos, por suas próprias forças, sobre a cabeça dos demais? Pode lá plagiar, velozmente como o faz o Chico, Humberto, Antero e outros do mesmo naipe, a quem não se “pasticha” senão depois de larga experiência literária e trabalhosa noite de insônia? Não, absolutamente. É milagre. Coisas assim não podem ser senão milagre, puro milagre. Há qualquer intervenção sobre-humana no fato; não porque o diz Chico Xavier, mas porque assim o exige a nossa arrogância. O dedo do Diabo, dir-se-ia nos velhos tempos em que a Inquisição delimitava o conhecimento segundo a própria estupidez; o dedo de Deus, dizemos hoje, mais dispostos a atribuir ao Senhor, e não ao Tinhoso, a responsabilidade pela confusão em que anda o mundo e seu conteúdo. O que, no fundo, revela que a nossa explicação é menos bem intencionada que a dos inquisidores...

Positivamente não aceito a autoria de Chico Xavier, e aceito a de Humberto, como a de Antero, Napoleão, Dumas e qualquer outro que, do lado de lá, tenha o mau gosto de praticar literatura. E creio que essa é a atitude mais humana, a mais condizente com a nossa falta de humildade. É milagre, e o milagre, não explicando nada, explica tudo. Pois se não admitirmos que o caso é milagroso, temos que levar o Chico Xavier à Academia Brasileira de Letras – e, naturalmente, estamos mais dispostos a reconhecer-lhe amizades no Céu que direitos literários ao Petit Trianon. (*Apud* Timponi, 1978, p. 348-349)

O autor de *Presença de Anita* alude à sua avaliação dos textos mediúnicos (nível 1) para expor sua opinião a respeito da gênese dos escritos de Chico Xavier (nível 2). Ciente de que, ao falar dessa complexa atribuição de autoria, fala também de suas próprias convicções, e portanto de si, Mário Donato graceja com sua condição de escritor. Ele diz preferir uma explicação sobrenatural para a autoria daqueles textos, porque sua vaidade de literato seria ferida caso aceitasse Chico Xavier como seu legítimo concorrente. Desse

⁵⁰ O autor se enganou nesta passagem: foi o médium português Fernando de Lacerda, e não Chico Xavier, quem atribuiu textos a Victor Hugo e a Napoleão (cf. Lacerda, 1990).

modo, para uma melhor divisão de espaços, mais apropriado seria aceitar as amizades celestes do médium.

As relações entre as leituras de nível 1 e nível 2, no entanto, nem sempre eram amistosas. O gracejo com as próprias convicções era limitado. Um significativo exemplo de conflito por causa de um texto mediúnico ocorreu com o crítico Agrippino Grieco. Em 30 de julho de 1939, ele participou de uma sessão espírita pública, em Belo Horizonte, ao lado de Chico Xavier, que psicografou, na ocasião, um poema atribuído a Augusto dos Anjos e uma carta assinada por Humberto de Campos e dirigida a Agrippino, que fora seu conhecido. Em entrevista ao *Diário da Noite* de 21 de setembro de 1939, disse o crítico:

[...] não podendo aceitar sem maior exame a certeza de um *pastiche*, de uma paródia, tive, como crítico literário que há trinta anos estuda a mecânica dos estilos, a sensação instantânea de percorrer um manuscrito inédito do memorialista glorioso.

Eram em tudo os processos de Humberto de Campos, a sua amenidade, a sua vontade de parecer austero, o seu tom entre ligeiro e conselheiral. Alusões à Grécia e ao Egito, à Acrópole, a Tirésias, ao véu de Ísis muito ao agrado do autor dos *Carvalhos e Roseiras*. Uma referência a Sainte-Beuve, crítico predileto de nós ambos, mestre de gosto e clareza que Humberto não se cansava de exaltar em suas palestras, que não me canso de exaltar em minhas palestras. Conjunto bem articulado. Uma crônica, em suma, que, dada a ler a qualquer leitor de mediana instrução, logo lhe arrancaria este comentário: “É Humberto puro!”

Fiquei naturalmente aturdido... Depois disso, já muitos dias decorreram e não sei como elucidar o caso. Fenômeno nervoso? Intervenção extra-humana? Faltam-me estudos especializados para concluir. Além do mais, recebi educação católica e sou um entusiasta dos gênios e heróis que tanto prestígio asseguram à religião que produziu um Santo Antônio de Pádua e um Bossuet. Meu livro *São Francisco de Assis e a Poesia Cristã* aí se encontra, a testemunhar quanto venero a ética e a estética da Igreja. Mas – repito-o com a maior lealdade – a mensagem subscrita por Humberto de Campos profundamente me impressionou... (*Apud* Timponi, 1978, p. 67-68)

Observe-se que a existência de um texto mediúnico que cumpra uma expectativa de autoria não é suficiente para a identificação de quem o ideou. Para a atribuição autoral, são necessários fatores externos ao texto. No presente caso, o fato de a autoria reivindicada remeter-nos a um escritor “morto” representa, para grande parte dos leitores, um impedimento de natureza externa ao texto, que tem a ver com noções de realidade. A tensão que se observa na fala de Agrippino advém do conflito entre sua interpretação da carta que recebera (nível 1) e sua tentativa de compreender como se dera a concepção daquele texto (nível 2). Na leitura do crítico, a expectativa de autoria fora cumprida, mas o fato de o amigo que assinava a carta estar morto há mais de quatro anos impunha o dilema. Sem uma resposta definitiva, Agrippino levantava algumas possibilidades explicativas: pastiche; paródia; fenômeno nervoso; intervenção extra-humana. E fazia questão de reafirmar suas convicções católicas, uma vez que a ordem de problemas levantada pela psicografia esbarrava em domínios religiosos.

Em ficção, a série mediúnica aparece no livro *A vaca e o hipogrifo* (1977), de Mario Quintana, em um pequeno texto intitulado “Perversidade”:

Alguém me disse, com a voz embargada, que agora sim, estava convencido da existência de Deus, porque os trabalhos psicografados de Humberto de Campos eram evidentemente dele mesmo.

– Mas isto não prova a existência de Deus... Prova apenas a existência de Humberto de Campos. (Quintana, 1977, p. 51)

Nessa narrativa, Quintana brinca com os limites da leitura de mundo suscitada pelos textos atribuídos a Humberto de Campos. O primeiro leitor, convencido de que o verdadeiro autor dos escritos era o próprio Humberto de Campos, também inferiu a imortalidade do espírito e a existência de Deus. O segundo leitor, menos propenso a silogismos envolvendo representações do além, interpretou os textos mediúnicos como prova da existência de Humberto de Campos (apenas enquanto texto?); não mais que isso.

3. O CASO HUMBERTO DE CAMPOS

Em 1944 ocorreu o caso Humberto de Campos: os detentores dos direitos autorais da obra do escritor – a viúva Catharina Vergolino de Campos e os filhos do casal – ingressaram na Justiça com uma ação declaratória contra Chico Xavier e a FEB⁵¹. Alegavam que, após a morte do autor de *Sombras que sofrem*, produções literárias atribuídas ao “Espírito de Humberto de Campos”, psicografadas por Chico Xavier, começaram a ser editadas pela FEB. Até aquele ano, a série era composta por cinco volumes: *Crônicas de além-túmulo*; *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*; *Novas mensagens*; *Boa nova* e *Reportagens de além-túmulo*. Os familiares do escritor argumentavam que esses livros tinham sucesso de venda porque eram atribuídos a Humberto de Campos, que detinha “grande popularidade entre o público brasileiro de todos os níveis intelectuais” (*Apud* Timponi, 1978, p. 11).

Dizia-se na ação que, ante a celeuma provocada por tais livros, a família do escritor vinha se mantendo em silêncio, aguardando que críticos e cientistas proferissem a última palavra sobre o fenômeno da psicografia. A polêmica, no entanto, que parecia não ter fim, gerava o constrangimento da família em relação aos editores da W.M. Jackson, que tinham contrato com os Campos e se sentiam prejudicados com a concorrência das obras mediúnicas. Por conseguinte, esse prejuízo atingia a família do escritor.

A partir dessas considerações, a ação pedia que a Justiça examinasse a hipótese espírita, através de todas as provas científicas possíveis, e declarasse se o autor dessa obra literária era ou não o “Espírito de Humberto de Campos”. Se a conclusão fosse negativa, requeriam-se a apreensão dos exemplares em circulação e as devidas punições aos responsáveis pelos livros. Se positiva, requeria-se uma decisão quanto aos direitos autorais da obra mediúnica: se pertenceriam à família do escritor ou à FEB.

⁵¹ A principal referência sobre o caso Humberto de Campos é o livro de Miguel Timponi *A psicografia ante os tribunais*, ainda publicado pela FEB.

A ação requisitava ainda a presença, para depoimento, dos representantes legais da FEB, de Chico Xavier e, inclusive, do “Espírito de Humberto de Campos”, que, através do médium, deveria demonstrar sua sobrevivência e operosidade. Os suplicantes, porém, reconheciam as dificuldades de ordem legal para o julgamento do caso, uma vez que a legislação não contemplava esse tipo de disputa.

Em 23 de agosto de 1944, o juiz João Frederico Mourão Russell considerou inepta a ação declaratória. Os principais argumentos para a decisão foram: 1. ao morrer, o indivíduo deixa de possuir direitos civis, de modo que, morto, Humberto de Campos não poderia readquiri-los⁵²; 2. os direitos autorais herdáveis se limitam aos referentes às obras do escritor produzidas antes de sua morte⁵³; 3. uma ação declaratória deve requerer a simples declaração de existência ou inexistência de uma relação jurídica; isso não ocorria na ação em pauta, que requisitava a declaração da Justiça sobre a existência ou não de um fato, do qual, hipoteticamente, pudessem surgir relações jurídicas. A ação, portanto, resumia-se à mera consulta, função que não cabe ao Poder Judiciário.

A família do escritor recorreu da decisão, mas a Justiça reafirmou a impropriedade da ação declaratória, em 3 de novembro de 1944. O caso Humberto de Campos, por causa de sua singularidade, teve grande repercussão na imprensa, ao longo do andamento do processo⁵⁴.

Para Humberto de Campos e Chico Xavier, não era inédita a discussão sobre direitos autorais de obras mediúnicas atribuídas a escritores renomados. Ela aparece

⁵² Lê-se no despacho saneador: “Ora, nos termos do artigo 10 do Código Civil ‘a existência da pessoa natural termina com a morte’; por conseguinte, com a morte se extinguem todos os direitos, e, bem assim, a capacidade jurídica de os adquirir. No nosso direito é absoluto o alcance da máxima ‘*mors omnia solvit*’. Assim, o grande escritor Humberto de Campos, depois de sua morte, não poderia ter adquirido direito de espécie alguma e, conseqüentemente, nenhum direito autoral poderá da pessoa dele ser transmitido para seus herdeiros e sucessores.” (*Apud* Timponi, 1978, p. 209)

⁵³ Prossegue o juiz: “Nossa legislação protege a propriedade intelectual, em favor dos herdeiros, até certo limite de tempo, após a morte, mas, o que considera, para esse fim, como propriedade intelectual, são as obras produzidas pelo ‘de cujus’ em vida. O direito a estas é que se transmite aos herdeiros. Não pode, portanto, a suplicante pretender direitos autorais sobre supostas produções literárias atribuídas ao ‘espírito’ do autor.” (*Apud* Timponi, 1978, p. 209)

⁵⁴ Sobre as questões jurídicas e as lacunas da legislação brasileira quanto aos direitos autorais de obras psicografadas, ver o livro *Direito autoral na obra psicografada* (Mota Júnior, 1999).

primeiramente em 10 de julho de 1932, em crônica daquele. Após comentar alguns traços de estilo nos poemas de *Parnaso de além-túmulo*, Humberto lançou a seguinte afronta: “Se eles [os poetas mortos] voltam a nos fazer concorrência com os seus versos perante o público e, sobretudo, perante os editores, dispensando-lhes o pagamento de direitos autorais, que destino terão os vivos que lutam, hoje, com tantas e tão poderosas dificuldades? Quebre, pois, cada espírito a sua lira na tábua do caixão em que deixou o corpo. Ou, então, encarne-se outra vez, e venha fazer a concorrência aqui em cima da terra, com o feijão e o arroz pela hora da vida⁵⁵. Do contrário, não vale.”⁵⁶

Escritor profissional, a principal fonte de renda de Humberto de Campos eram seu salário como cronista e os direitos autorais de seus livros. Não é, pois, de se estranhar sua observação deveras “terrena” com relação aos potenciais concorrentes do outro mundo. O problema dos direitos autorais, agora sob outro ponto de vista, é retomado em 1937, no prefácio do livro de Chico Xavier *Crônicas de além-túmulo*, atribuído a Humberto de Campos:

⁵⁵ Em *Lázaro redivivo*, primeiro livro assinado por Irmão X, encontramos o seguinte comentário sobre o *Parnaso de além-túmulo*, que alude a reações como essa de Humberto de Campos: “Porque alguns poetas e escritores desencarnados, de Portugal e do Brasil, se lembraram dos amigos, escrevendo-lhes algumas páginas de gratidão e saudade, alguns vivos da Terra, habituados ao jogo dos raciocínios palavrosos, reagiram fervorosamente, lançando reptos aos Espíritos do “outro mundo”, como os cavalheiros medievais, que atrevidamente lançavam a luva em desafio. Os desencarnados, porém, ouviram e sorriram, impassíveis, porque, de fato, não se sentiam na posição de contendores. Não haviam surrupiado dinheiro nem desrespeitado as leis vigentes; não escreveram palavras torpes, nem roubaram segredos dos grandes magnatas da indústria; não trouxeram invenções destruidoras, nem instituíram ódios políticos e raciais. Em suma, não chegaram nem mesmo a pedir aos amigos que acreditassem em suas palavras sinceras e fraternais.” (Xavier, 1995b, p. 198)

⁵⁶ Humberto de Campos tinha especial interesse na defesa dos direitos dos autores, em disputa com os editores. Na crônica “Manifesto à nação”, apresentou o seu “decálogo”, cujo oitavo mandamento é este: “Não farás contrato de edição de teus livros sem que os exemplares sejam numerados. Todos os editores são honradíssimos. Mas eles estão ricos e os escritores estão pobres.” (Campos, 1960k, p. 116). Quando deputado federal, apresentou um projeto, em setembro de 1927, que dispunha sobre a propriedade literária. Este projeto, que recebeu parecer contrário da Comissão de Justiça, estabelecia um prazo máximo de dez anos para que os editores que comprassem os direitos de uma obra a publicassem. Caso não fosse publicada dentro desse período, os direitos voltariam a pertencer aos escritores (cf. Oliveira, 1990, p. 65-66).

Desta vez, não tenho necessidade de mandar os originais de minha produção literária a determinada casa editora, obedecendo a dispositivos contratuais, ressaltando-se a minha estima sincera pelo meu grande amigo José Olímpio. A lei já não cogita mais da minha existência, pois, do contrário, as atividades e os possíveis direitos dos mortos representariam séria ameaça à tranquilidade dos vivos.

Enquanto aí consumia o fosfato do cérebro para acudir aos imperativos do estômago, posso agora dar o volume sem retribuição monetária. O médium está satisfeito com a sua vida singela, dentro da pauta evangélica do “dai de graça o que de graça recebestes” e a Federação Espírita Brasileira, instituição venerável que o Prefeito Pedro Ernesto reconheceu de utilidade pública, cuja Livraria vai imprimir o meu pensamento, é sobejamente conhecida no Rio de Janeiro, pelas suas respeitáveis finalidades sociais [...]. (Xavier, 1998a, p. 13-14)

Nesse trecho, que serve como exemplo da configuração autoral da série mediúnica, o autor empírico (Chico Xavier) torna-se personagem do autor espiritual (Humberto de Campos), que, em primeira pessoa, pronuncia-se do além-túmulo. Sua justificativa para a comercialização das páginas psicografadas envolve uma referência a Chico Xavier, que abria mão dos direitos autorais de seus livros⁵⁷, e outra à editora, cujas “respeitáveis finalidades sociais” seriam beneficiadas com a venda dos escritos mediúnicos.

Em 15 de julho de 1944, Chico Xavier psicografou um texto, também assinado por Humberto de Campos, a respeito do processo judicial que estava em andamento. O escrito, antes inédito, foi publicado no livro de Miguel Timponi. Após lamentar o sensacionalismo em torno da demanda, comentou:

⁵⁷ Em entrevista ao jornalista Valentim Lorenzetti, em 1967, disse Chico Xavier, a respeito dos direitos autorais de seus livros: “Nunca recebi coisa alguma pela venda dos livros de nossos Amigos Espirituais, por intermédio de minhas faculdades mediúnicas, de vez que esses livros são de autoria deles, cabendo-me tão-somente a alegria de cooperar com eles, os amigos da Vida Maior, na função de intermediário, durante as horas de cada dia que posso dar ao serviço mediúnico.” (*Apud* Barbosa, 1997, p. 138)

Esqueci-me de que o pseudônimo é o refúgio dos escritores incompreendidos e, como a legislação de meu País não decretou, até agora, qualquer medida de restrição ao uso do nome dos “mortos”, por eles mesmos, acreditei na possibilidade do esforço perseverante e tranqüilo, continuando a usar o meu no intercâmbio com os famintos da felicidade, com quem fiz causa comum, desde muitos anos.

Eis, porém, que comparecem meus filhos⁵⁸ diante da Justiça, reclamando uma sentença declaratória. Querem saber, por intermédio do Direito humano, se eu sou eu mesmo, como se as leis terrestres, respeitabilíssimas embora, pudessem substituir os olhos do coração.

Abre-se o mecanismo processual e o escândalo jornalístico acende a fogueira da opinião pública. Exigem meus filhos a minha patente literária e, para isso, recorrem à petição judicial. Não precisavam, todavia, movimentar o exército dos parágrafos e atormentar o cérebro dos juízes. Que é semelhante reclamação para quem já lhes deu a vida da sua vida? Que é um nome, simples ajuntamento de sílabas, sem maior significação? Ninguém conhece, na Terra, os nomes dos elevados cooperadores de Deus, que sustentam as leis universais; entretanto, são elas executadas sem esquecimento de um til. (*Apud* Timponi, 1978, p. 56)

Essa provocadora passagem toca em problemas de variada ordem, como as conseqüências jurídicas e familiares da atribuição de autoria a textos mediúnicos; a noção de autoridade relacionada ao uso de nomes civis anônimos e públicos; as relações entre um autor e os textos por ele produzidos. Quanto a este último, a família do escritor solicitava que a Justiça reconhecesse ou rejeitasse a “patente literária” de Humberto de Campos nos textos escritos por Chico Xavier.

Mas os próprios autos do processo demonstravam que a questão não era passível de um objetivismo cartorial. A parte literária da primeira defesa da FEB à ação declaratória, intitulada “Os dois Humbertos: um só estilo, uma só alma, um só sentimento” (Timponi, 1978, p. 177-205), foi elaborada pelo jornalista Indalício Mendes. Ele selecionou trechos

⁵⁸ Note-se a flagrante omissão à viúva, provavelmente a principal responsável pela ação. Na extensa série mediúnica, encontrei apenas uma referência, indireta, a ela.

de três livros de “Humberto de Campos, homem” – *Sombras que sofrem; Lagartas e libélulas; Um sonho de pobre* – e dos quatro primeiros livros de “Humberto de Campos, Espírito”. As passagens da série mediúnica foram misturadas com as outras e os temas semelhantes foram aproximados. Ao todo, eram 55 citações enumeradas, cujas referências foram reveladas apenas na última página. De acordo com o título da seção, o objetivo de Indalício era sugerir que um mesmo autor escrevera todos aqueles trechos, visto que, com base somente nas citações, parecia bem difícil decidir quais passagens provinham de textos de Humberto de Campos e quais procediam dos livros de Chico Xavier.

Na etapa inicial da ação declaratória, os herdeiros de Humberto de Campos pleiteavam que o mérito literário dos textos mediúnicos, sobre o qual não se pronunciavam, fosse examinado por especialistas, que deveriam definir quem era o autor daqueles escritos. No entanto, essa tática foi modificada após a primeira decisão da Justiça, que considerou improcedente a ação. No agravo apresentado contra o resultado judicial, a família resolveu emitir uma opinião a respeito da série mediúnica: “A obra é profundamente inferior. E não só está eivada de imperdoáveis vícios de linguagem e profundo mau gosto literário, como é paupérrima de imaginação e desprovida de qualquer originalidade. Além disso, o que é aproveitável não passa de grosseiro plágio, não só de idéias existentes na obra publicada em vida do escritor, como de trechos inteiros, o que é de fácil verificação.” (*Apud* Timponi, 1978, p. 221)

O parecer deixava claro que, nessa nova fase do processo, a família do escritor decidira sustentar que era falsa aquela atribuição de autoria. O anexo do agravo continha as ocorrências dos tais “vícios de linguagem”. Eram 24 trechos que teriam problemas de cacofonia; por exemplo: *nossa ação; vossa ação; tolher-lhes aí; abriga-se aí; amargas tocam; larga ação; toda uma ação; tua ação; dessa ação; uma ação; fala assim; for por ti; expôs ele; marco divino; longos anos; nunca atravessou*. Do outro lado, a defesa da FEB contra-atacava. Dizia que aquelas passagens não feriam o ouvido de ninguém e, por sua vez, apresentava exemplos de cacófatos na obra de escritores consagrados da língua portuguesa, e também em livros de Humberto de Campos.

As três ocorrências apresentadas como plágio provinham de passagens de *O Brasil anedótico*, livro organizado por Humberto de Campos. De fato, este era um ponto curioso, uma vez que o plágio pressupõe a existência de dois escritores: o plagiador e o plagiado⁵⁹. Mas a ação declaratória pedia justamente que a Justiça decidisse se o autor da série mediúnica era ou não o próprio Humberto de Campos. De qualquer forma, fosse quem fosse, o autor reivindicava para si a “paternidade” intelectual dos escritos de Humberto de Campos, e por isso fazia questão de demonstrar que possuía conhecimentos do repertório literário do autor. Definitivamente, não haveria acordo com relação à autoria dos textos debatidos.

No *Diário da tarde* de 28 de julho de 1944, o já mencionado psiquiatra J. Melo Teixeira resumiu a motivação mais evidente do caso Humberto de Campos e uma de suas implicações:

A questão, ora em foco, da autoria real das obras de além-túmulo, publicadas sob o nome de Humberto de Campos, no fundo, não passa de uma mera disputa de lucros comerciais, em que o editor dos livros de Humberto vivo se vê prejudicado pela concorrência que lhe estão fazendo os editores de Humberto de além-túmulo.

Quem deve exultar com o caso é o mundo espírita, pois, se a Justiça terrena reconhecer que à família e ao editor privilegiado cabem os direitos autorais dos trabalhos psicografados por Chico Xavier, implicitamente ficará reconhecida por sentença judiciária – que coisa gozada! – a existência do mundo invisível em atividades tangíveis neste mísero planeta em que habitamos. (*Apud* Timponi, 1978, p. 312)

Chama a atenção, nas observações de Melo Teixeira, como dois problemas de ordem aparentemente tão diversa cruzavam-se nas discussões sobre o processo. Aliás, a implicação espiritualista, embora só existisse no horizonte de determinada decisão judicial, tocava em fronteiras religiosas. E com relação a este problema, o *Diário da Noite* de 29 de

⁵⁹ Sobre as características do plágio, ver a tese de doutorado de Christofe, 1996.

julho de 1944 publicou uma entrevista com Galdino Moreira, então presidente do Sínodo Central Presbiteriano Brasileiro. O repórter solicitou a opinião do líder religioso sobre o “rumoroso processo” que estava em andamento. Ele respondeu:

O amigo [...] acaba de empregar, sobre este assunto, a frase – “rumoroso processo”. Encaro-o, porém, sob aspecto bem mais sério e mais grave do que parece. Rumoroso caso, concordo, pelo inédito que o cerca. Curioso, será, ainda, pela natureza própria da questão. Quanto ao aspecto puramente jurídico, em face do direito positivo, julgo-o nulo “ab initio”. Quero crer que, em face do atestado de óbito que existe, certo e autêntico, desde 5 de Dezembro de 1934, dia saudoso quando faleceu neste mundo o famoso escritor maranhense Humberto de Campos, encerrou-se para as lides e tribunais humanos a existência objetiva do notável escritor. A sobrevivência ou não de seu espírito no mundo espiritual e o fato ou não-fato das possibilidades de agir esse espírito, desta ou daquela maneira, sob tais ou quais condições “sui-generis”, já não são mais assunto para exame e foro terrenos, e sim matéria essencialmente metafísica, caso de fé, de doutrina e teoria totalmente sujeita ao critério da livre escolha dos indivíduos. Vê, pois, o meu redator que, inicialmente, não vejo no processo ora em andamento base alguma para solução jurídica eficaz, convincente e regulamentar. É de si próprio, este assunto, de todo em todo, problema fora da alçada dos tribunais e do direito positivo. (*Apud* Timponi, 1978, p. 287)

A consideração de que o processo era bem mais “grave” do que parecia se justificava – na continuação da entrevista – pela possibilidade de a Justiça extrapolar os seus limites, interferindo em domínios metafísicos concernentes às religiões. No entendimento de Galdino Moreira, se os juízes sentenciassem sobre a verdadeira autoria dos textos de Chico Xavier, a liberdade de consciência e de crença, garantida pela Constituição, poderia ser ferida. E, por consequência, o precedente poderia também ameaçar a liberdade de crença em outras religiões, como a de Galdino.

4. REPERCUSSÕES FAMILIARES

Em *Crônicas de além-túmulo*, apresentando-se como Humberto de Campos após sua morte, o autor da série faz diversas referências à vida do escritor maranhense e se dirige diretamente, em duas cartas, aos filhos⁶⁰ e à mãe⁶¹ de Humberto. Seis anos antes da ação declaratória, a mãe do escritor reagira com simpatia aos textos que Chico Xavier atribuía a seu filho. Ela lhe enviou uma foto de Humberto na qual escreveu a seguinte dedicatória:

Ao Prezado Sr. Francisco Xavier, dedicado intérprete espiritual do meu saudoso Humberto, ofereço com muito afeto esta fotografia, como prova de amizade e gratidão.

Da cr.^a at.^a

Ana de Campos Veras⁶²

Parnaíba, 21-5-38 (*Apud* Timponi, 1978, p. 35)

No período do caso Humberto de Campos, o jornal *O Globo* de 19 de julho de 1944 publicou a seguinte opinião da mãe do escritor sobre o processo judicial:

⁶⁰ “Aos meus filhos”, de 8 de abril de 1935 (Xavier, 1998a, p. 27-30).

⁶¹ “Carta a minha mãe”, sem data (Xavier, 1998a, p. 203-207); em *Palavras do infinito*, indica-se que a carta foi publicada em “Aurora”, Rio, em 1º de maio de 1936 (Xavier, 1982b, p. 53-56).

⁶² O *Reformador* de janeiro de 1955 publicou um artigo em homenagem à mãe de Humberto de Campos, que morrera em 5 de dezembro de 1954 – exatos 20 anos após o filho. O artigo noticia que ela e Chico Xavier trocavam correspondências. Duas cartas que ela lhe escrevera, uma de 5 de outubro de 1938 e outra de 15 de outubro de 1938, foram fac-similadas pela revista. Esta segunda diz o seguinte: “Ao Prezado amigo Sr. Francisco Xavier e suas dignas irmãs, ofereço como lembrança estas castanhas do Cajueiro de ‘Humberto de Campos’. Peço desculpas pela insignificância do mimo. Da velhinha muito amiga que os abençoa. Anna Campos Veras. (Vão 24 castanhas)” (*Reformador*, janeiro de 1955, p. 13). Ela se refere ao cajueiro plantado em Parnaíba por Humberto de Campos, sobre o qual ele escreveu em *Memórias*.

– Realmente – disse dona Ana Campos – li emocionada as *Crônicas de além-túmulo*, e verifiquei que o estilo é o mesmo de meu filho. Não tenho dúvidas em afirmar isso e não conheço nenhuma explicação científica para esclarecer esse mistério, principalmente se considerarmos que Francisco Xavier é um cidadão de conhecimentos medíocres. Onde a fraude? Na hipótese de o Tribunal reconhecer aquela obra como realmente da autoria de Humberto, é claro que, por justiça, os direitos autorais venham a pertencer à família. No caso, porém, de os juízes decidirem em contrário, acho que os intelectuais patriotas fariam ato de justiça aceitando Francisco Cândido Xavier na Academia Brasileira de Letras... Só um homem muito inteligente, muito culto, e de fino talento literário, poderia ter escrito essa produção, tão identificada com a de meu filho.⁶³ (Apud Timponi, 1978, p. 35)

Essas considerações dão a entender que a emoção experimentada por Ana de Campos com a leitura de *Crônicas de além-túmulo* tenha decorrido, especialmente, da sensação de que o estilo dos textos mediúnicos coincidia com o estilo de seu filho escritor. Humberto, porém, estava morto; por isso, ela registrava o mistério e a falta de explicação científica para a gênese dos escritos. Um dado externo ao texto era levado em conta: Chico Xavier detinha “conhecimentos medíocres”; seria incapaz, portanto, de cometer uma fraude daquela natureza. Por sinal, a que tipo de fraude ela se referia? Decerto à fraude de produzir pastiches intencionais, pois, neste caso, haveria má-fé. Bem diferente do pastiche praticado em âmbitos apenas literários, os textos apresentados, sem ironia, como mediúnicos, e dirigidos à família do escritor que os assinava, envolviam seriíssimas decisões de domínio ético, por parte de Chico Xavier e de seus editores. Curiosamente, esse aspecto não era discutido entre os comentadores do caso Humberto de Campos.

⁶³ Essa era uma das opiniões correntes na imprensa. A mãe do escritor corrobora o que fora dito em “Uma demanda”, artigo publicado em *O Estado de S. Paulo* de 10 de junho de 1944: “Não quero discutir a questão, mas, no meu pobre entender, o Tribunal terá dois caminhos a seguir: ou declarar que Humberto de Campos é autor de tais obras, mandando o editor entrar com os direitos para os herdeiros, ou negar a autoria do nosso grande escritor. Nesse último caso, terá de pedir à Academia Brasileira de Letras uma poltrona para o rapazinho que principiou por onde nem todos acabam, isto é, escrevendo páginas que puderam ser atribuídas a quem tão formosamente escreveu...” (Apud Timponi, 1978, p. 76)

A mãe do escritor também considerou o mérito da ação declaratória. Achava justo que a família de Humberto recebesse direitos autorais da obra mediúnica, caso a Justiça confirmasse a autoria do espírito. Chama a atenção, no entanto, a passagem em que ela aventa a possibilidade contrária, de a Justiça decidir que Chico Xavier era o verdadeiro autor dos textos. Neste caso, ao invés de ela levar adiante a consequência normal da hipótese de fraude (uma punição), a mãe de Humberto achava que o mais justo seria a ABL conceder uma vaga a Chico Xavier, em reconhecimento a seu suposto talento literário. Essa opinião evidencia a confiança que ela depositava no médium.

Em 1997, Humberto de Campos Filho publicou o livro *Irmão X, meu pai*. Nele, o filho mais novo do escritor traça, primeiramente, uma pequena biografia de Humberto de Campos. Depois, conta sua versão sobre o processo de 1944 e explica qual foi sua relação com os textos da série mediúnica. Não há referência sobre a opinião de seus dois irmãos a respeito da série. Quanto à sua mãe, ele sintetiza: “D. Catharina Vergolino de Campos realmente não gostava de ver o nome do marido propagar-se de tal forma e procurava encontrar falhas nos escritos, descobrindo sempre novas coisas que depunham contra a veracidade do fato. Na verdade, nunca acreditou que as mensagens fossem de seu falecido esposo” (Campos Filho, 1997, p. 161-162). Este comentário sugere que ela própria teria fornecido, para o agravo da família à Justiça, os exemplos apresentados como cacófatos e plágios na série mediúnica.

O autor de *Irmão X, meu pai*, por sua vez, como adianta o título do livro, acreditava que os textos eram “autênticos”, isto é, de autoria de seu pai. A propósito, na última parte do volume, chamada “A obra literária de Humberto de Campos”, ele arrola um total de 61 títulos, com a particularidade de que os 15 últimos são os “livros ditados pelo Irmão X”.

O filho de Humberto de Campos transcreveu, em seu livro, uma carta mediúnica antes inédita, atribuída ao seu pai; para apresentá-la, informou: “Às 11 horas da noite, do dia 25 de agosto de 1937, dia do meu aniversário, Francisco Cândido Xavier, lá na sua casa, em Pedro Leopoldo, recebeu esta carta, a mim endereçada” (Campos Filho, 1997, p.

142). Ele não explicou, porém, quando o texto lhe foi enviado nem quem o enviou⁶⁴. Em 1957, conheceu pessoalmente Chico Xavier, em uma sessão espírita pública, na qual, embora incógnito em meio aos outros presentes, foi chamado pelo médium⁶⁵.

Quanto ao caso Humberto de Campos, o filho do escritor diz que o alvo da ação era a FEB, responsável pelas edições dos livros mediúnicos. Sua família “jamais pretendeu encetar uma cruzada contra o espiritismo e muito menos atacar o médium que psicografava [as] ditas obras” (Campos Filho, 1997, p. 146). Ele explica que a principal razão para o processo de 1944, promovido por sua mãe, seu irmão Henrique e por ele próprio (sua irmã, Maria de Lourdes, teria preferido não se envolver), era o uso não autorizado do nome de Humberto de Campos, conhecidíssimo naquela época. Considerava que aquela “marca” promovia a venda dos livros da FEB. E alegava que a editora imprimia até edições encadernadas dos volumes, cujos preços equivaliam aos dos livros do próprio Humberto de Campos. Na opinião do filho do escritor, o caminho jurídico mais apropriado seria “uma ação criminal, por apropriação indébita, pelo nome indevidamente usado, por perdas e danos” (Campos Filho, 1997, p. 147). Foi outra, no entanto, a decisão do advogado contratado:

O Dr. Milton Barbosa [...] era um especialista em falências e viu nessa demanda uma ocasião excepcional para promover seu nome. Convenceu [a viúva] D. Paqueta, e dela recebeu o sinal verde para proceder da forma que achasse melhor. E ele deu entrada numa

⁶⁴ O autor apresenta, em seu livro, uma carta que escreveu a seu pai, em 1976. Este é o primeiro parágrafo: “No meu aniversário, em 25 de agosto de 1937, você me escreveu uma carta cheia de ternura, desejando que meu caminho fosse cheio de luz e sem as sombras que marcaram o seu. Você estava em outro mundo e por isso se valeu dos dons do Chico Xavier para que eu recebesse a sua mensagem.” (Campos Filho, 1997, p. 157-158)

⁶⁵ Eis a seguinte passagem sobre esse encontro, em Minas Gerais: “Chegamos [ele e mais cinco amigos] a tempo de conseguir entrar na sala superlotada, onde pouco depois começaria a sessão, com a presença de Chico. Lá pelas tantas, vozes partidas da mesa, por ele presidida, pediam que Humberto de Campos Filho se aproximasse para falar com o médium. É fácil imaginar minha emoção. Sei que meus olhos estavam inundados pelas lágrimas quando nos abraçamos, comovidamente. De início, foi o Chico que falou, dizendo coisas tocantes e carinhosas. À certa altura, era outro alguém... Talvez meu pai?... E o que ouvi teve o efeito de um impulso que fez disparar uma sucessão de soluços, que pareciam que jamais iriam parar.” (Campos Filho, 1997, p. 155)

ação cível, coisa totalmente desaconselhável caso fosse desejada uma solução rápida e tranqüila para o caso.

Ao contrário, a celeuma que iria levantar traria o seu nome para o primeiro plano no noticiário que a imprensa, sem dúvida, iria dedicar àquela causa, original, inusitada, sem nenhum exemplo anterior.

Para deixar de mencionar a série de burrices, que deu munição suficiente para que até um livro fosse escrito, contando toda a história desse processo, basta este absurdo: o Dr. Milton Barbosa pediu a expedição de uma carta precatória para o Além, convocando o espírito do escritor para testemunhar no tribunal. (Campos Filho, 1997, p. 147)

Já vimos qual foi o desfecho do processo. É digno de nota o fato de que, após recordar nesse tom exaltado o que ocorrera há mais de cinquenta anos, atribuindo ao advogado os equívocos da ação, Humberto de Campos Filho apresenta uma interpretação conciliadora e espírita para o escândalo judicial. Ele diz:

Tantos anos se foram, tanta água passou sob a ponte e poucas pessoas, hoje em dia, não concordariam com uma certeza que temos: aquele verdadeiro escândalo, que ocupou a imprensa, até de outros países, tinha uma razão de ser. Quantas criaturas passaram a se interessar pela doutrina espírita depois daquele verdadeiro bombardeio de notícias desencontradas? (Campos Filho, 1997, p. 148)

E prolonga essa interpretação, recorrendo ao termo “escândalo” no *Evangelho segundo São Mateus*.

5. A SÉRIE MEDIÚNICA EM CARTAS DE CHICO XAVIER

Nas entrevistas que concedeu ao longo de sua vida, Chico Xavier sustentava que os autores de seus livros eram os espíritos de pessoas que já haviam morrido, conforme a teoria de Allan Kardec. Em *Parnaso de além-túmulo*, há um dos raros textos públicos assinados por Chico Xavier, no qual ele fala de si, à época com 21 anos, e explica como psicografara os poemas da primeira edição da antologia. Em 1986, porém, parte da correspondência pessoal de Chico Xavier para Antônio Wantuil de Freitas, que presidiu a FEB entre 1943 e 1970, foi publicada. Refiro-me ao livro *Testemunhos de Chico Xavier*, organizado e comentado por Suely Caldas Schubert. Com base nessas cartas – que, por sinal, eliminam a imagem de um Chico Xavier ingênuo e semiletrado –, descobrimos que ele foi um grande missivista; há menções a muitas outras cartas que ele escrevia a diversos outros interlocutores. O período da correspondência reunida por Schubert vai de dezembro de 1943 a agosto de 1964.

Um outro livro, este mediúnico, que contém importantes informações relacionadas a algumas cartas de Chico Xavier referidas abaixo, é *Deus conosco*⁶⁶, atribuído a Emmanuel e publicado em 2007. É formado por centenas de textos produzidos pelo médium mineiro em reuniões particulares realizadas em casa da família Joviano⁶⁷. Esses escritos são dirigidos ao próprio Chico Xavier e a outros membros das reuniões.

Vejamos o que escrevia o missivista Chico Xavier a respeito do caso Humberto de Campos, de sua série mediúnica e de temas correlatos. Em carta de 23 de novembro de 1944, por causa da conduta de alguns colegas seus em relação ao problema judicial que enfrentava, ele desabafa ao amigo Wantuil:

⁶⁶ Este livro foi organizado e anotado por Wanda Amorim Joviano e Geraldo Lemos Neto.

⁶⁷ Rômulo, patrão de Chico Xavier na Fazenda Modelo, em Pedro Leopoldo, pertencia à família Joviano. Aliás, um outro livro mediúnico e póstumo, *Sementeira de luz*, organizado e anotado por Wanda Joviano, foi publicado em 2006. Contém centenas de textos escritos por Chico Xavier, entre 1935 e 1949, e assinados por Arthur Joviano. Os escritos são dirigidos à família deste último (Xavier, 2006).

O que me dizes, referentemente à atitude de certos confrades que descambam para o terreno das provocações declaradas, é a cópia do que sinto também. É muito triste vermos companheiros, com tantas expressões de cultura evangélica, arvorarem-se em lutadores e combatentes sem educação. Logo que houve o agravo da sentença (caso H. Campos), observando a agressividade de muitos, escrevi mais de cinquenta cartas privadas e confidenciais aos amigos da doutrina, com responsabilidade na imprensa espiritista, rogando a eles me ajudarem, por amor de Jesus, com o silêncio e a prece e não com defesas precipitadas e, confesso-te, que algumas dessas cartas foram escritas com lágrimas por mim, tal a desorientação de certos amigos que facilmente se transformam em provocadores e ironistas, esquecendo os mais mezinheiros deveres cristãos. (*Apud* Schubert, 1991, p. 32)

Esse trecho de carta já revela um Chico Xavier que também atuava nos bastidores do espiritismo brasileiro, enviando dezenas de cartas para tentar conter a agressividade daqueles que o defendiam na imprensa espírita. Se queriam ajudá-lo, que fosse com silêncio e prece, ao invés de provocação e ironia, as quais não condiziam com seus critérios cristãos. Na mesma carta, fala das acusações que sofria no meio espírita por causa de algumas reportagens sobre o caso Humberto de Campos:

Como sabes, meu caro Wantuil, nem todas as publicações poderiam ser corretas, no caso escandaloso, e nem todos os jornalistas me procuraram com boas intenções⁶⁸. Mas como sabes também, e conforme assevera o nosso Emmanuel, “na tarefa mediúnica, não podemos agradar a todos, mas não devemos desagradar a ninguém”. Minha situação era muito delicada e mesmo assim não faltaram inúmeros confrades que me escreveram cartas impiedosas e irônicas, quando liam reportagens em desacordo com a verdade dos fatos, como se eu devesse controlar todos os jornais que escreveram sobre o acontecimento.

⁶⁸ Um episódio protagonizado por um repórter e um fotógrafo da revista *O Cruzeiro* é um bom exemplo do sensacionalismo que parte da imprensa assumiu com relação a Chico Xavier, durante o caso Humberto de Campos (cf. Souto Maior, 2003, p. 95-100).

Alguns me perguntaram acicamente se eu não estava obsediado⁶⁹ e se já não havia enlouquecido. [...] Continuemos, meu amigo, em nossos trabalhos, edificados na consciência tranqüila. (*Apud* Schubert, 1991, p. 34)

Dessa vez, Chico Xavier fala da imprensa não espírita que cobriu o caso Humberto de Campos. Mas seu desagrado é ainda dirigido aos espíritas que o agrediam após lerem as mencionadas matérias. Perceba-se que, em situações problemáticas, o médium quase sempre evita citar os nomes das pessoas a quem se refere (isto ocorre em várias outras cartas a Wantuil que aqui não serão citadas). No entanto, costuma mencionar os nomes daqueles a quem elogia. Em 2 de março de 1945, Chico Xavier noticia a Wantuil o surgimento de Irmão X⁷⁰:

Tenho uma novidade para dar-te. O nosso amigo voltou a escrever, fazendo-se sentir agora com o nome de “IRMÃO X”. Achei curioso o primeiro trabalho que nos traz, nesta nova fase, e envio-te a cópia que datilografei para mandar-te. Se quiseres publicá-la no “Reformador” poderás fazê-lo, sendo que te envio o trabalho para este fim.

Emmanuel, pela audição, me recomendou te pedisse, caso julgues oportuna a publicação da mensagem inclusa, que ela seja feita no “Reformador”, sem qualquer alusão especial ao fato de o nosso amigo ter-se decidido a usar pseudônimo e nem qualquer referência ao nome que usou, como escritor, em nosso meio, poupando-lhe o espírito de novos dissabores. Para treinar no que Emmanuel me pediu, não farei mesmo alusão ao antigo nome dele nem mesmo em carta. Peço-te, pois, meu amigo, caso publiques o trabalho, que ele seja apresentado puramente assim como te envio, sendo que, segundo Emmanuel me disse, os leitores do “Reformador”, companheiros do coração, entenderão de pronto o assunto, sem necessidade de esclarecimentos escritos, ao mesmo tempo que evitaremos o assédio da grande imprensa, da qual, segundo o que Emmanuel me disse hoje,

⁶⁹ Termo espírita que significa estar sofrendo uma influência espiritual prejudicial (obsessão). Ver “Da obsessão” (Kardec, 1995, p. 306-323).

⁷⁰ Antes dessa carta, existe uma referência a Irmão X em texto, atribuído a Emmanuel, datado de 20/9/1944 (cf. Xavier, 2007, p. 236-237).

temos necessidade de descansar para atender ao que ele denomina “produção mediúnica pacífica e construtiva”. (*Apud* Schubert, 1991, p. 41-42)

Essa carta explica a origem de “Irmão X”. Como vimos, é o novo nome para designar Humberto de Campos. Por causa dos problemas na Justiça, o nome do escritor deixou de aparecer nos livros mediúnicos da série posteriores ao processo – mas o pretendido segredo da relação entre Irmão X e Humberto de Campos não durou muito tempo⁷¹. Notem-se outras informações relevantes: Chico Xavier, após escrever o texto à mão, datilografa-o para entregá-lo ao amigo e editor da FEB (consta que este era um procedimento comum do médium). Além disso, Emmanuel dava recomendações para o editor: Wantuil, se concordasse, poderia publicar o texto, mas não deveria explicar nada a respeito de Irmão X nem mencionar o nome de Humberto de Campos (que experimentara dissabores por causa do processo). Já a opinião de Emmanuel, de que os leitores do *Reformador* reconheceriam facilmente Humberto de Campos em Irmão X, seria um bom tema de pesquisa (será mesmo que esses leitores tiveram tal percepção?), mas não localizei muitos artigos – a respeito dos livros atribuídos a Irmão X – escritos antes da divulgação de que ele e Humberto de Campos seriam o mesmo autor. Na mesma carta, Chico Xavier expõe seus receios com relação aos textos de Irmão X:

⁷¹ Em artigo intitulado “Humberto de Campos”, publicado no *Reformador* de fevereiro de 1957, a revista oficializa a identidade de Irmão X: “[...] A primeira recomendação do ‘renascido Irmão X’ foi exatamente a de que este órgão não tornasse público que Irmão X era o próprio Humberto. E nós lhe cumprimos o desejo. Todos percebiam, através de seus novos livros e de suas brilhantes crônicas, que Irmão X era ele, mas nunca lhe desrespeitamos a recomendação, aliás, renovada algumas vezes. Humberto ‘morreu’. Para nós, só passou a existir, em nosso meio espiritual, o Irmão X. Que ele nos perdoe, pois, o esquecer-lhe agora a recomendação, com essa crônica que jamais escreveríamos, se não fora surgirem pseudo-comunicações dele, usando-lhe o nome terreno, nome que ele próprio alijou para o passado, e, ainda por acréscimo, acompanhado do pseudônimo que ele criou, há doze anos, para suas novas mensagens através de Francisco Cândido Xavier” [...]. (*Reformador*, fevereiro de 1957, p. 39)

[...] devo dizer-te que, ao sentir-me de novo visitado por esse amigo espiritual, a que nos referimos aqui, experimentei preocupações e receio. Por causa das mensagens dele tenho entrado em lutas muito fortes que eu, francamente, não desejaria ver repetidas, embora saiba que é a Vontade do Senhor que deve ser cumprida e não a nossa. Não fugirei, de modo algum, aos meus deveres para com a mediunidade, mas rogo a Jesus para que cessem as lutas de opinião, por vezes tão amargas, não para a minha miserável pessoa que nada vale, mas para o campo de trabalhos de nossa Consoladora Doutrina e para os meus amigos da Federação, dedicadíssimos à luta venerável do bem e que não devo estar perturbando com assuntos desagradáveis. Sei que me compreendes e isso me conforta. Desse modo, se a Federação lançar o trabalho da fase nova desse companheiro espiritual que tanto tem se esforçado pela causa do Espiritismo Cristão, reservar-nos-emos quanto à identificação do autor tão-só para as conversações e entendimentos verbais, evitando-se qualquer referência escrita. Se alguém, noutras publicações doutrinárias, mais tarde, escrever alguma coisa nesse sentido, o que não poderemos evitar, correrá por conta dos que escreverem semelhantes observações em outros círculos, não achas? Quanto a nós, com a ajuda de Deus, ficaremos em contacto doravante com o “Irmão X”, amando-o pelo que ele é e pelo que nos traz e não pelo seu nome. Ao enviar-te esta mensagem rogo a Jesus para que esta nova fase dele seja pacífica. (*Apud* Schubert, 1991, p. 47)

Observe-se que, mesmo em carta destinada a um interlocutor particular, Chico Xavier desenvolve sua recorrente tópica do servo do Senhor, pronto para submeter-se às exigências que surgirem para cumprir seus “deveres para com a mediunidade”, deixando sua própria vontade em segundo plano. Em outra passagem, sabendo que suas cartas poderiam vir a público, previne Wantuil para falarem em Humberto de Campos apenas oralmente, não mais em registro escrito. Também é interessante notar o temor de Chico Xavier com o prosseguimento da série mediúnica, agora em nova fase, visto que a etapa anterior lhe dera resultados pouco pacíficos. Em carta de 26 de abril de 1945, ele diz a Wantuil:

Recebi as mensagens publicadas em “Reformador”, a que te referes. Há dias, ouvi Emmanuel sobre o assunto, sendo que ele aconselhou fossem todas elas (com exceção de algumas) colocadas em futura edição provável do “Novas Mensagens”. Diz ele que não será útil fazer uma nova publicação com esses trabalhos e, de agora em diante, o nosso velho amigo é o “Irmão X” para todos os efeitos, sendo de esperar que ele nos dê algo, de novo, mais tarde, sob esse nome igualmente novo, não é? Recebi ontem a 3ª edição do “Novas Mensagens”, o que te agradeço e, assim, esperaremos o futuro e teremos bastante tempo para tratar do caso, não achas? A propósito, envio-te a nova mensagem que recebi do “Irmão X”, ontem, e que passo para as tuas mãos. Achei-a muito interessante. (*Apud Schubert, 1991, p. 54*)

Embora sem mencionar o nome de Humberto de Campos, aqui já é possível inferi-lo, uma vez que Chico Xavier cita o livro *Novas mensagens*. A referência, no trecho acima, é provavelmente a mensagens com a assinatura de Humberto de Campos publicadas no *Reformador*, antes do processo, e não impressas em livro⁷². Mais uma vez, aparece Emmanuel envolvido com as questões de edição. Um novo título que enfeixasse esses textos assinados por Humberto de Campos iria contrariar decisões já tomadas. E menos cabível ainda seria alterar a assinatura dos textos para Irmão X. Por isso, o meio-termo seria incluí-los em edição futura de um livro já existente. No final do trecho, a referida mensagem que Chico Xavier envia a Wantuil talvez seja “Conquista e liberdade”, publicada na primeira página do *Reformador* de maio de 1945 e, depois, em *Lázaro redivivo*. Um outro tipo de problema é referido em carta de 25 de março de 1947:

Li a carta que o “Mundo Espírita” publicou. Encomendemo-nos à Misericórdia Divina. Também como tu pedi ao Ismael nada responder. Seria muito triste “lançar gasolina nesse fogo”. Há casos em que todo comentário é difícil. Por minha vez, estranho o

⁷² Nessa situação encontram-se, por exemplo, os textos “Ante a nova guerra”, de 22 de maio de 1940 (Xavier, 1940b); “Cristãos infiéis”, de 12 de julho de 1940 (Xavier, 1940a); “A vós que ouvis”, de 23 de maio de 1941 (Xavier, 1941); “De pé os mortos”, sem data indicada (Xavier, 1942). Esses textos não foram incluídos em *Novas mensagens* nem, salvo engano, em outros livros.

que ocorre, de tal modo que só vejo uma saída: Levar o coração em silêncio para a casa da prece. (...)

Não te incomodes com a declaração havida de que o trecho alusivo a Roustaing, em “Brasil”, foi colocado pela Federação. Quando descobrirem que a Casa de Ismael seria incapaz disso, dirão que fui eu. De qualquer modo, eles falarão. O adversário tem sempre um bom trabalho – o de estimular e melhorar tudo, quando estamos voltados para o bem. (Apud Schubert, 1991, p. 132)

A FEB e Chico Xavier estavam sendo atacados, por outros espíritas, por causa de um trecho do livro *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* que menciona um autor francês cuja obra divide as opiniões no meio espírita. Como seus livros⁷³ eram aceitos e divulgados pela FEB, surgiu a acusação de que a editora interpolara o referido trecho. A reação de Chico Xavier vai ao encontro de outra, comentada acima, em que pedia silêncio e prece aos espíritas que, a fim de defendê-lo na imprensa, eram irônicos e agressivos. Entretanto, com relação à autoria, fica implícito o ponto mais significativo desse trecho de carta. Ainda que existam divergências doutrinárias entre os leitores espíritas, há um inequívoco acordo de leitura: tratando-se de um livro mediúnico, o responsável pelo texto é o autor espiritual. Como houve um descontentamento doutrinário, acusou-se primeiramente a editora, para se preservar o autor espiritual. Se ficasse provado que o original não fora modificado, a acusação, no entender de Chico Xavier, recairia sobre ele próprio. Por último, se isento o médium, confirmar-se-ia que a passagem polêmica era mesmo de autoria espiritual. Essa escala, porém, na perspectiva de Emmanuel e de Chico Xavier, não terminava aí. Em carta de 24 de agosto de 1947, ao tratar da divisão de responsabilidades pelo registro escrito (refere-se ainda a *Brasil*), o médium oferece a Wantuil uma consideração de Emmanuel: “o trabalho nosso é de cooperação e nem ao próprio autor espiritual pode ser conferida a responsabilidade exclusiva do serviço, de vez que o Dono da Obra é Jesus, de quem estamos recebendo possibilidades para contribuir na sementeira da luz.” (Apud Schubert, 1991, p. 165).

⁷³ Refiro-me aos *Quatro evangelhos*, de J. B. Roustaing, publicados pela FEB.

Em nova carta, datada de 22 de novembro de 1947, Chico Xavier trata de alguns livros seus que seriam editados pela FEB: “[...] De pleno acordo quanto à ‘Agenda’. Creio que deixá-la para janeiro ou fevereiro será boa providência, em face dos três livros infantis que sairão de uma só vez. Até fins de dezembro [...] espero em Jesus poder mandar-te o novo livro do Irmão X, em confecção. Já passei os olhos pelo ‘Parnaso’, mas desejo fazer uma releitura mais detida.” (*Apud* Schubert, 1991, p. 196-197)

Chama a atenção, na passagem citada, a quantidade de livros concluídos ou em andamento: são eles, segundo Schubert, *Agenda cristã*, de André Luiz; *Mensagem do pequeno morto*, de Neio Lúcio; *História de Maricota*, de Casimiro Cunha; *Jardim da infância*, de João de Deus; e *Luz acima*, de Irmão X⁷⁴. Além disso, Chico Xavier menciona uma revisão no *Parnaso de além-túmulo*, que ele deveria realizar detidamente.

Essa grande produção, porém, poderia causar uma má impressão, de acordo com uma interessante recomendação assinada por Emmanuel em 18 de fevereiro de 1948: “Solicitamos ainda que a data de 19 de janeiro do prefácio [de *Voltei*] seja transferida para 19 de fevereiro, em razão de o *Luz Acima* estar datado de 14 de dezembro. Não convém que dois livros sejam entregues ao público com diferença tão reduzida. Daríamos a idéia de ‘massa’, o que devemos evitar!” (Xavier, 2007, p. 383). A minúcia da solicitação, preocupada com a imagem da obra de Chico Xavier, foi acatada: o prefácio de *Voltei* está datado de 19 de fevereiro de 1948.

Em nova carta a Wantuil, em 11 de junho de 1957, o médium requisita a organização de mais um livro de Irmão X: “Caro Wantuil, o livro saído por último do Irmão X é de 1951. Ele deseja organizar um volume novo com as crônicas de pequenas histórias e apólogos publicadas [sic] em ‘Reformador’, de 1951 até agora, selecionando 40 ou 50. Que achas da idéia? Poderia ouvir-lhe as instruções, redatilografar as páginas e mandar-te em fins de 57 ou princípios de 58, se Deus permitir.” (*Apud* Schubert, 1991, p. 350)

⁷⁴ Em texto psicografado por Chico Xavier, em 7 de janeiro de 1948, e assinado por Emmanuel, lê-se: “O nosso prezado Irmão X está presente e propõe o título *Luz Acima* para o trabalho que terminou em 14 de dezembro último”. (Xavier, 2007, p. 377)

O livro referido no início do trecho acima é *Pontos e contos*. Note-se que Chico Xavier atribui a decisão de publicar um novo livro não a si nem a Emmanuel, mas sim ao próprio Irmão X, responsável também pela seleção dos textos. A FEB acatou o pedido de Chico Xavier e publicou o volume *Contos e apólogos*, que reúne 40 narrativas e cujo prefácio é datado de 30 de outubro de 1957. Em outra carta a Wantuil, de 16 de setembro de 1957, volta à questão dos nomes: “Ouvi o Irmão X e ele disse-me que a tua idéia de retirar-se o nome de família dos livros dos quais ainda consta é excelente. Podes agir como melhor te pareça.” (*Apud* Schubert, 1991, p. 355)

Não se sabe por que Wantuil apresentou a Chico Xavier a idéia de, treze anos após o processo, retirar o nome de Humberto de Campos dos cinco primeiros livros da série. O médium diz que Irmão X aprovara o intento – que não foi concretizado. Ao contrário disso, houve um irreversível estreitamento entre os nomes Humberto de Campos e Irmão X. Um exemplo: atualmente, no site oficial da FEB, em sua livraria virtual (<http://www.feblivraria.com.br/>), os livros da série posteriores ao caso Humberto de Campos aparecem com a indicação do título, do nome do “Médium: Francisco Cândido Xavier” e do “Espírito: Humberto de Campos (Irmão X)”, ou seja, “Irmão X” como adendo a Humberto de Campos.

5.1. MAIS UM CASO PROBLEMÁTICO DE ATRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Acompanhemos agora uma consequência do problema judicial de 1944, paralela à série Humberto de Campos/Irmão X. Refiro-me à atribuição de autoria ao livro *Voltei* e, para tal, à relação entre Chico Xavier e Frederico Figner (ou Fred Figner). Nascido em 1866 na Boêmia, atual República Checa, filho de israelitas, foi Figner quem implantou e divulgou no Brasil o fonógrafo, aparelho inventado por Thomas Edison. Em 1900, fundou no Rio de Janeiro a Casa Edison, ponto inicial do mercado musical brasileiro; em poucos anos, tornou-se milionário. No início do século XX, converteu-se ao espiritismo; participava diariamente do auxílio mediúnico a enfermos, na FEB, da qual chegou à vice-presidência. Manteve no *Correio da Manhã*⁷⁵ uma coluna de crônicas espíritas. Morreu em 19 de janeiro de 1947, deixando três filhas⁷⁶. Figner e Chico Xavier eram amigos; trocaram correspondências por dezessete anos consecutivos (Schubert, 1991).

Em carta de 30 de janeiro de 1947, Chico Xavier conta a Wantuil que ele fora informado, pelas filhas de Figner, de que este lhe destinara um legado de cem mil cruzeiros. Chico Xavier diz então a Wantuil que não aceitaria para si o dinheiro, o qual deveria ser doado diretamente à FEB, para financiar a “instalação de novas oficinas para o livro espírita” (*Apud* Schubert, 1991, p. 124). Esta seria, segundo Chico Xavier, a melhor homenagem que ele poderia prestar a Figner⁷⁷.

Em carta de 22 de novembro de 1947, escreve a Wantuil: “Tenho estado com o nosso estimado Sr. Figner em espírito. Está contente e tranqüilo, não obstante mais pensativo. Vejo-o remojado e forte e tem conversado longamente comigo, o que me tem trazido grande emoção. No caso de recebermos alguma coisa dele, como agiremos?

⁷⁵ Jornal, aliás, em que Humberto de Campos manteve a seção “Vida literária”, entre 1928 e 1930.

⁷⁶ Para maiores informações sobre Frederico Figner, ver os artigos de Zêus Wantuil e de Viriato Correia (Wantuil, 1990, p. 340-354); o livro *A Casa Edison e seu tempo* (Franceschi, 2002); e os verbetes “Fred Figner” e “Casa Edison” no site <http://www.dicionariompb.com.br/>.

⁷⁷ A respeito da prática de Chico Xavier de não aceitar para si doações e presentes vultosos, como o legado de Figner, ou de pouco valor material, ver a interpretação de Lewgoy (2004, p. 73-89): “Vivendo entre dois mundos: antropologia de uma santidade espírita”.

Precisamos de autorização da família para dar-lhe publicidade à palavra? Que dizes? Penso nisso, de antemão, porque ele promete escrever por meu intermédio e temo complicações.” (Apud Schubert, 1991, p. 197)

Três anos após o término do caso Humberto de Campos, Chico Xavier ainda teme a repetição de uma contenda semelhante. É digna de nota, no trecho acima, a extensão de suas projeções. Ele diz que está mantendo contato com o espírito de Figner, que planeja escrever por seu intermédio. A partir disso, pensa não apenas no futuro manuscrito, mas também no livro, que a FEB certamente publicaria, e no problema da atribuição da autoria, visto que a família de Figner poderia não autorizar que o nome do fundador da Casa Edison figurasse como “autor espiritual” de um livro mediúnico. Em 4 de janeiro de 1948, ele volta ao assunto:

Queria guardar a surpresa, entretanto, não posso. Receba-a, pois. Estou recebendo as primeiras impressões do nosso amigo Sr. Figner, no Além. É pensamento dele constituir delas um livro pequeno, tamanho “Lázaro Redivivo”⁷⁸. São páginas de muito sabor para o meu coração. Peço-te para que esta notícia fique, por enquanto, entre nós dois, Ismael e o Sr. Gaio. Quando o trabalho ficar pronto, é minha intenção pedir-te dá-lo a conhecer à senhora filha dele, antes da publicação, para sabermos se ela consente em que o nome do pai figure na capa. Que achas? Tenho encontrado muito interesse e reconforto nas narrativas do nosso amigo que passou em janeiro findo. (Apud Schubert, 1991, p. 204)

Ainda preocupado com a reação da família de Figner, Chico Xavier diz a Wantuil que pretende dar-lhe a incumbência de levar o futuro texto mediúnico a uma filha do amigo que morrera há quase um ano. A propósito, as informações referentes a datas parecem ter grande relevância na produção de Chico Xavier. Em texto que ele psicografou em 7 de janeiro de 1948, assinado por Emmanuel, há a seguinte passagem: “Quanto ao trabalho do

⁷⁸ *Lázaro redivivo* tem 263 páginas (Xavier, 1995b). *Voltei*, resultado do livro em projeto, terá 200 páginas (Xavier, 1997b).

nosso amigo Figner, desejamos seja o mesmo terminado até o dia 19 do corrente, dia que lhe comemora as núpcias com a liberdade espiritual. Assim desejamos proceder em homenagem ao companheiro que há dez anos nos oferecia mão forte à luta e que há um ano nos possibilitou a reafirmação do nosso amor à missão do livro.” (Xavier, 2007, p. 377-378)

Com base em nova carta, de 18 de março de 1948, sabemos que, antes desta data, os escritos já haviam sido concluídos e datilografados; o original estava com as filhas de Figner: “Anotei o que dizes referentemente às Senhoras Figner. Caso não nos autorizem a fixação do nome de nosso amigo no trabalho, rogo-te devolver-nos o original datilográfico, a fim de ouvirmos o plano espiritual para o reajustamento necessário. Isto, depois que as Senhoras te restituírem o documento. Também creio que elas não nos darão a licença desejada. Espero os resultados da visita que a elas fará o nosso estimado Rocha Garcia.” (*Apud* Schubert, 1991, p. 213)

A provável fonte de Chico Xavier, quando diz que não crê na autorização das filhas de Figner, é um texto de 10 de março de 1948, assinado por Emmanuel, em que este, valendo-se de uma pretendida percepção de maior alcance, fala das repercussões do original entre as herdeiras: “as filhas do nosso amigo e irmão Figner, perplexas, hesitam ante a leitura das páginas paternais. Esperavam que ele não encontrasse, além da morte, outro esforço senão o de transpor a entrada do ‘Paraíso’.” (Xavier, 2007, p. 385). Outro trecho da carta nos dá a impressão de que nem Chico Xavier nem Wantuil haviam providenciado uma cópia do original, que fora emprestado às filhas de Figner. No entanto, se levarmos em conta algumas recomendações expressas em texto de Emmanuel, em 18 de fevereiro de 1948, e dirigidas a Chico Xavier, é provável que houvesse uma cópia.

Ficaríamos satisfeitos se puderdes remeter ao Rio o trabalho do nosso irmão Fred Figner. Cremos aconselhável a seguinte medida preliminar: confiareis a primeira via ao irmão Wantuil, que se incumbirá de levá-lo ao conhecimento das filhas do prezado companheiro, presentemente conosco, tentando obter da parte delas o necessário

consentimento para que o nome paterno figure na apresentação do trabalho. Caso concordem, o *Voltei* poderá correr os caminhos normais. Todavia, na hipótese negativa, o nosso irmão Figner adotará um ‘nome universal’ para a nova luta em que se acha interessado. Enviareis, assim, a segunda via ao nosso amigo [Manuel] Quintão, explicando a ele a contingência em que nos achamos, perante a incerteza de uma aprovação ou de um veto familiar. Consideramos, por isso, mais acertado que as filhas do nosso companheiro leiam o trabalho paterno na cópia número um. (Xavier, 2007, p. 383)

Esses cuidados, com vistas ao consentimento da família Figner, decorrem dos problemas enfrentados por Chico Xavier e pela FEB em 1944, no caso Humberto de Campos. De volta à carta a Wantuil, observe-se a importância que davam à atribuição da autoria: se as filhas realmente negassem a permissão, Chico Xavier deveria ouvir o plano espiritual para tomar novas decisões. Mas as herdeiras tardavam a resposta. Por meio da carta de 9 de abril de 1948, na qual Chico Xavier menciona o título do livro⁷⁹, sabemos que, até esta data, elas não haviam dado resposta: “Sobre o ‘Voltei’, penso que devemos esperar pela decisão das Senhoras Figner. Emmanuel é de opinião que não devemos precipitar e sim aguardar o tempo, de vez que não nos convém abrir luta de modo algum⁸⁰.” (*Apud* Schubert, 1991, p. 218)

A precaução continua. No trecho acima, surge novamente Emmanuel, envolvido na edição do futuro livro. A indefinição prosseguiu até o ano seguinte. Em carta de 28 de janeiro de 1949, descobrimos que a autorização para o uso do nome de Figner fora negada. O original continuava em posse das filhas:

⁷⁹ A primeira menção ao título do livro aparece em texto de Emmanuel, de 11 de fevereiro de 1948: “Na próxima reunião, daremos algumas sugestões quanto à remessa do livro de impressões do nosso irmão Figner, que ele propõe seja intitulado *Voltei*.” (Xavier, 2007, p. 382)

⁸⁰ A referência a este trecho é a seguinte passagem de Emmanuel, escrita em 7 de abril de 1948: “Relativamente ao *Voltei*, somos de opinião devamos esperar mais tempo pelo parecer das irmãs Figner. Pelo menos, por alguns meses. Até dezembro próximo. Cabe-nos fazer tudo para evitar o ‘fermento dos fariseus’, em torno do serviço edificante.” (Xavier, 2007, p. 390)

Quanto ao livro do Sr. Figner, logo que nossas irmãs restituírem o original, peço-te encaminhá-lo para cá, a fim de receber as impressões do autor sobre a apresentação. O nosso devotado Emmanuel me diz que ele escolherá um pseudônimo semi-reconhecível em nosso meio doutrinário, não se oferecendo ocasião aos descendentes para um processo escandaloso e dispensável. Seria muito interessante se conseguisses, habilidosamente, que as senhoras nos devolvam o original e, de posse dele, farás o favor de enviar para cá, em meu nome, e logo que for “retificado” o nome do autor será reconduzido às tuas mãos, sim? (*Apud* Schubert, 1991, p. 250)

O trecho não esclarece a circunstância da recusa, que fica implícita. Chico Xavier quer de volta o original. Ele pretende ouvir a opinião de Figner para tomar novas providências. A frase em que menciona Emmanuel é ambígua: não se sabe se o pronome “ele” se refere a Emmanuel ou a Figner. De qualquer forma, pretende-se agora criar um “pseudônimo semi-reconhecível”, que cumpra dupla função: ser identificado no meio espírita como uma máscara de Figner – que mais mostre do que esconda – e, por outro lado, não oferecer possibilidade de a família processar o médium e a editora, como no caso Humberto de Campos.

Na carta de 10 de março de 1949, Chico Xavier volta a tratar do pseudônimo: “em reunião íntima de ontem, manifestou-se Emmanuel e pediu que no ‘Voltei’ o nome do nosso amigo Sr. Fred Figner passe a ser ‘Irmão Frederico’⁸¹. Desse modo, não precisas devolver-me o original.” (*Apud* Schubert, 1991, p. 253-254). Dá-se a entender, até aqui,

⁸¹ Este trecho de carta tem como base a seguinte passagem da psicografia de Chico Xavier, assinada por Emmanuel, de 9 de março de 1949: “Relativamente ao livro do nosso amigo Figner, combinamos seja empregado o nome ‘Irmão Frederico’, apenas. Não nos convém disputar com inimigos, quanto mais com amigos, que só nos compete respeitar e prezar, quais sejam os parentes encarnados que ele deixou em vosso círculo. Sugerimos não seja o original restituído às nossas mãos e sim pedimos para que o nosso companheiro presente, tão logo possa, faça uma releitura do *Voltei*, assinalando todas as páginas em que o nome ‘Figner’ esteja grafado, permutando-o por ‘Frederico’. Daremos ciência disto ao irmão Wantuil e o volume aqui retificado será remetido, então, ao nosso amigo Quintão, de acordo com o programa de sempre. Acreditamos que assim solucionaremos o assunto.” (Xavier, 2007, p. 446)

que a única pendência para a publicação era a adoção do pseudônimo. Mas três dias depois, em nova carta, escreve Chico Xavier a Wantuil:

[...] quanto ao “Voltei”, Emmanuel insiste em que o nome a adotar-se seja o de “Irmão Frederico” e nos recomenda que ainda nos serão apresentadas umas duas ou três corrigendas para o texto, para que a identificação verbal não seja feita. São as passagens em que ele fala das crônicas, no “Correio da Manhã”, e em que diz (se diz) introdutor do fonógrafo de Edison. Colherei a opinião de Emmanuel para as retificações e as enviarei. Diz o nosso amigo que não convêm as reticências, porque devemos tratar de fazer assentamentos definitivos de serviço para que, em nos desencarnando, não tenhamos a aflição de vir consertar. (...) [sic] As reticências toda vez que vistas acordariam nos leitores um risinho produtor de vibrações desagradáveis para o Espírito do Sr. Figner, depois de haver possuído ele tantos nomes através de muitas reencarnações, ele é o que é – irmão da Humanidade e filho de Deus. As filhas, desse modo, não terão com que proclamar afirmativas públicas desse ou daquele teor e estaremos tranqüilos por nossa vez. (*Apud* Schubert, 1991, p. 262)

O termo “insiste”, do início do trecho, sugere que alguém propusera um outro pseudônimo. Mas não bastaria um pseudônimo: alguns trechos do volume deveriam ser alterados, para que o narrador, em primeira pessoa, não fosse identificado diretamente como Fred Figner. Chico Xavier menciona duas ocorrências que deveriam ser reescritas. O ponto que mais chama a atenção, porém, é sua justificativa para vetar as reticências em passagens a serem modificadas. Essa pontuação lacunar daria a entender que algo, relacionado à identidade de Figner, não pôde ser dito – o que denotaria queixa e desapeço às filhas do confrade. Os leitores que percebessem esta intenção, fixada naquelas reticências, poderiam rir de um modo a produzir “vibrações desagradáveis” para Figner. Mas os responsáveis por elas seriam Chico Xavier e seu editor, os quais teriam de reparar o deslize após a morte. Perceba-se que aí subjaz uma propriedade de uma noção peculiar de autoria: um autor, por menor que seja sua participação, é o responsável pelas repercussões

do texto que escreve – em um sentido mais consciencial do que jurídico. Em carta de 24 de março de 1949, Chico Xavier conclui os ajustes para que, finalmente, *Voltei* possa ser publicado pela FEB:

Esperando que tenhas recebido meu telegrama, confirmo a aprovação de nosso benfeitor espiritual.

Em todas as páginas do “Voltei”, inclusive na capa, o nome do nosso companheiro Sr. Figner deve ser “Irmão Jacob” e onde estiver “Raquel”⁸² deve ser “Marta”.

Para maior ocultação da identidade pessoal do autor, Emmanuel solicita as seguintes retificações: Pág. 2, 17ª. linha, a frase que se refere ao “Correio da Manhã” deve ser mudada para – “leitores de minhas páginas doutrinárias.” Na página 99, 13ª. linha, o trecho que se reporta ao nosso amigo indicando-o como introdutor do fonógrafo na América do Sul deve ser mudado para “– fonógrafo, cuja vulgarização tive o prazer de acompanhar”. Se mais alguma coisa surgir, nesse setor de reajustamentos no “Voltei”, dar-te-ei o aviso, e espero o obséquio de tuas notificações em qualquer outro caso do livro, em que julgues a corrigenda oportuna.⁸³ [...] (*Apud* Schubert, 1991, p. 265)

De acordo com esse trecho, Emmanuel aprovara as modificações para a publicação do livro, cuja autoria foi atribuída a “Irmão Jacob”, pseudônimo talvez proposto por Wantuil. As alterações nas duas passagens mencionadas obedecem ao mesmo critério do pseudônimo: substituir as referências diretas a Figner, mas com o cuidado de não impedir, textualmente, alusões a ele.

⁸² Raquel era uma filha de Figner, falecida antes dele (Wantuil, 1990).

⁸³ A aprovação de Emmanuel, referida por Chico Xavier, foi escrita em 23 de março de 1949, um dia antes da carta a Wantuil: “[...] julgamos oportuno que os dois principais personagens, o nosso amigo e a filha que o recebeu, adotem os nomes ‘Irmão Jacob’ e ‘Marta’, nomes que não lhes são estranhos na vida espiritual, para que o anonimato absoluto nos constitua defesa na hipótese do ataque indébito. E as corrigendas, como as que foram lembradas, quais a do cronista no *Correio da Manhã* e a da introdução do fonógrafo na América do Sul, serão levadas a efeito, permanecendo, de nossa parte, à disposição dos amigos para quaisquer outros reajustes.” (Xavier, 2007, p. 449-450)

III. A CONSTRUÇÃO DE UM AUTOR ESPIRITUAL

1. O MESMO? UM OUTRO?

Como reconstruir a enunciação de um autor que já morreu? O que nós, leitores, esperaríamos de um literato que voltasse a escrever, detentor agora de uma experiência da morte, mas precisando dispor de um auxiliar mediúnico, de carne e osso, capaz de lhe captar os pensamentos? Decerto, nossas expectativas seriam múltiplas e conflitantes, visto que esses dois pressupostos, ainda que levados a sério, poderiam justificar tantas divergências entre a obra de um determinado autor e uma obra mediúnica a ele atribuída, a ponto de não fazer sentido uma presunção de unidade autoral⁸⁴. Além disso, embora possa passar despercebida, uma teoria a respeito do *post-mortem*, que normalmente se relaciona a visões religiosas, sempre estará presente nas leituras de tais textos; portanto, de antemão, textos psicografados atribuídos a um escritor não são simplesmente equiparáveis a textos escritos por esse mesmo escritor antes de sua morte, a não ser que se pressuponha que um médium é semelhante a um lápis e que uma experiência da morte não é um dado significativo.

A Humberto de Campos, que resenhou a primeira edição de *Parnaso de além-túmulo*, causou-lhe incômodo a semelhança poética entre os autores do além e as suas obras terrenas, porque, com base nos poemas psicografados, imaginou um plano espiritual onde os poetas fariam eternamente a mesma literatura que praticaram em vida. Por outro lado, narrativas espiritualistas assinadas por escritores que, antes de morrerem, professavam outros pontos de vista também repugnam aqueles que esperariam uma continuidade das perspectivas que os caracterizaram.

⁸⁴ Aqui, entendo “unidade autoral” como um pressuposto de leitura que procura estabelecer uma coerência mínima entre textos de um mesmo autor (cf. Compagnon, 2003).

Veremos, neste capítulo, quais foram as estratégias utilizadas na série mediúnica que visaram a reconstruir a enunciação de Humberto de Campos após sua morte⁸⁵. Lemos na crônica “Trago-lhe o meu adeus sem prometer voltar breve”, escrita em 28 de abril de 1935:

Apreciando, em 1932, o “Parnaso de Além-Túmulo”, que os poetas desencarnados mandaram ao mundo por intermédio de você, chamei a atenção dos estudiosos para a incógnita que o seu caso apresentava. Os estudiosos, certamente, não apareceram. Deixando, porém, o meu corpo minado por uma hipertrofia renitente, lembrei-me do acontecimento. Julgara eu que os bardos “do outro mundo”, com a sua originalidade estilística, se comprometiam pela eternidade da produção, no falso pressuposto de que se pudessem identificar por outra forma. (Xavier, 1998a, p. 209)

O final do trecho sugere um propósito de identificação, presente na antologia poética, e uma discordância da idéia exposta por Humberto de Campos em “Como cantam os mortos” (Campos, 1932b). Indicia, desse modo, que também o autor da série de que nos ocupamos, assumindo como suas a história e as idéias de Humberto de Campos, procurará identificar-se como sendo ele próprio. A leitura que faremos da série tem o objetivo de entender o funcionamento textual dessa autoria mediúnica. Começemos, pois, pelas linhas gerais dos livros que Chico Xavier atribuiu ao autor de *Memórias*.

Crônicas de além-túmulo, lançado em 1937⁸⁶, reúne um prefácio e 35 cartas e crônicas, ao longo dos quais o autor se situa num plano espiritual e dialoga com a obra de

⁸⁵ Em *Espiritismo à brasileira*, Sandra J. Stoll sugere o estudo, que vai ao encontro deste capítulo e do próximo, da “construção da verossimilhança no texto mediúnico” (Stoll, 2003, p. 79).

⁸⁶ Antes disso, em 1935, um texto mediúnico atribuído ao escritor maranhense foi incluído como prefácio do já mencionado *Parnaso de além-túmulo*, a partir de sua 2ª edição.

Humberto de Campos. A intertextualidade⁸⁷ que aí se estabelece busca produzir, entre os leitores que conhecem a literatura de Humberto, um “efeito de sobrevivência”, isto é, uma impressão de que quem fala é o autor “morto”. Outros fatores potencializam esse efeito: o discurso sobre si foi bastante eficaz na literatura de Humberto de Campos, e a mediunidade procura recuperar esse *eu*; além disso, cartas e crônicas são dois tipos textuais em que a primeira pessoa do narrador fica em evidência, e normalmente se funde com a figura do autor.

Apresentando-se no além-túmulo, o autor trata de reformular suas convicções. Em seus últimos anos de vida, sob um “resignado materialismo”, não acreditava em sua sobrevivência após o decesso. Reconhecida sua continuidade, adere aos poucos ao espiritismo⁸⁸, em sintonia com Chico Xavier, o autor empírico. Esse primeiro livro, portanto, propõe um prosseguimento da história de Humberto de Campos.

Dentre as cartas do volume, há uma dirigida aos filhos do escritor; duas a mães anônimas, que remetem às respostas públicas que dava Humberto de Campos a leitores que lhe escreviam; uma a Jesus; uma a Maria Lacerda de Moura⁸⁹, intelectual ligada ao feminismo, ao anarquismo e ao espiritualismo; uma ao prefeito do Rio de Janeiro, Olímpio de Mello, a quem o autor reivindica o retorno da subvenção ao Abrigo Teresa de Jesus; uma, enfim, à mãe do escritor, Ana de Campos.

⁸⁷ As referências, nesta tese, a tal noção dizem respeito à “intertextualidade *stricto sensu*”. Além disso, não faremos distinção entre intertextualidade e autotextualidade (cf. Koch, Bentes, Cavalcante, 2007, p. 17-43).

⁸⁸ Na história do autor espiritual, cujo primeiro texto é datado de março de 1935, essa conversão pode ser entrevista nos dois últimos parágrafos da crônica “A casa de Ismael” (Xavier, 1998a, p. 111-112), escrita em 12 de junho de 1936.

⁸⁹ “Carta a Maria Lacerda de Moura” foi escrita em 24 de julho de 1936. A missiva provavelmente foi entregue à destinatária, porque Chico Xavier a conheceu pessoalmente no ano seguinte, quando também ela estava envolvida com experiências mediúnicas. Em entrevista a Elias Barbosa, disse Chico Xavier: “Dona Maria Lacerda de Moura, com quem troquei impressões sobre o intercâmbio em andamento, declarou-me estar convencida quanto à sobrevivência da alma, depois da morte. E, por várias vezes, me disse que se partisse para o Mundo Espiritual, antes de mim, viria, se pudesse, ao meu encontro para escrever o que lhe fosse possível. Desencarnada em 1945, voltou a ver-me em espírito e grafou, por minhas mãos, a mensagem que consta do livro *Falando à Terra*.” (Barbosa, 1997, p. 50)

Os temas das crônicas são bem variados: as primeiras incursões do autor no além-túmulo; entrevistas que obteve de mortos ilustres e anônimos; a trajetória de Charles Richet; uma homenagem a Allan Kardec; a acusação contra Bruno Richard Hauptmann; o problema da longevidade etc.

As representações do autor espiritual eram reforçadas pelos editores da FEB. Eles incluíram, em *Crônicas de além-túmulo*, algumas notas de rodapé, orientadoras de leitura. Em uma delas, explicam que um nome, escrito por extenso no original, foi indicado, para o público, por suas iniciais⁹⁰, pois julgaram que os descendentes da pessoa citada “poderiam molestar-se com as referências que lhes fez o Espírito de Humberto de Campos” (Xavier, 1998a, p. 31). Com isso, os editores procuravam ratificar o caráter mediúnico do texto e demonstrar respeito aos originais. Também nesse sentido, há uma nota em que a editora aponta um lapso do autor a respeito de um dado biográfico de Richet⁹¹, enfatizando, nas entrelinhas, que um autor espiritual pode equivocar-se tanto quanto autores de carne e osso.

O segundo livro da série⁹², publicado em 1938, segue um outro caminho, que concilia um tema recorrente nos escritos de Humberto de Campos – a história do Brasil⁹³ – a uma leitura espírita do país. Trata-se de *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, que relaciona episódios tradicionais da história brasileira com outros que se passam num plano espiritual. Como adianta o título, a narrativa apresenta a tese de que, no conjunto das

⁹⁰ Eis o trecho: “Esta pergunta me foi dirigida pelo coronel C... da C..., que eu conhecera numa das minhas viagens pelo Nordeste.” (Xavier, 1998a, p. 31)

⁹¹ Após a informação de que Richet ganhara o Prêmio Nobel da Paz em 1913, lê-se na nota de rodapé: “Certamente houve aí um lapso do Autor. Richet, apesar de ardoroso pacifista, não recebeu nenhum Prêmio Nobel da Paz, mas sim o de Medicina, que lhe premiou a descoberta da anafilaxia.” (Xavier, 1998a, p. 97)

⁹² Como o livro *Palavras do infinito*, publicado pela LAKE, reúne, além dos textos que também estão em *Crônicas de além-túmulo* (exceto “A palavra dos mortos”), produções atribuídas a outros autores, não o considere como um volume independente da série.

⁹³ Alguns exemplos, além de *O Brasil anedótico*, são os artigos de Humberto de Campos, reunidos em *Crítica*, que comentam livros sobre o Brasil: “A nossa formação étnica” (v. I), sobre *O Brasil na América*, de Manuel Bomfim; “Retrato do Brasil” (v. I), sobre o livro homônimo de Paulo Prado; “A Inquisição no Brasil” (v. II), sobre *Primeira visita do Santo Ofício às partes do Brasil: denúncias de Pernambuco*; “Capistrano de Abreu” (v. II), sobre *O descobrimento do Brasil*, do autor que intitula o texto; “Alfredo de Carvalho” (v. III), sobre *Aventuras e aventureiros no Brasil*, também do autor que intitula o artigo.

nações, teria o Brasil a destinação espiritual de ser o coração do mundo, o lugar para onde foi transportada a “árvore do Evangelho”.

É composto de 30 capítulos, precedidos de dois textos introdutórios, um atribuído a Emmanuel⁹⁴ e outro, a Humberto de Campos. Embora de modo menos evidente do que no livro anterior, o texto de *Brasil* também recorre à intertextualidade com a literatura de Humberto de Campos, a fim de cumprir uma espécie de exigência do vínculo autoral reivindicado pela mediunidade.

O livro seguinte, *Novas mensagens*, de 1940, cujo núcleo são 12 textos mediúnicos, retoma a tendência de *Crônicas de além-túmulo*, isto é, o diálogo mais direto com a vida e a obra de Humberto de Campos. Quanto à edição, foi este o volume mais apelativo, com relação ao potencial efeito de sobrevivência presente em suas páginas. As peculiaridades de *Novas mensagens* são a ausência de prefácio; a inclusão de notas de rodapé com explicações a referências históricas e mitológicas de alguns textos; a transcrição de trechos de jornais, que registraram as impressões de Agrippino Grieco sobre uma carta mediúnica a ele endereçada; a reprodução de uma carta do escritor Gastão Penalva: “A Humberto de Campos – (Onde estiver)”, publicada anteriormente na edição de 4 de outubro de 1939 do *Jornal do Brasil*; e dois textos escritos por Almerindo Martins de Castro, um sobre Humberto de Campos e outro sobre Chico Xavier.

Além da carta a Grieco, pela qual o autor busca identificar-se como sendo o espírito de Humberto de Campos, há em *Novas mensagens* uma resposta à carta de Gastão Penalva, escrita dois dias após a publicação da missiva deste a Humberto. Dentre os temas das crônicas, há uma entrevista com D. Pedro II; uma excursão a Marte; a transição de morte de Pio XI e os últimos momentos do general alemão Erich von Ludendorff.

⁹⁴ Emmanuel explica por que o “Espírito Humberto de Campos” foi incumbido de escrever o livro sobre “as origens remotas da formação da Pátria do Evangelho”: “O nosso irmão Humberto tem, nesse assunto, largo campo de trabalho a percorrer, com as suas facilidades de expressão e com o espírito de simpatia de que dispõe, como escritor, em face da mentalidade geral do Brasil.” (Xavier, 1996, p. 9). No último parágrafo do prefácio, complementa: “O nosso irmão encontra mais facilidade para vaziar o seu pensamento em soledade com o médium, como se ainda se encontrasse no seu escritório solitário; daí a razão por que as páginas em apreço foram produzidas de molde a se aproveitarem as oportunidades do momento.” (Xavier, 1996, p. 11)

Se, nesses três primeiros livros, apesar das mudanças que se operam na representação do autor, habitante agora de um outro mundo, os temas tratados geralmente se relacionam com o leque de interesses que era próprio de Humberto de Campos, uma nova fase da série surge com *Boa nova*, de 1941. Este livro reúne 30 narrativas com um recorte temático bem definido: episódios relativos a Jesus e a seus continuadores mais próximos, retirados do folclore dos planos espirituais, segundo o autor. Este, em *Boa nova*, refere-se a si mesmo apenas no prefácio, no qual procura explicar as conseqüências textuais decorrentes de seu novo estágio como escritor:

Oferecendo este esforço modesto ao leitor amigo, julgo prudente endereçar-lhe uma explicação, quanto à gênese destas páginas.

Dentro delas, sou o primeiro a reconhecer que os meus temas não são os mesmos. Os que se preocupam com a expressão fenomênica da forma não encontrarão, talvez, o mesmo estilo. Em período algum, faço referências de sabor mitológico. E naqueles velhos amigos que, como eu próprio aí no mundo, não conseguem atinar com as realidades da sobrevivência, surpreendo, por antecipação, as considerações mais estranhas. Alguns perguntarão, com certeza, se fui promovido a ministro evangélico.

Semelhante admiração pode ser natural, mas não será muito justa. O gosto literário sempre refletiu as condições da vida do Espírito. Não precisamos muitos exemplos para justificar o asserto. Minha própria atividade literária, na Terra, divide-se em duas fases essencialmente distintas. As páginas do Conselheiro XX são muito diversas das em que vazei as emoções novas que a dor, como lâmpada maravilhosa, me fazia descobrir, no país da minhalma.

Meu problema atual não é o de escrever para agradar, mas o de escrever com proveito. (Xavier, 1998b, p. 11)

Nesse trecho do prefácio, com relação à autoria do livro, ao adiantar o estranhamento de leitores ao mergulho que dá, nas narrativas de *Boa nova*, nos primeiros

anos do cristianismo, o autor sinaliza às contingências a que está sujeito, embora, ao justificar-se, procure resguardar uma identidade literária.

Todavia, o livro seguinte opera, em comparação com os anteriores, uma mudança ainda mais sensível. Publicado em 1943, *Reportagens de além-túmulo* contém 35 narrativas nas quais não mais se encontram os procedimentos típicos das crônicas de Humberto de Campos. Trata-se do primeiro volume mais abertamente doutrinário com relação ao espiritismo. Em suas páginas, a figura do autor fica em segundo plano, e praticamente não mais se observa o trabalho de intertextualidade com o universo de referências de Humberto de Campos, etapa, talvez, tida como superada.

Lembremos que, por causa do processo de 1944, o nome Humberto de Campos deixou de figurar na série e foi substituído por Irmão X. No início desse novo período, as representações do autor espiritual ganharam novos rumos. O livro *Lázaro redivivo*, lançado no final de 1945, reverte a tendência que vínhamos observando, a do progressivo apagamento dos índices textuais que associam o autor espiritual a Humberto de Campos. Desta vez, de modo cifrado, a história do escritor readquire especial destaque. Com o uso de alegorias, para referir-se ao processo judicial e à trajetória de Humberto de Campos – acrescida das novidades mediúnicas que Chico Xavier proporcionara nos dez anos após a morte do escritor –, o autor de *Lázaro redivivo* utiliza a seguinte estratégia: afirma que lançou ao vale do esquecimento o nome que assumia como seu, mas, nas entrelinhas, faz questão de demonstrar o conhecimento que possui do repertório intelectual do literato de Miritiba.

Nos livros seguintes da série publicada pela FEB – *Luz acima* (1948), *Pontos e contos* (1951), *Contos e apólogos* (1958), *Contos desta e doutra vida* (1964), *Cartas e crônicas* (1966) e *Estante da vida* (1969) –, predominam os escritos doutrinários, com temáticas espíritas e evangélicas. No entanto, esse predomínio é entrecortado por alguns textos que retomam a intertextualidade mais explícita com a obra de Humberto de Campos, como a narrativa “O homem e o boi”, de *Luz acima*, que é uma reescrita ampliada de “O rei da criação”, do autor de *Destinos*. Em outros textos, o autor é mais discreto do que nos

livros anteriores ao processo. Em grande parte das cartas em que rebate argumentos contrários à mediunidade e temas afins, não menciona o nome do interlocutor. Quando escreve sobre o escritor Coelho Neto no plano espiritual, trata-o por Cipriano Neto⁹⁵; quando aborda o trato entre Monteiro Lobato e Alfredo Rangel⁹⁶, que combinaram uma senha, a fim de que o primeiro a morrer a transmitisse a um médium, o autor não cita o nome de nenhum deles.

Além desses livros, há dois outros publicados pela editora CEU: *Relatos da vida* (1988) e *Histórias e anotações* (1989). Apesar de seus prefácios, assinados por Emmanuel, serem datados dos referidos anos das primeiras edições, cada um deles possui vinte textos de Irmão X que foram publicados no *Reformador*, entre os anos 50 e 60.

Alguns pontos importantes da série, destacados a seguir, são as maneiras utilizadas pelo autor para arquitetar uma configuração autoral mediúnica. Para revelar suas estratégias, abordaremos três itens: os tratamentos ao autor empírico; a representação de uma experiência da morte; e as alusões ao repertório literário de Humberto de Campos. Levando em conta esses aspectos, apresentamos, no capítulo seguinte, uma leitura de cinco textos mediúnicos, reproduzidos na íntegra.

⁹⁵ “Olá, meu irmão!”, do livro *Pontos e contos*. A referência me passara despercebida, até a leitura do artigo “Espiritismo nas obras completas de Humberto de Campos”, de Elias Barbosa (Barbosa, 1976).

⁹⁶ “Nota explicativa”, do livro *Cartas e crônicas*.

2. O MÉDIUM NO TEXTO

Em alguns textos da série, existem referências a Chico Xavier, sempre apresentado como médium apto para materializar a escrita de autores “mortos”⁹⁷. Em um desses escritos – o prefácio de *Crônicas de além-túmulo* –, lê-se a seguinte passagem:

Em 1932, um dos meus companheiros da Academia de Letras solicitou minha atenção para o texto do “Parnaso de Além-Túmulo”. As rimas do outro mundo enfileiravam-se com a sua pureza originária nessa antologia dos mortos, através da mediunidade de Francisco Xavier, o caixeiro humilde de Pedro Leopoldo, impressionando os conhecedores das expressões estilísticas da língua portuguesa. Por minha vez, procurei ouvir a palavra de Augusto de Lima⁹⁸, a respeito do fato insólito, mas o grande amigo se esquivou ao assunto, afirmando:

– “Certamente, entre as novidades da minha terra, Pedro Leopoldo concorre com um novo Barão de Münchhausen.” (Xavier, 1998a, p. 12-13)

Nesse trecho, escrito em 25 de junho de 1937, já aparecem dados e apreciações que iriam acompanhar a biografia de Chico Xavier. Era, de fato, insólita a publicação daquela antologia poética mediúnica, sob a responsabilidade de um jovem balconista de armazém do interior de Minas Gerais. Ademais, alguns membros da Academia Brasileira de Letras começaram a surgir como autores de textos psicografados por Chico Xavier⁹⁹. Esses

⁹⁷ Antes dos textos atribuídos a Humberto de Campos, Chico Xavier já fora comentado por um outro autor espiritual: Eça de Queirós, em “Aos críticos do *Parnaso de além-túmulo*” (Xavier, 1933), “Piparote ao futurismo” e “Julgando opiniões” (cf. Lacerda e Xavier, 1999).

⁹⁸ O escritor mineiro Augusto de Lima, morto em 1934, teve seu nome incluído entre os autores do *Parnaso de além-túmulo*, a partir da 3ª edição do livro (1939). A seção a ele atribuída contém dois poemas: um sobre Anchieta e outro sobre Francisco de Assis.

⁹⁹ Além dos já mencionados Humberto de Campos e Augusto de Lima, até o início dos anos 50, surgiram produções de Chico Xavier atribuídas, por exemplo, aos seguintes acadêmicos: Alberto de Oliveira, Artur Azevedo, Emílio de Menezes, Olavo Bilac, Raimundo Correia (Xavier, 1994a), Medeiros e Albuquerque, Miguel Couto, Rui Barbosa (Xavier, 2002a).

escritos inusitados direcionavam as atenções de muita gente ao autor empírico, que era visto, às vezes, como prestidigitador, ou fazedor de coisas consideradas impossíveis, à maneira de um Barão de Münchhausen.

Outros textos da série aludem a Chico Xavier como um canal de comunicação entre vivos e mortos. Um exemplo é este trecho da crônica “Sócrates”, escrita em 7 de janeiro de 1937: “– Mestre – disse eu –, venho recentemente da Terra distante, para onde encontro possibilidade de mandar o vosso pensamento.” (Xavier, 1998a, p. 153)

Há casos na série em que o texto é dirigido a Chico Xavier, como na crônica “Trago-lhe o meu adeus sem prometer voltar breve”, escrita em abril de 1935, no período em que o repórter do jornal *O Globo* Clementino de Alencar o investigava em Pedro Leopoldo¹⁰⁰:

Você foi apresentado como hábil fazedor de pastichos e os noticiaristas vieram averiguar o que havia de verdadeiro em torno do seu nome.

Colheram informes. Conheceram a honestidade da sua vida simples e as dificuldades dos seus dias de pobre. E, por último, quiseram ver como você escrevia a mensagem dos mortos, qual uma Remington acionada por dedos invisíveis.

Tive pena quando soube que iam conduzi-lo a um “test” e recordei-me do primeiro exame a que me sujeitei aí, com o coração batendo forte.

Fiz questão de enviar-lhes algumas palavras, como o homem que fala de longe à sua pátria distante, através das ondas de Hertz, sem saber se os seus conceitos serão reconhecidos pelos patrícios, levando em conta as deficiências do aparelho receptor e os desequilíbrios atmosféricos. Todavia, bem ou mal, consegui falar alguma coisa. Eu devia essa reparação à doutrina que você sinceramente professa. (Xavier, 1998a, p. 210)

¹⁰⁰ Clementino de Alencar “desembarcou em Pedro Leopoldo em 23 de abril de 1935 decidido a investigar e, se possível, desmascarar o matuto que ousava ser ‘porta-voz’ do renomado Humberto de Campos.” (Souto Maior, 2004, p. 39)

Este último parágrafo faz referência à crônica “Aos que ainda se acham nas sombras do mundo”, escrita em 23 de abril de 1935, em uma sessão espírita com a presença do repórter carioca. Em um de seus artigos sobre o médium, Clementino de Alencar destacou a velocidade da escrita de Chico Xavier; ele gastara 39 minutos para escrever o texto cuja extensão superaria 110 linhas datilografadas (Souto Maior, 2004, p. 54). A idéia de que Chico Xavier era um habilidoso pastichador, mencionada no início da citação, surgira desde o aparecimento de seu primeiro livro. Note-se também que o autor espiritual, quando tenta representar a aptidão psicográfica de Chico Xavier, não utiliza uma linguagem própria, mas comparativa: o mineiro era comparado a uma máquina de escrever “acionada por dedos invisíveis”; ou a um aparelho receptor de ondas – telégrafo, rádio –, capaz de captar mensagens, mas também sujeito a interferências que poderiam prejudicar a comunicação enviada. Por último, neste texto que é anterior à conversão do autor espiritual, ele diz que devia uma reparação à doutrina do médium.

Trinta anos depois¹⁰¹, no livro *Cartas e crônicas*, para representar-se humildemente, o autor responde a uma carta que criticava sua atual literatura, desprovida agora, segundo seu interlocutor, do “fio da inspiração”. Estaria Chico Xavier se interpondo indevidamente? Refiro-me a “Explicação de amigo”, de onde vem a seguinte passagem:

Francamente, meu caro, o que produzimos hoje, através de um médium, é tão sem originalidade agora quanto antes. Carregando o carro enxundioso da vida física ou envergando o envoltório mais leve do plano espiritual, meu cérebro é a mesma lamparina de artesão, com que lavro a canivete a preciosa madeira do vernáculo, que tantos filigranam com o buril da inteligência, inflamado a fogo sagrado de inspiração.

Não inculpe, assim, as antenas medianímicas, com relação à minha pobreza intelectual. (Xavier, 2002b, p. 63)

¹⁰¹ Antes, em *Lázaro redivivo*, publicado em 1945, há diversas referências veladas ao médium mineiro. Ver, por exemplo, “Aos médiuns” (Xavier, 1995b, p. 27-30), cujo pano de fundo é a ação judicial contra Chico Xavier.

Dessa vez com a inclusão da figura do médium, esse trecho retoma o seguinte problema, já mencionado no prefácio de *Boa nova*: como representar um fio autoral (de um escritor sem carne e osso) e, ao mesmo tempo, uma progressiva modificação pessoal, a refletir-se na escrita? Uma das estratégias do autor foi a apresentação de textos como este acima, em que avalia os escritos de Humberto de Campos de maneira a tornar plausível sua inserção nesse lugar enunciativo. É curioso notar que, diferentemente da crônica de 1935 acima mencionada – em que são consideradas possíveis interferências de “comunicação” –, em “Explicação de amigo”, o autor chama a si a responsabilidade pelo que diz, salvaguardando as “antenas medianímicas”.

3. REPRESENTAÇÕES DE UMA EXPERIÊNCIA DA MORTE

Ao focalizar-se em um plano espiritual, o autor da série mediúnica teve de representar uma experiência da morte. Por isso, desde *Crônicas de além-túmulo*, são comuns a apresentação de novos pontos de vista, em relação aos de Humberto de Campos; muitos diálogos com personagens mortos, renomados ou anônimos, que pretendem testemunhar suas experiências no além; e novas possibilidades de interação com os semelhantes. Com relação a este último ponto, lembremos a publicação de uma carta do escritor Gastão Penalva¹⁰² a Humberto de Campos e a respectiva resposta, psicografada em 6 de outubro de 1939. Nesta, há o seguinte trecho:

[...] estive espiritualmente contigo, antes que molhasses a pena no coração amargurado para me endereçar a tua carta carinhosa. Ouvindo as tuas considerações íntimas, quando manuseavas a bíblia de angústia da minha vida, desejei intensamente imitar o gesto famoso de Ulisses, no palácio de Alcino, quando o canto de Demódoco o fez chorar com a descrição de seus sofrimentos, repassada de louvores ao heroísmo dos companheiros mortos. (Xavier, 1995a, p. 89-90)

Note-se que o autor, quando diz que esteve com Penalva, antes de a carta primeira ser escrita, representa-se como um espírito capaz de, atraído por pensamentos e sentimentos, interagir com os vivos. E ao utilizar em seu texto um episódio do canto VIII da *Odisséia*, procura reforçar sua identificação como Humberto de Campos, que revisou e prefaciou uma edição dessa obra de Homero, traduzida por Odorico Mendes¹⁰³. À

¹⁰² Intitulada “A Humberto de Campos – (onde estiver)”, encontra-se na edição de 4 de outubro de 1939 do *Jornal do Brasil*.

¹⁰³ O episódio da *Odisséia* acima citado era um dos preferidos de Humberto de Campos, de acordo com a seguinte anotação, de 30 de junho de 1928, no *Diário secreto*: “Há dois dias venho

novidade, portanto, associa-se um dado do conjunto de leituras de Humberto de Campos. Neste sentido, várias vezes o autor espiritual lança mão de um gancho: ele ancora o dado novo a informações que podem ser encontradas na obra do escritor maranhense. Também sobre a interação entre autores terrenos e autores espirituais, eis a seguinte passagem de “Intercâmbio”, que faz parte de *Lázaro redivivo*:

Alighieri não fez obra de pura imaginação, ao escrever a “Divina Comédia”. Amigos intangíveis na Terra arrebatam-lhe a alma, oferecendo-lhe informações das esferas espirituais imediatas ao mundo sombrio, embora o poeta condicione as visões à sua época, ao seu meio e aos seus estados psíquicos. Tasso sente-se tomado de influências estranhas, ao grafar a “Jerusalém Libertada”. Milton, cego e esquecido pelos contemporâneos que o bajulavam ao tempo de Cromwell, sente raios divinos de inspiração, na treva em que os seus olhos mergulham, e transmite à esposa e às filhas o seu famoso “Paraíso Perdido”. O nosso Bilac sentia-se tocado de misteriosas forças, na composição dos seus versos mais belos. Cruz e Souza, o poeta negro, fala-nos de portas douradas e sacrários lírios do santuário de seu mundo interior.

Mas, nem sempre as companhias invisíveis são as melhores, não obstante a inteligência com que assistem os seus tutelados. Lorde Byron confessava experimentar a mente ocupada por pensamentos grandiosos, que não lhe pertenciam, e afirmava que “era preciso vaziar o cérebro ou perder a razão”. Todavia, os caminhos em que perseverou não foram os mais desejáveis. Camilo Castelo Branco, depois de aproveitar os favores dos amigos desencarnados que o seguiam, cooperando em suas criações mentais e desenvolvendo-as, fornecendo-lhe imagens e sugestões para os seus livros, cheios de lances

trabalhando intensamente na revisão final da “Odisséia”, tradução de Odorico Mendes, obra que deve estar pronta dentro de oito dias, a fim de ser remetida para o Maranhão.

Eu já havia lido Homero integralmente, nas versões francesas de Leconte de Lisle e de Mme. Dacier. Só agora, porém, lendo como revisor, verso por verso, vocábulo por vocábulo, foi que compreendi a grandeza do poema. A visita de Ulisses ao país dos Cimérios e o seu encontro, na fumaça de Tirésias, com as grandes sombras amigas, é verdadeiramente soberbo [sic], na descrição; como soberbos aparecem, na tradução brasileira, o banquete no palácio de Alcino e o canto heróico de Demódoco; e, em particular, o aparecimento de Helena no momento em que Menelau recebe a Telêmaco, que anda errante em busca do pai. É aí que, descrevendo o recolhimento dos hóspedes e dos hospedeiros, Odorico tem estes dois versos, admiravelmente felizes:

*‘Pernoita Menelau na alcova interna
E a mais gentil mulher nos braços dele’.*” (Campos, 1954a, p. 237)

dramáticos, suicida-se, revoltado ante a cegueira e a velhice. Albino Forjaz de Sampaio, literato de talento brilhante, concorda em atender ao gênio diabólico que lhe inspirou as “Palavras Cínicas”, livro demolidor do caráter e inimigo da juventude. Antero de Quental, após escrever poemas de inspiração verdadeiramente sublime, deixa-se empolgar pelos alvitre odiosos daqueles que lhe sopram a idéia da morte voluntária, compelindo-o a lesar a confiança divina. (Xavier, 1995b, p. 155-156)

Aqui, novamente, o autor alia elementos do repertório de referências de Humberto de Campos a informações novas sob uma visão espírita da literatura, sugerindo que a experiência da morte lhe permitiu conhecer bastidores espirituais relativos aos escritores mencionados, cuja ficção é entendida, agora, sob novos juízos de valor. Observe-se que essa idéia do intercâmbio espiritual na criação literária vai ao encontro de uma imagem, de matriz romântica, dos grandes autores como cérebros privilegiados e inspirados. Chamamos a atenção, igualmente, as avaliações do autor: louva os escritores que souberam bem aproveitar seus talentos e as influências espirituais que receberam, como Dante, Tasso, Milton, Bilac, Cruz e Sousa; por sua vez, Albino Forjaz de Sampaio cedeu a influências destruidoras, e Lorde Byron seguiu caminhos equivocados; quanto a Camilo Castelo Branco e Antero de Quental, acertaram em suas obras, mas erraram em suas mortes.

Sobre como o autor se representa no tempo, um primeiro dado que salta aos olhos é a utilização do gênero que muito se expõe ao peso do tempo, o cronístico¹⁰⁴. Um bom exemplo para o tema é a crônica escrita em 6 de abril de 1936: “Hauptmann” (Xavier, 1998a, p. 101-106), que comenta a execução, três dias antes, nos Estados Unidos, de Bruno Richard Hauptmann. Ele foi considerado culpado pelo seqüestro e homicídio, ocorridos em 1932, do filho do aviador Charles Lindbergh. Diz o autor que a morte não lhe impede de

¹⁰⁴ Os gêneros textuais mais praticados na série mediúnica – crônicas, cartas, reportagens, entrevistas, apólogos, contos – vão ao encontro dos que circulavam na imprensa brasileira dos primeiros decênios do século XX: “Os escritores profissionais viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros havia pouco importados da imprensa francesa: a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em especial, a crônica.” (Miceli, 2001, p. 17)

acompanhar o nosso tempo presente¹⁰⁵. Entretanto, situando-se no além, vale-se de um ponto de vista incomum à crônica trivial: arrisca-se, sendo taxativo ao dizer que o carpinteiro alemão era, de fato, inocente do crime pelo qual fora punido na cadeira elétrica. E com base neste caso, que teve enorme repercussão mundial, detém-se no tema das justiças. No mesmo *Crônicas de além-túmulo*, o autor igualmente se arriscou em “A paz e a verdade”, escrito em 2 de janeiro de 1937 – mais de dois anos e meio antes da Segunda Guerra. Ele enfoca a política belicista em vigência, naquela época, em muitos países e, pela voz de um personagem, alude a um novo confronto mundial: “A Terra toda, na atualidade, é um perigoso rastilho de pólvora. Todas as nações estão prontas para a guerra. A luta, ali, é um produto inevitável dos labores ideológicos das criaturas humanas.” (Xavier, 1998a, p. 145)

Além dos já mencionados “Hauptmann” e “Carta a Gastão Penalva”, escritos pouco tempo após a ocorrência dos temas em pauta, podemos citar a carta “A Agrippino Grieco”, psicografada por Chico Xavier na presença do destinatário; e as crônicas “A ‘morte’ de Pio XI”, escrita em 13 de fevereiro de 1939, três dias após a morte do papa; e “Ludendorff”, escrita em 28 de dezembro de 1937, oito dias após a morte do militar alemão.

Muitas vezes, o autor expõe informações que, diz, foram adquiridas após sua morte, como no seguinte trecho de “Em aditamento”, em que discute a escravidão no Brasil: “Hoje sei que muitos franceses ilustres, inclusive alguns dos precursores intelectuais dos chamados ‘direitos do homem’, emprestavam capitais, com excelente expressão lucrativa, aos negociantes de vidas humanas, alimentando o condenável comércio.” (Xavier, 1995b, p. 177). Mas também lança mão de dados de outra natureza, quando se pronuncia, por exemplo, sobre reencarnações. Em diálogo com a história, fala de José de Anchieta:

¹⁰⁵ Em “Carta a Gastão Penalva”, referindo-se à Segunda Guerra Mundial, escreveu: “Sim, meu amigo, a morte não me ocultou a porta da análise relativamente aos nossos panoramas tristes e sombrios [do presente].” (Xavier, 1995a, p. 91). Em “Desajustado”, menciona o suicídio de Stefan Zweig, ocorrido em 1942 (Xavier, 1995b, p. 241).

Anchieta aliou, no mundo, à suprema ternura, grande energia realizadora; mas, aqueles que, na história oficial, lhe descobrem os gestos enérgicos, não lhe notam a suavidade do coração e a profundidade dos sacrifícios, nem sabem que, depois, foi ainda ele a maior expressão de humildade no antigo convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, onde, com o hábito singelo de frade, adotou ainda mais as suas concepções de autoridade. A edificadora humildade de um Fabiano de Cristo, aliada a um sentimento de renúncia total de si mesmo, constituía a última pedra que faltava na sua coroa de apóstolo da imortalidade. (Xavier, 1996, p. 46-47)

Em casos como este, que pretendem produzir um efeito de revelação, nota-se que o autor se vale de sua alegada autoridade de quem ocupa uma posição a que nós outros não temos acesso. No mesmo rol estão algumas entrevistas da série, que dão voz a personagens históricos; por exemplo, Judas Iscariotes. Como, nessa perspectiva espírita, as vidas continuam após as mortes, e os crimes pregressos podem ser reparados ao longo de outras existências, sua história prosseguiu. Na crônica “Judas Iscariotes”, escrita em 19 de abril de 1935, ele não é representado apenas como o personagem do congelado desfecho da traição; pelo contrário, é tratado como uma soma feliz de várias outras experiências posteriores à crucificação. À pergunta: “É uma verdade tudo quanto reza o Novo Testamento a respeito da sua personalidade, na tragédia da condenação de Jesus?”, o personagem pondera:

Em parte... Os escribas que redigiram os Evangelhos não atenderam às circunstâncias e às tricas políticas que, acima dos meus atos, predominaram na nefanda crucificação. Pôncio Pilatos e o tetrarca da Galiléia, além dos seus interesses individuais na questão, tinham ainda a seu cargo salvaguardar os interesses do Estado romano, empenhado em satisfazer às aspirações religiosas dos anciãos judeus. Sempre a mesma história. O Sinedrim desejava o reino do Céu, pelejando por Jeová a ferro e fogo; Roma queria o reino da Terra. Jesus estava entre essas forças antagônicas, com a sua pureza imaculada.” (Xavier, 1998a, p. 41)

Mais adiante, referindo-se a Jesus, observa: “se recebi trinta moedas vendendo-o aos seus algozes, há muitos séculos Ele está sendo criminosamente vendido no mundo, a grosso e a retalho, por todos os preços, em todos os padrões do ouro amoedado...” (Xavier, 1998a, p. 43). A maior parte das entrevistas apresentadas na série, porém, destacam personagens anônimos e suas experiências na vida terrena e no além.

Por outro lado, a suposta perspectiva privilegiada do autor é modalizada por ele próprio, quando ressalta, por exemplo, no texto “No estudo da fé”: “Os médiuns, porém, não obstante a delicadeza e complexidade da tarefa que receberam, são instrumentos humanos e relativos de uma verdade igualmente relativa, porque a morte do corpo não é a derradeira conquista de sabedoria.” (Xavier, 1995b, p. 122-123)

Quanto a seus leitores, o autor freqüentemente os representa, retoricamente, como céticos em relação à mediunidade, adotando como leitor-modelo (Eco, 1994) o escritor Humberto de Campos. Sob esta perspectiva, as narrativas mediúnicas seriam entendidas como despregadas da realidade ou, no mínimo, vistas sob suspeita. Ao final de alguns textos, há ponderações que podem ser assim resumidas: *no lugar do leitor, eu também não acreditaria*. Para exemplificar esse procedimento, tomemos uma passagem da carta dirigida aos filhos de Humberto de Campos, escrita em 8 de abril de 1935:

Venho até vocês cheio de amorosa ternura e se não me posso individualizar, apresentando-me como o pai carinhoso, não podem vocês garantir a impossibilidade da minha sobrevivência. A dúvida entre nós é como a noite. O amor, entretanto, luariza estas sombras. Um morto, como eu, não pode esperar a certeza ou a negação dos vivos que receberem a sua mensagem, para a qual há de prevalecer o argumento dubitativo. E nem pode exigir outra coisa quem no mundo não procederá de outra forma. (Xavier, 1998a, p. 29)

Em crônica de 31 de julho de 1935, refere-se novamente a seus leitores: “Não acredito na compreensão dos outros, com respeito aos meus argumentos de agora. Um morto nada tem que fazer no mundo daqueles que se presumem os únicos sobreviventes do Universo” (Xavier, 1998a, p. 53).

3.1. IRMÃO X E O PROCESSO DE 1944

O crítico Eduardo Frieiro notou que Humberto de Campos “estilizava tudo”: era “literato até o sabugo das unhas” (Frieiro, 1955, p. 284). Seguindo-lhe os passos, o autor da série em questão, assumindo-se agora como Irmão X, estilizou, em *Lázaro redivivo*, os temas debatidos no caso Humberto de Campos. Para dissolver o conflito de 1944, era necessário abandonar o nome adotado pelo autor espiritual; por isso, foi trocado para Irmão X. Nessa transição, porém, o autor fez questão de preservar laços textuais com a obra de Humberto de Campos e com os escritos que Chico Xavier lhe atribuiu. No prefácio do primeiro livro assinado por Irmão X, que indica uma nova fase da série, o autor fala de Lázaro de Betânia. Este personagem bíblico, que intitula o volume, aparece também em textos de Humberto de Campos¹⁰⁶. A mudança de nome do autor, além de ser aludida várias vezes no livro, foi o pano de fundo de duas narrativas: “Ante o amigo sublime da cruz” e “Doce nome”, que justifica a escolha do termo *irmão*.

Um dos temas mais recorrentes em *Lázaro redivivo* – são possíveis provas cabais da sobrevivência do espírito?¹⁰⁷ – foi motivado pela questão que a família de Humberto de Campos formulou à Justiça, sobre a verdadeira autoria dos livros atribuídos ao escritor. Com base, pois, em pontos de partida bem determinados do histórico da série mediúnica, o autor elaborou muitas das narrativas do livro. Em “Mãe”, desenvolve um tema relacionado ao *Novo Testamento* com o objetivo de, indiretamente, referir-se à mãe de Humberto de

¹⁰⁶ Dois exemplos: no livro *A funda de Davi*, existe uma anedota na qual o espírito de Lázaro se manifesta em uma sessão espírita; ele conta sua versão de como Jesus o ressuscitou e por que a façanha não se repetiu em sua segunda morte (cf. Campos, 1954d, p. 111-114). Em seu diário, Humberto de Campos, após comentar o tratamento médico que recebeu em 19 de julho de 1928, compara-se a Lázaro: “E eu logo me sinto melhor, mais animado, como se Jesus de Nazaré tivesse arrancado, de novo, Lázaro, irmão de Marta e Maria, à apavorante escuridão de seu túmulo...” (Campos, 1954a, p. 247)

¹⁰⁷ Alguns dos textos que discutem esse tema são: “Carta aberta”; “No estudo da fé”; “Buscando a verdade”; “Aos espiritistas”; “Questão de provas”; “Serviço de investigação”; “Adivinhações”; “Filosofia da dúvida” (Xavier, 1995b).

Campos, que, ao contrário de outras pessoas que lhe eram próximas, acreditava ser ele próprio o autor da série mediúnica.

Em “Carta aberta”, o autor analisa, sem mencioná-lo, o item da ação declaratória que solicitava o depoimento do escritor “morto”, cuja operosidade deveria ser demonstrada perante o Poder Judiciário. Tal despropósito foi ironizado: “Reclamavam vocês a presença do morto, com todos os pormenores anatômicos e características psicológicas e, para tanto, pediam o apoio da organização judiciária, apesar da dificuldade para encontrar um meirinho habilitado a entregar mandados no ‘outro mundo’.” (Xavier, 1995b, p. 25). No parágrafo abaixo, o autor lança mão de um conhecido procedimento de Humberto de Campos: a analogia entre o tema abordado e uma referência livresca:

Vocês, aí no mundo, enviam tantos amigos para o céu e tantos inimigos para o inferno, tentando subverter a justiça divina, que não era demais requisitar a presença de um comentarista morto, recorrendo à justiça humana. E, observando os apuros do escritor desencarnado, recordei o artigo vigésimo das famosas instruções de Torquemada, segundo Llorente, que, por espírito de caridade na salvação dos hereges, recomendava aos inquisidores a exumação dos cadáveres dos escrevinhadores impenitentes, para responderem aos processos de lesa-fé, embora os réus só pudessem comparecer em atitude pouco higiênica, em virtude dos vermes que se lhes apossavam dos ossos. Felizmente, porém, para a tranqüilidade de todos nós, que já atravessamos as águas turvas do Aqueronte, e para honra da civilização, Tomás de Torquemada também já restituiu os despojos ao campo de cinzas, há quatrocentos e quarenta e sete anos. Não obstante esta certeza confortadora, impressionava-me o volume de opiniões desconcertantes e das acusações lançadas a esmo. (Xavier, 1995b, p. 24-25)

Por meio da ironia, a crítica do autor também recai sobre o evento histórico que escolheu para a analogia, representado pelo artigo vigésimo das *Instrucciones* de Tomás de

Torquemada (1420-1498). Tal artigo foi mencionado e comentado no livro *Historia crítica de la Inquisición de España*, de Juan Antonio Llorente¹⁰⁸ (1756-1823).

O caso Humberto de Campos foi alegorizado na narrativa “O sábio juiz”. Nela, o autor transportou o histórico do processo de 1944 para a época do bíblico Salomão. O início do texto refere a famosa decisão do rei dos israelitas, que solucionou a disputa das duas mulheres que se diziam mães de um mesmo filho¹⁰⁹. Salomão era respeitado e requisitado pelos súditos, que se viram envolvidos no seguinte problema:

– Foi assim que apareceu no reino uma questão estranha. A família de Natan, filho de Belazel, morto desde muito tempo, recebeu alguns papiros, onde se liam mensagens amigas, assinadas por ele, por intermédio de uma pitonisa de Joep, especializada em relações com os espíritos dos mortos. Natan, que não mais pertencia ao mundo dos homens de carne, tinha o cuidado de não interferir em qualquer assunto propriamente humano, para não invadir a esfera de ação dos velhos amigos que deviam caminhar por si, aprendendo com a própria experiência. Comentava as realidades espirituais, referindo-se, de maneira velada, às situações e coisas do novo país a que fora chamado a viver. Entretanto, antigos companheiros seus manifestaram-se absolutamente hostis. Impossível que Natan, patriarca respeitável e amante da lei, voltasse do outro mundo escrevendo aos afeiçoados. Iniciaram-se discussões em tom discreto. Negociantes de cabras e carneiros transportaram o assunto de Jerusalém para a Arábia e da Arábia para a Fenícia.

Em vista das grandes dúvidas surgidas, encaminhou-se o problema ao esclarecido critério de Salomão. Os descendentes de Natan exigiam o pronunciamento da Justiça, em sentença insofismável. (Xavier, 1995b, p. 112)

¹⁰⁸ Localizei a referência mencionada pelo autor no sexto capítulo da *Historia crítica de la Inquisición de España* (tomo II): “O [artigo] 20º, [estabelecia] que se por livros ou processos resultava ter sido herege algum defunto, se movesse processo até condená-lo como herege, exumar seu cadáver, confiscar seus bens, e despojar os herdeiros do seu espólio. Digam-me agora se o zelo da fé ditava esta lei contra um morto que já não se podia converter, ou se a cobiça unida com o desejo de infundir terror e de se fazer temível. Não vejo com o que comparar tal barbárie, a não ser com a que alguns papas do século X usaram em Roma, desenterrando cadáveres de seus antecessores e condenando à infâmia sua memória.” (Llorente, 1822, p. 13). A passagem foi traduzida por Marco Catalão.

¹⁰⁹ A propósito, esse mesmo episódio foi tema do conto anedótico “A sabedoria de Salomão”, do livro *O arco de Esopo* (série Conselheiro XX). Ver Campos, 1944b: 182-184.

O autor, que mistura elementos dos dois contextos históricos, representou Humberto de Campos como Natan e Chico Xavier como a pitonisa de Jope. Visto que os textos assinados pelo “morto” provocaram reações hostis, o assunto se espalhou e a família de Natan levou a questão à Justiça, pleiteando uma “sentença insofismável”, à maneira da ação declaratória de 1944. A controvérsia chegou a Salomão:

O rei examinou o caso e esclareceu que precisava tempo para decidir. Sentia-se espantado. Resolvera já muitos processos de herança e partilha, onde os mortos compareciam como ausentes em definitivo e sem representantes legais, mas nunca lhe surgira um problema em cuja solução devesse considerar direitos e obrigações daqueles que haviam atravessado o horizonte sombrio da morte. Por isso, estudou e meditou dias e noites, ponderando sobre a reclamação havida. Poderia, de fato, emitir um laudo declaratório? Como decidir uma pendência em que havia partes interessadas no outro mundo? Seria razoável considerar apenas o direito dos súditos vivos? E os súditos que haviam partido para a morte, confiantes na Justiça do reino? O morto, certamente, havia dado o conteúdo dos papiros à pitonisa de Jope, sem qualquer constrangimento, e por sua espontânea vontade. Seria crime obsequiar alguém? Como impedir no mundo o sagrado direito de dar? Extinguir o intercâmbio da amizade entre as almas seria o mesmo que interromper o curso das bênçãos divinas. (Xavier, 1995b, p. 112-113)

As especulações do personagem buscam ajustar o ineditismo do caso em suas noções de direito. Ele não coloca em dúvida a existência de espíritos de mortos nem a possibilidade de sua comunicação com os vivos: a proibição israelita a esta prática garantia a sua realidade, e antes de seu reinado, Saul, a quem Salomão não poderia condenar, havia conversado com o espírito de Samuel. Após inferir um irreduzível conflito de interesses entre vivos e mortos do reino, Salomão indaga se seria sensato emitir um laudo declaratório, conforme solicitara a família do morto.

Salomão, por mais de trinta dias, concedeu audiências incessantes e recebeu as mais estranhas rogativas, acabando por compreender que a Justiça Humana era organizada para pessoas humanas e que, de modo algum, deveria invadir os extensos e misteriosos domínios da Morte, sob pena de complicar todos os assuntos da vida, incentivando angústias e tormentos da Humanidade.

Em razão disso, com grande surpresa para os súditos irrequietos, devolveu os papiros aos descendentes de Natan, esclarecendo que a Justiça era um templo sagrado e não podia constituir-se em órgão de consultas sem interesse fundamental para a vida dos homens. (Xavier, 1995b, p. 114)

Evidente que essa decisão do personagem alude à rejeição do pedido para que a Justiça brasileira emitisse um laudo declaratório a respeito do autor da série mediúnica. O último parágrafo da citação retoma a justificativa, utilizada pelo juiz Mourão Russell, de que “o Poder Judiciário não é órgão de consulta”¹¹⁰.

Vimos que, em 1957, a FEB declarou no *Reformador* que Irmão X e Humberto de Campos eram o mesmo autor espiritual. Em “Explicação de amigo”, do livro *Cartas e crônicas* (1966), Irmão X também se identificou como Humberto de Campos, agora de forma bem menos indireta:

Que não desfrutamos competência para a arte da redação, é coisa vulgarmente sabida. Se há o que estranhar em sua carta é a impressão de que nos acharíamos

¹¹⁰ Refiro-me à seguinte passagem do “Despacho saneador” assinado por João Frederico Mourão Russell, em 23 de agosto de 1944: a ação declaratória “não tem por fim a simples declaração de existência ou inexistência de uma relação jurídica, nos termos do § único do artigo 2º do Código de Processo, e sim a declaração de existência ou não de um fato (se são ou não do ‘espírito’ de Humberto de Campos as obras referidas na inicial), do qual hipoteticamente, *caso ocorra ou não*, possam resultar relações jurídicas que a suplicante enuncia de modo alternativo. Assim formulada, a inicial constitui mera consulta; não contém nenhum pedido positivo, certo e determinado, sobre o qual a Justiça se deva manifestar. O Poder Judiciário não é órgão de consulta.” (*Apud* Timponi, 1978, p. 210)

presentemente modificados, o que, em verdade, não sucede. Sou o mesmo jornalista desenxabido, sem a ilusão de estar servindo caviar no cardápio das letras, quando apenas dispõe de algum refogado pobre para oferecer aos amigos.

Em socorro do que asseveramos, basta recorrer às informações do nosso colega Eloy Pontes, quando escrevia as suas impressões em “O Globo”, de há bons trinta anos. Esse distinto crítico de nossa lavoura livresca, em páginas saborosas, que se transferiram do jornal para a sua primeira série de “Obra Alheia”, assegurou a nosso respeito: “Lida uma das crônicas atuais do Sr....., estão lidas todas. Ele é monocórdio...”

E acrescenta noutro passo da mencionada apreciação, em se referindo a nós: “Ele não tira coisa alguma de si. Não é o que se denomina, geralmente, um inspirado. É um paciente. Os velhos assuntos bíblicos, os antigos elementos das lendas orientais, formam a arquitetura do volume. O Sr..... pertence ao número dos que escrevem porque leram. Não descobrimos, ao longo destas páginas, nenhum sinal de emoção própria. As emoções aqui são de reminiscências. De resto, recapitulando os volumes que vêm enfileirados na bibliografia do autor, sentimos que sua obra em prosa também se fez de alinhavos, de remendos, de **chiffons**.”

Não nos reportamos aos apontamentos do estimado companheiro, com a idéia de lançar pimenta no assunto, mas para confirmar, com sinceridade, que ele se expressava, desse modo, com plena razão. (Xavier, 2002b, p. 62-63)

O artigo de Eloy Pontes a que o autor se refere é o de número 8 do livro *Obra alheia* (1ª série). O primeiro trecho citado, com a ortografia atualizada, é este: “lida uma das crônicas atuais do Sr. Humberto de Campos estão lidas todas. Ele é monocórdio...” (Pontes, s/d, p. 81). Do segundo, que se refere ao volume *Poesias completas*, além das mesmas reticências no lugar do nome do escritor, houve apenas a exclusão de um trecho. Eis o original:

Ele não tira coisa alguma de si. Não é o que se denomina, geralmente, um inspirado. É um paciente. Os velhos assuntos bíblicos, os antigos elementos das lendas orientais, os

pretextos cedidos de símbolos, que o tempo impôs, formam a arquitetura do volume. O Sr. Humberto de Campos pertence ao número dos que escrevem porque leram. Não descobrimos, ao longo destas páginas, nenhum sinal de emoção própria. As emoções aqui são de reminiscências. De resto, recapitulando os volumes, que vêm enfileirados na bibliografia do autor, sentimos que sua obra em prosa também se fez de alinhavos, de remendos, de **chiffons**. (Pontes, s/d, p. 79-80)

No primeiro capítulo, observamos que, no *Diário secreto*, Humberto de Campos costumava transcrever passagens de avaliações elogiosas a seus livros, ou delas dar notícia, a fim de difundir determinadas imagens de sua obra. No caso acima, a citação de um juízo negativo também não é gratuita: primeiro, porque a série mediúnica se apresenta muitas vezes como uma errata à obra do escritor; segundo, porque informa ao leitor que Humberto de Campos costumava utilizar alinhavos, remendos e chiffons em sua prosa, prática também observada em textos da série mediúnica comentados abaixo. O autor espiritual, portanto, aproveita a argumentação de Eloy Pontes para justificar os seus escritos.

4. EFEITO DE SOBREVIVÊNCIA

Vimos que são autônomos os textos que compõem a série mediúnica; não são capítulos subsequentes de uma narrativa. A noção de autor, porém, sugere uma orientação ao conjunto, que apresenta recorrências temáticas, retomadas textuais, modos semelhantes de citações, os quais tornam plausível o pressuposto de que um mesmo autor concebeu os diferentes escritos¹¹¹. Esse entrecruzamento textual, detectável ao longo dos livros de Chico Xavier atribuídos a Humberto de Campos e a Irmão X, permite-nos, inclusive, inferir sentidos de passagens obscuras com base em trechos similares de outros textos da série, cujo sentido seja claro.

A crônica “Aniversário do Brasil”, de 7 de maio de 1937, adianta algumas idéias que foram desenvolvidas no livro seguinte, sobre o país. Às vezes, quando a recorrência não fica evidente, a editora a indica, como na narrativa “A ilusão do discípulo” (Xavier, 1998b), em cujo final encontra-se uma nota de rodapé com este comentário: “Sobre Judas há, em *Crônicas de além-túmulo*, do mesmo autor, uma belíssima crônica.” (Xavier, 1998b, p. 164)

No prefácio de *Crônicas de além-túmulo* (1937), por exemplo, diz o autor que Coelho Neto e Medeiros e Albuquerque, embora tenham enfrentado os problemas da sobrevivência do espírito, fracassaram neste domínio. Parte dessa informação, a referente ao primeiro escritor, foi desenvolvida no livro *Pontos e contos* (1951); a outra parte foi explicada fora da série, mas dentro da produção de Chico Xavier, em um texto atribuído ao próprio Medeiros e Albuquerque (Xavier, 2002a). Na representação mediúnica, a marca

¹¹¹ Neste sentido, considere-se a seguinte noção: “O autor é uma categoria hermenêutica, uma referência para a interpretação, ou uma norma do sentido literário.” (Compagnon: 11ª aula, p. 1). O mesmo crítico assinala que a noção de uma coerência entre diferentes textos de um mesmo autor é “como uma rede de pequenos traços distintivos, um sistema de detalhes sintomáticos – repetições, diferenças, paralelismos – tornando possível uma identificação ou uma atribuição.” (Compagnon, 2003, p. 79)

comum de que padeciam Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque e Humberto de Campos é a vaidade¹¹².

Além de tais redes textuais do interior da série, uma outra fonte de referências carregadas para os livros mediúnicos são os escritos de Humberto de Campos. O reconhecimento desse trânsito provoca o que chamei de efeito de sobrevivência – a impressão de que o enunciador é o escritor “morto”¹¹³ – e nos permite detectar outras camadas de sentido existentes em algumas produções. Os intertextos¹¹⁴ são utilizados de diferentes formas: citações diretas, indiretas, alusões, paráfrases evidentes ou sutis. Com tais procedimentos, o autor evidentemente pretendeu demonstrar o conhecimento que possui da obra do escritor que, supostamente, seria ele próprio. Vejamos alguns exemplos das relações textuais entre a série mediúnica e escritos de Humberto de Campos, começando pelos parágrafos iniciais da crônica “Falando a Piratininga”, escrita em 18 de agosto de 1935:

Tive ensejo de afirmar aí no mundo que, se algum dia conseguisse liquidar todo o meu débito para com a terra maranhense e o Senhor decidisse mergulhar meu espírito no Letes da carne, eu desejaria ser paulista ou baiano.

São Paulo e Bahia foram os dois braços fortes que me ampararam na provação. Minha dívida para com ambos é sagrada e irredimível. Era do seio afetuoso da Bahia, terra mãe do Brasil, que me chegavam os brados de incitamento para a luta; e dos celeiros fartos e generosos de São Paulo vinha a maior parte do meu pão. (Xavier, 1998a, p. 65)

¹¹² Por exemplo: na crônica “Em ação de graças”, de 1945, em *Lázaro redivivo*, há esta passagem: “Também eu, curado da lepra da vaidade que me ensombrava a alma, pela Compaixão do Divino Médico, torno ao serviço dele, para testemunhar reconhecimento. Dos outros leprosos que se limpam em minha companhia, não posso dar notícia.” (Xavier, 1995b, p. 42)

¹¹³ Essa impressão se fortalece ao levarmos em conta que o autor empírico dos textos declarava nunca ter estudado a extensa bibliografia referente a Humberto de Campos.

¹¹⁴ Entendamos intertexto como o texto referido ou aludido por um outro texto que lhe é posterior (cf. Koch, Bentes, Cavalcante, 2007, p. 17).

Embora afirme que está retomando algo que já foi dito por Humberto de Campos, a fonte não é explicitada; sua identificação fica a cargo do leitor. Realizada esta tarefa, descobrimos que o autor se referiu ao seguinte trecho do livro *Sombras que sofrem*:

Se, porém, um dia, eu conseguisse liquidar as minhas contas de gratidão com a terra maranhense, fazendo-lhe todo o bem que ela merece e eu lhe desejo e, no outro mundo, o Senhor me perguntasse em que parte do Brasil, excluído o Maranhão, tão mal-servido por mim, eu queria tornar aos tormentos da vida, a minha resposta seria pronta:

– Senhor, faz-me nascer, agora, paulista ou baiano!

Eu tenho, na verdade, com esses dois Estados, uma dívida tão grande, que só lhes poderia pagar consagrando-lhes uma nova existência, se a tivesse. (Campos, 1960f, p. 266)

No prefácio de *Crônicas de além-túmulo*, escrito em 25 de junho de 1937, lemos a seguinte passagem, ao final da apresentação do livro: “Que não se precipitem em suas apreciações os que não me puderem compreender. A morte será a mesma para todos. A cada qual será reservado um bangalô subterrâneo e a sentença clara da justiça celeste.” (Xavier, 1998a, p. 14)

Nesse trecho, chama-nos a atenção a expressão “bangalô subterrâneo”, que designa a cova onde os defuntos são enterrados. Ela foi retirada da terceira crônica intitulada “Aos meus amigos da Bahia”. Humberto de Campos, que não possuía casa própria, escreveu: “Como residência definitiva e própria quero, apenas, um bangalô subterrâneo em São João Batista, perto do morro, ou em São Francisco Xavier, perto do mar.” (Campos, 1960f, p. 280)

Na carta escrita em 8 de abril de 1935, “Aos meus filhos”, encontramos este trecho: “[...] volto para falar a vocês, paternalmente, como no tempo em que destruía o fosfato do cérebro, a fim de adquirir combustível para o estômago.” (Xavier, 1998a, p. 29). Desta vez, o autor está parafraseando um trecho da crônica “Uma voz na sombra”. Dirigindo-se a uma leitora, escreveu Humberto de Campos:

[...] quando eu me partir deste planeta inóspito, espalhe entre os proletários do seu bairro o meu nome, acrescentando, num ato de justiça:

– Era dos nossos, coitado! Apenas, não fez nada por nós nem por si mesmo, porque passou a vida a insistir no comércio mais idiota deste mundo: vendia miolo da cabeça para comprar miolo de pão! (Campos, 1960d, p. 25)

Vejam agora alguns casos com maior concentração intertextual. Os trechos abaixo citados estão com suas linhas numeradas, a fim de que, em seguida, os segmentos aos quais as observações se referem sejam mais facilmente localizados. A primeira crônica da série, “De um casarão do outro mundo”, escrita em 27 de março de 1935, já apresenta esse trabalho de intercâmbio textual. Segue seu antepenúltimo parágrafo:

1 Sinto-me novamente na infância. Calço os meus tamanquinhos, visto as
2 minhas calças curtas, arranjo-me à pressa, com a má vontade dos garotos
3 incorrigíveis, e vejo-me outra vez diante da Mestra Sinhá, que me olha com
4 indulgência, através da sua tristeza de virgem desamada, e repito, apontando as
5 letras na cartilha: – A B C... A B C D E... (Xavier, 1998a, p. 19)

Convencionemos, de agora em diante: os números, em negrito, que iniciam os parágrafos abaixo se referem à linha, ou às linhas, do respectivo texto citado.

1: Sobre esses calçados, Humberto de Campos escreveu em *Memórias*, referindo-se à época do ingresso seu e de sua irmã, em 1895, na escola pública dirigida pela Mestra Sinhá Raposo: “Vestidos, ambos, decentemente. Apenas, para comprometer a indumentária, eu ia de meias e tamancos. Uma erupção de perebas devastava-me, por essa

época, os pés, e as pernas, impedindo-me de calçar sapatos. E o tempo, que era de inverno, contra-indicava os chinelos.” (Campos, 1960q, p. 174)

2: As “calças curtas” são mencionadas no capítulo XXIX de *Memórias*: “Vestindo uma calça de riscadinho, que não chegava ao joelho, e uma blusa pobre da mesma fazenda, eu fui levado por minha mãe à escola de Dona Marocas Lima [...]” (Campos, 1960q, p. 209)

3-4: Essa professora foi assim descrita por Humberto de Campos: “uma senhorita que era quase menina, a qual, ainda hoje, parece mais moça do que eu. Não lhe sei, ao certo, o prenome. Davam-lhe o tratamento de Sinhá Raposo. Era miúda, gentil, graciosa, de cor moreno-clara. Não me parece que se preocupasse muito com os alunos. Vivia sempre para o interior da casa, na qual residia a família, e para onde levava minha irmã pequena, a quem dava doces e outras gulodices.” (Campos, 1960q, p. 174-175)

4-5: Paráfrase do seguinte trecho de *Memórias*: “Comprimidos, os pés sem tocar o solo, a cartilha ou a tabuada das mãos, a criançada se esgoelava, com toda a força dos pulmões, ao mesmo tempo que balançava as pernas, num mesmo ritmo:

Um b com a, b-a-bá,

Um b com e, b-e-bé, [...]” (Campos, 1960q, p. 175-176)

O exemplo seguinte é uma passagem da crônica escrita em 23 de abril de 1935, “Aos que ainda se acham nas sombras do mundo”:

1 Se não estou nos infernos, de que fala a teologia dos cristãos, não me acho
2 no sétimo paraíso de Maomé. Não sei contar as minhas aperturas na dolorosa
3 perspectiva de completo abandono em que me encontrei, logo após abrir os olhos
4 no reino extravagante da Morte. Afigurou-se-me que eu ia diretamente consignado
5 ao Aqueronte, cujas águas amargas deveria transpor, como as sombras, para
6 nunca mais voltar, porque não cheguei a presenciar nenhuma luta entre São Gabriel
7 e os Demônios, com as suas balanças trágicas, pela posse de minha alma. Passados,
8 porém, os primeiros instantes de inusitado receio, divisei a figura miúda e simples
9 do meu tio Antoninho, que me recebeu nos seus braços carinhosos de santo.

10 Em companhia, pois, de afeições ternas, no recanto fabuloso que é a minha
11 temporária morada, ainda estou como aparvalhado entre todos os fenômenos da
12 sobrevivência. Ainda não cheguei a encontrar os sóis maravilhosos, as esferas, os
13 mundos cometários, portentos celestes que Flammarion descreveu na sua
14 “Pluralidade dos Mundos”. Para o meu espírito, a Lua ainda prossegue na sua
15 carreira como esfinge eterna do espaço, embuçada no seu burel de freira morta.

16 Uma saudade doida e uma ânsia sem-termo fazem um turbilhão no meu
17 cérebro: é a vontade de rever, no reino das sombras, meu pai e minha irmã. Ainda
18 não pude fazê-lo. Mas, num movimento de maravilhosa retrospectão, pude volver
19 à minha infância na Miritiba longínqua. Revi suas velhas ruas semi-arruinadas
20 pelas águas do Piriá e pelas areias implacáveis... Revi os dias que se foram e senti,
21 novamente, a alma expansiva de meu pai como um galho forte e alegre do tronco
22 robusto dos Véras, e, à minha frente, nos quadros vivos da memória, abracei minha
23 irmãzinha inesquecida, que era em nossa casa modesta como um anjo pequenino da
24 Assunção de Murilo, que se tivesse corporificado de uma hora para outra sobre as
25 lamas da terra... (Xavier, 1998a, p. 47-48)

8-9: Após representar-se no além-túmulo, refere-se a Antônio Doroteu de Campos, conhecido por Antoninho, tio materno de Humberto de Campos. Há em *Memórias* o

seguinte registro sobre esse parente do escritor: “Vem-me à lembrança, agora, a sua figura leve, humilde, e calada. Pequeno, miúdo, rosto redondo e picado de varíola, usava o cabelo, duro e curto, cortado à *brosse-carré*. Bigode pequeno e grisalho, e uns olhos cor de rapé, escondidos no fundo das órbitas, e em que havia um misto de bondade e desconfiança. Metódico e lento, era a expressão mais característica dos indivíduos do meu sangue materno. Viveu setenta e três anos, e morreu como fiel do tesoureiro da Alfândega de Parnaíba. Não casou, não amou, não namorou. Trabalhou a vida toda para as irmãs, que tomara a seu cargo, desde a adolescência. Fechou os olhos, docemente, em 1931.

Se a abnegação e a renúncia fazem os santos, este é, a esta hora, entre os bem-aventurados, o santo da família.” (Campos, 1960q, p. 162). A propósito, a anotação de 4 de março de 1931, do *Diário secreto*, é uma primeira redação dessa passagem, que sofreu algumas modificações ao ser transposta a *Memórias*.

12-14: Menção ao astrônomo francês Camille Flammarion (1842-1925), que se envolveu com o espiritismo e foi amigo de Allan Kardec. Humberto de Campos era seu leitor e o citou em vários textos. Em seu artigo sobre o poeta Luiz Murat, por exemplo, ele se detém num episódio do livro *Les maisons hantées*, de Flammarion (cf. Campos, 1960u, p. 444). O livro referido no texto mediúnico é: *La pluralité des mondes habités* (1868).

17: O pai e a irmã de Humberto de Campos morreram antes dele.

18-20: Essa descrição de Miritiba nos remete a duas passagens de *Memórias*: “Situada a algumas léguas da foz do Piriá, repousa por trás de uma série de dunas, com a primeira fila de casas espiando de cima desses montes de areia clara, solta e leve.” (Campos, 1960q, p. 41). E esta: “E [Miritiba] lá está, hoje, obscura, decadente, moribunda, olvidada no ponto mais esquecido e impraticável do litoral maranhense, onde vai

desaparecendo aos poucos, em morte lenta, – meio comida pelo seu rio, meio sepultada pelos seus areais...” (Campos, 1960q, p. 48)

20-21: Referência ao sobrenome do pai de Humberto de Campos. Os Veras foram qualificados, pelo escritor, como “louros, fortes, vivazes, alegres e animosos” (Campos, 1960q, p. 136).

Vejamos agora o seguinte parágrafo da crônica “A casa de Ismael”, escrita em 12 de junho de 1936:

1 Eu não conhecia somente o Asilo São Luís, que se derrama pela enseada do
2 Caju como uma esteira de pombais claros e tranqüilos, onde a velhice desamparada
3 encontra remanso de paz, no seio das tempestades e das dolorosas experiências do
4 mundo, como realização da piedade pública, aliada à propaganda das idéias
5 católicas. Conhecia, igualmente, o Abrigo Teresa de Jesus, o Amparo Teresa
6 Cristina e outras casas de proteção aos pobres e desafortunados do Rio de Janeiro,
7 que um grupo de criaturas abnegadas do proselitismo espírita havia edificado. Mas,
8 meu coração, que as dores haviam esmagado, trucidando todas as suas aspirações e
9 todas as suas esperanças, não podia entender a vibração construtora da fé dos meus
10 patrícios, que Xavier de Oliveira tachara de loucos no seu estudo mal-avisado do
11 Espiritismo no Brasil. (Xavier, 1998a, p. 108-109)

1: Sobre o Asilo São Luís, Humberto de Campos escreveu pelo menos seis crônicas – quatro estão no livro *Os párias* (Campos, 1960d, p. 91-114) e duas em *Sepultando os meus mortos* (Campos, 1960h, p. 43-52) – e uma anotação no *Diário secreto*: a de 17 de maio de 1932 (Campos, 1954b, p. 271-272).

1-5: Essa frase alude à seguinte descrição do mesmo asilo: “Na enseada do Caju, dominando um pequeno mundo de trapiches meio mergulhados na lama; de montanhas de carvão destinado à fome das locomotivas, dos navios e das fábricas; e de embarcações escuras, cobertas de encerado negro, que bóiam pesadamente na água turva como enormes cisnes preguiçosos, – ergue-se, afogado entre árvores verdes, um conjunto de vastas construções brancas e alegres, que parecem levantar-se nas pontas dos pés para fugir à tristeza circunjacente. Esse corpo de edifícios é o Asilo de São Luiz, para a Velhice Desamparada, estabelecimento que vive há quarenta e dois anos de donativos particulares, da piedade cristã de alguns homens abnegados, e em cujos pátios e áreas repousam das violentas batalhas do mundo, recebendo o pão, o vestuário, o remédio e o mais comovido conforto moral, nada menos de trezentos e três velhos e velhas, veteranos do sofrimento e da Vida.” (Campos, 1960d, p. 91-92)

9-10: Referência ao livro *Espiritismo e loucura* (1931), escrito pelo psiquiatra Xavier de Oliveira. Ele afirmava que o espiritismo era um agente desencadeador da loucura. Sobre este livro, na primeira série de *Notas de um diarista*, Humberto de Campos escreveu o artigo “Elogio da loucura”, no qual discordava da condenação do médico ao espiritismo (cf. Campos, 1960i, p. 93-98).

Do livro *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, em seu capítulo “D. João VI no Brasil”, consideremos esta passagem:

- 1 Os reinóis abastados do Rio de Janeiro e das outras grandes cidades coloniais
- 2 receberam títulos e condecorações de toda natureza. As cartas honoríficas eram
- 3 expedidas quase que diariamente. Por toda parte, havia comendadores da Ordem do

4 Cristo e cavaleiros de São Tiago dando lugar a um grande menosprezo pelas
5 instituições. Os nobres da época eram os novos ricos do mundo moderno.
6 Conquistados os títulos, sentiam-se no direito de viver colados ao orçamento da
7 despesa, apodrecendo longe do trabalho. Só os gastos da despesa da corte, dos
8 quais vivia a multidão dos criados, no Rio de Janeiro, ao tempo de D. João VI, se
9 aproximavam da respeitável importância de mais de quinze mil contos de réis! O
10 alojamento dos fidalgos e de suas famílias exigiu, por vezes a fio, as mais enérgicas
11 providências da autoridade, no capítulo das expropriações. A chamada lei das
12 aposentadorias obrigava todos os inquilinos e proprietários a cederem suas casas de
13 residência aos favoritos e aos fâmulos reais. Bastava que qualquer fidalgo
14 desejasse este ou aquele prédio, para que o Juiz Aposentador efetuasse a necessária
15 intimação, a fim de que fosse imediatamente desocupado. Ao oficial de justiça,
16 incumbido desse trabalho, bastava escrever na porta de entrada as letras “P. R.”, que
17 se subentendiam por “Príncipe Regente”, inscrição que a malícia carioca traduzia
18 como significando – “Ponha-se na rua”.

19 Moreira de Azevedo conta em suas páginas que Agostinho Petra Bittencourt
20 era um dos juízes aposentadores ao tempo de D. João VI, quando lhe apareceu um
21 fidalgo da corte, exigindo pela segunda vez uma residência confortável, apesar de já
22 se encontrar muito bem instalado. Decorridos alguns dias, o mesmo homem requer
23 a mobília e, daí a algum tempo, solicita escravos. Recebendo a terceira solicitação,
24 o juiz, indignado em face dos excessos da corte do Rio, exclama para a esposa,
25 gritando para um dos apartamentos da casa:

26 – Prepare-se, D. Joaquina, porque por pouco tempo poderemos estar juntos.

27 E, indicando à mulher, que viera correndo atender ao chamado, o fidalgo que
28 ali esperava a decisão, concluiu com ironia:

29 – Este senhor já por duas vezes exigiu casa; depois pediu-me mobília e
30 agora vem pedir criados. Dentro em breve, desejará também uma mulher e, como
31 não tenho outra senão a senhora, serei forçado a entregá-la.

32 Todavia, a despeito de todos os absurdos e de todos os dispêndios, que
33 seriam de muito excedidos nos odiosos processos revolucionários, caso o país fosse

34 obrigado a exigir pelas armas a sua emancipação, a corte de D. João VI ia prestar ao
35 Brasil os mais inestimáveis serviços, no capítulo de sua autonomia e de sua
36 liberdade, sem os abusos criminosos das lutas fratricidas. (Xavier, 1996, p. 137-
139)

3-4: Um episódio da época do reinado de D. Pedro II, envolvendo a comenda da Ordem de Cristo, é contado em *O Brasil anedótico*: “A comenda do cônego Brito” (Campos, 1960aa, p. 271-272).

11-13: Essa frase inicia, no texto mediúnico, uma paráfrase do episódio “A lei das aposentadorias”, reproduzido em *O Brasil anedótico*: “Chegada ao Rio de Janeiro em 1808 a família real portuguesa com todo o seu séquito de fidalgos e fâmulos, foi posta em execução a chamada lei das aposentadorias, a qual obrigava os proprietários e inquilinos a mudarem-se, cedendo as casas para residência dos criados e servidores d'el-rei.” (Campos, 1960aa, p. 214-215)

13-18: Reproduzo agora o intertexto dessas duas frases: “Bastava que o fidalgo desejasse uma casa, para que o juiz aposentador intimasse o morador por intermédio do meirinho, que se desempenhava do seu mandato escrevendo sumariamente na porta, a giz, as letras P. R. Estas significavam – ‘Príncipe Regente’, ou, como interpretava o povo – ‘ponha-se na rua’”. (Campos, 1960aa, p. 215)

É digno de nota que, na versão mediúnica, a alteração de “...como interpretava o povo...” para “...inscrição que a malícia carioca traduzia...” parafraseia, desta vez, a seguinte expressão de um outro livro de Humberto de Campos: “a malícia anônima do carioca” (Campos, 1954b, p. 251), também designada como “o bom-humor carioca” (Campos, 1954b, p. 302).

19-31: Esses quatro parágrafos encerram a paráfrase de “A lei das aposentadorias”. Eis o intertexto: “Era Agostinho Petra de Bitencourt juiz aposentador quando, um dia, lhe apareceu um fidalgote, requerendo aposentadoria em uma excelente casa, apesar de já ter uma. Dias depois veio pedir-lhe mobília e, finalmente, escravos.

Ao receber o terceiro pedido, Agostinho Petra, que acompanhava a indignação do povo com tantos abusos da Corte, gritou para a esposa, no interior da casa:

– Prepare-se Dona Joaquina, que pouco tempo podemos viver juntos.

E indicando, para a mulher, que acorrera, o fidalgote insaciável:

– Este senhor já duas vezes me pediu casa, depois mobília, e agora, criado. Brevemente quererá, também, mulher, e como eu não tenho outra senão a senhora, ver-me-ei forçado a servi-lo!” (Campos, 1960aa, p. 215-216). N’*O Brasil anedótico*, o episódio “A lei das aposentadorias” foi selecionado, por Humberto de Campos, do livro *Mosaico brasileiro*, de Moreira de Azevedo.

32-36: Essa crítica aos processos revolucionários vai ao encontro de algumas idéias de Humberto de Campos apresentadas, por exemplo, nas crônicas “Um sonho generoso”, na qual o escritor objeta a Voltaire, para quem “a política e a guerra eram as duas missões naturais do homem na terra” (Campos, 1960k, p. 206-207); “As mulheres e a guerra”, em que escreveu: “Esparta, onde as mães se orgulhavam dos filhos mortos em combate, e lamentavam os que regressavam vivos embora vitoriosos, não vale, para a Civilização, um só dos distritos de Atenas.” (Campos, 1960k, p. 213). Em seu artigo sobre *Retrato do Brasil* (1928), Humberto de Campos discorda de Paulo Prado, que considerava a guerra ou a revolução como medicamentos para o Brasil; na opinião do cronista, “Somos um punhado de formigas a empurrar um penedo. Mas preferimos, em todo o caso, a lentidão aos recursos cruentos.” (Campos, 1960u, p. 72). No artigo “Azares das revoluções”, sobre o romance homônimo (1929) de Álvaro de Alencastre, disse o escritor: “Nas cargas de cavalarias de irmãos contra irmãos, tão celebradas, hoje, pelos espíritos em que a paixão

obscurece o sentido da própria responsabilidade, os que lucram não são, jamais, os partidários do governo ou os da revolução.

Os triunfadores, nas contendas fraticidas, são, sempre, e unicamente, os quatro Cavaleiros do Apocalipse.” (Campos, 1960x, p. 85-86)

Uma outra passagem que bem exemplifica o procedimento intertextual presente em escritos mediúnicos atribuídos a Humberto de Campos é a introdução “De pé, os mortos!”, publicada em *Parnaso de além-túmulo*. Vejamos seus primeiros parágrafos:

1 Pede-me você uma palavra para o intróito do “Parnaso de Além-Túmulo”,
2 que aparecerá brevemente em nova edição.

3 A tarefa é difícil. Nas minhas atuais condições de vida, tenho de destoar da
4 opinião que já expendi nas contingências da carne.

5 Os vivos do Além e os vivos da Terra não podem enxergar as coisas através
6 de prismas idênticos. Imagine se o aparelho visual do homem fosse acomodado,
7 segundo a potencialidade dos raios X: as cidades estariam povoadas de esqueletos,
8 os campos se apresentariam como desertos, o mundo constituiria um conjunto de
9 aspectos inverossímeis e inesperados.

10 Cada esfera da vida está subordinada a certo determinismo, no domínio do
11 conhecimento e da sensação. (Xavier, 1994a, p. 27)

1-2: Refere-se à 2ª edição do livro, lançada em 1935.

3-4: Alusão às duas crônicas de Humberto de Campos sobre *Parnaso de além-túmulo*, publicadas em 1932 no jornal *Diário Carioca*, que apresentam outras opiniões sobre a antologia poética.

6-9: De forma sutil, essa frase alude a uma idéia desenvolvida no conto de Humberto de Campos “Os olhos que comiam carne”, em cuja ideação o autor aproveitou elementos autobiográficos, especialmente estes: as aplicações de raios X a que era submetido, a partir de 1928, para o tratamento de sua hipófise (cf. Campos, 1954a, p. 263); seu progressivo problema de visão e seu ofício de escritor¹¹⁵. O conto, publicado em 1932, fala de um literato de 40 anos que, tendo consumido sua mocidade em seu gabinete de trabalho, torna-se cego. Informado de que poderia passar pelo Rio de Janeiro um professor alemão que desenvolvera uma técnica para curar certos tipos de cegueira, o escritor tem nessa cirurgia a sua esperança. Ele é operado, mas quando as gazeas lhe são retiradas dos olhos, ele vê, “em redor, criaturas humanas. Mas essas criaturas não têm vestimentas, não têm carne: são esqueletos apenas; são ossos que se movem, túbias que andam, caveiras que abrem e fecham as mandíbulas! Os seus olhos comem a carne dos vivos. A sua retina, como os raios X, atravessa o corpo humano e só se detém na ossatura dos que o cercam, e diante das cousas inanimadas!” (Campos, 1960y, p. 161)

De volta ao plano da realidade, a vida parece ter imitado a arte: em 1934, “sabendo da passagem pelo Rio, a bordo do Zepelin, de um grande cientista alemão, especialista nos seus males, Humberto decide, repentinamente, operar-se com ele.” (Lebert, 1956, p. 55). Foi durante essa cirurgia que morreu o escritor.

Note-se que tanto o texto mediúnico quanto o conto podem ser lidos como metáforas da visão: após uma experiência marcante – a morte, no primeiro, e a arriscada operação, no outro –, a realidade passa a ser vista sob uma perspectiva nova. A propósito, segue este outro trecho da série mediúnica que se assenta na mesma metáfora: “Envergando a minha camisa pobre na penitenciária do mundo, ri-me dos que me vinham contar as maravilhas deslumbrantes da pátria das almas. E, readquirindo os meus olhos nos países da Morte, onde não cheguei a encontrar as águas tenebrosas do Tártaro e do Estige, venho

¹¹⁵ Em uma crônica sobre Coelho Neto, escreveu Humberto de Campos: “A cegueira pareceu-me, sempre, a maior desgraça que pode ferir um escritor. Previsão do meu destino, talvez...” (Campos, 1960h, p. 26)

hoje, como o viajante incompreendido, falar aos que são objeto da ação inibitória de uma cegueira cruel.” (Xavier, 1998a, p. 52)

4.1. CITAÇÕES

A fim de reforçar o efeito de sobrevivência, um outro procedimento do autor foi a utilização de muitas citações que não fazem parte, em termos literais, da obra de Humberto de Campos, mas se relacionam com o seu repertório cultural. A estratégia era demonstrar conhecimento não somente dos escritos do cronista maranhense, mas também do produto de suas leituras.

No segundo prefácio de *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, o autor assim qualifica a “alma” brasileira: ela é “a ‘flor amorosa de três raças tristes’, na expressão harmoniosa de um dos seus poetas mais eminentes.” (Xavier, 1996, p. 14). Note-se que esse tipo de citação exige do leitor curioso um certo trabalho de pesquisa, pois não há indicação da fonte. Quem seria o eminente poeta? Esse decassílabo viria de qual poema seu? Ou seria ele um blefe do autor, um verso apócrifo? Em tempos de internet, a tarefa de localizar tais informações é normalmente menos árdua do que em tempos atrás. Descobrimos, desse modo, que o poeta citado é Olavo Bilac¹¹⁶ e que o verso é o último do soneto “Música brasileira”, publicado em seu livro *Tarde* (1919).

Na série mediúnica, no entanto, as citações literais constituem a menor parte; o mais comum, entre centenas de menções históricas e literárias, são paráfrases e adaptações. Para exemplificar essa prática, examinemos uma amostra de citações, cuja seleção privilegiou as menções aos literatos. Em “Carta aberta ao Sr. Prefeito do Rio de Janeiro”, há este trecho: “Não se lembra da luta armada de Canudos, onde pereceram tantas energias da mocidade brasileira? O resultado dessa campanha seria outro, se, em vez da primeira expedição militar, mandássemos para ali uma dúzia de professores. As armas a serem detonadas

¹¹⁶ Amigo de Olavo Bilac (1865-1918), Humberto de Campos escreveu diversas vezes sobre o poeta. Em seu artigo “Galicismos”, referindo-se à língua portuguesa no Brasil, disse ele: “Cultivar um idioma não significa, porém, conservar integral, imodificável, inalterável, o seu vocabulário. Assim, pelo menos, o entendiam os seus três evangelistas, – Joaquim Nabuco, Machado de Assis e Olavo Bilac [...]” (Campos, 1960u, p. 245).

naquele ambiente sertanejo deveriam ser as do alfabeto, como asseverava o nosso Euclides.” (Xavier, 1998a, p. 139-140)

O autor se refere, evidentemente, a Euclides da Cunha¹¹⁷, mas não conseguiu localizar onde o escritor de *Os sertões* teria registrado esse comentário. Caso semelhante ocorre em outra carta, a dirigida a Gastão Penalva, na qual, a respeito do início da Segunda Guerra Mundial, diz o autor: “Sentimos as preces aflitas dos corações maternos, dilacerados nas suas mais cariciosas esperanças. Contemplamos essa juventude envenenada, que caminha para a morte, glorificando a imagem infeliz de D’Annunzio, quando preconizava, para os moços da época, a ponta da baioneta, como o primeiro e último amor.” (Xavier, 1995a, p. 92)

Também aqui, sabemos quem é o autor citado – o italiano Gabriele D’Annunzio¹¹⁸ –, mas igualmente não localizei o texto-fonte que deve ter gerado a paráfrase. Da mesma forma, não encontrei o original de uma outra citação, indicada como literal, que consta do livro *Luz acima*. Sua estrutura parece com esta outra, escrita por Humberto de Campos: “Dizia mestre Shakespeare que, se os homens tivessem miolos nos pés, muitos deles morreriam de frieiras. Quem sabe se eu, cujos sonhos dependem das meias, não estou pensando, já, pelos pés?” (Campos, 1954b, p. 189). Eis o trecho mediúnico: “Quem define o meu caso, com paciência, é o nosso velho sábio Shakespeare. Disse ele, certa vez, que ‘quando Deus nos vê endurecidos no mal, cerra-nos os olhos para a imundície e nos obscurece o juízo, de modo que chegamos a adorar os nossos desvarios e a zombar de nós

¹¹⁷ Há muitas menções a Euclides da Cunha (1866-1909) na obra de Humberto de Campos, que gostava de citar o seu *À margem da história*. Sobre o trecho relativo a Canudos, uma idéia bem próxima da apresentada encontra-se no discurso de posse de Afrânio Peixoto, sucessor de Euclides na ABL: “Foi uma história triste e vergonhosa. E porque éramos os únicos culpados, por não termos sabido dar-lhes cultura e civilização, vingamo-nos com violência espantosa [...]” (Campos, 1960ab, p. 187).

¹¹⁸ Em *Fatos e feitos*, a crônica “A vitória mutilada” (Campos, 1949, p. 123-127) trata da Itália sob a poesia nacionalista de D’Annunzio (1863-1938). No artigo “Essas almas inquietas...”, Humberto de Campos registra a influência do d’annunzianismo no Brasil: “Mais acessível às palavras do que às idéias e animada de uma natureza superficialmente musical, a mentalidade brasileira admirou D’Annunzio antes de o ter compreendido, consagrando-lhe sacerdotes e altares.” (Campos, 1960x, p. 112)

mesmos, caminhando, cheios de cegueira e de orgulho, para a perdição.’” (Xavier, 1993, p. 57-58)

Vejamos outro caso. Há no *Diário secreto* o seguinte trecho: “Que devo eu dizer da minha infância, da minha mocidade, da minha vida inteira, transcorridas no meio de personagens egoístas e utilitárias, de um mundo miúdo que sempre me pareceu saído, inteiro, das páginas do *Gil Blas*, de Lesage?” (Campos, 1954b, p. 59). Em *Lázaro redivivo*, encontramos este trecho: “Ouvindo-lhes as referências, lembrava a personagem satânica do livro de Lesage, a perturbar as casas madrilenas, levantando-lhes os telhados” (Xavier, 1995b, p. 52). O trecho se refere ao personagem principal do livro *O diabo coxo* (1707), de Alain-René Lesage.

Um outro francês – este bem mais citado por Humberto de Campos – que aparece na série mediúnica é Ernest Renan. Lemos, por exemplo, em *Memórias*: “‘O homem realiza grandes cousas por instinto, como o pássaro empreende as suas viagens guiado por uma misteriosa carta de velha geografia que carrega no seu cérebro’, – diz Renan. Eu trazia, dentro em mim, um roteiro, que consultava inconscientemente nas horas de sono.” (Campos, 1960q, p. 449)

Em *Novas mensagens*, há esta passagem: “Dizia Renan que ‘o cérebro queimado pelo raciocínio tem sede de simplicidade, como o deserto tem sede de água pura’. E nós observamos que a ciência do mundo, nas suas explosões de inconsciência, se reduz, agora, a um punhado de escombros.” (Xavier, 1995a, p. 90). O trecho citado é uma tradução de “Le cerveau brûlé par le raisonnement a soif de simplicité, comme le désert a soif d’eau pure”, que faz parte de *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*, de Renan.

Essas pequenas frases de célebres escritores nem sempre se encaixam, inteiramente, ao que pretende dizer o autor que as menciona. Vejamos o seguinte trecho de “A mulher e a ressurreição”, de *Boa nova*:

[...] todos os historiadores das origens do Cristianismo param a pena, assombrados ante a fé profunda dos primeiros discípulos que se dispersaram pelo deserto das grandes cidades para pregação da Boa Nova, e, observando a confiança serena de todos os mártires que se têm sacrificado na esteira infinita do Tempo pela idéia de Jesus, perguntam espantados, como Ernest Renan, numa de suas obras:

– Onde está o sábio da Terra que já deu ao mundo tanta alegria quanto a carinhosa Maria de Magdala? (Xavier, 1998b, p. 152)

Esta frase de Renan, localizei-a em seu livro *Les Apôtres*: “Où est le sage qui a donné au monde autant de joie que la possédée Marie de Magdala?” (Renan, 1894, p. 13). Perceba-se que, ao transladar para o português, o autor fez uma modificação: para não perturbar o tom de seu texto, a palavra “possédée”¹¹⁹ (possuída, desvairada) – que no original não tem sentido pejorativo, mas o ganharia, isoladamente, no trecho recortado – foi substituída por “carinhosa”.

No texto mediúnico “Boa nova”, que fala do Império Romano à época de Augusto, encontramos os seguintes versos, atribuídos a Horácio:

Ó Sol fecundo,
Que com teu carro brilhante
Abres e fechas o dia!...
Que surges sempre novo e sempre igual!
Que nunca possas ver

¹¹⁹ Cético, Renan interpretou a volta de Jesus, após a crucificação, como produto subjetivo do amor de Maria de Magdala, a primeira pessoa a vê-lo e ouvi-lo; os outros testemunhos teriam sido amoldados pela descrição dela. Por isso, escreveu Renan: “A glória da ressurreição pertence, portanto, a Maria de Magdala. Depois de Jesus, foi ela quem mais fez para a fundação do cristianismo. [...] Sua grande afirmação de mulher: ‘Ele ressuscitou!’ foi a base da fé para a humanidade. Longe daqui, razão impotente! Não queira aplicar uma fria análise à obra-prima do idealismo e do amor. Se a sabedoria renuncia a consolar essa pobre raça humana, traída pela sorte, deixa que a loucura se aventure. Onde está o sábio que deu ao mundo tanta alegria quanto a desvairada Maria de Magdala?” (Renan, 1894, p. 13). (Tradução minha.)

Algo maior do que Roma. (Xavier, 1998b, p. 17)

A passagem é uma tradução dos versos 9-12 de “Carmen Saeculare” (“Poema Secular”), de Horácio, em honra do Imperador Augusto¹²⁰. Este é o trecho original:

Alme Sol, curru nitido diem qui
promis et celas aliusque et idem
nasceris, possis nihil urbe Roma
uisere maius.

O mesmo escritor latino é citado neste trecho de *Lázaro redivivo*, agora com a indicação da obra: “Desconhecem o pensamento que Horácio enunciou em sua Arte Poética, há muitos séculos: ‘Estamos destinados a morrer, nós e tudo que é nosso’” (Xavier, 1995b, p. 40). A frase corresponde ao verso 63 da *Ars Poetica* de Horácio: “Debemur morti nos nostraque”. Há uma outra menção a Horácio em *Cartas e crônicas*: “[...] a morte, à porta de juízes e condenados, de doutos e ignorantes, de aristocratas e plebeus, ‘bate com pé indiferente’”. (Xavier, 2002b, p. 92). Desta vez, trata-se de uma paráfrase dos versos 13-14 de uma ode horaciana (*Odes*, I.4): “Pallida Mors aequo pulsat pede pauperum tabernas/ regumque turris”¹²¹. Vejamos agora uma citação de original português. Encontra-se no capítulo “A restauração de Portugal”, do livro mediúnico sobre o Brasil:

Vieira toma posição ascendente na corte de D. João IV e, daí a algum tempo, contra a vontade do soberano, que desejava conservar a sua palavra de sabedoria e de amor junto do seu coração, o grande missionário embarca para o Brasil.

¹²⁰ A localização dos versos de Horácio traduzidos ou parafraseados na série mediúnica foi feita por Robson Cesila.

¹²¹ “A pálida morte bate com o mesmo pé nos casebres dos pobres/ e nos palácios dos reis”. O trecho alude ao costume antigo de se bater à porta com o pé, para chamar o morador, em vez de bater com a mão, como atualmente fazemos. A tradução e a explicação são de Robson Cesila.

Sua voz, saturada de suave magnetismo, ilumina todas as consciências, esclarecendo todos os corações. Em momento de sagrada eloquência, exclama ele: – No Evangelho de Jesus, ofereceu o demônio todos os seus reinos pela posse de uma alma; mas, no Maranhão, não é necessário ao demônio tanta bolsa, para comprá-las todas. Basta acenar o diabo com um tijupar de pindoba e dois tapuias para que seja adorado com ambos os joelhos. (Xavier, 1996, p. 86-87)

Esta passagem atribuída a Antônio Vieira¹²² foi retirada do *Sermão da Primeira Dominga da Quaresma*, e é um pouco paráfrase, um pouco citação literal da seguinte parte do sermão: “[...] no nosso Evangelho ofereceu todos os Reinos do mundo por uma alma: no Maranhão não é necessário ao demônio tanta bolsa para comprar todas: não é necessário oferecer mundos: não é necessário oferecer Reinos: não é necessário oferecer Cidades, nem Vilas, nem Aldeias. Basta acenar o diabo com um tujupar de pindoba, e dois Tapuias; e logo está adorado com ambos os joelhos:...” (Vieira, 2001, p. 458)

No primeiro volume de *Crítica*, num artigo sobre o poeta Manuel Maia Júnior, encontramos a seguinte comparação: “À semelhança daquele personagem de Wells, portador moderno do anel de Medéia, ele era o fantasma que percorria as ruas cheias, e ninguém o via.” (Campos, 1960u, p. 343). Sabemos que o personagem mencionado por Humberto de Campos é o protagonista do romance de H. G. Wells *The invisible man* (1897). No último volume de *Crítica*, em artigo a respeito de Berilo Neves, o escritor volta a falar do ficcionista inglês. Após dizer que a capacidade de Wells, em narrativas do futuro, tenha talvez culminado com *War of the Worlds*, em 1898, avalia que ele “exagerou, porém, a sua faculdade imaginativa. Adiantou-se tanto no tempo que saiu dos limites da realidade, caindo, de súbito, como se sabe, nos domínios do espiritismo.” (Campos, 1960x, p. 26). O autor da série mediúnica assim inicia a crônica “A suave compensação”, de 31 de julho de 1935:

¹²² A respeito de Antônio Vieira (1608-1697), escreveu Humberto de Campos no primeiro volume de *Crítica*: “As cartas e os sermões de Vieira são animados, umas e outros, da mais evidente idéia política. Mesmo quando invoca o céu e Deus, os seus cuidados têm por objetivo a felicidade da terra e a paz dos homens.” (Campos, 1960u, p. 31)

Foi Wells que, em uma das suas audaciosas fantasias, descreveu o vale escuro e triste onde um punhado de homens havia perdido as faculdades visuais. Tudo para eles era a mesma noite uniforme, onde se arrastavam como sombras da vida.

As gerações se haviam sucedido incessantemente, os séculos passaram e aqueles seres apagaram da lembrança as tradições dos antepassados que lhes falavam do estranho poder dos olhos, os quais, em seus organismos, nada mais eram que duas conchas de treva.

O mundo para eles estava circunscrito àquela prisão escura. Os trovões e o vozerio lamentoso dos ventos da tarde significavam, para a sua acuidade auditiva, as advertências das bruxas que povoavam o seu deserto, e o chilrear dos passarinhos o suave consolo que lhes prodigalizavam os gênios carinhosos e alegres.

Eis, porém, que, um dia, desce ao vale misterioso um homem que vê. Fala aos filhos da treva das grandes maravilhas do mundo, dos tesouros amontoados nos seus impérios, das faiscantes grinaldas de luz dos plenilúnios, do entusiasmo colorido das auroras de primavera, de tudo o que as mãos dadivosas do Senhor puseram nas páginas imensas do livro da Natureza, para o encanto fugitivo dos homens.

Em resposta, porém, ouve-se no calabouço um clamor de gargalhadas e de apreensões.

O homem da noite examina com as suas mãos o homem do dia e supõe descobrir a origem dos seus disparates, descrevendo coisas inverossímeis para ele, atribuindo aos seus olhos a causa da sua loucura, concluindo pela necessidade de se lhe arrancarem esses órgãos incômodos, como excrescências daninhas. (Xavier, 1998a, p. 51-52)

A passagem transcrita é uma síntese do conto “The country of the blind” (“Em terra de cego”, na tradução de Renato Pompeu), escrito em 1899 por H. G. Wells. Com esse ponto de partida, o autor compara-se aos personagens cegos, referindo-se à sua existência carnal, e ao personagem que enxerga, ao falar do período posterior à sua experiência da morte. Do mesmo *Crônicas de além-túmulo*, destaquemos um outro exemplo, o da seguinte passagem da carta mediúnica dirigida aos filhos de Humberto de Campos, escrita em 9 de abril de 1935:

Num dos mais delicados poemas de Wilde, as Oréades lamentam a morte de Narciso, junto de sua fonte predileta, transformada numa taça de lágrimas.

– Não nos admira – suspiram elas – que tanto tenhas chorado!... Era tão lindo!...

– Era belo, Narciso? – perguntou o lago.

– Quem melhor do que tu poderia sabê-lo, se ele nos desprezava a todas para estender-se nas relvas da tua margem, baixando os olhos para contemplar, no diamante da tua onda, a sua formosura?...

A fonte respondeu:

– Eu chorava Narciso porque, quando me procurava com os olhos, eu via, no espelho das suas pupilas, o reflexo da minha própria beleza. (Xavier, 1998a, p. 30)

O original, que acima foi meio recontado, meio traduzido, é “The disciple”¹²³, que faz parte do livro *Poems in prose* (1894), de Oscar Wilde:

When Narcissus died the pool of his pleasure changed from a cup of sweet waters into a cup of salt tears, and the Oreads came weeping through the woodland that they might sing to the pool and give it comfort.

And when they saw that the pool had changed from a cup of sweet waters into a cup of salt tears, they loosened the green tresses of their hair and cried to the pool and said, “We do not wonder that you should mourn in this manner for Narcissus, so beautiful was he.”

“But was Narcissus beautiful?” said the pool.

“Who should know that better than you?” answered the Oreads. “Us did he ever pass by, but you he sought for, and would lie on your banks and look down at you, and in the mirror of your waters he would mirror his own beauty.”

And the pool answered, “But I loved Narcissus because, as he lay on my banks and looked down at me, in the mirror of his eyes I saw ever my own beauty mirrored.”

¹²³ Esta referência foi localizada por Renato Marques de Oliveira.

Em *Lázaro redivivo*, há também uma citação atribuída ao mesmo escritor: “Dizia Oscar Wilde que, ministrando bons conselhos, geralmente damos a outrem aquilo de que a nossa vida mais necessita.” (Xavier, 1995b, p. 227-228). No prefácio de *Pontos e contos*, o autor reconta o poema “The legend beautiful”¹²⁴, do poeta americano Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882). Por fim, transcrevo mais uma provável adaptação, apresentada em *Cartas e crônicas*. A autoria do texto-base foi atribuída ao indiano R. Tagore (1861-1941), mas não consegui localizar o original. Eis a adaptação mediúnica:

Num belo apólogo, conta Rabindranath Tagore que um lavrador, a caminho de casa, com a colheita do dia, notou que, em sentido contrário, vinha suntuosa carruagem, revestida de estrelas. Contemplando-a, fascinado, viu-a estacar, junto dele, e, semistarrecido, reconheceu a presença do Senhor do Mundo, que saiu dela e estendeu-lhe a mão a pedir-lhe esmolas...

– O quê? – refletiu, espantado – o Senhor da Vida a rogar-me auxílio, a mim, que nunca passei de mísero escravo, na aspereza do solo?

Conquanto excitado e mudo, mergulhou a mão no alforje de trigo que trazia e entregou ao Divino Pedinte apenas um grão da preciosa carga.

O Senhor agradeceu e partiu.

Quando, porém, o pobre homem do campo tornou a si do próprio assombro, observou que doce claridade vinha do alforje poeirento... O grânulo de trigo, do qual fizera sua dádiva, tornara à sacola, transformado em pepita de ouro luminescente...

Deslumbrado, gritou...

– Louco que fui!... Por que não dei tudo o que tenho ao Soberano da Vida? (Xavier, 2002b, p. 7-8)

¹²⁴ A localização desta referência foi feita por Elen de Medeiros.

IV. LEITURAS

1. CINCO TEXTOS COMENTADOS

Quando, em seus escritos, um autor utiliza intertextos próprios ou alheios sem mencionar explicitamente suas fontes, ele lança mão da intertextualidade implícita. Neste caso, “o produtor do texto espera que o leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto, pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, visto que, se tal não ocorrer, estará prejudicada a construção do sentido” (Koch, Bentes, Cavalcante, 2007, p. 30-31). Em alguns textos da série mediúnica, o autor elaborou um notável trabalho de intertextualidade implícita com a obra de Humberto de Campos e com seu repertório de leitor – ora mais facilmente detectável, por quem conheça os textos-fontes aludidos, ora mais sutil. Para exemplificar esse procedimento, que visa a estabelecer uma verossimilhança autoral, selecionei cinco textos. Após sua transcrição integral, explicito quais foram os principais intertextos empregados pelo autor (certamente, vários outros me passaram despercebidos) e forneço algumas explicações que julgo oportunas.

1.1. CARTA AOS QUE FICARAM

1 No antigo Paço da Boa Vista, nas audiências dos sábados, quando recebia
2 toda gente, atendeu D. Pedro II a um negro velho, de carapinha branca e em cujo
3 rosto, enrugado pelo frio de muitos invernos, se descobria o sinal de muitas penas
4 e muitos maus tratos.

5 – “Ah! meu senhor grande – exclamou o infeliz –, como é duro ser
6 escravo!...”

7 O magnânimo imperador encarou suas mãos cansadas no leme da direção
8 do povo e aquelas outras, engelhadas nas excrescências dos calos adquiridos na
9 rude tarefa das senzalas, e tranqüilizando-o comovido: – “Oh! meu filho, tem
10 paciência! Também eu sou escravo dos meus deveres e eles são bem pesados...
11 Teus infortúnios vão diminuir...”

12 E mandou libertar o preto.

13 Mais tarde, nos primeiros tempos do seu desterro, o bondoso monarca
14 recebeu a visita do seu ex-ministro; às primeiras interpelações de Ouro Preto,
15 respondeu o grande exilado:

16 – “Em suma, estou satisfeito e tranqüilo.” E, aludindo à sua expatriação:
17 – “É a minha carta de alforria, agora posso ir aonde quero.”

18 A coroa era pesada demais para a cabeça do monarca republicano.

19 Aos que me perguntarem no mundo sobre a minha posição em face da
20 morte, direi que ela teve para mim a fulguração de um Treze de Maio para os
21 filhos de Angola.

22 A morte não veio buscar minha alma quando esta se comprazia nas redes
23 douradas da ilusão. Sua tesoura não me cortou fios da mocidade e do sonho,
24 porque eu não possuía senão neves brancas e rígidas, à espera do Sol para se
25 desfazerm. O gelo dos meus desenganos necessitava desse calor de realidade,
26 que a morte espalha no caminho em que passa com a sua foice derrubadora.
27 Resisti, porém, ao seu cerco, como Aquiles, no heroísmo indomável de quem vê

28 a destruição de suas muralhas e redutos. Na minha trincheira de sacos de água
29 quente eu a via chegar quase todos os dias... Mirava-me nas pupilas chamejantes
30 dos seus olhos, pedindo-lhe complacência, e ela me sorria, consoladora nas suas
31 promessas. Eu não podia, porém, adivinhar o seu fundo mistério, porque a dúvida
32 obsidiava o meu espírito, enrodilhando-se no meu raciocínio como tentáculos de
33 um polvo.

34 E, na minha alegria bárbara, sentia-me encurralado no sofrimento, como
35 um lutador romano aureolado de rosas.

36 Triunfava da morte e, como Ajax, recolhi as últimas esperanças no
37 rochedo da minha dor, desafiando o tridente dos deuses.

38 Minha excessiva vigilância trouxe-me a insônia, que arruinou a
39 tranqüilidade dos meus últimos dias. Perseguido pela surdez, já meus olhos se
40 apagavam como as derradeiras luzes de um navio soçobrando em mar
41 encapelado, no silêncio da noite. Sombra, movendo-se dentro das sombras, não
42 me acovardei diante do abismo. Sem esmorecimentos, atirei-me ao combate, não
43 para repelir mouros na costa, mas para erguer muito alto o coração, retalhado nas
44 pedras do caminho, como um livro de experiências para os que vinham depois
45 dos meus passos, ou como a réstia luminosa que os faroleiros desabotoam na
46 superfície das águas, prevenindo os incautos do perigo das sirtes traiçoeiras do
47 oceano.

48 Muitos me supuseram corroído de lepra e de vermina, como se eu fosse
49 Bento Labre, raspando-se com a escudela de Job. Eu, porém, estava apenas
50 refletindo a claridade das estrelas do meu imenso crepúsculo. Quando me
51 encontrava nessa faina de semear a resignação, a primeira e última flor dos que
52 atravessam o deserto das incertezas da vida, a morte abeirou-se do meu leito,
53 devagarinho, como alguém que temesse acordar um menino doente. Esperou que
54 tapassem com a anestesia todas as janelas e interstícios dos meus sentimentos. E
55 quando o caos mais absoluto se fez sentir no meu cérebro, zás! cortou as algemas
56 a que me conservava retido por amor aos outros condenados, irmãos meus,
57 reclusos no calabouço da vida. Adormeci nos seus braços, como um ébrio nas

58 mãos de uma deusa. Despertando dessa letargia momentânea, compreendi a
59 realidade da vida, que eu negara, além dos ossos que se enfeitam com os cravos
60 rubros da carne.

61 – Humberto!... Humberto!... – exclamou uma voz longínqua – recebe o
62 que te enviam da Terra!

63 Arregalei os olhos com horror e com enfado: – “Não! Não quero saber de
64 panegíricos e agora não me interessam as seções necrológicas dos jornais.”

65 – “Enganas-te – repetiu –; as homenagens da convenção não se
66 equilibram até aqui. A hipocrisia é como certos micróbios de vida muito efêmera.
67 Toma as preces que se elevaram por ti a Deus, dos peitos sufocados onde
68 penetraste com as tuas exortações e conselhos. O sofrimento entornou no teu
69 coração um cântaro de mel.”

70 Vi descer, de um ponto indeterminado do espaço, braçadas de flores
71 inebriantes, como se fossem feitas de neblina resplandecente, e escutei,
72 envolvendo o meu nome pobre, orações tecidas com suavidade e doçura. Ah! eu
73 não vira o céu e a sua corte de bem-aventurados; mas Deus receberia aquelas
74 deprecações no seu sólio de estrelas encantadas, como a hóstia simbólica do
75 Catolicismo se perfuma na onda envolvente dos aromas de um turíbulo. Nossa
76 Senhora deveria ouvi-las no seu trono de jasmins bordados de ouro, contornado
77 dos anjos que eternizam a sua glória.

78 Aspirei com força aqueles perfumes. Pude locomover-me para investigar
79 o reino das sombras, onde penso sem miolos na cabeça. Amava ainda e ainda
80 sofria, reconhecendo-me no pórtico de uma nova luta.

81 Encontrei alguns amigos a quem apertei fraternalmente as mãos. E voltei
82 cá. Voltei para falar com os humildes e com os infortunados, confundidos na
83 poeira da estrada de suas existências, como frangalhos de papel rodopiando ao
84 vento. Voltei, para dizer aos que não pude interpretar no meu cepticismo de
85 sofredor:

86 – “Não sois os candidatos ao casarão da Praia Vermelha. Plantai, pois,
87 nas almas, a palmeira da esperança. Mais tarde, ela desdobrará sobre as vossas

88 cabeças encanecidas os seus leques enseivados e verdes...”
89 E posso acrescentar, como o neto de Marco Aurélio, no tocante à morte
90 que me arrebatou da prisão nevoenta da Terra: – “É a minha carta de alforria...
91 Agora posso ir aonde quero.”
92 Os amargores do mundo eram pesados demais para o meu coração.
(Xavier, 1998a, p. 21-25)

Escrito em 28 de março de 1935, esse é um dos primeiros textos que Chico Xavier atribuiu a Humberto de Campos. Como veremos nos comentários abaixo, além de sua primeira camada de sentido, acessível a quem o leia, sobre as impressões do autor após sua morte, existe nessa crônica um ostensivo diálogo com muitas referências textuais relacionadas a Humberto de Campos, que vão desde as mais patentes até as mais tênues. Vejamos.

1-12: Esses quatro primeiros parágrafos são uma paráfrase de um episódio reproduzido por Humberto de Campos em *O Brasil anedótico*:

“Em uma das suas audiências dos sábados, em que atendia a toda a gente, recebeu D. Pedro II no Paço da Boa Vista um preto velho, que se queixava dos maus tratos de que era vítima.

– Ah, meu senhor grande, – lamentava-se o mísero, – como é duro ser escravo!

O Imperador encarou-o, comovido.

– Tem paciência, filho, – tranqüilizou-o. – Eu também sou escravo... das minhas obrigações, e elas são muito pesadas! As tuas desgraças vão minorar...

E mandou alforriar o preto.” Taunay, *Reminiscências*, vol. I, p. 107. (Campos, 1960aa, p. 16)

13-17: Esses dois parágrafos são uma paráfrase de outro episódio presente em *O Brasil anedótico*.

“Ao chegar a Lisboa, exilado, a 30 de novembro de 1889, Ouro-Preto foi visitar a bordo do *Alagoas* o Imperador deposto. Encontrou-o calmo, conformado.

– Em suma, estou satisfeito, – declarou-lhe Pedro II.

E referindo-se à sua deposição:

– É a minha carta de alforria... Agora, posso ir onde quero...” Tobias Monteiro, *Pesquisas e depoimentos*, p. 243. (Campos, 1960aa, p. 256)

18: A expressão “monarca republicano” é o título de outra parte d’*O Brasil anedótico*:

“O MONARCA REPUBLICANO

Ao visitar em 1877 Victor Hugo, cujo estro fulminava as testas coroadas do século, o Imperador Pedro II fez-lhe uma observação piedosa:

– Não queira mal aos ‘meus colegas’. Eles vivem tão rodeados, tão enganados, que não podem ter as ‘nossas idéias’.

E o poeta, com tristeza:

– Sois o único, Senhor, infelizmente...” Múcio Teixeira, *O Imperador visto de perto*, p. 69. (Campos, 1960aa, p. 156)

22-23 e 55-56: Essa metáfora – a morte é uma tesoura que corta o fio da vida – alude a uma passagem de *Fragmentos de um diário*. Em dezembro de 1929, Humberto de Campos conheceu a Fábrica de Sedas Nacional, em Campinas, onde casulos de bichos-da-seda lhe chamaram a atenção. Ele anotou: “E eu fico a pensar na paciência do bicho de seda, produzindo esse fio que se não parte e que, invisível quando estendido, só se torna digno de atenção, depois de concluído, quando morre a larva que o produziu. Vêm-me à idéia, então, certas vidas, certas existências longas e obscuras, – fios de seda, trabalhados

na sombra, – e que só merecem o apreço dos homens depois de cortado pela tesoura da Morte o fio precioso de que elas se constituíram.” (Campos, 1960s, p. 141-142). O momento da morte do autor é representado com a interjeição “zás!”, indicando o corte da tesoura (linha 55).

27: A comparação era um dos procedimentos mais recorrentes da escrita de Humberto de Campos. As referências à cultura grega eram do agrado de escritores de sua época. Em uma crônica sobre Pedro Lessa, por exemplo, no livro *Fatos e feitos*, Humberto o compara com Aquiles (Campos, 1949, p. 107).

28-29: Referência aos sacos de água quente que Humberto de Campos usava para atenuar suas dores. Em 31 de janeiro de 1931, ele escreveu: “Sob a chuva que alaga as ruas, corro ao médico em busca de um curativo que me alivie as dores. Regresso molhado, e com os meus padecimentos agravados pela umidade. E meto-me na cama, com o saco de água quente, que me suaviza os sofrimentos.” (Campos, 1954b, p. 130). De 10 de julho de 1932, há a passagem: “Pela manhã, após uma noite má, tendo me deitado para a aplicação de um saco de borracha sobre os rins, entra-me pelo quarto, inquieto, meu primo Mirocles Veras, atualmente no Rio.” (Campos, 1954b, p. 283). Na crônica “Aos meus amigos da Bahia”, registra: “Trabalhava, e dormia, cercado de sacos de água quente, que me aliviavam os tormentos.” (Campos, 1960f, p. 271)

31-33: Em anotação de 21 de agosto de 1933, por exemplo, Humberto de Campos fala de um encontro seu com o desembargador Piragibe, que disse ao escritor: “Não, você não pode ser um céptico! – protesta. – A vida está tão cheia de prodígios que um espírito como o seu não pode deixar de apreendê-los.” E o escritor responde: “A fé não depende da vontade [...]. É possível que eu viva cercado por esses prodígios; mas eles fogem à minha

percepção. Eles não encontram eco no meu íntimo. Não há, para eles, ressonância no meu peito, no meu coração. E o sentimento religioso nasce da compreensão dos fenômenos exteriores, pela alma. E a minha alma é surda e cega às coisas maravilhosas que a cercam. Ela as percebe, mas sem o caráter maravilhoso que lhe dão os que têm o dom da fé. É defeito meu. Mas, que quer, se eu fui feito assim?” (Campos, 1954b, p. 389)

38-39: Em *Fragments de um diário*, a seguinte passagem trata da insônia de Humberto pelo excesso de vigilância: “É verdade que me faltam a cultura e a imaginação de Taine, fermentos que fizeram crescer a massa que fabricou aqueles pães com que ainda hoje alimenta espíritos em todo o mundo. Mas me sobrou a mim um fator precioso, que é a insônia. À semelhança daquele rei Micerino de que fala Heródoto, o qual pretendeu ludibriar os oráculos na sua cronologia transformando três anos em seis porque se divertia dia e noite, eu consegui fazer uma viagem de dois meses em trinta dias porque eliminei o sono dos cuidados ordinários da vida.” (Campos, 1960s, p. 224)

39: Os problemas de audição do escritor, nos anos 30, são mencionados por Lebert: “Perdeu quase que completamente o sentido auditivo. Com muito esforço ainda ouve do lado direito.” (Lebert, 1956, p. 49). E também pelo escritor: “Assaltou-me a surdez. Tudo se movia em torno a mim, e eu não percebia a voz dos homens nem o ruído das cousas.” (Campos, 1960f, p. 271-272)

39-41: Comparações e metáforas marítimas eram freqüentes nos escritos de Humberto de Campos. Em anotação de 7 de dezembro de 1929, ele menciona a motivação de uma delas: “Em um estudo sobre a literatura russa, Vladimir Pozner compara a geração de escritores russos do início do século a uma frota de navios prontos para a partida, mas ainda ancorados no porto. Aproveito a imagem. Eu sou, também, nas letras, um navio que

sonhou com as viagens de alto mar e levantou a sua âncora. Mas ficou, por necessidade, a fazer evolução dentro da baía.” (Campos, 1954a, p. 372)

41: Em “Aos meus amigos da Bahia”, Humberto de Campos se compara a uma sombra: “No centro da cidade, quando era forçado a sair de casa, a minha passagem era a de uma sombra, ou de um fantasma, porque eu próprio não sentia os meus pés.” (Campos, 1960f, p. 271)

45-47: A menção à atividade dos faroleiros, como elemento de comparação, alude à crônica “Os faroleiros”, do livro *Os párias*, de Humberto de Campos. O tema do texto era a notícia de que dois ou três faroleiros, por causa do mau tempo, estavam ilhados há dois meses no Mar do Norte. A seguinte passagem descreve seu ofício: “Famintos embora, sem lume no fogão para afugentar o frio, lá subiam eles, cada um por sua vez, à torre do farol, para mover a grande cúpula luminosa, avisando do perigo os que andassem perdidos nas ondas. Que lhes importava a eles a inutilidade daquele grito de luz levantado no vazio do céu e no vazio do mar? Nenhum navio errava, com certeza, tão longe da costa, em tempo tão mau. O obrigação deles consistia, porém, em acender o farol, e passear sobre a imensidade das águas, na tristeza da noite, o seu comprido leque incendiado.” (Campos, 1960d, p. 266)

48-49: Refere-se aos boatos de que Humberto de Campos padeceria de lepra. Sobre isso, Maria de Lourdes Lebert escreveu: “Isso de dizerem que o autor de “Os Párias” morreu em abandono da família, que se encontrava cego das duas vistas, que não era acromegalia e, sim, lepra a sua moléstia, é patranha urdida para causar o desprestígio da esposa e dos filhos do escritor no conceito público.” (Lebert, 1956, p. 48)

Bento Labre (1748-1783) foi um religioso francês que, privando-se dos cuidados ao próprio corpo, viveu, como mendigo, em constantes peregrinações. Foi canonizado no século seguinte.

50-51: Referência à última fase das crônicas de Humberto de Campos.

53-54: Humberto de Campos morreu durante uma cirurgia. Escreveu Lebert: “Às dez horas da manhã daquela sexta-feira, 5 de dezembro de 1934, Lichtemberg começa a operação. Tudo bem. Inesperadamente, contra todas as previsões, o coração do querido escritor fraqueja. Inúteis são os socorros.” (Lebert, 1956, p. 55)

58-60: Em 24 de junho de 1928, o escritor registra a idéia de que, depois de sua morte, restar-lhe-iam somente os ossos: “Dentro de cinco, de dez, de vinte, de trinta anos, serei, no fundo de um túmulo, um feixe de ossos esquecidos.” (Campos, 1960s, p. 24)

73-77: Note-se, aqui, tal como ocorre muitas vezes na série Conselheiro XX, a presença de elementos de um imaginário católico do além-túmulo, que é abandonado ao longo da série mediúnica. Por exemplo: na crônica “Escrevendo a Jesus”, de março de 1937, há esta passagem: “Todas as ingênuas e doces concepções do Catolicismo se esfumaram na minha imaginação. A morte não faz de um homem um anjo; amontoa-nos, aos magotes, onde possa caber toda a imensidade das nossas fraquezas e aí, na contemplação das nossas realidades e das nossas misérias, descerra um fragmento dos véus do seu grande mistério.” (Xavier, 1998a, p. 157-158)

79: Humberto de Campos costumava usar o termo “miolo” para designar o seu pensamento, como no seguinte trecho de uma de suas crônicas: “À sombra desse instituto oficial, economizando o miolo que vendo a retalho, poderia eu, na opinião benevolente do signatário, oferecer à minha pátria muitas obras fortes e duradouras”. (Campos, 1960f, p. 277)

84-86: Referência aos espíritas; o escritor era cético com relação à vida após a morte. “Casarão da praia Vermelha” designa o então Hospício Nacional de Alienados, sobre o qual Humberto de Campos escreveu na crônica “Juliano Moreira” (Campos, 1960f, p. 235-239). Nos anos 20 e 30, grande parte dos psiquiatras defendiam a idéia de que o espiritismo era um fator gerador da loucura. Na linha **86**, o autor se posiciona contrariamente a esta tese.

Essa interpretação se apóia, pelo método das passagens paralelas (cf. Compagnon, 2003, p. 68-71), no seguinte trecho da crônica mediúnica “A casa de Ismael”, escrita em 12 de junho de 1936: “meu coração, que as dores haviam esmagado, trucidando todas as suas aspirações e todas as suas esperanças, não podia entender a vibração construtora da fé dos meus patrícios, que Xavier de Oliveira tachara de loucos no seu estudo mal-avisado do Espiritismo no Brasil.” (Xavier, 1998a, p. 109)

89: Neto de Marco Aurélio é uma perífrase para D. Pedro II. *O Brasil anedótico* apresenta o seguinte episódio:

“Ao contar a Victor Hugo o modo por que distribuía o seu tempo, o Imperador Pedro II observou-lhe que não tinha ‘direitos’ sobre seu povo: tinha ‘deveres’, que lhe couberam por acasos da fortuna e do nascimento.

E o poeta, comovido:

– Senhor, sois um grande cidadão! Sois o neto de Marco Aurélio!” Múcio Teixeira, *O imperador visto de perto*, p. 71 (Campos, 1960aa, p. 154)

92: Paráfrase para retomar a frase da linha **18**: “A coroa era pesada demais para a cabeça do monarca republicano”.

1.2. CARTA A MINHA MÃE

1 Hoje, mamãe, eu não te escrevo daquele gabinete cheio de livros sábios,
2 onde o teu filho, pobre e enfermo, via passar os espectros dos enigmas humanos,
3 junto da lâmpada que, aos poucos, lhe devorava os olhos, no silêncio da noite.

4 A mão que me serve de porta-caneta é a mão cansada de um homem
5 paupérrimo, que trabalhou o dia inteiro buscando o pão amargo e cotidiano dos
6 que lutam e sofrem. A minha secretária é uma tripeça tosca à guisa de mesa e as
7 paredes que me rodeiam são nuas e tristes, como aquelas da nossa casa
8 desconfortável em Pedra do Sal. O telhado sem forro deixa passar a ventania
9 lamentosa da noite e desse remanso humilde, onde a pobreza se esconde exausta e
10 desalentada, eu te escrevo sem insônias e sem fadigas, para contar-te que ainda
11 estou vivendo para amar e querer a mais nobre das mães.

12 Queria voltar ao mundo que deixei, para ser novamente teu filho,
13 desejando fazer-me um menino, aprendendo a rezar com o teu espírito santificado
14 nos sofrimentos.

15 A saudade do teu afeto leva-me constantemente a essa Parnaíba das nossas
16 recordações, cujas ruas arenosas, saturadas do vento salitroso do mar,
17 sensibilizam a minha personalidade e, dentro do crepúsculo estrelado da tua
18 velhice cheia de crença e de esperança, vou contigo, em espírito, nos retrospectos
19 prodigiosos da imaginação, aos nossos tempos distantes. Vejo-te com os teus
20 vestidos modestos, em nossa casa de Miritiba, suportando com serenidade e
21 devotamento os caprichos alegres de meu pai. Depois, faço a recapitulação dos
22 teus dias de viuvez dolorosa, junto da máquina de costura e do teu “terço” de
23 orações, sacrificando a mocidade e a saúde pelos filhos, chorando com eles a
24 orfandade que o destino lhes reservara, e, junto da figura gorda e risonha da
25 Midoca, ajoelho-me aos teus pés e repito:

26 – “Meu Senhor Jesus-Cristo, se eu não tiver de ter uma boa sorte, levai-me
27 deste mundo, dando-me uma boa morte.”

28 Muitas vezes o destino te fez crer que partirias antes daqueles que havias

29 nutrido com o beijo das tuas carícias, demandando os mundos ermos e frios da
30 Morte. Mas partimos e tu ficaste. Ficaste no cadinho doloroso da saudade,
31 prolongando a esperança numa vida melhor no seio imenso da Eternidade. E o
32 culto dos filhos é o consolo suave do teu coração. Acariciando os teus netos,
33 guardas com o mesmo desvelo o meu cajueiro, que aí ficou como um símbolo
34 plantado no coração da terra parnaibana, e, carinhosamente, colhes das suas
35 castanhas e das suas folhas fartas e verdes, para que as almas boas conservem uma
36 lembrança do teu filho, arrebatado no turbilhão da Dor e da Morte.

37 Ao Mirocles, mamãe, que providenciou quanto ao destino desse irmão que
38 aí deixei, enfeitado de flores e passarinhos, estuante de seiva, na carne moça da
39 terra, pedi velasse pelos teus dias de insulamento e velhice, substituindo-me junto
40 do teu coração. Todos os nossos te estendem as suas mãos bondosas e amigas e é
41 assombrada que, hoje, ouves a minha voz, através das mensagens que tenho
42 escrito para quantos me possam compreender. Sensibilizam-me as tuas lágrimas,
43 quando passas os olhos cansados sobre as minhas páginas póstumas e procuro
44 dissipar as dúvidas que torturam o teu coração, combalido nas lutas. Assalta-te o
45 desejo de me encontrares, tocando-me com a generosa ternura de tuas mãos,
46 lamentando as tuas vacilações e os teus escrúpulos, temendo aceitar as verdades
47 espíritas, em detrimento da fé católica, que te vem sustentando nas provações.
48 Mas, não é preciso, mãe, que me procures nas organizações espiritistas e, para
49 creres na sobrevivência do teu filho, não é preciso que abandones os princípios da
50 tua fé. Já não há mais tempo para que teu espírito excursione em experiências no
51 caminho vasto das filosofias religiosas.

52 Numa de suas páginas, dizia Coelho Neto que as religiões são como as
53 linguagens. Cada doutrina envia a Deus, a seu modo, o voto de súplica ou de
54 adoração. Muitas mentalidades entregam-se, aí no mundo, aos trabalhos
55 elucidativos da polêmica ou da discussão. Chega, porém, um dia em que o homem
56 acha melhor repousar na fé a que se habituou, nas suas meditações e nas suas
57 lutas. Esse dia, mamãe, é o que estás vivendo, refugiada no conforto triste das
58 lágrimas e das recordações. Ascendendo às culminâncias do teu Calvário de

59 saudade e de angústia, fixas os olhos na celeste expressão do Crucificado e Jesus,
60 que é a providência misericordiosa de todos os desamparados e de todos os tristes,
61 te fala ao coração dos vinhos suaves e doces de Caná, que se metamorfosearam no
62 vinagre amargoso dos martírios, e das palmas verdes de Jerusalém, que se
63 transformaram na pesada coroa de espinhos. A cruz, então, se te afigura mais leve
64 e caminhas. Amigos devotados e carinhosos te enviam de longe o terno consolo
65 dos seus afetos e, prosseguindo no teu culto de amor aos filhos distantes, esperas
66 que o Senhor, com as suas mãos prestigiosas, venha decifrar para os teus olhos os
67 grandes mistérios da Vida.

68 Esperar e sofrer têm sido os dois grandes motivos, em torno dos quais
69 rodopiaram os teus quase setenta e cinco anos de provações, de viuvez e de
70 orfandade.

71 E eu, minha mãe, não estou mais aí para afagar-te as mãos trêmulas e os
72 cabelos brancos que as dores santificaram. Não posso prover-te de pão e nem
73 guardar-te da fúria da tempestade, mas, abraçando o teu espírito, sou a força que
74 adquires na oração, como se absorvestes um vinho misterioso e divino.

75 Inquirido, certa vez, pelo grande Luiz Gama sobre as necessidades da sua
76 alforria, um jovem escravo lhe observou:

77 – “Não, meu senhor!... a liberdade que me oferece me doeria mais que o
78 ferrete da escravidão, porque minha mãe, cansada e decrépita, ficaria sozinha nos
79 misteres do cativeiro.”

80 Se Deus me perguntasse, mamãe, sobre os imperativos da minha
81 emancipação espiritual, eu teria preferido ficar, não obstante a claridade apagada e
82 triste dos meus olhos e a hipertrofia que me transformava num monstro, para
83 levar-te o meu carinho e a minha afeição, até que pudéssemos partir juntos, desse
84 mundo onde tudo sonhamos para nada alcançar.

85 Mas, se a Morte parte os grilhões frágeis do corpo, é impotente para
86 dissolver as algemas inquebrantáveis do espírito.

87 Deixa que o teu coração prossiga, oficiando no altar da saudade e da
88 oração; cântaro divino e santificado, Deus colocará dentro dele o mel abençoado

89 da esperança e da crença, e, um dia, no portal ignorado do mundo das Sombras, eu
90 virei, de mãos entrelaçadas com a Midoca, retrocedendo no tempo, para nos
91 transformarmos em tuas crianças bem-amadas. Seremos agasalhados, então, nos
92 teus braços cariciosos, como dois passarinhos minúsculos, ansiosos da doçura
93 quente e suave das asas maternas, e guardaremos as nossas lágrimas nos cofres de
94 Deus, onde elas se cristalizam como as moedas fulgurantes e eternas do erário de
95 todos os infelizes e desafortunados do mundo.

96 Tuas mãos segurarão ainda o “terço” das preces inesquecidas e nos
97 ensinarás, de joelhos, a implorar, de mãos postas, as bênçãos prestigiosas do Céu.
98 E, enquanto os teus lábios sussurrarem de mansinho – “Salve Rainha... mãe de
99 misericórdia...” começaremos juntos a viagem ditosa do Infinito, sob o dossel
100 luminoso das nuvens claras, tênues e alegres, do Amor. (Xavier, 1998a, p. 203-
207)

Essa carta, dirigida a Ana de Campos Veras, foi escrita em 1936. A análise de seu conteúdo sugere que ela foi concebida não apenas para tentar convencer a mãe de Humberto de Campos de que ele, após sua morte, continuava existindo e possuía meios de comunicar-se, mas também para que o pretendido efeito de sobrevivência se estendesse a um público mais amplo. Há, por isso, muitas passagens em que o autor da carta fez questão de que suas informações se assentassem em textos escritos por Humberto de Campos, os quais, quando identificados, fornecem mais elementos para a compreensão do texto mediúnico. Uma carta simplesmente familiar, convenhamos, não exigiria o trabalho de intertextualidade abaixo explicitado.

1: Na crônica “Parnaíba no ‘Broadway’” (Campos, 1960g, p. 295), o escritor fala de sua mãe. Ele diz que, mesmo depois de adulto, chamava-a de mamãe.

1: Humberto de Campos tratava por “gabinete” o cômodo doméstico onde trabalhava. No *Diário secreto*, há a seguinte passagem: “Anteontem, pela manhã, quando trabalhava, tive uma vertigem. O meu gabinete, com as suas estantes, as suas cadeiras, o seu divã, o seu abajur, o seu ventilador, a sua máquina de escrever, girou em torno de mim, como se tudo tivesse desmoronado.” (Campos, 1954a, p. 190-191). No mesmo livro, ele diz: “Como me custa, metodizado como tenho o meu trabalho, afastar-me desta mesa em que escrevo, e destas quatro paredes forradas de livros – prisão silenciosa, mas doce, a que eu desejaria viver perpetuamente condenado.” (Campos, 1954a, p. 163)

3: Em anotação do dia 24 de novembro de 1930, escreveu Humberto de Campos a respeito de sua visão: “[...] experimentados todos os vidros para miopia e vista fraca, verifico que eles nada adiantam e que minha vista esquerda se acha inteiramente perdida, pois que, tapado o olho direito, eu não vejo, com ou sem óculos, eu não vejo diante de mim senão um muro de cal, com umas vagas sombras à direita!” (Campos, 1954b, p. 109)

4-6: Referência a Chico Xavier, o autor empírico, que trabalhava na Fazenda Modelo, em Pedro Leopoldo.

6-8: Menção à primeira casa onde Humberto de Campos e seus familiares pernотaram, em 1895, em Pedra do Sal – nome do farol situado na então vila de Amarração (PI). Em *Memórias*, há o seguinte trecho sobre essa casa: “Muitas famílias de Parnaíba tinham ido veranejar ali naquele ano, de modo que nos foi impossível conseguir uma casa menos desconfortável. A que meus tios haviam alugado devia ser coberta, ainda, de palmas de carnaúba, no dia seguinte: de modo que tivemos de nos contentar, por aquela noite, com uma esburacada em torno, a poucos metros do mar. Para podermos dormir, tivemos de amarrar lençóis nos grandes rombos abertos na palha, pelos quais entrava, assobiando como

garotos e cortando como navalhas, o vento salitroso e inclemente.” (Campos, 1960q, p. 182)

8-9: Note-se que é necessário conhecer o trecho de *Memórias* da nota anterior para entender a comparação entre a casa precária de Pedra do Sal e a casa pobre de Chico Xavier, em Pedro Leopoldo.

10: Alusão à insônia e à fadiga de que sofria Humberto de Campos. As duas são referidas em sua anotação de 28 de julho de 1928, no *Diário secreto*: “As aplicações de Raios X que venho fazendo, e que são destinadas às camadas profundas do meu cérebro, determinaram em mim, nestes últimos dias, um outro mal de que há muito tempo não sofria: a insônia. [...] esta noite passada não dormi, sequer, uma hora, levantando-me hoje fatigado, exausto, vencido” (Campos, 1954a, p. 253).

11: O trecho “a mais nobre das mães” alude à expressão a “mais santa das mães”, da crônica de Humberto de Campos “O dia das mães” (Campos, 1960d, p. 118).

15: Parnaíba (PI) foi a cidade onde Ana de Campos fixou residência, a partir de 1893, e onde Humberto de Campos viveu parte de sua infância e mocidade (cf. Campos, 1960q).

16: Sobre as ruas de Parnaíba em 1893, escreveu Humberto de Campos: “As ruas eram largas e numerosas, mas de areia solta [...]” (Campos, 1960q, p. 129).

17-18: Ana de Campos nasceu em 1862; ela tinha 74 anos quando essa carta foi escrita.

19-20: Miritiba (MA): cidade natal de Humberto de Campos, onde morou até 1893.

20-21: Essa informação pode ser mais bem compreendida com a seguinte passagem de *Memórias*: “Minha mãe foi, em síntese, na sua mocidade, uma senhora sem altos atributos de graça feminina, casada com um homem moço e bonito, mas que soube prendê-lo com a sua solicitude, com o seu instinto doméstico, perdoando-lhe as faltas, as pequenas e possíveis infidelidades, em nome da harmonia conjugal. O gênio de meu pai, alegre, festivo, brincalhão, facilitava, aliás, a minha mãe, esse sentimento de renúncia e de resignação, que era uma das virtudes específicas das mulheres do seu meio e do seu tempo.” (Campos, 1960q, p. 37-38)

21-22: Ana de Campos e mais três mulheres da casa (a meia-irmã de Humberto e suas duas tias maternas) trabalhavam com a costura, no recinto doméstico, para obter recursos para a família. A “máquina de costura” é mencionada em *Memórias* (Campos, 1960q, p. 319).

22-23: Eis uma menção a esse terço: “Minha mãe ia raramente à igreja, mas, em casa, rezava muito. Principalmente à noite. O *terço* ficava pendurado no punho da sua rede e, ao deitar-se, ela o dedilhava inteiro, sentada, tempos esquecidos.” (Campos, 1960q, p. 324). Por algum motivo, o termo “terço” foi destacado: com itálico, em *Memórias*, e entre aspas, na carta mediúnica (linhas 22 e 96).

23: Ana de Campos foi mãe de Humberto e de Midoca, dois anos mais nova que ele.

23-24: É oportuno retomar, aqui, o último parágrafo da crônica “O dia das mães”, escrita no início dos anos 30. Dirigindo-se a sua mãe, escreveu Humberto de Campos: “E que ele [Deus] te conceda, nos dias de velhice que te restam, a paz que não tiveste na mocidade, fazendo desaparecer do teu coração as inquietações de que ele está cheio, e que se agravam quando te lembras que tens na terra um filho enfermo, um filho triste, um filho poeta, um filho pobre...” (Campos, 1960d, p. 118)

24: Em *Memórias*, Midoca é assim caracterizada: “Era uma linda criança, muito gorducha e muito clara, cabelos ondedos e quase louros.” (Campos, 1960q, p. 81). Comparando seu temperamento ao da irmã, Humberto escreve que, em sua infância: “Eu era casmurro, antipático, e, por isso, não recebia um mimo de ninguém. Essa preterição tornava-me cada vez mais taciturno, fazendo-me nascer no coração miúdo a urtiga do ressentimento e da rebeldia dolorida.” (Campos, 1960q, p. 53). Midoca, ao contrário, possuía “índole precisamente diversa.” (Campos, 1960q, p. 54)

26-27: Essa passagem está registrada também em *Memórias*: “Ajoelhados na esteira, diante dela [a mãe], eu e minha irmã repetíamos o *Padre nosso*, a *Salve-Rainha*, o *Creio-em-Deus-Padre*, e outras orações familiares. Terminadas estas, mandava que fizéssemos, com todo o coração, e em voz alta, esta súplica:

– Meu Senhor Jesus Cristo, se eu não tiver de ter uma boa sorte, levai-me deste mundo, dando-me uma boa morte.” (Campos, 1960q, p. 324)

28-32: Primeiro morreu Midoca; depois, em 1934, foi a vez de Humberto. Ana de Campos faleceu em 1954. Na crônica “O dia das mães”, escrita em 1932 ou 1933, lemos a

seguinte passagem: “A capela fúnebre da minha alma se enfeita de rosas para o teu culto. Ajoelhado diante de ti, dos teus setenta anos de sofrimentos, – dos teus setenta anos de orfandade, de pobreza, de viuvez, – eu me confesso o pior dos filhos da mais santa das mães! Único filho vivo, eu te envio, também, no meu beijo, e mando ao teu coração alanceado, a gratidão da tua filha morta.” (Campos, 1960d, p. 118)

32: Ana de Campos tinha quatro netos: três filhos do escritor e uma filha de Midoca.

33-34: Referência ao cajueiro plantado por Humberto em Parnaíba. Essa árvore ficou famosa por conta do capítulo a ela dedicada em *Memórias*: “Um amigo de infância” (Campos, 1960q, p. 235-242). É oportuno, para o contexto de “Carta a minha mãe”, o registro de 29 de janeiro de 1932 do *Diário secreto*: “Tendo remetido à minha mãe o capítulo do meu livro de ‘Memórias’ sobre o cajueiro que plantei em nossa casinha de Parnaíba, recebi, ontem, dela, uma carta, em que se refere, num período, àquela minha lembrança. ‘Sobre o teu escrito, oh, meu filho! chorei tanto, relembrando o nosso passado, bem penoso, sim, mas ao mesmo tempo consolador, porque tinha os meus dois filhos a meu lado, que me davam coragem e me ajudavam a trabalhar até tarde da noite, acompanhando-me nos dissabores e nas poucas alegrias desse tempo! E hoje, que me resta? Recordações! saudades! Acredita: quantas vezes, quando vou visitar o túmulo de tua irmã, passo por lá, pela nossa casinha, tenho saudades de tudo; mas não tanto como quando chego defronte do teu cajueiro, onde estudavas as tuas lições de manuscrito, que o Firmino tanto apreciava. Há muito queria te pedir que escrevesse sobre a tua origem.’” (Campos, 1954b, p. 242)

34-36: Ana de Campos, a propósito, presenteou Chico Xavier com castanhas desse cajueiro (cf. *Reformador*, janeiro de 1955, p. 13).

37: Mirocles Veras: primo de Humberto de Campos.

37-38: “Este irmão que aí deixei”: o cajueiro.

40-42: Referência à reação de Ana de Campos aos outros textos psicografados por Chico Xavier e atribuídos a Humberto.

52-54: Coelho Neto (1864-1934) foi conterrâneo e amigo de Humberto de Campos. Não consegui localizar a origem da citação.

75-79: Algumas referências sobre Luiz Gama (1830-1882) encontram-se na obra de Humberto de Campos. Não localizei, porém, a procedência do episódio mencionado na carta.

82: Menção a um dos efeitos da hipertrofia da hipófise, de que padecia Humberto de Campos. Em anotação de 6 de janeiro de 1928, ele já registra o problema da inchação de suas mãos, pés, nariz, lábio inferior e língua: “Era evidente, em suma, em mim, uma grande alteração orgânica e, em particular, fisionômica.” (Campos, 1954a, p. 95)

91-93: Essa comparação nos remete ao seguinte trecho de “O dia das mães”: “Beijemos mais carinhosamente do que nunca a mão enrugada e leve que nos chegou ao seu seio nas primeiras horas da vida, e que ainda hoje nos protege, como uma asa, com o voo da sua bênção.” (Campos, 1960d, p. 117)

1.3. D. PEDRO II

1 Enquanto os vivos se reuniam em torno do monumento que o Brasil erigiu
2 ao Patriarca da Independência, no Rio de Janeiro, os grandes “mortos” da Pátria
3 igualmente se colocavam entre os encarnados, aliando-se ao povo carioca das suas
4 comovedoras lembranças.

5 Também acorri ao local da festa votiva dos brasileiros, acompanhado do
6 meu amigo José Porfírio de Miranda, antigo milionário do Pará, que a borracha
7 elevara às culminâncias da fortuna, conduzindo-o, em seguida, aos declives da
8 miséria, nos seus caprichosos movimentos.

9 Os vivos e os mortos do Brasil se reuniam na mesma vibração afetiva das
10 recordações suaves, enviando ao nobre organizador da vida política da
11 nacionalidade um pensamento de amizade e de veneração.

12 Antigo companheiro nosso, também no plano invisível, em plena via
13 pública acercou-se de mim, exclamando:

14 – Chegas um pouco tarde. José Bonifácio já não está presente; mas
15 poderás ainda conseguir uma proveitosa entrevista para os teus leitores. Sabes
16 quem saiu daqui neste momento?

17 – Quem? pergunto eu, na minha fome de notícias.

18 – O Imperador.

19 – D. Pedro II?

20 – Ele mesmo. Após lembrar a grande figura do Patriarca, dirigiu-se com
21 alguns amigos para Petrópolis, a reavivar velhas lembranças...

22 Em meu íntimo, havia um alvoroço de emoções. Lembrei-me de que, em
23 toda a minha existência de jornalista no mundo, só enxergara um monarca diante
24 dos meus olhos: o rei Alberto I, dos belgas, quando, no Clube dos Diários, a elite
25 dos intelectuais do país lhe oferecera a homenagem de uma comovida admiração.
26 E ponderei se haveria mérito em consultar o pensamento de um rei, no outro
27 mundo, onde todas as majestades desaparecem. Recordei a figura do grande
28 imperador que Victor Hugo considerava o monarca republicano. Com os olhos da

29 imaginação, vi-o, de novo, na intimidade dos Paços de São Cristóvão: o perfil
30 heráldico, onde um sorriso de bondade espalhava o perfume da tolerância; as
31 barbas compridas e brancas, como as dos santos das oleografias católicas; o olhar
32 cheio de generosidade e de brandura, irradiando as mais doces promessas.

33 Um vivo, em havendo de ir a Petrópolis, é obrigado ao trajeto penoso dos
34 ônibus, embora as perspectivas maravilhosas do mais belo trecho de todas as
35 estradas do Brasil; os desencarnados, porém, não necessitam de semelhantes
36 sacrifícios. Num abrir e fechar de olhos, eu e o meu amigo nos encontrávamos na
37 encantadora cidade das hortênsias, onde os milionários do Rio de Janeiro podem
38 descansar nas mais variadas épocas do ano.

39 Não fomos encontrar o Imperador nos antigos edifícios em que
40 estabelecera a residência patriarcal de sua família; mas justamente num recanto de
41 jardim, contemplando as deliciosas paisagens da Serra da Estrela e apreciando o
42 sabor das recordações amigas e doces.

43 Acerquei-me da sua individualidade, com um misto de curiosidade e de
44 profundo respeito, procurando improficuamente identificar os dois companheiros
45 que o rodeavam.

46 – Majestade! – tentei chamar-lhe a atenção com a minha palavra humilde e
47 obscura.

48 – Aproximem-se, meus amigos! – respondeu-me com benevolência e
49 carinho. – Aqui não existe nenhuma expressão de majestade. Cá estão,
50 fraternalmente comigo, o Afonso e o Luís, como três irmãos, sentindo eu muito
51 prazer na companhia de ambos. Se o mundo nos irmana sobre a Terra, a morte nos
52 confraterniza no espaço infinito, sob as vistas magnânimas do Senhor.

53 E, fazendo uma pausa, como quem reconhece que há tempo de falar e
54 tempo de ouvir, conforme nos aconselha a sabedoria da Bíblia, exclama o
55 Imperador com bondade:

56 – A que devo o obséquio da sua interpelação?

57 – Majestade! – respondi, confundido com a sua delicadeza – desejara
58 colher a vossa opinião com respeito ao Brasil e aos brasileiros. Estamos no limiar

59 do cinquentenário de República e seria interessante ouvir o vosso conselho
60 paternal para os vivos de boa vontade. Que pensais destes quarenta e tantos anos
61 de novo regime?

62 – Minha palavra – retrucou D. Pedro – não pode ter a importância que a
63 sua generosidade lhe atribui. Que poderia dizer do Brasil, senão que continuo a
64 amá-lo com a mesma dedicação de todos os dias! Do plano invisível, para o
65 mundo, prosseguimos no mesmo labor de construção da nacionalidade. As
66 convenções políticas dos homens não atingem os Espíritos desencarnados. O
67 exílio termina sempre na sepultura, porque a única realidade é o amor, e o amor,
68 eliminando todas as fronteiras, nos ligou para sempre ao torrão brasileiro. Não
69 tenho o direito de criticar a República, mesmo porque todos os fenômenos
70 políticos e sociais do nosso país tiveram os seus pródromos no mundo espiritual,
71 considerando-se a missão do Brasil dentro do Evangelho. Apenas quero dizer que
72 não só os republicanos, mas também nós, os da monarquia, estávamos
73 redondamente enganados. O erro da nossa visão, quando na Terra, foi supor no
74 Brasil o mesmo espírito anglo-saxônico que a Inglaterra legara aos norte-
75 americanos. Eu também fui apaixonado pelo liberalismo, mas a verdade é que, em
76 nossa terra, prevaleciam outros fatores mesológicos e, até agora, não temos sabido
77 conciliar os interesses da nação com esses imperativos.

78 A ausência de tradição nos elementos de nossa origem, como povo,
79 estabeleceu uma descentralização de interesses, prejudicial ao bem coletivo do
80 país. Para a formação nacional, não vieram da metrópole os espíritos mais cultos.
81 Pesando, de um lado, os africanos, revoltados com o cativeiro, e, de outro, os
82 índios, revoltados com a invasão do estrangeiro na terra que era propriedade
83 deles, a balança da evolução geral ficou seriamente comprometida. Sentimentos
84 excessivos de liberdade não nos permitiram um refinamento de educação política.
85 Todos querem mandar e ninguém se sente na obrigação de obedecer. Quando no
86 Império, possuíamos a autoridade centralizadora da Coroa, prevalecendo sobre as
87 ambições dos grupos partidários que povoavam os nossos oito milhões e meio de
88 quilômetros quadrados; mas, quando os republicanos sentiram de perto o peso das

89 responsabilidades que tomaram à sua conta, os espíritos mais educados
90 reconheceram o desacerto das nossas concepções administrativas. Enquanto as
91 nações da Europa e os Estados Unidos podiam empregar livremente em nosso
92 país os seus capitais, a título de empréstimos vultosos que desbaratavam
93 compulsoriamente a nossa economia, o Brasil podia descansar na monocultura,
94 fazer a política dos partidos e adiar a solução dos seus problemas para o dia
95 seguinte, dentro de um regime para o qual não se achava preparado em 1889.
96 Mas, quando se manifestou a crise mundial de 1929, todas as instituições políticas
97 sofreram as mais amplas renovações, dentro dos movimentos revolucionários de
98 1930. Os capitais estrangeiros não puderam mais canalizar suas disponibilidades
99 para a nossa terra, controlados pelos governos autárquicos dos tempos que
100 correm, e o Brasil acordou para a sua própria realidade. Aliás, nós, os
101 desencarnados, há muito tempo procuramos auxiliar os vivos na sua tarefa.

102 – Quer dizer que também tendes inspirado os labores dos estadistas
103 brasileiros?

104 – Sim, de modo indireto, pois não podemos interferir na liberdade deles.
105 Há alguns anos, procurei auxiliar Alberto Torres nas suas elucubrações de ordem
106 social e política. Em geral, nós, os desencarnados, buscamos influenciar, de
107 preferência, os organismos mais sensíveis à nossa ação e Torres era o instrumento
108 de nossas verdades para a administração. A realidade, porém, é que ele falou
109 como Jeremias. Somente a gravidade da situação conseguiu despertar o espírito
110 nacional para novas realizações.

111 – Majestade, as vossas palavras me dão a entender que aprovais o novo
112 estado de coisas do Brasil. Aplaudistes, então, a queda da denominada república
113 velha, sob as vibrações revolucionárias de 1930?

114 – Com as minhas palavras – disse ele bondosamente – não desejo exaltar a
115 vaidade de quem quer que seja, nem deprimir o esforço de ninguém. Não posso
116 aplaudir nenhum movimento de destruição, pois entendo que, sobre a revolução,
117 deve pairar o sentimento nobre da evolução geral de todos, dentro da maior
118 concórdia espiritual. Considere que, examinando a minha consciência, não me

119 lembro de haver fortalecido nenhum sentimento de rebeldia nos meus tempos de
120 governo; entretanto, muito sofri verificando que eu poderia ter suavizado a luta
121 entre os nossos estadistas e os políticos da América espanhola. Outra forma de
122 ação poderíamos ter empregado no caso de Rosas e de Oribe e mesmo em face do
123 próprio Solano López, cuja inconsciência nos negócios do povo ficou
124 evidentemente patenteada. E note-se que o problema se constituía de graves
125 questões internacionais. O nosso mal foi sempre o desconhecimento da realidade
126 brasileira. Os nossos períodos históricos têm sofrido largamente os reflexos da
127 vida e da cultura européias. Nos tempos do Império, procurei saturar-me dos
128 princípios democráticos da política francesa, tentando aplicá-los, amplamente, ao
129 nosso meio, longe das nossas realidades práticas. Os republicanos, como
130 Benjamim Constant, Deodoro, etc., deram-se a estudar a “República Americana”,
131 de Bryce, distantes dos nossos problemas essenciais. Quando regressei das lutas
132 terrestres, procurei imediatamente colaborar na consolidação do novo regime, a
133 fim de que a divisão e os desvios de muitos dos seus adeptos não terminassem
134 no puro e simples desmembramento do País. Graças a Deus, conseguimos
135 conduzir Prudente de Moraes ao poder constitucional, para acabarmos
136 reconhecendo agora as nossas realidades mais fortes. Devo, todavia, fazer-lhe
137 sentir que não me reconheço com o direito de opinar sobre os trabalhos dos
138 homens públicos do País. Cabe-me, sim, rogar a Deus que os inspire, no
139 cumprimento de seus austeros deveres, diante da pátria e do mundo. O grande
140 caminho da atualidade é a organização da nossa Economia, em matéria de
141 política, e o desenvolvimento da Educação, no que concerne ao avanço
142 sociológico dos tempos que passam. Os demais elementos de nossas expressões
143 evolutivas dependem de outros fatores de ordem espiritual, longe de todas as
144 expressões transitórias da política dos homens.

145 A essa altura, notei que a minha curiosidade jornalística começava a
146 magoar a venerável entidade e mudei repentinamente de assunto.

147 – Majestade, que dizeis da grande figura hoje lembrada?

148 – O vulto de José Bonifácio foi sempre objeto de meu respeito e de minha

149 amizade. E olhe que foi ele o mais sensato organizador da nacionalidade
150 brasileira, cujo progresso acompanha, carinhosamente, com a sua lealdade
151 sincera. Hoje, que se comemora o centenário da sua desencarnação, devemos
152 relembrar o seu regresso de novo ao Brasil, em meados do século passado, tendo
153 sido uma das mais elevadas expressões de cultura, na Constituinte de 1891.

154 Dispunha-me a obter novos esclarecimentos; mas o Imperador,
155 acompanhado de amigos, retirava-se quase que abruptamente da nossa
156 companhia, correspondendo fraternalmente a outros apelos sentimentais.

157 Palavras amigas de adeus e votos de ventura no plano imortal, e eu e o
158 meu amigo José Porfírio lá ficávamos com a suave impressão da sua palavra sábia
159 e benevolente.

160 Daí a momentos, o meu companheiro quebrava o silêncio da minha
161 meditação:

162 – Humberto, os monarquistas tinham razão!... Este velho é um poço de
163 verdade e de experiência de vida! Você deve registrar esta entrevista, oferecendo
164 aos vivos estas palavras quentes de conhecimento e de sabedoria!...

165 E aqui estou escrevendo para os meus ex-companheiros pelo estômago e
166 pelo sofrimento.

167 Acreditarão no humilde cronista desencarnado?

168 Não guardo dúvidas nesse sentido. Penso que obteria mais amplos
169 resultados, se fosse ao Cemitério do Caju e gritasse a palavra do Imperador para
170 dentro de cada túmulo. (Xavier, 1995a, p. 12-22)

Esse texto, que faz parte do livro *Novas mensagens*, foi publicado primeiramente na edição de janeiro de 1939 da revista *Reformador*. Ele é um bom exemplo das entrevistas com mortos ilustres apresentadas na série mediúnica. Nos primeiros parágrafos, o autor ancora sua crônica em escritos de Humberto de Campos, a fim de promover um intercâmbio de sentidos entre uns e outra. Depois, como veremos abaixo, algumas informações vão ao encontro de outros escritos de Chico Xavier, ou os complementam.

Situando-se no plano espiritual, povoado por outros mortos, o autor os apresenta e os interpela. Assim, no caso em questão, quando aborda D. Pedro II e lhe dá voz, pretende produzir um efeito de revelação. No final do texto, o autor trata do problema da recepção, ao imaginar um público leitor que interprete seu texto como pura ficção.

1-2: O autor se refere, provavelmente, à estátua de José Bonifácio, esculpida pelo francês Louis Rochet, fixada no largo de São Francisco de Paula, no Rio de Janeiro, e inaugurada por D. Pedro II em 7 de setembro de 1872.

5-8: Essa caracterização de José Porfírio de Miranda é uma síntese da crônica “Sepultando os meus mortos”, na qual, motivado pela morte deste seu amigo, Humberto de Campos conta a história do ex-senador paraense e explica por que a fortuna por ele acumulada se esfumou após o declínio das cotações da borracha (cf. Campos, 1960h, p. 5-13). Note-se que, na versão mediúnica, não fica gramaticalmente evidente a qual termo se refere o pronome “seus” (linha 8). Porém, como detectamos o intertexto no qual se assenta o parágrafo, é possível inferir que o pronome “seus” se refere ao termo “fortuna”. Eis a passagem que serve de base para essa elucidação: “[José Porfírio de Miranda] Havia trabalhado meio século e, ao fim desse prazo, possuía, como fortuna, pouco mais do que a ameaça da cegueira, um paludismo crônico, e, para reforço, a arteriosclerose que, finalmente, o matou!

O ouro saído pela embocadura do rio-mar cumpria, mais uma vez, o seu destino, que consiste em se não fixar na mão de ninguém.” (Campos, 1960h, p. 11)

22-25: Essa frase é uma paráfrase do seguinte trecho de “O fantasma que pede um túmulo”: “Não fosse o rei Alberto I, dos belgas, do qual estive próximo, em 1920, na sessão solene que lhe consagraram no Clube dos Diários, as sociedades sábias do Brasil, e eu diria jamais ter visto um monarca, nem vivo, nem morto.” (Campos, 1960h, p. 53). O tema dessa

crônica de Humberto de Campos é a transferência, para o Brasil, dos restos mortais de D. Pedro II e da Imperatriz Teresa Cristina.

27-32: Sobre o Imperador, Humberto de Campos escreveu, na mesma crônica: “sempre senti uma comovida simpatia por esse velho Pedro II, que a República derrubou e banuiu. Entre as barbas grisalhas de Deodoro e as barbas brancas do segundo monarca, eu encontro mais respeitabilidade nas deste.” (Campos, 1960h, p. 53).

Mais adiante, o cronista imagina o que o fantasma de Pedro II diria sobre si mesmo: “– Órfão de mãe ainda no berço, e entregue por meu pai a mãos estranhas aos cinco anos, fui, na terra, a mais triste das crianças. Nunca ouvi a voz de minha mãe pronunciando o meu nome. Nunca recebi um conselho do meu pai. E era um adolescente ainda quando me entregaram um cetro e uma coroa, e me disseram, apontando a mais vasta nação de toda a América: ‘Organiza este povo, tornando-o feliz e grande.’ Governei; reinei; administrei. Premiei o talento e a virtude; exaltei os humildes; castiguei os desonestos. Ainda não entrara de todo na maturidade e tinha, já, a barba e os cabelos brancos. Cobri de glória a minha gente, na paz e na guerra. Quando me quiseram erguer uma estátua, pedi que, com o dinheiro a isso destinado, se edificassem escolas. No dia em que se pretendeu abandonar os cearenses que morriam à fome, ofereci, para salvá-los, as jóias da minha coroa. Pratiquei a cordura; fui exemplo universal de mansidão. Exilado, continuei a amar o Brasil. Morri em terra alheia, e dormi, aí, num templo alheio. Os brasileiros foram, porém, lá, e trouxeram-me para que eu repousasse, e para sempre, na terra da pátria. E aqui estou há quatorze anos, e não tenho um túmulo! Minha companheira, a meu lado, é vítima do mesmo tormento surdo. E eu vim, hoje, aqui para fora, pedir aos vivos que me dêem, em nome de Deus, que eu respeito, e em nome do Brasil, que eu venero, a esmola de um túmulo, a graça de um jazigo, em que a minha carne morta sinta o contato da terra viva!” (Campos, 1960h, p. 57-58)

No livro *O Brasil anedótico*, explica-se o porquê da expressão “monarca republicano” (linha 28), usada por Victor Hugo para qualificar D. Pedro II (Campos, 1960aa, p. 156).

34-35: A identificação do intertexto dessa passagem nos leva à descrição, feita por Humberto de Campos, da mencionada beleza dessa estrada. Trata-se de um trecho que fala do transporte dos restos mortais de D. Pedro II e da Imperatriz até Petrópolis: “Fechado cada um no seu caixão, não viram, dessa vez, as maravilhas da serra que amavam tanto. Debalde gemeram, à sua passagem, as cachoeiras vestidas de renda branca. Debalde se desfizeram em perfume os lírios selvagens do caminho. Debalde cantaram as aves morenas no calabouço dos galhos verdes. Debalde agitaram os montes, lá no alto, os véus ligeiros da névoa da manhã.” (Campos, 1960h, p. 55)

53-54: Referência ao *Eclesiastes*: 3:1: Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu. [...] 3:7: “tempo de calar,/ e tempo de falar” (*Bíblia de Jerusalém*, p. 1170).

68: Na 1ª edição de *Parnaso de além-túmulo* (1932), havia cinco poemas atribuídos a D. Pedro II (quatro outros foram acrescentados até a edição definitiva). Dois deles – “Meu Brasil” e “Página de gratidão” – empregam também o termo “torrão” para referir-se ao Brasil (Xavier, 1994a).

A propósito desses cinco poemas da edição primeira, Humberto de Campos fez o seguinte comentário em sua crônica “Como cantam os mortos...”, de 12 de julho de 1932: “D. Pedro II continua, mesmo depois de morto, a fazer maus versos. Há uma antiga tradição literária, segundo a qual os melhores sonetos do ex-Imperador eram feitos pelo

Barão de Loreto. Admitida essa versão, a conclusão a tirar dos decassílabos que se vai ler é que os dois andam, agora, por lá, separados.” (Campos, 1932b)

68-71: Esse trecho ecoa a idéia desenvolvida em *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, de 1938, presente também em alguns poemas de *Parnaso de além-túmulo* atribuídos, por exemplo, ao próprio D. Pedro II e a Olavo Bilac.

71-77: Em sua anotação de 25 de maio de 1928, no *Diário secreto*, Humberto de Campos registrou a seguinte opinião de Castro Nunes a respeito de D. Pedro II: “o Imperador foi um excelente cidadão mas um péssimo estadista. Dotado de excelentes virtudes privadas, tinha o culto da honestidade, e a paixão das minúcias, preocupando-se com pequenas intrigas da politicagem. Os grandes problemas nacionais eram-lhe, no entanto, indiferentes. Governou meio século, e não preparou a solução do problema servil e da colonização. Em um dos velhos países europeus, de civilização feita, teria sido um monarca ideal; em um país novo como o nosso, reclamando iniciativas, foi, porém, um entrave, com a sua mania de desconfiar da probidade de todos os homens empreendedores.” (Campos, 1954a, p. 207)

105-110: Sobre Alberto Torres (1865-1917), influente intelectual brasileiro – autor de *A organização nacional*; *O problema nacional brasileiro*; *As fontes da vida no Brasil* –, Humberto de Campos publicou pelo menos duas crônicas. Em uma delas, “Uma ressurreição”, escrita em 1933, há o seguinte trecho: “Alberto Torres teve, no Brasil, essa missão terrível de anunciador de calamidades. Nenhum dos problemas cuja solução fatal ele previu, teve desfecho diferente. A indústria extrativa na Amazônia terminou na falência. As oligarquias tiveram o seu epílogo na Revolução. A política do Café marcha, ameaçando a unidade nacional, para o termo que ele assinalou. Cassandra, calada, guiava a sua mão, quando ele escrevia.

Durante três lustros o Brasil esqueceu esse grande homem, que devia ter sido o palinuro da nau virgiliana dos seus governos. Ninguém acreditava nas suas predições. Até que os acontecimentos, confirmando o que ele predissera, o impuseram à admiração das gerações novas, que iniciaram, finalmente, agora, para a admiração pública, a ressurreição da sua obra e do seu nome.” (Campos, 1960h, p. 114)

109: Referência ao profeta Jeremias, do livro homônimo d’*O Antigo Testamento*.

118-125: O livro da série mediúnica sobre o Brasil também critica as decisões do Imperador relativas aos casos de Ortiz de Rosas, Manuel Oribe e, anos depois, Solano López (cf. Xavier, 1996, p. 193-199).

130-131: Menção ao livro *The American Commonwealth* (1888), do britânico James Bryce (1838-1922).

151-153: Referência ao conceito espírita da reencarnação. Diz o texto que José Bonifácio (1763-1838) renasceu no Brasil, alguns anos depois de sua morte. Sem explicitar quem foi essa nova personalidade, menciona-se sua importante participação na Constituinte de 1891. No livro *Falando à Terra*, também de Chico Xavier, o texto “Oração ao Brasil”, atribuído a Rui Barbosa (1849-1923), fala de uma suposta vida anterior do político baiano, sugerindo ter sido, ele, José Bonifácio (Xavier, 2002, p. 11-16).

167-170: Imagem de um público leitor que, não admitindo a autoria mediúnica do texto, entenderá a entrevista como simples ficção.

1.4.

QUEM AVISA...

1

2 Conta-se que um cômico célebre, em pleno espetáculo, recebeu, no
3 entreato, um telegrama triste, anunciando-lhe a morte do pai. Desatando as
4 lágrimas, voltou à ribalta em suprema consternação, comunicando à platéia: –
5 “Meus senhores, acabo de ser informado de que meu pai morreu!...” Ao invés,
6 porém, da compunção dos ouvintes, recebeu estonteantes aplausos. O público ria
7 gostosamente, acreditando na continuação da peça, embora o patético a
8 caracterizar-se no rosto angustiado do artista. Naquele instante, seu coração era
9 uma fonte de lágrimas, sustentando um rio de gargalhadas.

10 Onde a culpa do infeliz?

11 Há pessoas que nascem na Terra com o dom de chorar para que outros
12 desenvolvam a faculdade de rir.

13 A propósito, conheço um homem que viveu alguns anos no mundo
14 escrevendo anedotário venenoso, que muitos leitores consumiam, ávidos, no
15 silêncio de salas desertas. Cavalheiros respeitáveis e senhoras bem-postas, jovens
16 de ambos os sexos, recolhiam-se, de quando em quando, em obscuros recantos da
17 casa, cultivando a perfídia sorridente e a ironia maliciosa. Liam com interesse,
18 lembravam pessoas de suas relações, emoldurando-as nos quadros que a leitura
19 lhes sugeria e, não raro, cerravam a porta, a fim de viverem, mais intensamente,
20 as impressões recolhidas.

21 O pobre autor desempenhava atribuições de escriba popular. Nas ruas,
22 nos cafés, nas bancas de jornais, nas rodas de amigos, surpreendia todas as notas
23 picantes, aproveitando-as em molho de escândalo na frigideira da gramática para
24 o consumo geral. Os fregueses eram numerosos e, por isso, não era pequeno o
25 trabalho das linotipos.

26 O comentarista alegre, contudo, se fazia rir como Triboulet, o palhaço, a
27 fim de ganhar a vida, no fundo de si mesmo desejava ser como Epaminondas, o

28 tebano ilustre, que morreu amando as realizações honestas. E mais tarde, ao
29 apagar das luzes, ele, que vendia risos, passou a exportar sofrimentos. Com a
30 renovação espiritual, modificou-se-lhe a clientela. Suas páginas não mais
31 figuravam entre as leituras secretas guardadas a sete chaves. Eram, agora, folhas
32 pálidas de filosofia da desilusão, da sombra, do destino e da dor.

33 Encontrou, nessa fase, amizades mais sólidas. Junto daqueles que colhem
34 as rosas da existência humana, inumeráveis são as fileiras dos que trabalham
35 entre os espinhos e, se alguns espíritos jovens estão bailando despreocupados, no
36 festim da vida carnal, são incontáveis os corações amadurecidos que velam,
37 súplices, nas trevas da noite. Em vista disso, talvez, encontrou ele simpatias
38 novas, mais claras e mais sinceras.

39 Mergulhado nesse campo de vibrações diferentes, transferiu-se para o
40 castelo da morte, onde, surpreendido, encontrou as profundas e maravilhosas
41 revelações da vida. Renovado, feliz, prosseguiu escrevendo para os
42 companheiros de luta, reavivando-lhes a esperança no naufrágio das ilusões.
43 Como marinheiro experiente, sentindo a inesperada segurança da praia, atirava
44 salva-vidas aos irmãos de sonho, que se debatiam a distância, na fúria das águas
45 móveis e traiçoeiras.

46 Mantinha-se nesse labor, quando os admiradores de sua primeira fase de
47 serviço, velhos cultivadores da malícia humana, gritaram do alto de sua
48 superioridade:

49 – Ele? Impossível. Como falar do Céu, quem se agarrava freneticamente
50 à Terra?

51 – É mentira! Ele não tinha fé!

52 – Como é isso?! há subversão na ordem espiritual? A pregação do bem
53 estará confiada aos impenitentes da vida humana?

54 O pobre comentarista desencarnado começou a receber acusações e
55 pedradas. Alguns adversários gratuitos, se pudessem, levantá-lo-iam do túmulo
56 para afrontá-lo a pancadas. Surgiram discussões, perseguições, atritos.

57 Impressionado e comovido com as torturas de que o amigo era vítima,

58 procurei-o, em pessoa, não só para confortá-lo, mas também para recolher-lhe as
59 íntimas impressões. Não fui encontrá-lo, porém, descabelado, a gritar, como
60 personagem de ópera, em desespero. Revelava-se calmo, sereno, seguro de si
61 mesmo; e, cheio de compreensão pelas fraquezas do próximo, terminou a
62 palestra, esclarecendo com um sorriso:

63 – Não, meu amigo, não estou desalentado. Se estivesse por lá, no
64 turbilhão, talvez fizesse pior. Se ainda me demorasse na carne e soubesse que um
65 homem, como eu, andava escrevendo sobre a iluminação eterna da alma, depois
66 da morte do corpo, admitiria tudo, menos a realidade. Muitos me acusam,
67 gratuitamente, classificando-me de escritor venenoso, mas... que fazer?

68 Fez longa pausa, mostrou maior lucidez no olhar compreensivo e
69 concluiu:

70 – Não me preocupo, agora, por mim, que tenho a felicidade de resgatar o
71 passado. Como é natural, todavia, preocupo-me pelos meus antigos clientes,
72 porque se me conhecem tão bem, dão testemunho de que me leram com atenção.
73 Leram e gostaram. E se eu, presentemente, trabalho para destruir a árvore que
74 plantei, eles que se preparem diante do futuro, porquanto é provável que quase
75 todos tenham de vomitar os frutos que ingeriram gostosamente. (Xavier, 1995b,
p. 35-38)

Escrito em 1945 e atribuído a Irmão X, esse é um dos textos do livro *Lázaro redivivo* que, embora sem nomeá-lo, por causa do processo no ano anterior, falam de Humberto de Campos. A quem desconheça o histórico da série e a obra do escritor maranhense, todas as alusões de “Quem avisa...” passam despercebidas.

1: O título do texto nos remete a duas passagens da série Conselheiro XX: a frase “Quem me avisa meu amigo é”, que abre o livro *Gansos do Capitólio* (Campos, 1954c, p. 7) e, do livro *Grãos de mostarda*, a seguinte fala do personagem Anselmo Pimenta: “ –

Papagaio, – disse, em tom quase confessional, – eu preciso falar com você. Quem me avisa meu amigo é...” (Campos, 1954e, p. 41).

2-10: Esses dois primeiros parágrafos podem ser lidos como uma versão, reelaborada e mais sintética, de uma anotação de Humberto de Campos referente ao dia 25 de agosto de 1931. O escritor fora ao Hospício Nacional para que lhe extraíssem soro raquidiano. Após a punção, deitado para recuperar-se, ouve o médico Damasceno de Carvalho, referindo-se aos sofrimentos que o paciente enfrentava e à sua tentativa em dissimulá-los. Eis o registro do escritor: Damasceno “me conta, devagarinho, a seguinte história, cujos pedaços vou arrumando cuidadosamente na memória, como quem guarda em uma caixa, embrulhados em papel de seda, os pedaços de uma estatueta de louça que pretende reconstituir.

– Vai para alguns anos, – começa ele, – nós tivemos aqui na enfermaria um doente, do qual o Miguel Couto fala em uma das suas lições publicadas em livro. Era um palhaço do Circo Spinelli. Esse homem foi trazido para cá apresentando dois aneurismas, um dentro do coração, outro fora. Sofria horivelmente. As suas crises eram angustiantes, mesmo para quem olhava com olhos de médico. Pois bem. Esse homem, até às vésperas da sua entrada para a enfermaria, ainda trabalhava no circo. Todas as noites, ansiado, aparecia ele ao público. Obrigava-o a isso um contrato que não rescindia para não morrer de fome. Ao surgir no picadeiro, recebiam-no com salva de palmas, e uma gritaria ensurdecadora. Era ele o palhaço querido dos freqüentadores do circo. Às vezes, ao aparecer, já vinha branco, semimorto, sob a máscara de alvaiade branco. Segurava-se à entrada da arena, para não cair. Sentia necessidade de recuar, de voltar para dentro, até que lhe cessasse a agonia. Olhava, porém, as criancinhas que lhe batiam palmas, a alegria dos pirralhos que ali haviam ido para ver-lhe os pulos e as quedas e ouvir-lhe as pilhérias ingênuas e sabidas. E atirava-se no meio da arena, num salto mortal, cabriolando como um louco, entre os aplausos e a gritaria atordoante de todos os espectadores, especialmente da meninada alegre, que vivava em algazarra o seu nome... Atrás da porta de pano que dava entrada aos artistas havia, já, uma cadeira à sua espera e, junto, duas pessoas amigas, uma com um copo d’água, outra

com um leque. Ao desaparecer dos olhos do público, o palhaço atirava-se à cadeira, ansiando, aflito, com falta de ar, os braços caídos, enquanto duas mãos piedosas lhe abanavam o rosto angustiado sob o alvaiade, e lhe davam a beber pequenos goles d'água, que ele engolia com dificuldade. Lá fora o público, satisfeito com as suas piruetas, pedia 'bis', reclamava a sua volta à arena. O diretor do circo vinha à sua procura. Encontrava-o naquele estado. E ordenava, tomando-o pelo braço:

– Anda, rapaz! Vamos! Avia-te!

E o palhaço reaparecia ao público, sorrindo com a sua enorme boca de vermelhão, a contar anedotas com a voz fatigada, e que a multidão, supondo que aquele cansaço era artificial, aplaudia aos gritos, pedindo mais...

Eu escutava, em silêncio, a história que o Dr. Damasceno de Carvalho me contava. Quando ele terminou, eu me lembrava no meu trabalho alegre de todo o dia, nas crônicas rissonhas que escrevo gemendo, e na luta, que tenho, para receber do jornal em que escrevo, o meu salário miserável. Vem-me uma idéia maligna ao pensamento.

– Doutor, – indago, – e o Spinelli pagava em dia o palhaço?

O Dr. Damasceno respondeu. Mas uma vertigenzinha doce me havia invadido.

E eu não ouvi a resposta.” (Campos, 1954b, p. 169-170). Esse episódio foi reproduzido na crônica de Humberto de Campos “Os dois palhaços” (Campos, 1960d, p. 59-64).

11-12: Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Humberto de Campos, sucessor de Emílio de Menezes, abordou, entre outros temas, o humorismo em literatura. Ele escreveu: “Filho pródigo da Compaixão e do Tédio, o humorista é, entre os homens de arte, o único, no planeta, que não tem leito nem pátria. Se quer chorar, os outros sorriem. Se ele sorri, os outros choram. As suas gargalhadas são lavadas de lágrimas e o seu soluço, quando o emite, vem à boca, doloroso, através de um sorriso.” (Campos, 1960ab, p. 363-364)

13-20: Alusão a Humberto de Campos e a seus escritos da série Conselheiro XX. Sobre essa série, escreveu Eloy Pontes: “O Sr. Humberto de Campos, há anos, criou no ‘Imparcial’ um canto de coluna, onde, sob o disfarce de duas letras (XX) se meteu a contar anedotas bocageanas. A audácia produziu sensação e os leitores repontaram. Recolhendo venetas pornográficas, antigas e conhecidas, primeiro adaptando-as a personagens da atualidade, ele teve as galas do sucesso. Das histórias fesceninas passou logo a larga extração duma revista ‘A Maçã’ – fundada e mantida sob sua responsabilidade. Lançando mão da *Vie Parisienne*, pondo em pequenas crônicas a literatura crapulosa, que ali se estadeia, o sr. Humberto de Campos seguiu caminho.” (Pontes, s/d, p. 72)

21-24: Esse trecho, ainda sobre o Conselheiro XX, vai ao encontro de comentários como o seguinte: “Já aqui tivemos ensejo de aludir aos estigmas, que tornam a literatura do sr. Humberto de Campos uma espécie de mercadoria, que os livreiros de poucos escrúpulos anunciam como específico contra a decrepitude e para estímulo dos vícios que atacam, em regra, os colegiais... Fiados nessa pimenta para uso externo, os leitores de gosto suspeito devoraram as ‘Memórias’ do sr. Humberto de Campos. Asseguram os seus colegas de Imortalidade que a parte mais vermelha foi, porém, trancada ali a sete chaves, na esperança de que o futuro compreenda melhor os efeitos da literatura fescenina.” (Pontes, s/d, p. 84)

24-25: Referência ao sucesso comercial dos escritos de Conselheiro XX. O escritor Múcio Leão destacou a diferença entre as tiragens dos livros de poesia de Humberto de Campos e os da série Conselheiro XX: “As duas séries de *Poeira...*, livros graves e belos, onde o sonho era alto e a imaginação era pura, não tinham chegado além da segunda edição. Enquanto isso, os volumes facetos do Conselheiro XX cresciam, cresciam, cresciam em tiragens sucessivas. Em poucos anos, a *Bacia de Pilatos* alcançava doze milheiros; *Os Gansos do Capitólio* e o *Vale de Josafá* alcançavam cada um treze milheiros; *A Serpente de Bronze* alcançava quatorze milheiros; o *Tonel de Diógenes* alcançava dezesseis milheiros. São êxitos colossais, para o Brasil. E penso que somente ultrapassados – se, acaso, o foram

– pelo êxito que vieram a ter, na última fase da vida de Humberto, os volumes melancólicos e desolados em que ele confia com os leitores sobre os seus sofrimentos e desgraças íntimas.” (Leão, 1937, p. 111-112)

26: No reinado de Luís XII, na França, Triboulet foi bobo da corte.

27-28: Epaminondas é também mencionado na seguinte passagem de “Assim passa...”, do mesmo *Lázaro redivivo*: “Entretanto, a grandeza que parecia invulnerável passou como um sonho. Vencidos por Epaminondas, os espartanos observaram a reconstituição de Messênia, Mantinéia e Megalópolis, que lhes haviam assistido ao ruidoso triunfo.” (Xavier, 1995b, p. 71)

26-32: Esse parágrafo se refere à última fase literária de Humberto de Campos, à qual se referiu Múcio Leão, em citação acima.

No mesmo *Lázaro redivivo*, a narrativa “Espírito desencarnado”, também alegórica, apresenta a seguinte crítica à literatura de Humberto de Campos: “Rabiscara muitas páginas, e gastara imensa quantidade de fosfato e papel, informando o público. Entretanto, como não se lembrara de escrever exaltando a vida vitoriosa? Preferira a consulta incessante aos arquivos e a descida ao passado remoto. Entusiasmara-se com as histórias de deuses e ninfas, perdera-se nas divagações dos filósofos e mergulhara a mente nos documentos antigos, como o rato de livros velhos, para enfileirar, em seguida, as referências preciosas, mas... e a realidade eterna? Em verdade, não lhe merecera maior atenção. Fixara o momento, pincelara o quadro da hora, absorvera-se no imediatismo, mas olvidara o espírito imortal e a grandeza do Universo Divino. Admitira, nos seus tempos de pão difícil, que a decifração dos mistérios da alma era função do sacerdote, mas a revelação defrontava-o ali, depois do sepulcro, a ele que não fora ministro religioso de qualquer

confissão e que se filiara, sempre, à congregação dos desiludidos e descrentes.” (Xavier, 1995b, p. 148)

33-38: Idéia de que houve uma mudança do público leitor dos escritos de Humberto de Campos; há nesse trecho uma imagem referente aos leitores do Conselheiro XX e outra, que diz respeito aos leitores da fase seguinte do escritor.

39-40: Referência à morte de Humberto de Campos, em 1934.

41-45: Aqui, inclui-se, no histórico do autor, a produção de Chico Xavier atribuída a Humberto de Campos.

46-56: Representação da quebra de expectativas de certo público leitor de Humberto de Campos ao tomar conhecimento dos textos mediúnicos. A propósito, em *Lázaro redivivo*, a narrativa “Por amor a Deus”, outra alegoria sobre a produção de Chico Xavier atribuída ao escritor maranhense, trata também das incongruências entre determinadas expectativas de autoria e os escritos mediúnicos. Alegando dispor de uma nova condição, o autor se justifica:

“[...] temos um companheiro que recebeu a incumbência de demorar alguns anos entre as associações terrenas, para suportar as dolorosas trepanações dos que fazem a cirurgia dos estilos, com objetivo de esclarecimento geral. Sofria bastante, na submissão a esse processo de auxiliar a Ciência, porque nem todos os cirurgiões o examinavam com a precisa assepsia espiritual, mas obedecia, satisfeito, consciente de cooperar na solução de grandes problemas do destino e da morte. No desenvolvimento de seus misteres, todavia, foi assaltado pelo incoercível desejo de revelar-se aos amigos de outro tempo, encasulados

na carne, e, para tanto, começou a escrever-lhes páginas sentidas de carinho e saudade, vazando-as com o sentimento de seu coração. Seus companheiros antigos, porém, não lhe compreenderam as novas disposições. Uniram-se aos intransigentes cirurgiões da literatura e exigiram que o desencarnado viesse atendê-los, tal qual vivera no mundo, cheio das enfermidades e idiossincrasias oriundas dos vários agentes físicos que lhe determinavam a organização psíquica defeituosa. Sensível e afetuoso, ele lhes entregou os pensamentos mais nobres, porém os amigos reclamaram-lhe as vísceras mais grosseiras; trouxe-lhes as idéias novas que lhe banhavam o íntimo, entretanto, requisitaram-lhe as velhas fórmulas que, noutra época, lhe encarceravam o ser; dedicou-lhes a expressão mais alta de sua vida espiritual, mas pediram-lhe a revelação da vida mais baixa, com a apresentação das próprias glândulas doentes que a terra guardou para felicidade dele.” (Xavier, 1995b, p. 49-50)

57-62: Nesse trecho, como em vários outros de *Lázaro redivivo*, Irmão X e o espírito Humberto de Campos desdobram-se em dois personagens; o primeiro detém a narração em 1ª pessoa, o segundo é aquele de quem se fala ao longo do texto em questão.

63-67: Essa fala, ao retomar a imagem de um cético Humberto de Campos, desenvolve a tópica do “eu também não acreditaria, portanto compreendo a reação desses leitores”.

70-75: Idéia de que a literatura mediúnica funciona, nesse caso, como uma errata à obra criticada pelo autor. Na narrativa “Espírito desencarnado”, acima mencionada, a idéia da errata aparece na seguinte passagem: “é necessário voltas ao mundo, a fim de apagar certas garatujas de tua pena. Prestaste aos homens muitas informações descabidas e torna-se indispensável substituí-las por esclarecimentos legítimos. De quando em quando,

voltarás aqui, refazendo as forças; todavia, somente depois de completares a obra penetrarás o templo sublime, onde os redimidos esquecem todo o mal.” (Xavier, 1995b, p. 150)

1.5. A PALAVRA DO MORTO

1 Quando Saul sentiu o peso das tremendas responsabilidades, no campo da
2 autoridade e do poder, lembrou-se imediatamente de Samuel, o grande juiz que o
3 precedera na direção dos israelitas. O nobre varão, todavia, fora arrebatado ao
4 mundo da morte. No entanto, o rei sabia que os mortos podiam voltar, fazendo-se
5 ouvidos. Interrogando os áulicos do seu séquito, soube que em Êndor havia uma
6 pitonisa que talvez pudesse satisfazer-lhe os propósitos.

7 Não hesitou e dirigiu-se a ela. E quando a intermediária caiu em transe,
8 após admoestá-lo quanto ao anonimato a que se recolhera, eis que Samuel lhe
9 surge aos olhos assombrados. Não é um fantasma que o visita, trazendo
10 resquícios da sepultura. É o verdadeiro Samuel, materializado à plena luz, que
11 lhe estende as mãos acolhedoras. Não tem as insígnias de juiz e o seu olhar,
12 outrora severo e autoritário, mantém-se impregnado de humildade infinita.
13 Ampla capa resguarda-lhe o corpo, e enquanto recompõe a sua figura, a fim de
14 conversar calmamente, Saul cai, genuflexo, em pranto convulsivo.

15 – Ó santo Juiz de Israel – pergunta o rei, emocionado e confundido –,
16 onde estão as tuas insígnias de enviado de Jeová? Por que voltas do túmulo,
17 pobre e simples, como qualquer mortal?

18 Contemplou-o Samuel, tristemente, e respondeu:

19 – Saul, que o Eterno te abençoe e te conceda paz! Não me perguntes
20 pelas possessões e honrarias efêmeras. Minha túnica de linho de julgador e minha
21 espada de guerreiro ficaram para sempre no sepulcro de Ramá. O homem que
22 exerce a Justiça, perante o Supremo, não deve aguardar prerrogativas diferentes
23 daquelas que felicitam os ministros do Senhor, em qualquer trabalho proveitoso...
24 Mas, ouve! Que te induz a chamar-me do túmulo? Por que razões interrompes o
25 meu trabalho no reino dos mortos?

26 Saul enxugou as lágrimas abundantes e falou:

27 – Ó Grande Juiz, aconselha-me! Estamos na véspera de grandes batalhas
28 e tenho o coração cheio de maus presságios!... Sinto-me inquieto, hesitante...

29 Dize-me o que pensas, concede-me as tuas diretrizes sábias e justas!

30 O Espírito de Samuel fitou-o, melancolicamente, e voltou a interrogar:

31 – Que desejas que eu diga?

32 – A verdade! – disse o rei, ofegante.

33 A entidade sorriu e observou:

34 – Entre os homens que vivem na carne e os que já reviveram, fora dela,

35 ao sublime influxo da morte, a verdade é sempre terrível. Poderás, acaso,

36 suportá-la?

37 Respondeu Saul, afirmativamente.

38 O Espírito materializado avançou para ele, afagou-lhe a cabeça e falou,

39 comovido:

40 – Volta então ao povo de Israel, desarma o nosso exército e diz à nação

41 que o nosso orgulho racial é um erro nefasto e profundo, diante da morte,

42 inevitável para todos. Notifica as doze tribos de que nossas guerras e atritos com

43 os vizinhos são malditas ilusões que nos agravam as responsabilidades, diante do

44 Deus Altíssimo. Cientifica-os de que a morte ensinou a mim, último juiz dos

45 israelitas, as mais estranhas revelações. O Senhor Supremo não está em nossa

46 arca de substância perecível do mundo, que não passa de mero símbolo,

47 respeitável embora... Onde teremos buscado tanta audácia para nos julgarmos

48 privilegiados do Eterno? que espíritos satânicos penetraram nossos lares, para

49 odiarmos o trabalho pacífico, entregando-nos ao monstro da guerra, que espalha

50 a fome, a peste e a desolação? É verdade que os nossos antepassados muito

51 sofreram nas perseguições da Babilônia e no cativeiro do Egito, mas também é

52 inegável que nunca soubemos valorizar os favores e as graças de Jeová, o Pai

53 Magnífico. Reajustando agora os meus conhecimentos pelas imposições do

54 sepulcro, eu mesmo, que cultivava a Justiça e supunha servir ao Senhor,

55 compreendo quanto me afastei das vozes espirituais que nos induziam ao

56 escrupuloso cumprimento da Lei. Sou hoje obrigado a socorrer os nossos

57 armadores e frecheiros, guerrilheiros e pajens de armas, que choram e sofrem

58 junto de mim e aos quais ajudei na matança. Volta, pois, Saul, enquanto é tempo,

59 e ensina aos nossos a realidade dura e angustiosa. Explica-lhes que os filisteus
60 são também filhos do Altíssimo e que, ao invés de nos odiarmos, é
61 imprescindível nos amemos uns aos outros, auxiliando-nos reciprocamente,
62 como irmãos. Os lares de Jerusalém não são melhores que os de Ascalão. Vai, e
63 ensina ao nosso povo uma vida nova! Faze que os instrumentos destruidores do
64 extermínio se voltem para o trabalho pacífico e abençoado no solo da Terra!

65 Saul soluçava, de joelhos. Como aceitar os conselhos inesperados e
66 humilhantes? Não se sentia com a força precisa para recuar. Buscava orientação
67 para a vitória na batalha e o juiz inesquecível de Israel voltava do misterioso
68 reino da morte para induzi-lo à submissão? O Espírito de Samuel compreendeu-
69 lhe a luta íntima e falou, carinhoso:

70 – Lembra-te do tempo em que, humildemente, reunias jumentas no
71 campo, na pobre condição de descendente da tribo de Benjamim, e não estranhes
72 minhas palavras. Recorda-te que, quando o Senhor deseja conhecer as conquistas
73 de uma alma, dá-lhe a autoridade e a fortuna, o governo e o trono para a terrível
74 experiência. Atende a Deus e domina-te. Executa a Vontade do Senhor e
75 esquece-te, para que possas, de fato, triunfar, por sua Divina Misericórdia.

76 Fez-se então pesado silêncio. Como Saul chorasse, o mensageiro,
77 desejando ultimar a entrevista, perguntou:

78 – Desistirás da carnificina? Reconciliar-te-ás com os inimigos? Ensinarás
79 ao povo a humildade, o serviço e a concórdia?

80 O rei de Israel fez um esforço supremo e respondeu:

81 – É impossível! Não posso!

82 O Espírito fitou-o com profunda tristeza e acrescentou:

83 – Como pedes, então, conselhos à luz da sabedoria, se preferes a prisão
84 nas trevas da ignorância? O Senhor envia-te as verdades de hoje, por minha boca,
85 mas, se persistes em desatendê-lo, rasgará o reino que guardas nas mãos e
86 entregará a outrem a autoridade. E se não deres ouvidos à Divina Palavra,
87 executando os sinistros propósitos de tua rebeldia, cairás aos golpes do
88 adversário e, amanhã mesmo, serás recolhido pela morte, juntamente com os teus

89 filhos, vindo aprender conosco que ninguém confundirá o Eterno Poder!
90 Voltou Samuel à sua condição no plano invisível e Saul caiu desmaiado
91 de espanto, enquanto a pitonisa acordava para socorrê-lo.
92 E como acontece a muita gente que roga orientação aos Espíritos
93 desencarnados, Saul desprezou as advertências ouvidas e atendeu aos caprichos
94 condenáveis de seu coração, mas, também, no dia seguinte, estava com os filhos
95 no caminho sombrio do sepulcro, a fim de aprender com a morte as sagradas
96 lições da vida. (Xavier, 1995b, p. 125-129)

Essa narrativa também faz parte do livro *Lázaro redivivo*. De forma sutil, seu autor ideou uma transtextualidade¹²⁵ cujas fontes remetem a Humberto de Campos e à anterior série mediúnica a ele atribuída por Chico Xavier. O primeiro passo para um entendimento do texto é a identificação de seu intertexto explícito: o *Primeiro Samuel*, livro d'O Antigo Testamento, principalmente o seu capítulo 28, no qual Saul, auxiliado por uma necromante, dialoga com Samuel. Contudo, a fala do Samuel de “A palavra do morto” pouco tem a ver com a do texto bíblico; para compreendê-la, é necessário identificar seu intertexto oculto – que é “Clemenceau”, publicado no livro *Carvalhos e roseiras*, de Humberto de Campos. Por sua vez, a narrativa “Clemenceau” tem como intertexto explícito um ensaio histórico do francês Fustel de Coulanges: “La politique d’envahissement”, publicado em 1871 na *Revue des deux mondes*. Além dessas referências principais, há outras fontes intertextuais, como veremos abaixo; uma delas é o mediúnico “Ludendorff”, presente em *Novas mensagens*. O jogo intertextual engendrado pelo autor de “A palavra do morto” sugere uma chave de leitura para “Clemenceau”: o intertexto explícito da narrativa de *Lázaro redivivo* seria a fonte oculta do mencionado texto de *Carvalhos e roseiras*. Após as indicações referentes a passagens da narrativa de *Lázaro redivivo*, há um resumo dos intertextos citados e a explicação para a chave de leitura proposta.

¹²⁵ Ver Genette, 1982.

1-6: O intertexto, aqui, é a passagem 28: 3-7 do *Primeiro Samuel*: “Samuel tinha morrido, e todo o Israel o tinha lamentado, e o sepultaram em Ramá, sua cidade. Saul havia expulsado da terra os necromantes e os adivinhos.

Entretanto, os filisteus se congregaram e vieram acampar em Sunam. Saul reuniu todo o Israel e acamparam em Gelboé. Quando Saul viu o exército dos filisteus acampado, encheu-se de medo e o seu coração se perturbou. Saul consultou a Iahweh, mas Iahweh não lhe respondeu, nem por sonho, nem pela sorte, nem pelos profetas. Saul disse então aos seus servos: ‘Buscai-me uma necromante para que eu lhe fale e a consulte.’ E os servos lhe responderam: ‘Há uma em Endor.’” (*A Bíblia de Jerusalém*, p. 461-462)

7-14: Esse segundo parágrafo apóia-se na continuação do intertexto acima. Trata-se da passagem 28: 8-14 do mesmo livro: “Então Saul disfarçou-se, vestiu outra roupa e, de noite, acompanhado de dois homens, foi ter com a mulher, e lhe disse: ‘Peço-te que me digas o futuro, chamando para mim quem eu te disser.’ A mulher, porém, lhe respondeu: ‘Tu bem sabes o que fez Saul, expulsando do país os necromantes e adivinhos. Por que me armas uma cilada para que eu seja morta?’ Então Saul jurou-lhe por Iahweh, dizendo: ‘Tão certo como Iahweh vive, nenhum mal te acontecerá por causa disso.’ Disse a mulher: ‘A quem chamarei para ti?’ Ele respondeu: ‘Chama Samuel.’

Então a mulher viu Samuel e, soltando um grito medonho, disse a Saul: ‘Por que me enganaste? Tu és Saul!’ Disse-lhe o rei: ‘Não temas! Mas o que vês?’ E a mulher respondeu a Saul: ‘Vejo um espectro que sobe da terra.’ Saul indagou: ‘Qual é a sua aparência?’ A mulher respondeu: ‘É um velho que está subindo; veste um manto.’ Então Saul viu que era Samuel e, inclinando-se com o rosto no chão, prostrou-se.” (*A Bíblia de Jerusalém*, p. 462)

11-12 e 16-17: Esta frase – “Não tem as insígnias de juiz e o seu olhar, outrora severo e autoritário, mantém-se impregnado de humildade infinita.” – e este trecho – “onde estão as tuas insígnias de enviado de Jeová? Por que voltas do túmulo, pobre e simples, como qualquer mortal?” – tocam dois outros intertextos. O primeiro, de contraste, é um

trecho de “Clemenceau”, de Humberto de Campos, que descreve um aspecto do fantasma de Bismarck: “Trajava o uniforme do Exército alemão, e ostentava o peito hercúleo coberto de medalhas, como um rochedo saliente que mostrasse as suas ostras ao mar.” Bismarck apresentava-se com “seu fundo olhar de leão sem garras” (Campos, 1960t, p. 323-324).

O outro intertexto consta de “Ludendorff” e se refere ao fantasma de Hindenburg: “Hindenburg, porém, já não era mais o soldado cheio de audácia e de aprumo. Seu corpo se achava destituído de todas as insígnias e de todos os uniformes, e no seu olhar andava uma onda de tristeza e de humildade, saturada de indefinível ternura.” (Xavier, 1995a, p. 106). Note-se, também, que a modificação no olhar de Samuel é um índice de sua representação cristã.

21-23: Em “Oração dominical”, outra narrativa da série mediúnica atribuída a Humberto de Campos, situada na época de Jesus, há o seguinte trecho sobre os diferentes tipos de trabalho: “Todo trabalho honesto é de Deus. Quem escreve com a sabedoria dos pergaminhos não é maior do que aquele que traça a leira laboriosa e fértil, com a sabedoria da terra. O escriba sincero, que cuida dos dispositivos da lei, é irmão do lavrador bem-intencionado que cuida do sustento da vida.” (Xavier, 1998b, p. 121)

24-25: O autor, aqui, retoma o intertexto do *Primeiro Samuel*, em 28: 15: “Samuel disse a Saul: ‘Por que perturbas o meu descanso chamando-me?’” (*A Bíblia de Jerusalém*, p. 462). Perceba-se que o descanso de Samuel, no trecho bíblico, contrapõe-se ao seu trabalho, no trecho mediúnico, evidente referência à idéia espírita das atividades espirituais no além-túmulo.

26-29: Essa passagem se refere ao prosseguimento do *Primeiro Samuel*, 28: 15: “Saul respondeu: ‘É que estou em grande angústia. Os filisteus guerreiam contra mim,

Deus se afastou de mim, não me responde mais, nem pelos profetas nem por sonhos. Então vim te chamar para que me digas o que tenho de fazer.” (A Bíblia de Jerusalém, p. 462)

34-36: A propósito, o tema da verdade foi tratado por Humberto de Campos em sua crônica “A verdade e o boato” (Campos, 1960p, p. 41-46); na série mediúnica, aparece, por exemplo, em *Lázaro redivivo*: “Buscando a verdade” (Xavier, 1995b, p. 163-167).

40-64: Em “A palavra do morto”, a experiência da morte (linhas **44; 53-54**) justifica a transformação de Samuel, que é representado como um cristão *avant la lettre*, inteiramente distinto do Samuel bíblico. Veremos abaixo quais foram os principais intertextos carregados para as suas falas.

40-44; 48-50 e 63-64: Em outro contexto, essas três passagens apresentam idéias semelhantes às defendidas por Fustel de Coulanges, algumas delas reproduzidas em “Clemenceau”, de Humberto de Campos. Seguem alguns exemplos:

“A luta do espírito de conquista contra o espírito de trabalho é, sem dúvida, tão antiga quanto a humanidade. Não é somente em nossos dias que vemos nações aspirando à paz e soberanos ou ministros as mergulhando em todos os males e em todos os furores da guerra.”¹²⁶ (Coulanges, 1871, p. 5)

Segundo Coulanges, a belicosa política de Luís XIV arruinou a economia francesa; a classe agrícola foi a mais afetada. “A pobreza se estendeu sobre toda a sociedade francesa, como uma lepra, e Fénelon escreveu ao grande rei conquistador: ‘Vosso povo morre de fome, e a França inteira não é mais que um grande hospital’”. (Coulanges, 1871, p. 25)

¹²⁶ Os trechos mencionados do ensaio de Fustel de Coulanges foram por mim traduzidos.

Com objetivos pacíficos, “a verdadeira grandeza das nações consiste em seu trabalho, em sua prosperidade, no progresso regular de suas instituições livres, no desenvolvimento de seu espírito, no equilíbrio de sua consciência”. (Coulanges, 1871, p. 17)

Na narrativa de Humberto de Campos, o espectro de Bismarck diz a Clemenceau: “Que monarca violou em primeiro lugar, na idade moderna, a liberdade dos povos pequenos, recorrendo a razões mentirosas e servindo-se, antes dos meus príncipes, do nome de Deus? Luís XIV!” (Campos, 1960t, p. 325)

Mais adiante, referindo-se aos alemães, fala ao líder francês: “Muitos dos defeitos de que nos acusam provieram das nossas guerras, especialmente das nossas guerras felizes. A vaidade, a fanfarronada, a admiração ingênua de nós mesmos, o desdém pelo estrangeiro, não eram mais fortes em nossa natureza do que na de qualquer outro povo. Eles foram introduzidos, pouco a pouco, por nossas guerras, por nossas conquistas, pelo hábito do sucesso. Toda nação que procurar, como nós, a glória militar, e conte tantas vitórias como nós, terá os mesmos defeitos.” (Campos, 1960t, p. 334)

42-44: Essas guerras e atritos são sintetizados na passagem 14: 47-48 do *Primeiro Samuel*: “Saul assumiu a realeza sobre Israel e fez a guerra em todas as fronteiras contra todos os seus inimigos, contra Moab, amonitas, Edom, o rei de Soba e os filisteus. Para onde quer que se voltasse, saía vitorioso. Realizou proezas de valentia, bateu os amalecitas e livrou Israel das mãos dos que o pilhavam.” (*Bíblia de Jerusalém*, p. 440)

47-48: A idéia da existência de povos privilegiados por Deus servia muitas vezes como justificativa para guerras. No *Primeiro Samuel*, Iahweh determinava a Saul grandes massacres; o ataque aos amalecitas (15: 1-9) é emblemático: Iahweh pede a Saul que os extermine, sem poupar mulheres, crianças nem recém-nascidos.

Na Idade Moderna, segundo Coulanges, Luís XIV alegava que suas ações bélicas cumpriam a vontade divina: “Para um rei de direito divino, a ambição era um direito e quase um dever. Era preciso, para responder à vontade de Deus, que o rei fosse grande, e que todo o brilho da glória resplandecesse em sua pessoa. Engrandecer seu reino ou sua reputação era servir aos desígnios de Deus.” (Coulanges, 1871, p. 9)

Em “Clemenceau”, diz o fantasma de Bismarck: “Ele próprio [Luís XIV] escreveu, nas suas memórias: ‘Deus, que é o protetor da justiça, abençoou e ajudou os meus exércitos.’ Foi com ele que os meus príncipes aprenderam a mentir em nome do céu.” (Campos, 1960t, p. 327)

56-58: Essa passagem diz respeito a uma noção espírita de justiça, que implica a reparação aos prejuízos cometidos a outrem; no caso em questão, iniciada no além-túmulo. A idéia da justiça após a morte aparece também no ensaio de Coulanges: “Após uma série de vitórias inúteis, sucedeu uma série de derrotas; a paz que ele [Luís XIV] tantas vezes negara aos outros, desta vez, foi-lhe negada; ele não a encontrou senão nos últimos dias de sua triste velhice, às vésperas de ir prestar contas a Deus pelo sangue derramado.” (Coulanges, 1871, p. 14)

Em “Ludendorff”, o espírito de Hindenburg fala ao general alemão: “Fecha todas as portas do orgulho e da exaltação, porque, se a nossa pátria quis guardar as minhas cinzas no Panteão de Tannenberg, o meu espírito foi obrigado a se socorrer do último dos nossos comandados... O generalíssimo das batalhas, para Deus, não passava de um verme obscuro e insolente, condenado a prestar as mais severas contas de suas atividades sobre a Terra...” (Xavier, 1995a, p. 106-107)

59-62: Essa passagem alude ao preceito cristão do amor ao próximo, exposto em *Mateus*, 22: 39: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (*A Bíblia de Jerusalém*, p.

1881). Na narrativa, os filisteus e os ascalonitas são considerados os “próximos” dos hebreus. Em “Ludendorff”, esse mesmo princípio aparece na fala de Hindenburg, sobre Deus: “Na balança do seu amor e da sua justiça inviolável, a Alemanha não vale mais que a Palestina. Os judeus que combates são igualmente nossos irmãos, no caminho da vida... Reconhece toda a verdade das minhas fraternas revelações, porque, na realidade, nenhuma nação, como nenhum homem, se pode antepor à Vontade Suprema...” (Xavier, 1995a, p. 107). Em “A lição a Nicodemos”, de *Boa nova*, há esta passagem: “Se nos prendemos à lei de talião, somos obrigados a reconhecer que onde existe um assassino haverá, mais tarde, um homem que necessita ser assassinado; com a lei do amor, porém, compreendemos que o verdugo e a vítima são dois irmãos, filhos de um mesmo Pai. Basta que ambos sintam isso para que a fraternidade divina afaste os fantasmas do escândalo e do sofrimento.” (Xavier, 1998b, p. 97)

65-68: Nesse parágrafo, a reação de Saul é semelhante à de Ludendorff, com relação às palavras do espírito de Hindenburg: “Ludendorff ouvia, com estranheza, as palavras que lhe vinham ao coração, das profundezas do túmulo. Dentro do seu orgulho inflexível conseguiu balbuciar:

– ‘Deus? Não existe outro Deus a não ser aquele que simboliza a força, a superioridade da Alemanha...’

– ‘Cala-te! – replicou ainda a voz pungente da sombra. – Acima de todas as pátrias do planeta, está a misericórdia suprema de um Deus, cuja providência é a luz e o pão de todas as criaturas. A sua sabedoria permitiu que os homens se dividissem à sombra de bandeiras, não para a carnificina das batalhas, mas para que amassem a escola do mundo terrestre, aproveitando seus trabalhos, dentro do idealismo das pátrias, até que conseguissem, longe de todo o estímulo do espírito de concorrência, compreender integralmente as leis da fraternidade e da solidariedade humanas...’” (Xavier, 1995a, p. 107)

70-72: A referência, aqui, é a passagem 9: 1-3 do *Primeiro Samuel*: “Havia entre os benjaminitas um homem chamado Cis, filho de Abiel, filho de Seror, filho de Becorat, filho de Afia. Era um benjaminita, um homem poderoso. Tinha ele um filho chamado Saul, um belo jovem. Nenhum outro havia entre os filhos de Israel mais belo do que ele. Dos ombros para cima era mais alto do que todos.

As jumentas de Cis, pai de Saul, tinham-se desgarrado. Cis disse a Saul seu filho: ‘Chama um dos criados e vai à procura das jumentas’” (*A Bíblia de Jerusalém*, p. 430).

78-79: Nessa passagem, Samuel continua sugerindo preceitos cristãos a Saul. A segunda pergunta, por exemplo, vai ao encontro de *Mateus*, 5: 43-45: “Ouvistes que foi dito: *Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo*. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem [...]” (*A Bíblia de Jerusalém*, p. 1847)

83-89: Essa passagem contrasta com seu intertexto, isto é, *Primeiro Samuel*, 28: 16-19: “Respondeu Samuel: ‘Por que me consultas, se Iahweh se afastou de ti e se tornou teu adversário? Iahweh fez contigo o que tinha dito por meu intermédio: tirou das tuas mãos a realeza e a entregou a Davi, porque não obedeceste a Iahweh e não executaste o ardor da sua ira contra Amalec. Foi por isso que Iahweh te tratou hoje assim. Como consequência, Iahweh entregará, juntamente contigo, o teu povo Israel nas mãos dos filisteus. Amanhã, tu e os teus filhos estareis comigo; e o acampamento de Israel também: Iahweh o entregará nas mãos dos filisteus.” (*A Bíblia de Jerusalém*, p. 462). Note-se que, no texto bíblico, tem ares de fatalidade a previsão de Samuel; em “A palavra do morto”, Saul teria uma possibilidade de escolha para evitar sua morte um dia após o diálogo com Samuel.

86-89: No texto bíblico, o desvio de Saul, que lhe causou graves consequências no dia seguinte ao de seu encontro com o espectro de Samuel, foi o não cumprimento integral

das ordens de Iahweh. Em “Clemenceau”, o fantasma de Bismarck prenuncia, como resultado da vitória francesa na Primeira Guerra, um novo confronto; ele diz: “A guerra de amanhã – continuou a sombra – será um crime da França, como a de hoje foi, pela minha ambição, um crime da Alemanha.” (Campos, 1960t, p. 325)

90-91: Essas duas linhas resumem a passagem 28: 20-22 do *Primeiro Samuel*: “Imediatamente, Saul caiu estendido no chão, terrificado pelas palavras de Samuel e também enfraquecido por não se ter alimentado todo o dia e toda a noite. A mulher aproximou-se de Saul e, vendo-o tão perturbado, disse-lhe: ‘A tua serva te obedeceu; arriscando a minha vida, obedeci às ordens que me deste. Agora, eu te suplico, ouve também as palavras da tua serva: deixa-me servir-te um pedaço de pão, come e recupera as tuas forças antes de voltares.’” (*A Bíblia de Jerusalém*, p. 462)

94-96: Essas últimas linhas do texto se referem à passagem 31: 2-5 do *Primeiro Samuel*: “Os filisteus fizeram o cerco a Saul e seus filhos, e mataram Jônatas, Abinadab e Melquisua, filhos de Saul. Todo o peso do combate se concentrou sobre Saul. Os arqueiros o surpreenderam, e foi gravemente ferido por eles. Então disse Saul ao seu escudeiro: ‘Desembainha a tua espada e transpassa-me, para que não venham esses incircuncisos e escarneçam de mim.’ Mas o seu escudeiro não quis obedecer-lhe, porque estava assombrado. Então Saul arrancou de sua espada e lançou-se sobre ela. Vendo que Saul estava morto, também o escudeiro se lançou sobre a sua espada e morreu com ele.” (*A Bíblia de Jerusalém*, p. 465)

A parte final de “Ludendorff” também enfoca a sua morte: “O valente soldado da Grande Guerra estava ali, vencido, em face da morte, e, daí a algumas horas, sem que os médicos pudessem explicar o desenlace inesperado, Ludendorff penetrava os pórticos do mundo espiritual, amparado por uns braços de névoa, não mais para pregar o imperialismo do seu país ou para recordar os dias gloriosos de Tannenberg, mas para orar humildemente,

diante da misericórdia divina, suplicando ao Senhor a inspiração necessária para os vivos da sua pátria.” (Xavier, 1995a, p. 109)

REFERÊNCIAS PRINCIPAIS DE “A PALAVRA DO MORTO”:

Primeiro Samuel, 28:

Abandonado por Iahweh, e na véspera de batalhas contra os filisteus, Saul vai a uma necromante para ouvir o espírito de Samuel, líder político e religioso que o antecederá e o ungirá como o primeiro rei dos hebreus. O espectro prediz a morte de Saul e de seus filhos, em luta contra os filisteus, no dia seguinte.

“La politique d’envahissement”, de Fustel de Coulanges:

Nesse ensaio, o pensador francês defende a idéia de que, na Idade Moderna, o reinado de Luís XIV no século XVII, sob a política de Louvois, foi o introdutor do que ele chama de “política de invasão”, movida pelo bélico “espírito de conquista”, em detrimento ao pacífico “espírito de trabalho”. Visando ao crescimento territorial da França e ao aumento de suas riquezas, o soberano francês promovia guerras para a conquista de territórios alheios. Diz Coulanges que, principalmente para a França, que vencera quase todas as guerras daquele período, essa política foi desastrosa. Cerca de dois séculos depois, a política de invasão teria ressurgido, e de forma mais danosa, sob a liderança de Otto von Bismarck. Coulanges escreveu o ensaio na época da guerra franco-prussiana; ele conclui o texto dizendo que, assim como a França amaldiçoava Louvois, a Alemanha amaldiçoaria Bismarck, por conta da equivocada política de invasão de ambos.

“Clemenceau”, de Humberto de Campos:

Em 28 de junho de 1919, após a assinatura do Tratado de Versalhes, o francês Clemenceau encontrava-se em seu gabinete de trabalho. Diante dele, uma tênue fumaça foi ganhando forma humana: era a materialização do espírito de Bismarck. A narrativa se concentra no diálogo entre os dois líderes europeus. Bismarck acusava a política militar da França na Primeira Guerra Mundial; dizia, por exemplo, que “no ninho de ouro de Versalhes foi posto, há pouco, para ser fecundado pelo tempo, o ovo de uma calamidade” (Campos, 1960t, p. 325). Na parte final do texto, Clemenceau percebe que quase todos os argumentos utilizados por seu interlocutor eram, literalmente, as mesmas alegações com que Fustel de Coulanges¹²⁷ amaldiçoara o próprio Bismarck em 1871. O fantasma de Bismarck, portanto, foi representado como um porta-voz de Coulanges, cujos pontos de vista foram direcionados, desta vez, aos franceses do início do século XX.

O texto “A palavra do morto” sugere que Humberto de Campos, quando concebeu o diálogo entre Clemenceau e o espírito de Bismarck, teria se inspirado no capítulo 28 do *Primeiro Samuel*, intertexto explícito da narrativa de *Lázaro redivivo*. A propósito, uma famosa passagem do *Primeiro Samuel* – a luta de Davi contra Golias – é aludida no título *A funda de Davi*, da série Conselheiro XX. No início do volume, à maneira de epígrafe, Humberto de Campos transcreveu a passagem XVII: 39-46 do livro bíblico em questão.

“Ludendorff”, de Chico Xavier, atribuído a Humberto de Campos:

Escrita em 28 de dezembro de 1937, essa narrativa trata do general alemão Ludendorff, que morrera dias antes. “Nacionalista extremado, não tolerava a república, era adversário declarado da Igreja Católica e ferrenho inimigo dos judeus e da maçonaria, concentrando todas as suas aspirações de homem e de soldado no pan-germanismo, acreditando que somente da Alemanha poderia surgir o próprio aperfeiçoamento do

¹²⁷ Embora, em “Clemenceau”, para referir-se ao ensaio de Fustel de Coulanges, Humberto de Campos tenha citado a *Revue des deux mondes*, onde foi primeiramente publicado, o escritor leu o texto francês no livro *Questions historiques* (Coulanges, 1893). O exemplar que lhe pertencia, com grifos em passagens aproveitadas para a composição de “Clemenceau”, encontra-se na Biblioteca Pública Benedito Leite, em São Luís (MA).

mundo.” (Xavier, 1995a, p. 104). Focalizado em seus últimos momentos antes da morte, surge à percepção de Ludendorff o espírito de Hindenburg, que também fizera parte do alto comando militar alemão na Primeira Guerra. De forma análoga à representação do fantasma de Bismarck, em “Clemenceau”, e tal como foi elaborado o espírito de Samuel, em “A palavra do morto”, o espectro de Hindenburg é representado como um revelador de novidades cristãs ao amigo Ludendorff: “O nosso sonho de imperialismo e de superioridade da Alemanha não passa de uma vaidade tocada de loucura, que Deus pode desfazer de um instante para outro, como o vento poderoso que move as areias de uma praia.” (Xavier, 1995a, p. 106)

Além dessas quatro referências, é oportuno mencionar mais cinco textos de Humberto de Campos que têm a ver com os temas acima tratados: em “A pena de morte” (Campos, 1949, p. 3-9), fala das incongruências entre o *Antigo* e o *Novo Testamento*; em “Hindenburg em Tannenberg” (Campos, 1960g, p. 15-20), por ocasião da morte de Hindenburg, descreve seus feitos militares na batalha de Tannenberg (1914); em “Hindenburg” (Campos, 1960o, p. 257-264), traça um perfil do marechal alemão; em “Em favor de Israel” (Campos, 1960d, p. 245-251), publicado no *Diário Carioca* de 29 de março de 1933, defende os judeus, ameaçados pelo anti-semitismo hitlerista; em “Venceste, Israel!” (Campos, 1960l, p. 237-242), elogia o legado judaico.

V. LUGARES DA AUTORIA

1. NOMES E DIREITOS

Os laços intertextuais que destacamos nos dois capítulos precedentes funcionam, na dinâmica da série, como uma justificação à sua alegada autoria espiritual. E evidenciam que, para a elaboração dos textos, foi indispensável o emprego de elementos marcadamente laicos, dentre os quais: uma autoria preestabelecida, que é retomada e direcionada para um campo literário espírita; tipos textuais como a crônica, a entrevista e o apólogo, típicos do início do século XX no Brasil; um mundo secularizado, que serve de base para uma interpretação espírita da história; a valorização da cultura escrita, aos moldes da modernidade¹²⁸. A partir desses pontos de ancoragem, a série mediúnica desenvolve sua dimensão doutrinal marcadamente cristã¹²⁹.

Quanto à apresentação autoral da série¹³⁰, enquanto o nome Francisco Cândido Xavier nos garante uma filiação espírita dos textos, o nome Humberto de Campos nos remete não apenas à obra do escritor maranhense, mas igualmente ao espaço laico no qual ela circulava. Por sua vez, o nome Irmão X sintetiza o cruzamento entre o laico e o espírita. Vimos, no segundo capítulo, que essa combinação autoral causou conflitos. O principal

¹²⁸ As relações entre os elementos laicos e o espiritismo são estudadas na tese de doutorado de Bernardo Lewgoy: *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. Segundo o autor, o espiritismo é uma religião da cultura escrita e, para uma participação efetiva em seu cotidiano, pressupõe a experiência de letramento e da formação de um hábito de leitura, o que é peculiar em relação às outras religiões, particularmente no Brasil (cf. Lewgoy, 2000).

¹²⁹ Refiro-me a uma interpretação espírita do cristianismo, de que, na série em questão, *Boa nova* é o principal exemplo. Neste livro, como em vários outros de Chico Xavier, procuram-se depreender, de relatos evangélicos, princípios defendidos pelo espiritismo, como a reencarnação e a comunicabilidade entre vivos e mortos.

¹³⁰ Normalmente, os paratextos dos volumes, após registrarem que se trata de “obra mediúnica”, indicam o nome Francisco Cândido Xavier acima do título do livro, abaixo do qual se lê: “pelo espírito Humberto de Campos” ou “pelo espírito Irmão X” (cf. Xavier, 1995b, 1998a).

deles em 1944, quando os herdeiros de Humberto de Campos pediram à Justiça que atestasse ou rejeitasse a atribuição de autoria de cinco livros, feita por Chico Xavier e sustentada pela FEB. Caso confirmada, solicitavam parte dos direitos autorais provenientes da venda dos volumes. A Justiça, porém, observou que o fato de Humberto de Campos ter morrido antes da produção daqueles textos tornava incabível o pedido, tal como fora formulado.

A noção de direito autoral é relativamente recente; ela decorre da relação que se estabeleceu entre autor e texto escrito. Na Europa do século XVIII, segundo Roger Chartier, a ideologia iluminista recusava a instauração de uma propriedade literária, por considerar que, para o progresso da humanidade, as idéias deveriam ser livremente compartilhadas. O direito do autor, nesse contexto, passou a existir¹³¹ apoiado em duas principais justificativas. A primeira foi jurídica: “É o conceito do direito natural à maneira de John Locke, fundado na idéia do trabalho como atividade que transforma parte da natureza em algo manufaturado, em um objeto que, neste caso, pode ser um manuscrito, o que define a base jurídica e legal do *copyright*.” (Chartier, 2001, p. 54). A segunda foi a estética da originalidade: “Embora as idéias sejam compartilhadas, se argumentou, há algo nas obras irredutivelmente singular e pessoal: estilo, sentimento, a maneira de escrever; assim, foi possível desvincular a necessidade de compartilhar as idéias, que não pertencem a ninguém, em relação à forma e à expressão, que são particulares, que são a tradução de um indivíduo” (Chartier, 2001, p. 54). No Brasil, os direitos autorais foram definidos e garantidos por lei somente em 1898 (cf. Zilberman, 2004). Da lei que fixou a propriedade intelectual¹³², surgiu a noção de autor jurídico: “sujeito das relações previstas pelo Direito Autoral” (Christofe, 1998, p. 569). Na legislação brasileira, o autor de uma obra literária deve ser uma pessoa física, cuja existência civil é delimitada entre seu nascimento e sua morte.

¹³¹ “A noção de propriedade literária, relacionando autor e texto escrito, surgiu no século XVIII com o Direito Autoral.” (Christofe, 1998, p. 569)

¹³² Sobre as noções de propriedade intelectual, ver Burke, 2001.

Ao passo que, em âmbitos jurídicos, o autor corresponde a um indivíduo, é mais complexa a noção de autor concernente aos estudos literários, que pode ser entendida como “uma categoria hermenêutica, uma referência para a interpretação” (Compagnon, 11ª aula, p. 1). O lugar que cabe ao autor, quando atribuímos sentidos a um texto, varia de acordo com os pressupostos teóricos dos quais nossa leitura mais se aproxime. Na época da filologia, do positivismo, do historicismo, prevalecia a idéia de que o sentido da obra correspondia à intenção do autor (procura-se no texto o que o autor quis dizer). A pertinência da intenção do autor, no entanto, foi contestada: o formalismo russo, os *New Critics* americanos, o estruturalismo francês defendiam a idéia de que, para determinar ou descrever a significação de uma obra, deve-se procurar no texto o que ele diz, independentemente da intenção de seu autor. No capítulo “O autor”, a respeito das relações entre autor e texto, Antoine Compagnon faz uma minuciosa análise das teses intencionalistas e anti-intencionalistas. Ele assinala que, embora o objetivismo seja mesmo insustentável, existe em todas as interpretações, em grau maior ou menor, uma presunção de intencionalidade, mesmo entre os mais radicais adversários da intenção do autor¹³³ (cf. Compagnon, 2003, p. 47-96).

Numa época em que, no Brasil, as teses intencionalistas eram bastante fortes, as noções de autor e de direitos autorais¹³⁴, transpassadas pela alegação mediúnica, compunham os panos de fundo dos debates sobre o caso Humberto de Campos.

¹³³ Compagnon também rediscute os conceitos de intencionalidade.

¹³⁴ Além das referências já mencionadas a respeito das noções de autor e direitos autorais, ver também: Abrams, 1971; Chartier, 1994; Christofe, 1996; Foucault, 2000; Woodmansee, 1994.

2. UMA CONFIGURAÇÃO AUTORAL

De seus livros, Chico Xavier declarava ser o médium através do qual os autores espirituais escreviam. A estes, caberia a concepção e a transmissão dos textos; àquele, em transe, o trabalho de receber as comunicações, pela escrita¹³⁵, de acordo com suas possibilidades. O problema do reconhecimento, ou não, da existência de consciências extracorpóreas que se comunicariam com Chico Xavier implica diferentes compreensões quanto à autoria. Como o espaço cultural a que esses livros estão ligados é marcadamente confessional, fala-se que aceitar a autoria do texto como do próprio Chico Xavier ou como dos autores “mortos” é uma questão de crença. Salientamos que, em sua primeira recepção, os escritos atribuídos a Humberto de Campos foram lidos ora sob o modelo autoral proposto pela filosofia espírita, ora sob outros modelos autorais. Esse dado é importante, porque, para os livros em questão, dependendo do lugar onde o leitor identifique o autor, os textos ganharão sentidos bem distintos. Por exemplo: uma afirmação sobre o além-túmulo, para um leitor que leia o autor como espírito¹³⁶, poderá funcionar como uma revelação ou um testemunho¹³⁷, enquanto que, para um leitor que o leia como o próprio Chico Xavier, a mesma afirmação será elemento de ficção¹³⁸. Portanto, o eixo autoral, identificado pelos leitores, determina sentidos possíveis aos textos.

¹³⁵ Além da escrita psicográfica, largamente predominante, há publicações de textos obtidos, por Chico Xavier, pela psicofonia (cf. Kardec, 1995). As falas eram gravadas e transcritas. Ver os livros *Vozes do grande além* (Xavier, 2003b) e *Instruções psicofônicas* (Xavier, 2005).

¹³⁶ Neste caso, da questão *quem fala?* decorre outra: fala de *onde?*

¹³⁷ Em artigos a respeito de livros mediúnicos, uma vez admitida a autoria espiritual dos textos, nota-se a dificuldade dos comentadores em lidar com o seguinte problema: o autor espiritual está escrevendo ficção ou não-ficção? Se não-ficção, está usando linguagem figurada ou própria? A tendência é presumir a não-ficção e a linguagem própria, o que torna o texto uma referência de realidade. Quando, porém, admite-se que o autor escreveu ficção, a tendência é a desvalorização do volume. Um livro como *Memórias de um suicida*, psicografado por Yvonne A. Pereira e atribuído a Camilo Castelo Branco, funciona como um testemunho do escritor português, que relata o que lhe aconteceu no além-túmulo após sua morte por suicídio (cf. Pereira, 1989). Este entendimento, aliás, estimulou a criação no Brasil do CVV (Centro de Valorização da Vida), em 1962 (Pereira, 2006, p. 116).

¹³⁸ Sobre a ausência de claras fronteiras entre ficção e realidade, ver, por exemplo, o ensaio “Protocolos ficcionais” (Eco, 1994, p. 123-147).

Para entendermos, por contraposição, as peculiaridades da configuração autoral proposta pela série mediúnica, mencionemos três conhecidos procedimentos da autoria literária tradicional. De acordo com uma definição narratológica, um autor é “a entidade materialmente responsável pelo texto narrativo, sujeito de uma actividade literária a partir da qual se configura um universo diegético...” (Lopes e Reis, 1996, p. 39). Essa noção se refere ao autor empírico que cria literatura; ele é o responsável intelectual e civil (submetido a uma legislação autoral) pelo texto que escreve e torna público. Aproveitando o tema do *post-mortem*, pensemos na autoria de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881). O romance tem um autor empírico, Machado de Assis, e um narrador em primeira pessoa, Brás Cubas, que é também o personagem principal. Esse narrador, que se encontra no além-túmulo¹³⁹, apresenta-se ficcionalmente como o autor (textual) da narrativa¹⁴⁰. O autor empírico, assim como cria personagens, cria igualmente narradores.

Uma prática muitas vezes mencionada nos comentários sobre textos mediúnicos é o pastiche, cuja principal referência vem da França¹⁴¹. Marcel Proust, por exemplo, foi um dos mais talentosos imitadores de estilos literários. Concebidas no início do século XX, suas imitações foram reunidas no livro *Pastiches et mélanges* (1919). Para compor seus pastiches de maior repercussão, Proust adotou um tema único – o “caso *Lemoine*” – e o desenvolveu à maneira de vários escritores franceses¹⁴². As imitações serviam a Proust como um tipo de crítica literária: captado pelas lentes do pastichador, o estilo de escritores que não o agradavam (Sainte-Beuve, Faguet) era recriado de modo a realçar-lhes os defeitos; em casos opostos (Saint-Simon, Flaubert), os pastiches demonstravam sua admiração por eles. Essa planejada representação exigia, evidentemente, talento especial para o pastiche e um fino conhecimento da obra dos escritores imitados. O autor empírico,

¹³⁹ A respeito das relações de Machado de Assis com o espiritismo, ver Machado, 1996.

¹⁴⁰ Considere-se que o “autor empírico” se situa no plano da realidade, enquanto o “autor textual”, criado por aquele, encontra-se no plano narrativo.

¹⁴¹ Ver “Petite histoire du pastiche dans la littérature française” (Tuféry).

¹⁴² Sobre Balzac pastichado por Proust, ver Imbert, 1984.

Proust, com base em traços de estilo de escritores franceses de renome, os transformava em autores textuais¹⁴³.

Um outro modelo autoral é o da heteronímia de Fernando Pessoa. O poeta português dividiu sua obra de acordo com os heterônimos a quem atribuía sua produção literária. A eles, que não retomam autorias previamente existentes, Pessoa procurou conferir, extratextualmente, um estofo individualizante, de modo a gozarem de uma certa autonomia autoral. Nesse caso, Fernando Pessoa é o autor empírico, que se desdobra em vários autores textuais.

Por sua vez, na configuração autoral mediúnica em questão, Chico Xavier é o autor empírico, que assume a responsabilidade civil pelas obras publicadas. Ele declara, porém, não ser o autor intelectual dos escritos. Segundo a definição de autor acima mencionada, o médium é “a entidade materialmente responsável pelo texto narrativo”, embora rejeite ser “sujeito de uma actividade literária a partir da qual se configura um universo diegético”, função que atribui ao autor espiritual¹⁴⁴.

O ponto que exploramos, nos dois capítulos anteriores, refere-se às estratégias de construção da verossimilhança autoral na série mediúnica. Nesta, identificamos alguns textos nos quais seu autor, demonstrando possuir um grande domínio do universo literário de Humberto de Campos, procurou causar o que chamei de efeito de sobrevivência, com base no contraste entre o suposto repertório de conhecimentos do autor empírico, Chico Xavier, que declarava nunca ter estudado a obra do escritor maranhense, e o conjunto de

¹⁴³ Uma primeira diferença entre pastiches literários e a produção de Chico Xavier reside na declaração pública, exposta nos paratextos dos livros: naqueles, o autor declara: *são pastiches*; nesta: *são mediúnicos*. Chico Xavier também declarava não ter conhecimento prévio da literatura da maior parte dos autores que assinam seus textos. Fica por conta do leitor aceitar ou não tais declarações. Outra diferença: nos pastiches, o autor a quem o texto é atribuído é representado, quase sempre, no mundo material e antes de sua morte; nos escritos de Chico Xavier, localiza-se, após sua morte, no além-túmulo. Uma terceira diferença: na obra de Chico Xavier, o número de autores (muitas centenas) e a extensão dos textos são muito maiores do que nos pastichadores. A técnica de escrita é também distinta: diferentemente dos pastichadores, Chico Xavier produzia seus textos em transe.

¹⁴⁴ Chico Xavier não aceitava para si os direitos autorais de seus livros porque, dizia, não era ele quem os concebia, pressupondo a idéia do autor como criador. Não se lhe aplicava, portanto, a noção de propriedade intelectual.

conhecimentos específicos, presentes em livros da série, necessariamente advindos de um autor cujos saberes parecem abarcar os da pretendida autoria. Contraste semelhante pôde ser observado em poemas psicografados por Chico Xavier (Rocha, 2001).

A propósito, em literatura mediúnica no Brasil¹⁴⁵, essa assimetria fora verificada por Osmar Ramos Filho. No livro *O avesso de um Balzac contemporâneo* (1995), ele analisa o romance *Cristo espera por ti* (1965), psicografado por Waldo Vieira¹⁴⁶ e atribuído a Honoré de Balzac. O autor do romance, de acordo com a extensa pesquisa de Ramos Filho, demonstra que, ao contrário do autor empírico, detém um profundo domínio do universo literário de Balzac. A narrativa, que se passa em Carcassonne, no início do século XIX, contém centenas de alusões à *Comédia Humana* e a outras obras do romancista francês, que foram explicitadas por Ramos Filho¹⁴⁷. A perspicácia do analista, porém, vai mais longe, pois percebe que, além de o texto ancorar-se sutilmente na obra balzaquiana, ele também fornece a ela novas chaves de leitura. É o caso da identificação, a partir de um trecho do romance mediúnico¹⁴⁸, de uma tela do pintor holandês Paul Potter (1625-1654). A descrição de certa paisagem campestre, constatou Ramos Filho, alude ao quadro *La ferme*, que se encontra no museu Ermitage, em São Petersburgo. Lida a bibliografia a respeito do pintor, Ramos Filho descobriu, em um dos primeiros romances de Balzac – *A pele de onagro* – uma importante, e velada, utilização que o autor francês fizera, para a constituição de personagens e do enredo, da história de Paul Potter e de duas telas suas: *La ferme* e *La*

¹⁴⁵ Sobre a literatura mediúnica produzida fora do Brasil, ver, entre outros, os estudos de Bozzano (1998) e de Flournoy (1900).

¹⁴⁶ O médico Waldo Vieira, nascido em 1932, em Monte Carmelo (MG), psicografou 25 livros, 17 dos quais em parceria com Chico Xavier. Abandonou o espiritismo em 1966. Dedicou-se ao estudo da projeciologia (cf. Vieira, 1986) e, atualmente, em Foz do Iguaçu (PR), pesquisa a conscienciologia.

¹⁴⁷ Os pressupostos da pesquisa de Ramos Filho se aproximam do que Carlo Ginzburg denominou “paradigma indiciário” (cf. Ginzburg, 1991).

¹⁴⁸ Eis a passagem: “Abre-se mais amplamente a oficina diurna. Entre os tramados verdes das divisórias, galinhas cacarejam, grupos de bois e ovelhas pascem, nédios, eles a mugirem de manso, elas balindo com estridência, sesteando ao sol nascente, como os animais de Paul Potter, na pastaria manchada de moitas de hastes apendoadas. Outras vivendas aparecem. A cancela de uma casa de pedra bate fortemente sob a ação dos reflexos dos *cers*, ventos do Aude que sopram do Norte.” (Vieira, 1965, p. 89)

*vache qui se mire*¹⁴⁹. Segundo o autor, a crítica considera que a primeira obra em que Balzac dá destaque à pintura é o conto *A obra-prima ignorada*, posterior ao romance *A pele de onagro*.

Ao levarmos em conta os estudos apresentados no livro *O avesso de um Balzac contemporâneo*, percebemos que assim como o autor da série mediúnica Humberto de Campos se empenhou para demonstrar seu privilegiado domínio da obra do escritor maranhense, conforme registramos nos dois capítulos precedentes, o autor do romance atribuído a Balzac lançou mão do mesmo procedimento, ao mostrar, nas entrelinhas da narrativa, que detém um sofisticado conhecimento da obra do escritor francês, conforme os cotejos realizados por Ramos Filho.

¹⁴⁹ Comenta Ramos Filho: a presença de Potter em *A pele de onagro* “não havia sido assinalada em mais de cento e cinquenta anos de crítica literária. O livro mediúnico, que vinha buscando na obra balzaquiana elementos que o autenticassem, passou, desse modo, a servir ao propósito inverso. Essa decodificação que a psicografia sugere e permite realizar aparece, assim, como um dos melhores instrumentos de legitimação de seu próprio discurso.” (Ramos Filho, 1995, p. 91)

3. DESLOCAMENTOS AUTORAIS

Dissemos, no segundo capítulo, que Chico Xavier se tornou o maior expoente do espiritismo brasileiro. No início dos anos 60, o sociólogo Candido Procópio Ferreira de Camargo, no livro *Kardecismo e umbanda*, já destacava a autoridade que o médium construía:

Francisco Cândido Xavier, carinhosamente tratado por “Chico Xavier”, é o único médium no Brasil cuja influência se faz sentir de modo análogo à autoridade de Kardec na formação do Espiritismo nacional. Tendo psicografado cerca de 80 livros e milhares de pequenas mensagens, lidas habitualmente nas sessões, Chico Xavier, evitando as controvérsias doutrinárias, formulou o que se poderia chamar a teoria nacional do Espiritismo, dando relevo ao papel do Brasil na evolução da Terra. Sua doutrina acentua o caráter religioso do Espiritismo, dando ênfase aos valores sentimentais e incrementando o movimento assistencial e a caridade. Sua autoridade supera os quadros do Kardecismo e o seu nome se pronuncia com reverência e respeito nos segmentos mais extremados da Umbanda. (Camargo, 1961, p. 4-5)

Décadas depois, seu lugar de destaque como médium e líder espírita se ampliou. O antropólogo Bernardo Lewgoy, no livro *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*, salienta:

Autor de mais de 400 livros psicografados, em 70 anos de produção, lido por milhões de pessoas, traduzido em diversas línguas, o médium Chico Xavier, falecido em 2002, é a principal referência do espiritismo no Brasil. [...] Tamanha é a influência de Chico Xavier na formação do imaginário religioso espírita, tão ampla é a difusão de suas obras e

biografia, que se pode afirmar que estamos diante de um fenômeno religioso de características míticas, composto em vários níveis, tal como nas histórias de santos e de profetas que, ao fundarem religiões, fundam igualmente modos de ser e estar no mundo. (Lewgoy, 2004, p. 11)

O histórico da presença de Humberto de Campos em livros de Chico Xavier é um bom indicador para entendermos o início da construção da credibilidade do médium perante sua comunidade de leitores. Nos anos 30, Humberto de Campos era um autor extremamente popular em todo o território nacional¹⁵⁰. Por sua vez, Chico Xavier começava a produção de seus livros; embora sua estréia tenha despertado certas atenções além dos núcleos espíritas, seu renome como psicógrafo não surgiu de modo tão repentino. O próprio Humberto de Campos, em 1932, foi um dos primeiros intelectuais que se pronunciaram a respeito do livro inaugural de Chico Xavier; era o início da divulgação de seu nome. Em 1935, tendo já psicografado textos atribuídos a Humberto de Campos, Chico Xavier foi submetido a uma longa investigação por Clementino de Alencar, que publicou uma série de artigos sobre o médium no jornal *O Globo* (Timponi, 1978; Souto Maior, 2003, 2004). Segundo Souto Maior, o jornalista fora a Pedro Leopoldo a fim de desmascarar o jovem mineiro, mas, após semanas de testes e observação, foi embora convencido de que as práticas de Chico Xavier não eram fraudulentas.

Na grande imprensa, nos anos 30 e 40, o espaço ocupado por Chico Xavier devia-se à atribuição de autoria, de seus textos espíritas, a dezenas de nomes de prestígio das literaturas brasileira e portuguesa¹⁵¹, cuja verossimilhança autoral dividia a opinião dos

¹⁵⁰ Em 2003, disse o escritor Carlos Heitor Cony, em entrevista a Roberta Scheibe: “Eu considero o melhor cronista brasileiro o Humberto de Campos, que hoje está completamente esquecido; porque ficou faltando na obra do Campos um romance, uma obra não subordinada ao tempo. Quando o Humberto de Campos morreu, em 1934, eu era criança, e o comércio do Rio de Janeiro fechou as portas. Era luto nacional que ninguém decretou. Isso porque todo mundo lia Humberto de Campos. Ele morreu cedo, com 48 anos, numa operação. Foi uma comoção. Ninguém chegou à popularidade de Humberto de Campos.” (*Apud* Scheibe, 2006, p. 39)

¹⁵¹ Antes de Chico Xavier, dois médiuns que se destacaram na produção de psicografias, em língua portuguesa, atribuídas a literatos de prestígio foram o português Fernando de Lacerda (1865-1918),

comentadores. Por outro lado, os romances atribuídos a Emmanuel, embora audaciosos¹⁵², não geravam discussões nos espaços laicos, visto que seu nome não reivindicava uma autoria previamente existente.

Nos anos 30, era comum a existência de colunas espíritas nos grandes jornais cariocas¹⁵³. Fred Figner, que escrevia para o *Correio da Manhã*, divulgava os escritos mediúnicos do jovem Chico Xavier assinados por Humberto de Campos. Assim, esses textos certamente eram lidos por parte do público do escritor maranhense, pois circulavam no jornal para o qual, anos antes, ele próprio escrevia. Ora, entre os primeiros leitores que levavam a sério as psicografias de Chico Xavier, a autoridade dos literatos de prestígio que apareciam como autores de seus textos gerava, para ele, credibilidade como psicógrafo, afinal, se ele fora capaz de atribuir autoria a algumas dezenas de “mortos” ilustres, seria capaz de dar voz a tantos outros autores do além-túmulo.

Com suas primeiras publicações, ele ganhara, do lado espírita, a confiança da FEB, que não só editava seus livros, mas também, pelo *Reformador*, defendia sua obra e respondia aos artigos que o criticavam. Em espaços laicos, ele atingia os leitores que se interessavam pela importação de literatos conhecidos para as páginas psicografadas. Naquela época, o poder simbólico dos literatos era enorme¹⁵⁴; além disso, diferentemente

que atribuiu textos a dezenas de autores europeus, em especial portugueses, e a brasileira Zilda Gama (1878-1969), que atribuiu cinco romances ao escritor francês Victor Hugo.

¹⁵² Digo audaciosos porque são romances históricos que apresentam um conjunto muito expressivo de conhecimentos a respeito de Roma no século I (Xavier, 1998c); de episódios do cristianismo nos séculos II (Xavier, 2003a) e III (Xavier, 2004); de países da Europa e da América no século XVII (Xavier, 1999); e da vida de São Paulo e de Estêvão (Xavier, 1998d). Chico Xavier, no entanto, sustentava nunca ter se debruçado sobre esses temas.

¹⁵³ No *Diário Carioca*, por exemplo, jornal que publicava crônicas de Humberto de Campos, havia uma coluna chamada “No mundo espírita”.

¹⁵⁴ Algumas capas de livros de Chico Xavier elaboradas pela FEB apresentavam ilustrações ou fotos de escritores famosos a quem os textos eram atribuídos. Por exemplo: a capa da primeira edição de *Parnaso de além-túmulo* (Xavier, 1932) expõe o busto de 13 poetas, dispostos sobre uma lira ou ao lado dela; a da segunda edição de *Volta Bocage...* (Xavier, 1959) exhibe um busto do poeta português; a da primeira edição de *Poetas redivivos* (Xavier, 1969) apresenta a ilustração de seis poetas, acima de uma mão que segura um lápis, representando a psicografia de Chico Xavier; a da terceira edição de *Eça de Queirós, póstumo* (Lacerda e Xavier, 1999) exhibe uma foto do escritor português. As últimas edições da série Humberto de Campos/Irmão X, no entanto, expõem uma foto do próprio Chico Xavier em uma parte da capa.

dos médiuns Fernando de Lacerda e Zilda Gama, que atribuíram textos a escritores europeus, Chico Xavier estava promovendo a nacionalização dos autores espirituais.

Favorecida pelo nome de Humberto de Campos, a divulgação do trabalho psicográfico de Chico Xavier, na grande imprensa, atingiu seu auge em 1944, quando a família do escritor recorreu à Justiça. A exposição que os jornais brasileiros deram ao insólito processo resultou em grande publicidade aos livros arrolados na ação declaratória. Em 1945, com o surgimento de Irmão X, Humberto de Campos deixou de figurar como autor de novos textos; por isso, os conflitos autorais se dissolveram e diminuiu o espaço comum entre as psicografias e a imprensa laica. Nessa época, porém, a situação era outra: Chico Xavier já dispunha de um expressivo público leitor e de maior autonomia para desenvolver sua literatura doutrinal. Entre 1932 e 1944, portanto, observamos a construção da autoridade de Chico Xavier, amparado por bens simbólicos do espaço cultural laico: autores de prestígio, cujas obras serviam de parâmetro para a avaliação de sua capacidade mediúnica¹⁵⁵. Após essa etapa, ganham o primeiro plano de seus textos autores pouco conhecidos ou antes anônimos. Neste rol, os dois mais proeminentes são André Luiz, cuja série tem início em 1944, com o livro *Nosso lar*, e Emmanuel, que assina a maior parte dos prefácios dos livros de Chico Xavier e a quem são atribuídos mais de 100 livros.

Voltemos a Humberto de Campos. Como vimos no primeiro capítulo, após sua morte, em 1934, o interesse dos leitores e da crítica por sua obra não durou tanto tempo¹⁵⁶; algumas décadas depois, o autor caiu em esquecimento. Outro destino, porém, tiveram os livros mediúnicos atribuídos ao escritor maranhense, que continuam sendo reeditados e comentados na imprensa espírita. Notamos, assim, um curioso fenômeno de transferência autoral: Humberto de Campos, cuja popularidade alavancara a reputação de Chico Xavier como psicógrafo, não sobreviveu no campo literário; mas, na obra do médium mineiro, ele continua desempenhando a função de autor espiritual.

¹⁵⁵ O prefácio de Manuel Quintão para a primeira edição de *Parnaso de além-túmulo* deixa claro esse critério.

¹⁵⁶ Lembremos que, por cerca de dez anos, a partir de 1933, Humberto de Campos foi o *best-seller* da Livraria José Olympio. Esse período abrange o da publicação dos livros da série mediúnica anteriores ao processo de 1944.

Semelhantes transferências autorais ocorreram com muitos outros literatos. Poetas como Casimiro Cunha, Auta de Souza e Carmen Cinira, pouco ou nada conhecidos atualmente nos ambientes literários, possuem destacado espaço nas páginas de Chico Xavier. O intercâmbio entre esses diferentes territórios culturais, o laico e o espírita, possibilita agora um caminho inverso: lê-se primeiramente um texto mediúnico atribuído a determinado escritor e, depois, sua obra oficial¹⁵⁷, à qual o leitor é remetido pelo nome do autor e por sínteses bibliográficas fornecidas em livros de Chico Xavier (cf. Xavier, 1982a; Xavier e Vieira, 1990). Isso porque os textos do médium se tornaram bem mais conhecidos e acessíveis do que os da maior parte dos autores a quem são atribuídos.

¹⁵⁷ Há freqüentes registros desse trânsito – da obra mediúnica para a obra oficial dos autores – em publicações espíritas. Ver, por exemplo, Rizzini, 1992. Elias Barbosa, que escreveu *Humberto de Campos e Chico Xavier: a mecânica do estilo* (2005), disse-me, em entrevista por *e-mail*, em abril de 2006: “somente em julho de 1956 é que pude ler alguns livros de Humberto de Campos, deixados por ele, neste mundo. Desde os meus quinze anos de idade (1949), já havia lido textos de Humberto de Campos, através de Chico Xavier.”

4. UM ESPAÇO MEDIÚNICO DE ENUNCIÇÃO

Comentamos que, atualmente, no Brasil, os livros de Chico Xavier continuam sendo muito lidos e reeditados. São referências obrigatórias em publicações espíritas, que, via de regra, admitem como verdadeira a autoria espiritual dos textos. Além disso, do século XX, são os mais valorizados pelos espíritas formadores de opinião¹⁵⁸. Pode-se dizer que, dentro de seu espaço de destinação, esses livros se firmaram como mediúnicos e, por isso, funcionam como tal.

No segundo capítulo, observamos que os livros atribuídos a Humberto de Campos geraram leituras bastante divergentes, por causa da estranhável gênese autoral assumida por Chico Xavier, quando levamos em conta a repercussão dos textos em espaços laicos. Na época, vários comentadores supunham, equivocadamente, que bastava uma leitura atenta para descobrir se a alegação do médium era falsa ou verdadeira, como se fosse direta e sem percalços extratextuais a relação entre texto escrito e autor. Na verdade, a informação prévia da atribuição de autoria a um escritor “morto” aciona, necessariamente, nos leitores teorias a respeito do *post-mortem*¹⁵⁹ – o que acontece após a morte? – ou a respeito dos fenômenos mediúnicos, através das quais os textos são interpretados, num movimento de mão dupla: a teoria tende a moldar a leitura¹⁶⁰, mas a leitura pode reformular a teoria¹⁶¹.

¹⁵⁸ Em 1999, as Organizações Candeia realizaram uma enquete para a seleção dos dez melhores livros espíritas publicados no século XX. O júri era formado por escritores, dirigentes e presidentes de instituições espíritas brasileiras. Dentre os dez livros escolhidos, oito são mediúnicos: sete de Chico Xavier (um deles em parceria com Waldo Vieira) e um de Yvonne Pereira; dos dois não mediúnicos, um é de Herculano Pires e o outro, o único estrangeiro, de Léon Denis.

¹⁵⁹ Nesse campo, competem entre si várias correntes teóricas materialistas, espiritualistas e religiosas.

¹⁶⁰ A leitura e a teoria, aqui, equivalem, respectivamente, aos níveis 1 e 2 da apreensão do texto, conforme estabelecemos no item 2 do segundo capítulo.

¹⁶¹ Ao comentar uma tese de Roman Ingarden, Compagnon salienta que não existe leitura transparente, neutra. O sentido do texto é efetivado pelo leitor, que vai até ele com seus próprios valores e normas. Nada impede, porém, que a experiência da leitura modifique sua pré-compreensão. “A leitura procede, pois, em duas direções ao mesmo tempo, para frente e para trás, sendo que um critério de coerência existe no princípio da pesquisa do sentido e das revisões

Ora, o estabelecimento do lugar do autor na série mediúnica, como notamos no item “Complicações de uma estranha autoria”, decorre da articulação entre teoria e texto.

Nesse sentido, a série levava, para a teoria kardecista, leitores que se interessavam por uma curiosa literatura de além-túmulo. Vejamos por quê. Entre os comentadores da série que, nos anos 30 e 40, não admitiam a autoria espiritual, prevalecia a idéia do pastiche: Humberto de Campos era entendido como um autor textual construído por Chico Xavier, consciente ou inconscientemente. Sob essa compreensão, os livros tendiam a ser deixados de lado, pois funcionavam como jogos literários com pano de fundo espírita, os quais não entreteriam muita gente e logo seriam esquecidos. A leitura oposta, em conformidade com os paratextos dos livros, presumia Humberto de Campos como autor espiritual, intermediado pela mediunidade de Chico Xavier. Esse entendimento reforçava os pactos de leitura¹⁶² – entre os quais, este: quem fala é o autor espiritual – que, no Brasil, haviam instaurado um espaço mediúnico de enunciação, que resulta do triângulo médium/autor espiritual, obra e público¹⁶³. Nesse contexto, os leitores que admitiam a pertinência dos textos psicografados eram encaminhados, direta ou indiretamente, à teoria espírita. Afinal, a autoria da série foi assimilada como espiritual, pelo público que a lê, por conta da articulação entre determinadas leituras do texto¹⁶⁴ e a teoria kardecista, que sistematizou as noções de mediunidade e do *post-mortem* nas quais se assenta o modelo de interpretação que predominou.

Como dissemos acima, após o caso Humberto de Campos, Chico Xavier conquistara grande prestígio como psicógrafo perante seu público leitor. Cabe notar que, nesse universo

contínuas pelas quais a leitura garante uma significação totalizante à nossa experiência.” (Compagnon, 2003, p. 149)

¹⁶² Sobre as noções de pactos de leitura, ver Lejeune, 1996.

¹⁶³ Antes de Chico Xavier, havia já um público leitor de textos mediúnicos no país, mas foi a singular repercussão dos livros do médium mineiro que determinou o grande salto nesse campo. Ao longo do século XX, muitos outros médiuns também ganharam notoriedade. Na segunda metade do século, a arte mediúnica tornar-se-ia um “verdadeiro fenômeno social” (Aubrée e Laplantine, 1990, p. 225). A idéia do triângulo médium/autor espiritual, obra e público que presume a autoria mediúnica foi inspirada em Candido, 1997.

¹⁶⁴ Refiro-me, principalmente, às leituras encampadas e divulgadas pela FEB, que consideraram válida a atribuição de autoria a Humberto de Campos e, por isso, iniciaram a publicação da série. Ver, por exemplo, Timponi, 1978, e Xavier, 1998a.

espiritualista, o grau de autoridade de que um médium dispõe interfere, decisivamente, na acolhida dos textos que produz, de modo que, suponhamos, os resultados da parceria “autor espiritual x segundo o médium y” serão diferentes dos resultados da parceria “autor espiritual x segundo o médium z”, caso esses dois médiuns não possuam um grau similar de confiabilidade. Esse dado, que é notório no espiritismo brasileiro, foi chamado de “interautoria” por Bernardo Lewgoy: “a interautoria pressupõe uma escrita compartilhada, com inarredáveis influências de ambos os lados do trabalho mediúnico.” (Lewgoy, 2000, p. 145). A metáfora da tradução – o autor espiritual x traduzido pelo médium y – ilustra também essa combinação entre as duas partes, distinta, portanto, da idéia de um autor espiritual autônomo, quando se supõe transparente o médium.

A série que estudamos faz parte desse campo literário espírita, no qual não apenas a noção de autor é particular. Embora, como indicamos no início do capítulo, vários de seus elementos procedam dos âmbitos laicos, eles assumem novos contornos e novos sentidos em sua imersão espiritualista. Desse modo, também as noções de literatura, de mundo, de leitor, de estilo são peculiares, quando comparadas com as noções da literatura tradicional. Seus critérios de valoração são igualmente diferentes. Da relação entre esses fatores, emerge uma hermenêutica específica. No entanto, a descrição e o entendimento desta constituiriam um outro tema de pesquisa; por sinal, bem mais amplo do que este nosso estudo.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi estudar o funcionamento autoral dos livros que Chico Xavier atribuiu a Humberto de Campos e a Irmão X. Ao longo da pesquisa, debruçamo-nos sobre vários dos aspectos relacionados com a autoria dessa série. O capítulo inicial foi concebido para situar o escritor a quem os textos foram atribuídos. Podemos notar, a título de curiosidade, algumas semelhanças entre Humberto de Campos e Chico Xavier: ambos nasceram em pequenas cidades do interior brasileiro; foram autodidatas; ficaram órfãos na infância; foram balconistas do pequeno comércio; eram mulatos; passaram por sérias dificuldades financeiras; tiveram problemas de saúde desde cedo; desenvolveram suas atividades de modo obstinado; perderam a visão de um olho; muito escreveram e, por suas publicações, ganharam notoriedade: um como cronista e memorialista, o outro, como psicógrafo.

No capítulo “Humberto de Campos nas páginas de Chico Xavier”, focalizamos sucintamente o médium mineiro e estudamos o histórico da atribuição de autoria referente à série em questão. O início desta ocorreu em Pedro Leopoldo, quando Chico Xavier estava às vésperas dos 25 anos; e o último volume da série da FEB foi publicado quando ele estava perto dos 60.

O exame da recepção dos cinco primeiros livros da série, que foram comentados na imprensa laica, permitiu a identificação de pontos importantes suscitados pela incomum configuração autoral sustentada por Chico Xavier e por seus editores. Demonstramos que não é pertinente a pressuposição de que, por meio apenas de fatores textuais, seja possível autenticar ou refutar a alegação do médium. Com efeito, mostramos que os textos colocam à tona a discussão a respeito do *post-mortem*, assunto tabu que, nos ambientes acadêmicos de nossa sociedade, costuma ser relegado a domínios metafísicos ou religiosos. Concluímos, pois, que os veredictos taxativos para a identificação do autor são possíveis somente com a assunção de uma determinada teoria sobre o *post-mortem* ou sobre o

fenômeno mediúnico. Quando, no debate autoral, ignora-se a relação entre teoria e texto, percebemos que a apreensão deste é bastante escorregadia, mesmo entre leitores especialistas.

Detivemo-nos também no processo de 1944, pelo qual os herdeiros do escritor solicitaram à Justiça um laudo que determinasse se o espírito do escritor era ou não o autor dos livros a ele atribuídos. Acompanhamos alguns pontos do conflito judicial, que explicitou uma rede de temas problematizados pela série mediúnica: os direitos autorais e a atribuição de autoria; as relações entre autor e texto escrito; o lugar simbólico ocupado por autores famosos; os fenômenos espíritos e as hipóteses para sua explicação; a liberdade religiosa etc. Quanto à repercussão dos textos entre os familiares de Humberto de Campos, salientamos que, principalmente no caso das cartas a eles dirigidas, Chico Xavier e seus editores tiveram de assumir delicadas decisões éticas¹⁶⁵.

Com base em cartas não mediúnicas de Chico Xavier, pudemos entrever algumas de suas reações ao processo judicial e, também, observar como se davam os entendimentos com Antônio Wantuil de Freitas, seu editor da FEB no período do caso Humberto de Campos. Ainda por meio dessas cartas, examinamos uma outra atribuição de autoria, na qual os responsáveis pelo livro *Voltei* se precaveram contra um possível novo litígio.

A respeito dos aspectos textuais da representação autoral da série, estudamo-los no terceiro e quarto capítulos. Identificamos os principais procedimentos adotados na construção da alegada autoria espiritual dos textos, especialmente as maneiras como o autor apresenta uma experiência da morte e as estratégias de que lançou mão para obter um efeito de sobrevivência, isto é, para causar a impressão de que quem fala é, não o autor empírico, mas sim o autor espiritual. Entre os pontos explorados pelo autor da série para alcançar tal efeito, o que mais nos chamou a atenção foi a utilização de muitos elementos da obra de Humberto de Campos e de suas referências de leitura. Após identificar essa prática, aprofundamo-nos em sua apreensão, com apoio da noção de intertextualidade implícita. Tal

¹⁶⁵ Diferentemente das famosas cartas mediúnicas que Chico Xavier produzia e entregava a centenas de familiares de falecidos que as requisitavam, as missivas dirigidas à mãe e aos filhos de Humberto de Campos não foram solicitadas por eles, segundo o que consegui apurar.

elaboração, que é ostensiva em alguns textos da série, foi exemplificada principalmente no quarto capítulo.

Percebemos que, nos três primeiros livros da série e no primeiro atribuído a Irmão X, o autor se empenhou para estabelecer um insistente diálogo com o repertório cultural de Humberto de Campos, no qual se demonstra um perito. Interpretamos esse intercâmbio textual como um meio de o autor justificar sua alegada proveniência. Não se deve esquecer, por outro lado, que a série é marcadamente espírita, ao contrário da obra de Humberto de Campos. Nesse sentido, os textos se movimentam para trás, com o uso dos referidos ganchos intertextuais, e sobretudo para frente, ao desenvolver uma literatura de caráter doutrinal.

Em “Lugares da autoria”, observamos as relações entre a atribuição de textos mediúnicos a escritores renomados e a construção da autoridade de Chico Xavier como psicógrafo. Além disso, indicamos as peculiaridades da configuração autoral da série estudada, levando em conta três fatores: as alegações de Chico Xavier, os elementos textuais anteriormente destacados e como a série foi assimilada por seus comentadores e por seu público leitor. Notamos também que, no espaço cultural espírita dentro do qual a série circula, a teoria kardecista fornece sua inteligibilidade ao conjunto dos textos psicografados. Esta combinação instaurou, no Brasil, um espaço mediúnico de enunciação: como dissemos no início da Introdução, os textos são escritos por pessoas consideradas médiuns e atribuídos aos espíritos de escritores “mortos”; os editores assumem a autenticidade da atribuição e os leitores lêem os textos presumindo que os autores são os espíritos. Embora a tenhamos avistado, não chegamos a analisar essa temática¹⁶⁶, além dos contornos a que fomos levados pelo estudo mais detido da série atribuída a Humberto de Campos e a Irmão X.

No cômputo geral, acredito que o trabalho tenha levantado muitas questões, multidisciplinares, que continuam em aberto, à espera de novas pesquisas. Por fim,

¹⁶⁶ Refiro-me às peculiares noções de literatura, autor, leitor, mundo e valor que caracterizam o campo literário espírita.

parafraseio um trecho da crônica “Como cantam os mortos”, de Humberto de Campos: a obra de Chico Xavier, assim como a de outros médiuns, merecem, como se vê, a atenção dos estudiosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMS, M. H. (1971) *The mirror and the lamp*. Oxford: Oxford University.

ANDRADE, Carlos Drummond de. (1980) “Eu fui um homem qualquer”. *Veja*, 19 de novembro de 1980.

ATHAÍDE, Tristão de. (1992) “Humberto de Campos”. In: *Enciclopédia Luso-brasileira de Cultura*, volume 4. Lisboa: Verbo, p. 708.

AUBRÉE, Marion; LAPLANTINE, François. (1990) *La table, le livre, et les esprits: naissance, évolution et atualité du mouvement social spirite entre France et Brésil*. Paris: J. C. Lattès.

BARBOSA, Elias. (1976) “Espiritismo nas obras completas de Humberto de Campos”. In: *Anuário Espírita 1976*. Araras: IDE.

—. (1997) *No mundo de Chico Xavier*. 9. ed. Araras: IDE.

—. (2005) *Humberto de Campos e Chico Xavier: a mecânica do estilo*. Araras: IDE.

BARROS, Jayme de. (1941) “Uma vida heróica”. *Suplemento literário de “A Manhã”*, 7 de dezembro de 1941.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. (1997) “O quase silêncio da história: a literatura espírita e a crítica literária brasileira”. In: AGUIAR, Flávio *et alii*. *Gêneros de fronteira – Cruzamentos entre o histórico e o literário*. São Paulo: Editora Xamã, p. 295-323.

BEZERRA, João Clímaco. (1979) *Humberto de Campos: Textos escolhidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir.

BILAC, Olavo. (1919) *Tarde*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

- BORBA, Osório. (1959) “As roupas de baixo da Glória”. In: *A comédia literária*, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BORDIEU, Pierre. (1996) “O mercado dos bens simbólicos”. In: *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, p. 162-199.
- BOSI, Alfredo. (1967) “Rui, Euclides e outras vozes da cultura”. In: *O pré-modernismo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, p. 113-146.
- BOZZANO, Ernesto. (1998) *Literatura de além-túmulo*. Tradução Francisco Klörs Werneck. Niterói: Lachâtre.
- BROCA, Brito. (1953) *A vida literária no Brasil – 1900*. São Paulo: MEC.
- . (1981) *Ensaio da mão canhestra*. São Paulo: Polis.
- . (1991a) *Naturalistas, parnasianos e decadistas*. Campinas: Ed. Unicamp.
- . (1991b) *Papéis de Alceste*. Campinas: Ed. Unicamp.
- BRUNO, Ernani Silva. (1986) “À margem do centenário de Humberto de Campos”. *O Estado de São Paulo*, 25 de outubro de 1986 (obtido do acervo do CEDAE/UNICAMP).
- BURKE, Peter. (2001) “A propriedade das idéias”. *Folha de S. Paulo*, 24 de junho de 2001. Caderno Mais! p. 16-17.
- CALDWELL, Helen. (1960) *The Brazilian Othello of Machado de Assis. A Study of “Dom Casmurro”*. Berkeley: University of California.
- CAMARGO, Candido Procópio Ferreira de. (1961) *Kardecismo e umbanda: uma interpretação sociológica*. São Paulo: Pioneira.
- CAMPOS, Humberto de. (1919) Carta a Monteiro Lobato, 31 de maio de 1919. Acervo CEDAE/UNICAMP.

- . (1932a) “Poetas do outro mundo”. *Diário Carioca*, 10 de julho de 1932.
- . (1932b) “Como cantam os mortos...”. *Diário Carioca*, 12 de julho de 1932.
- . (1944a) *A serpente de bronze* (série Conselheiro XX). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson.
- . (1944b) *O arco de Esopo* (série Conselheiro XX). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson.
- . (1944c) *Alcova e salão* (série Conselheiro XX). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson.
- . (1949) *Fatos e feitos*. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira.
- . (1951) *Pombos de Maomé* (série Conselheiro XX). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson.
- . (1953) *Vale de Josafá* (série Conselheiro XX). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson.
- . (1954a) *Diário secreto*, volume I. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro.
- . (1954b) *Diário secreto*, volume II. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro.
- . (1954c) *Gansos do capitólio* (série Conselheiro XX). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson.
- . (1954d) *A funda de Davi* (série Conselheiro XX). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson.
- . (1954e) *Grãos de mostarda* (série Conselheiro XX). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson.

- . (1960a) *Poesias completas*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960b) *Da seara de Booz*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960c) *Mealheiro de Agripa*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960d) *Os párias*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960e) *Lagartas e libélulas*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960f) *Sombras que sofrem*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960g) *Destinos...* Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960h) *Sepultando os meus mortos*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960i) *Notas de um diarista*, I série. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960j) *Notas de um diarista*, II série. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960k) *Reminiscências...* Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960l) *Um sonho de pobre*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960m) *Contrastes*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.

- . (1960n) *Perfis*, I série. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960o) *Perfis*, II série. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960p) *Últimas crônicas*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960q) *Memórias*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960r) *Memórias inacabadas*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960s) *Fragmentos de um diário*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960t) *Carvalhos e roseiras*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960u) *Crítica*, I série. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960v) *Crítica*, II série. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960w) *Crítica*, III série. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960x) *Crítica*, IV série. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.
- . (1960y) *O monstro e outros contos*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.

—. (1960z) *À sombra das tamareiras*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.

—. (org.) (1960aa) *O Brasil anedótico*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.

—. (org.) (1960ab) *Antologia da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.

—. (1960ac) *O conceito e a imagem na poesia brasileira*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.

—. (1960ad) *Antologia dos humoristas galantes* (série Conselheiro XX). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.

—. (1962) *Tonel de Diógenes* (série Conselheiro XX). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife: Editora Mérito.

—. (1967) *A bacia de Pilatos* (série Conselheiro XX). Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: Editora Mérito.

CAMPOS FILHO, Humberto de. (1997) *Irmão X, meu pai*, 2. ed. São Paulo: Lúmen Editorial.

CANDIDO, Antonio. (1997) *Formação da literatura no Brasil* (Momentos decisivos), volume 1, 8. ed. Belo Horizonte, Rio de Janeiro: Itatiaia.

CASA EDISON. In: Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/>. Acesso: 3 de julho de 2007.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. (1983) *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Rio de Janeiro: Zahar.

CHARTIER, Roger. (1994) “Comunidade de leitores”; “Figuras do autor”. In: *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p. 11-65.

—. (2001) *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed.

CHINELLATO, Thais Montenegro. (1993) *O espírito da paraliteratura — um estudo da obra psicográfica de John Wilmot Rochester* (texto da dissertação de mestrado, ECA-USP). São Paulo: Radhu.

CHRISTOFE, Lilian. (1996) *Intertextualidade e plágio: questões de linguagem e autoria*. Tese de doutorado em Lingüística. Campinas, IEL, Unicamp.

—. (1998) “A noção de autor”. *Estudos Lingüísticos*, XXVII, São José do Rio Preto, p. 569-573.

COMPAGNON, Antoine. (2003) *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

—. *Qu’est-ce qu’un auteur?: cours d’Antoine Compagnon*. Disponível em: <http://www.fabula.org/compagnon/auteur.php>. Acesso: 30 de março de 2007.

CORRÊA, Nereu. (1986) “Humberto de Campos e o modernismo”. *O Estado de S. Paulo*, 25 de outubro de 1986, p. 7 (obtido do acervo do CEDAE/UNICAMP).

COULANGES, Fustel. (1871) “La politique d’envahissement: Louvois et M. de Bismarck”. In: *Revue des deux mondes*. Tome XCI. Paris: Bureau de La Revue des deux monde, janeiro.

—. (1893) *Questions historiques*. Paris: Librairie Hachette.

DAMAZIO, Sylvia F. (1994) *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

DANTAS, Júlio. (1941) “Memórias”. *Suplemento literário de “A Manhã”*, 7 de dezembro de 1941.

ECO, Umberto. (1994) *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução Heidegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras.

{Editor do *Reformador*}. “Chronicas de além-túmulo”. In: *Reformador*, 1º de maio de 1935, p. 213-214.

ESPINDOLA, Dulcinéa. (2005) *De Miritiba a Humberto de Campos: trajetória histórica*. São Luís, Lithograf.

FERNANDES, Magali Oliveira. (2001) *Chico Xavier em comunicação: personagem, biografias, edições e psicografia*. Tese de doutorado em Comunicação e Semiótica. São Paulo, PUC.

FLOURNOY, Theodore. (1900) *From India to the planet Mars*. New York: Harper Brothers.

FOUCAULT, Michel. (2000) *O que é um autor?* 4. ed. Tradução António Fernando Cascais; Eduardo Cordeiro. Alpiarça: Passagens.

FRANCESCHI, Humberto M. (2002) *A casa Edison e seu tempo*. Rio de Janeiro: Sarapuí.

FRED FIGNER. In: Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <http://www.dicionariompb.com.br/>. Acesso: 3 de julho de 2007.

FRIEIRO, Eduardo. (1950) *Páginas de crítica e outros estudos*. Belo Horizonte: Itatiaia.

- GAMA, Zilda. (2007) *Na sombra e na luz* [Victor Hugo]¹⁶⁷. Rio de Janeiro: FEB.
- GENETTE, Gérard. (1982) *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Seuil.
- GINZBURG, Carlo. (1991) “Sinais: raízes de um paradigma indiciário”. In: —. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras.
- GIUMBELLI, Emerson. (1997) *O cuidado dos mortos: uma história da condenação e da legitimação do espiritismo*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- GONZAGA, Marcílio. (1944) “Palavras de Humberto de Campos”. *Reformador*, agosto de 1944, p. 174.
- GORGULHO, Gilberto da Silva; STORNILO, Ivo; ANDERSON, Ana Flora (coordenadores). (1995) *A Bíblia de Jerusalém*. Tradução Euclides Martins Balancin *et alii*. São Paulo: Paulus.
- GRIECO, Agrippino. (1948) *Gente nova do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 119.
- . (1947) “Os poetas da Academia”. In: *Evolução da poesia brasileira*, 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, p. 90-94.
- GUTIEREZ, Grégory; MAILLARD, Nicolas. (2005) *Les aventuriers de l’esprit: une histoire de la parapsychologie*. Paris: Presses du Châtelet.
- HALLEWELL, Laurence. (1985) *O livro no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo.
- HALUCH, Aline. (2005) “A Maçã e a renovação do design editorial na década de 1920”. In: CARDOSO, Rafael (org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify.

¹⁶⁷ No caso dos livros mediúnicos, indico, entre colchetes, após o título do volume, o nome do autor a quem o texto é atribuído.

HOMERO. (2000) *Odisséia*, 3. ed. Tradução Odorico Mendes. Edição de Antônio Medina Rodrigues. São Paulo: Ars Poetica: Edusp.

HORÁCIO. “Ars Poetica”. Disponível em:

<http://www.thelatinlibrary.com/horace/arspoet.shtml>. Acesso: 17 de setembro de 2007.

—. “Carmen Saeculare”. Disponível em:

<http://www.thelatinlibrary.com/horace/carmsaec.shtml>. Acesso: 17 de setembro de 2007.

—. *Odes and Epodes*. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/etext/9646>. Acesso: 17 de setembro de 2007.

HUGO, Victor. (1975) “Ce que dit la Table”. In: CHAMBELLAND, Guy (Direction). *Le pont de l'épée*. Montpellier, 1º trimestre de 1975, p. 2-88.

HUMBERTO DE CAMPOS. In: Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso: 11 mar. 2007.

HUMBERTO DE CAMPOS. In: Livraria virtual da Federação Espírita Brasileira. Disponível em: <http://www.feblivraria.com.br/>. Acesso: 25 de junho de 2007.

HUMBERTO DE CAMPOS. In: Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística (NUPILL). Disponível em: <http://www.nupill.org/>. Acesso: 27/1/2008.

“Humberto de Campos”. (1957) *Reformador*, fevereiro de 1957, p. 39.

IMBASSAHY, Carlos. (1944) “Um artigo do sr. Osório Borba”. *Reformador*, novembro de 1944, p. 254-256.

IMBERT, Patrick. (1984) “‘La Comédie humaine’ en sept pages: Balzac pastiché par Proust”. *L'Année Balzacienne*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 376-392.

KARDEC, Allan. (1995) *O livro dos médiuns*, 61. ed. Tradução Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB.

—. (1998) *O livro dos espíritos*, 80. ed. Tradução Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. (2007) *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez.

LACERDA, Fernando de. (1990) *Do país da luz*, volume 1 [Diversos autores], 7. ed. Rio de Janeiro: FEB.

LACERDA, Fernando de; XAVIER, Francisco Cândido. (1999) *Eça de Queirós, póstumo* [Eça de Queirós], 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

LEÃO, Múcio. (1937) “Discurso do sr. Múcio Leão”. In: Academia Brasileira de Letras. *Discursos acadêmicos (1935-1936)*. Volume IX. Rio de Janeiro: Editora ABC, p. 95-137.

—. (1941) “Crepúsculo e glorificação”. *Suplemento literário de “A Manhã”*, 7 de dezembro de 1941.

LEBERT, Maria de Lourdes. (1956) *Humberto de Campos*. São Paulo: Melhoramentos.

LEJEUNE, Philippe. (1996) *Le pacte autobiographique*, nouvelle édition augmentée. Paris: Seuil.

LEWGOY, Bernardo. (2000) *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista*. Tese de doutorado. FFLCH, USP.

—. (2004) *O grande mediador: Chico Xavier e a cultura brasileira*. Bauru, SP: Edusc.

LIGNANI, Ângela Maria de Oliveira. (2000) *Psicografia e inscrições discursivas: a escrita de Chico Xavier*. Dissertação de mestrado, UFMG.

LIMA, Herman. (1941) “Humberto de Campos e o homem dos miolos de ouro”. *Suplemento literário de “A Manhã”*, 7 de dezembro de 1941.

LLORENTE, Don Juan Antonio. (1822) *Historia crítica de la Inquisición de España*. Tomo 2. Madrid: Imprenta del Censor. Volume digitalizado pelo Google Books.

- LOBATO, Monteiro. (1964) *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense.
- LOPES, Ana Cristina M.; REIS, Carlos. (1996) *Dicionário de narratologia*, 5^a ed. Coimbra: Livraria Almedina.
- LUCAS, Fábio. (1987) “A glória efêmera de Humberto de Campos”. *D.O. Leitura*, 5 de janeiro de 1987, p. 10-12.
- LUSTOSA, Isabel. (1993) *Brasil pelo método confuso: humor e boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MACHADO, Antonio de Alcântara. (1941) “O guri Humberto de Campos”. *Suplemento literário de “A Manhã”*, 7 de dezembro de 1941.
- MACHADO, Ubiratan. (1996). *Os intelectuais e o espiritismo*, 2. ed. Niterói: Lachâtre.
- . (2006) *Chico Xavier, uma vida de amor*, 5^a ed. Araras, SP: IDE.
- MAYA, Alcides. (1941) “Duas crônicas póstumas”. *Suplemento literário de “A Manhã”*, 7 de dezembro de 1941.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE. (1920) *Páginas de crítica*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo. “Humberto de Campos – ‘Poeira’ 2^a série”, p. 523-531.
- MICELI, Sergio. (2001) *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MIRIM, G. (1944) “Fala o líder”. *Reformador*, agosto de 1944, p. 168.
- MOISÉS, Massaud. (1997) *História da literatura brasileira*, 3. ed., volume IV. São Paulo: Cultrix.
- MONTELLO, Josué. (1987) *Diário da Tarde: 1957-1967*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MOTA JÚNIOR, Eliseu F. da. (1999) *Direito autoral na obra psicografada*. Franca, SP: A Nova Era.

OLIVEIRA, Almir de. (1990) *Humberto de Campos: um exemplo de vida*. Salvador, BA: Editora Universitária Americana.

{Organizações Candeia}. (2003) “Os melhores livros espíritas do século XX”. In: PIRES, Herculano. *O Espírito e o Tempo*, 8. ed. São Paulo: Paidéia, p. 230.

PENALVA, Gastão. (1939) “A Humberto de Campos – (onde estiver)”. *Jornal do Brasil*, 4 de outubro de 1939.

PEREIRA, Yvonne A. (1989) *Memórias de um suicida* [Camilo Castelo Branco], 15. ed. Rio de Janeiro: FEB.

—. (2006) *Pelos caminhos da mediunidade serena* (organização, prefácio e notas de Pedro Camilo). São Paulo: Lachâtre.

PICANÇO, Macário de Lemos. (1937) *Humberto de Campos*. Rio de Janeiro: Minerva.

PONTES, Eloy. (s/d) *Obra alheia*, 1ª série. Rio de Janeiro: Buenos Aires.

QUINTANA, Mario. (1977) *A vaca e o hipogrifo*. Porto Alegre: Garatuja.

RAMOS FILHO, Osmar. (1995) *O avesso de um Balzac contemporâneo: arqueologia de um pasticho*. Niterói: Lachâtre.

REIS, Roberto (coordenador). (1986) *O miolo e o pão: estudo crítico e antologia de Humberto de Campos*. Niterói: Universidade Federal Fluminense; Brasília, INL.

RENAN, Ernest. (1894) *Les Apôtres*, 13. ed. Paris: Calmann Lévy.

RENAN, Ernest. *Souvenirs d'enfance et de jeunesse*. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/>. Acesso: 19 de novembro de 2007.

RIBEIRO, João. (1957) “Humberto de Campos”. In: *Crítica*, volume II. Rio de Janeiro: Edição da Academia Brasileira de Letras, p. 85-96.

—. (1959) “Humberto de Campos”. In: *Crítica*, volume IV. Rio de Janeiro: Edição da Academia Brasileira de Letras, p. 157-163.

RIZZINI, Jorge. (1992) *Escritores e fantasmas*, 2. ed. São Bernardo do Campo: Ed. Correio Fraternal.

ROCHA, Alexandre Caroli. (2001) *A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo*. Dissertação de mestrado. Campinas, IEL, Unicamp.

ROCHA, Hildon. (1986) “O carisma perdido e a solidão da história”. *O Estado de S. Paulo*, 25 de outubro de 1986, p. 8-9 (obtido do acervo do CEDAE/UNICAMP).

SALIBA, Elias Thomé. (2002) *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras.

SCHEIBE, Roberta. (2006) *A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto de Campos*. Dissertação de mestrado. Passo Fundo, IFCH, UPF.

SCHUBERT, Suely Caldas. (1991) *Testemunhos de Chico Xavier*, 2. ed. Rio de Janeiro: FEB.

SOUTO MAIOR, Marcel. (2003) *As vidas de Chico Xavier*, 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Planeta.

—. (2004) *Por trás do véu de Ísis: uma investigação sobre a comunicação entre vivos e mortos*. São Paulo: Planeta.

STOLL, Sandra Jacqueline. (2003) *Espiritismo à brasileira*. São Paulo: Edusp; Curitiba: Orion.

TIMPONI, Miguel. (1978) *A psicografia ante os tribunais*, 5. ed. Rio de Janeiro: FEB.

TÚFFERY, Stéphane. “Petite histoire du pastiche dans la littérature française”. Disponível em: <http://style.modedemploi.free.fr/course.html>. Acesso: 20/1/2008.

VIEIRA, Hermes. (s/d) *Humberto de Campos e sua expressão literária*. São Paulo: Cultura Moderna.

VIEIRA, Padre Antônio. (2001) “Sermão da Primeira Dominga da Quaresma”. In: —. *Sermões*. Tomo 2. (Org. Alcir Pécora). São Paulo: Hedra, p. 453-466.

VIEIRA, Waldo. (1965) *Cristo espera por ti* [Honoré de Balzac]. Uberaba: CEC.

—. (1986) *Projeciologia*: panorama das experiências da consciência fora do corpo humano. Rio de Janeiro: Edição do Autor.

—. (2007) *Cristo espera por ti* [Honoré de Balzac]. Edição crítica e comentada por Osmar Ramos Filho. Foz do Iguaçu: Editares.

WANTUIL, Zêus (org.). (1990) *Grandes espíritos do Brasil*, 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

WANTUIL, Zêus. (1994) *As mesas girantes e o espiritismo*, 3. ed. Rio de Janeiro: FEB.

WELLEK, René; WARREN, Austin. (1966) *Teoría literaria*, 4. ed. Madrid: Gredos.

WELLS, Herbert George. (2004) “Em terra de cego”. Tradução Renato Pompeu. In: CALVINO, Italo (org.). *Contos fantásticos do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 493-517.

WILDE, Oscar. “Poems in prose”. In: *Essays and Lectures*. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/etext/774>. Acesso: 8 de outubro de 2007.

WOODMANSEE, Martha. (1994) “Genius and the copyright”. In: *The author, art, and the market: rereading the history of aesthetics*. New York, Columbia University Press, p. 34-56.

XAVIER, Francisco Cândido. (1932) *Parnaso de além-túmulo* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.

- . (1933) “Aos críticos do ‘Parnaso de além-túmulo’” [Eça de Queirós]. *Reformador*, p. 177-179.
- . (1937) “Maio” [Humberto de Campos]. *Reformador*, 1º de julho de 1937, p. 277-278.
- . (1940a) “Cristãos infiéis” [Humberto de Campos]. *Reformador*, julho de 1940, p. 154-155.
- . (1940b) “Ante a nova guerra” [Humberto de Campos]. *Reformador*, julho de 1940, p. 164-165.
- . (1941) “A vós que ouvis” [Humberto de Campos]. *Reformador*, junho de 1941, p. 142-143.
- . (1942) “De pé os mortos” [Humberto de Campos]. *Reformador*, setembro de 1942, p. 208-209.
- . (1945) “Conquista e Liberdade” [Irmão X]. *Reformador*, maio de 1945, p. 94-95.
- . (1959) *Volta Bocage...* [Manuel Maria de Barbosa du Bocage], 2. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1969) *Poetas redivivos* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1982a) *Parnaso de além-túmulo* [Diversos autores]. Edição comentada por Elias Barbosa. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1982b) *Palavras do infinito* [Diversos autores], 6. ed. São Paulo: Lake.
- . (1984) *Cartas de uma morta* [Maria João de Deus], 9. ed. São Paulo: Lake.
- . (1993) *Luz acima* [Irmão X], 8. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1994a) *Parnaso de além-túmulo* [Diversos autores], 14. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1994b) *Pontos e contos* [Irmão X], 9. ed. Rio de Janeiro: FEB.

- . (1994c) *Estante da vida* [Irmão X], 6. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1995a) *Novas mensagens* [Humberto de Campos], 10. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1995b) *Lázaro redivivo* [Irmão X], 10. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1995c) *Contos e apólogos* [Irmão X], 8. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1995d) *Contos desta e doutra vida* [Irmão X], 10. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1996) *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* [Humberto de Campos], 22. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1997a) *Reportagens do além-túmulo* [Humberto de Campos], 9. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1997b) *Voltei* [Irmão Jacob], 18. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1998a) *Crônicas de além-túmulo* [Humberto de Campos], 13. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1998b) *Boa nova* [Humberto de Campos], 23. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1998c) *Há dois mil anos: episódios da história do Cristianismo no século I* [Emmanuel], 31. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1998d) *Paulo e Estêvão: episódios históricos do Cristianismo primitivo* [Emmanuel], 31. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (1999) *Renúncia* [Emmanuel], 26. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (2002a) *Falando à Terra* [Diversos autores], 6. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (2002b) *Cartas e crônicas* [Irmão X], 10. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (2003a) *50 anos depois: episódios da história do Cristianismo no século II* [Emmanuel], 31. ed. Rio de Janeiro: FEB.

- . (2003b) *Vozes do grande além* [Diversos autores], 5. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (2004) *Ave, Cristo!*: episódios da história do Cristianismo no século III [Emmanuel], 21. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (2005) *Instruções psicofônicas* [Diversos autores], 8. ed. Rio de Janeiro: FEB.
- . (2006) *Sementeira de luz* [Arthur Joviano] (org. Wanda Amorim Joviano). Belo Horizonte: Vinha de Luz.
- . (2007) *Deus conosco* [Emmanuel] (org. e anot. Wanda Amorim Joviano; Geraldo Lemos Neto). Belo Horizonte: Vinha de Luz.
- XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. (1990) *Antologia dos imortais* [Diversos autores], 3. ed. (org. e anot. Elias Barbosa). Rio de Janeiro: FEB.
- ZILBERMAN, Regina. (2004) “Leitura e modernidade no Brasil, ou: o nascimento do autor brasileiro”. In: *Estudos Portugueses*, nº 7. Recife: Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano, p. 49-65.

Anexo

RELAÇÃO DOS 100 PRIMEIROS LIVROS DE CHICO XAVIER¹⁶⁸, EM ORDEM CRONOLÓGICA DE PUBLICAÇÃO:

- (1932) *Parnaso de além-túmulo* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1935) *Cartas de uma morta* [Maria João de Deus]. São Paulo: LAKE.
- (1936) *Palavras do infinito* [Diversos autores]. São Paulo: LAKE.
- (1937) *Crônicas de além-túmulo* [Humberto de Campos]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1938) *Emmanuel* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1938) *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho* [Humberto de Campos]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1939) *Lira imortal* [Diversos autores]. São Paulo: LAKE.
- (1939) *A caminho da luz* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1940) *Novas mensagens* [Humberto de Campos]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1940) *Há dois mil anos* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1940) *50 anos depois* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1941) *Cartas do Evangelho* [Casimiro Cunha]. São Paulo: LAKE.
- (1941) *O consolador* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.

¹⁶⁸ Os 17 títulos acompanhados de asterisco (*) foram escritos em parceria com o médium Waldo Vieira.

- (1941) *Boa nova* [Humberto de Campos]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1942) *Paulo e Estêvão* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1943) *Renúncia* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1943) *Reportagens de além-túmulo* [Humberto de Campos]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1944) *Cartilha da natureza* [Casimiro Cunha]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1944) *Nosso lar* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1944) *Os mensageiros* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1945) *Missionários da luz* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1945) *Coletânea do além* [Diversos autores]. São Paulo: FEESP.
- (1945) *Lázaro redivivo* [Irmão X]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1946) *Obreiros da vida eterna* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1947) *O caminho oculto* [Veneranda]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1947) *Os filhos do grande rei* [Veneranda]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1947) *Mensagem do pequeno morto* [Neio Lúcio]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1947) *História de Maricota* [Casimiro Cunha]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1947) *Jardim da infância* [João de Deus]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1947) *Volta Bocage...* [Manuel Maria de Barbosa Du Bocage]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1947) *No mundo maior* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1948) *Agenda cristã* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.

- (1948) *Luz acima* [Irmão X]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1949) *Voltei* [Irmão Jacob]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1949) *Alvorada cristã* [Neio Lucio]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1949) *Caminho, verdade e vida* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1949) *Libertação* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1950) *Jesus no lar* [Neio Lúcio]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1950) *Pão nosso* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1950) *Nosso livro* [Diversos autores]. São Paulo: LAKE.
- (1951) *Pontos e contos* [Irmão X]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1951) *Falando à Terra* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1951) *Páginas do coração* [Irmã Candoca]. São Paulo: LAKE.
- (1952) *Vinha de luz* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1952) *Pérolas do além* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1952) *Roteiro* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1952) *Pai nosso* [Meimei]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1952) *Cartas do coração* [Diversos autores]. São Paulo: LAKE.
- (1953) *Gotas de luz* [Casimiro Cunha]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1953) *Ave, Cristo!* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1954) *Entre a Terra e o céu* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.

- (1954) *Palavras de Emmanuel* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1955) *Nos domínios da mediunidade* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1955) *Instruções psicofônicas* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1956) *Fonte viva* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1957) *Ação e reação* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1957) *Vozes do grande além* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1958) *Contos e apólogos* [Irmão X]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1958) *Pensamento e vida* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1959) *Evolução em dois mundos** [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1960) *Mecanismos da mediunidade** [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1960) *Evangelho em casa* [Meimei]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1960) *Religião dos espíritos* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1960) *A vida escreve** [Hilário Silva]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1961) *Almas em desfile** [Hilário Silva]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1961) *Seara dos médiuns* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1961) *Juca Lambisca** [Casimiro Cunha]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1962) *O Espírito da verdade** [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1962) *Justiça divina* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1962) *Cartilha do bem* [Meimei]. Rio de Janeiro: FEB.

- (1962) *Relicário de luz* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1962) *Timbolão** [Casimiro Cunha]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1963) *Antologia dos imortais** [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1963) *Ideal espírita** [Diversos autores]. Uberaba: CEC.
- (1963) *Leis de amor** [Emmanuel]. São Paulo: FEESP.
- (1963) *Opinião espírita** [Emmanuel; André Luiz]. Uberaba: CEC.
- (1963) *Sexo e destino** [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1964) *Desobsessão** [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1964) *Contos desta e doutra vida* [Irmão X]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1964) *Livro da esperança* [Emmanuel]. Uberaba: CEC.
- (1964) *Dicionário da alma* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1965) *Trovadores do além** [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1965) *Palavras de vida eterna* [Emmanuel]. Uberaba: CEC.
- (1965) *Estude e viva** [Emmanuel; André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1965) *O espírito de Cornélio Pires** [Cornélio Pires]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1966) *Entre irmãos de outras terras** [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1966) *Cartas e crônicas* [Irmão X]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1967) *Antologia mediúnica do Natal* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1967) *Caminho espírita* [Diversos autores]. Uberaba: CEC.

- (1967) *Encontro marcado* [Emmanuel]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1967) *No portal da luz* [Emmanuel]. Uberaba: CEC.
- (1968) *Trovas do outro mundo* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1968) *E a vida continua* [André Luiz]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1968) *Luz no lar* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1969) *Luz da oração* [Diversos autores]. Matão: O Clarim.
- (1969) *Orvalho de luz* [Diversos autores]. Uberaba: CEC.
- (1969) *Passos da vida* [Diversos autores]. Uberaba: CEC.
- (1969) *Estante da vida* [Irmão X]. Rio de Janeiro: FEB.
- (1969) *Alma e coração* [Emmanuel]. São Paulo: Pensamento.
- (1969) *Poetas redivivos* [Diversos autores]. Rio de Janeiro: FEB.